

ELIZABETH BAILEY



CASAMENTO FATAL

MISTÉRIOS DE LADY FAN 6



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

ELIZABETH BAILEY



*C*ASAMENTO *F*ATAL

MISTÉRIOS DE LADY FAN 6



Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [Capítulo 13](#)
16. [Capítulo 14](#)
17. [Capítulo 15](#)
18. [Capítulo 16](#)
19. [Capítulo 17](#)
20. [A Dança Dos punhais](#)
 1. [Capítulo 1](#)
21. [Nota ao Leitor](#)
22. [Sobre a Autora](#)
23. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

CASAMENTO FATAL



ELIZABETH
BAILEY

MISTÉRIOS DE LADY FAN 6

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

2024



Título original: The Fateful Marriage
Lady Fan Mysteries 6
Copyright © 2020 Elizabeth Bailey
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Michele Noce Camilo
Diagramação e Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

B155lbe

Bailey, Elizabeth
Título: O Casamento Fatal (recurso eletrônico) © Leabhar Books Editora
Ltda. 2024 - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: The Fateful Marriage © 2020 Elizabeth Bailey
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-246-6

1. Romance de época. 2. Série I. Flôres, Rita. II. Título

88382

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por
Leabhar Books® Editora Ltda. 14025-200 – Rua Sete de Setembro, 1851
conj 1 – RP/SP – Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



Capítulo 1

Ottília Fanshawe, removendo finalmente o gorro e entregando-o à criada, Joanie, foi até a frente da sala e espiou através da janela dupla aberta para a passarela lajeada que compreendia a via principal de Tunbridge Wells.

— Pelo menos Sybilla nos garantiu aposentos com vista para o Walks, Fan. Ele promete uma fonte de diversão.

Seu marido, ocupado, supervisionando a remoção de suas inúmeras bagagens para acomodações apropriadas, não respondeu por um momento.

— Deixe o estojo aqui, Tyler. E aquela valise está cheia de livros. Pegue a maleta de Sua Senhoria. — Ele chamou o lacaio sobrecarregado, que estava prestes a seguir Joanie e o mordomo negro, Hemp Roy, ambos igualmente carregados com a parafernália necessária para uma estada prolongada no popular balneário. — E veja se consegue arranjar café com a senhoria.

— Está certo, milorde.

Tendo saído os criados, Ottília voltou a chamar a atenção do marido:

— Fan, venha ver. É uma visão divertida, garanto.

Lorde Francis Fanshawe soltou um suspiro e cruzou a sala para se juntar a ela.

— É melhor que seja, ou minha estimada mãe pode esperar uma recepção crítica. Eu não avisei que ela iria nos arrastar para o negócio?

Ottília deslizou um braço sobre ele quando a alcançou, inclinando-se para descansar o rosto em seu ombro por um momento.

— Meu pobre querido. Um filho muito bom também.

Francis apenas resmungou, embora tenha lhe dado um abraço em resposta.

Ottília se soltou e baixou o queixo em direção à passarela abaixo.

— Olhe só, Fan. Não é estranho toda as pessoas estarem assim em desordem? Está vendo aquele senhor ali na figueira? Ele tem papéis de enrolar no cabelo, Fan!

— Bom Deus! — Francis pôs as mãos no parapeito e se inclinou para fora. — São papéis para enrolar cachos? Decididamente estranho. Deus do Céu, aquela mulher robusta está vestindo nada além de um roupão?

— Sim, e escarlate, olhe só. — Ottília borbulhava de alegria. — O que isso significa, Fan? Não é como se estivessem tomando banho de mar.

Francis estava observando o desfile de indivíduos seminus e abruptamente

se inclinou ainda mais, olhando ao longo da rua.

— Ah, deve ser a cerimônia de beber a água. Há uma mulher enchendo copos em uma bomba ali no final.

Otilia olhou ao longo do pátio e notou que vários dos caminhantes estavam de fato bebendo de copos grossos e fazendo caretas. Ela teve que rir.

— Bem, se o gosto for tão horrível quanto suas expressões parecem indicar, não cederei.

Francis se endireitou, erguendo uma sobranceira. — Não foi sugestão da minha mãe?

— Mais uma justificativa, suspeito. Ela teve que fornecer algum motivo legítimo para a convocação.

— Além da obediência filial? Obedeça, como diria minha reverenciada Mama. Ela sabia que não resistiria quando soubesse que ela estava trazendo minha abominável sobrinha para cá.

A Marquesa Viúva de Polbrook havia jurado, após os difíceis eventos da fatídica temporada de março em Londres, tomar conta de sua neta, Lady Elizabeth Fiske, que, ela declarou, havia sido mimada por seus pais excessivamente indulgentes. Apesar do gosto de Otilia pela menina, esta ficou consternada quando sua sogra escreveu para exigir sua presença e de Francis. Afastou-se da janela e olhou para as cadeiras em busca de uma confortável o suficiente, mas não muito estofada, no forte calor da sala. Não que se importasse com o calor depois de uma viagem de três dias atormentada por chuvas quase incessantes neste verão chuvoso aparentemente interminável.

— Se realmente deseja saber, Fan, eu preferiria ter voltado para Weymouth como pretendíamos. Não que fôssemos ver muito George e Cecile.

Francis a seguiu, tirando o casaco e jogando-o nas costas do sofá. Ele sacudiu os babados nas mangas da camisa e assumiu uma posição em frente à lareira.

— Imagino que ele navegará de um lado para o outro ao longo da costa, agora que a França está em guerra com nossos amigos do outro lado do Canal.

Otilia estava testando uma cadeira reta com encosto alto, mas decidindo que era muito dura, levantou-se e foi para uma com braços estofados. Sentou-se, achou-a satisfatória e olhou para o marido, sua mente voltando para uma apreensão secreta, porém profunda.

— Anseia pela vida, Fan?

Um olhar assustado saltou em seus olhos. — Militar? Meu Deus, não, Tillie!

— Perguntei-me se pensou em aceitar outro comando.

— Eu? Está brincando. Foi, na melhor das hipóteses, desconfortável, na pior, angustiante, além das palavras. Ver homens gritando em agonia e ter de forçar seus companheiros a enfrentarem mais tiros? — Ele estremeceu. — Foi salutar e esclarecedor sobre o melhor e o pior do nosso semelhante, mas não é uma vida que eu deseje, Tillie.

Ela o olhou com certo grau de dúvida. Ele raramente falava de seus dias no exército.

— Não sente falta da companhia de amigos como George, ou da agitação?

— A camaradagem talvez um pouco, sim. — Ele contraiu o lábio. — Quanto à emoção, desafio qualquer batalha a me oferecer tanto quanto tenho visto desde que me casei contigo, minha amada.

Ottília teve que rir. — Entendo que esteja se referindo à minha propensão para atrair os morto enigmáticos.

Seus olhos brilharam. — Sim, e como se viraria sem mim?

Uma sombra roçou seu coração. — Não esse espectro, Fan, eu imploro. Não conseguiria. Não poderia viver!

Ela estendeu a mão para ele que se aproximou para pegá-la, dando um beijo em seus dedos e outro em seu cabelo para garantir.

— Não tenha medo, querida. Sou um elemento fixo.

Ela sorriu quando ele se endireitou. — Fico aliviada.

— Realmente teme que eu possa me alistar, Tillie?

Ela sentiu suas bochechas esquentarem.

— Ah, devo confessar? Se quer saber, concordei em vir aqui porque temia que George pudesse entusiasamá-lo.

Ele parecia incrédulo. — Não! E aqui eu tinha certeza de que mal podia esperar para se envolver em qualquer esquema maluco que Lizzy pudesse inventar.

— Não, de fato. Admito que gosto muito dela, mas foi difícil suportar a dor da minha responsabilidade em suas ações. E não tente mitigar isso, Fan, porque me culpou, sabe que sim. Sybilla também.

— No entanto, Mama a chamou novamente. Vamos, Tillie, não se preocupe. A garota dificilmente terá problemas aqui.

As palavras mal saíram de sua boca quando a porta se abriu para admitir Tyler, munido com os utensílios para o café, que ficou de lado com a bandeja enquanto a mulher em discussão tropeçava levemente no cômodo com um sorriso travesso.

— Tio Francis! Tia Ottília! Oh, não estão prontos para receber visitas, estão? Mas não precisam se importar comigo. Além disso, todo mundo é informal pela manhã. Eu os vi na janela e não resisti. Graças a Deus que finalmente vieram, pois a vovó está me deixando louca!

Lady Elizabeth Fiske, uma jovem morena com um semblante interessante que combinava com sua forma esguia, desamarrou o gorro e jogou-o com um ar de querer permanecer por algum tempo. Ottília observou o lindo apetrecho cair em um canto do chão e soltou uma gargalhada.

— Pelo que vejo, Sybilla não conseguiu mudar muita coisa em você.

— Nem um pouco. — A risada gutural de Lizzy soou quando se abaixou sobre Ottília e a envolveu em um abraço perfumado. — Nem imagina o quanto eu senti sua falta, querida Lady Fan.

Dividida entre a consternação e a gratificação, Ottília se submeteu a ser

beijada em cada bochecha. — Lisonjeia-me, criança.

Lizzy se endireitou. — Eu não. É exatamente a pessoa necessária para pedir à vovó, pois é claro que ela não ouvirá uma palavra do que eu digo.

— A responsabilidade — interrompeu Francis em um tom seco — deveria estar em outra pessoa. — Ele estava se movendo para a mesa onde o lacaio estava colocando a bandeja. — Outra xícara, Tyler, por favor. Eu mesmo servirei.

Lizzy, esperando apenas que o criado sáísse da sala, aproximou-se dele com outro trinado de alegria em seus lábios.

— Agora, tio Francis, não deve ser meu mentor, pois não vou tolerar isso. Dê-me um abraço, pelo amor de Deus, porque estou sentindo uma falta terrível de Papa e o senhor terá que fazer isso.

Ottília não pôde deixar de rir enquanto Francis cedeu, observando-o enquanto a soltava:

— Se devo substituir o pobre Gil, temo que também será obrigada a me ter como mentor.

— Nem um pouco, pois sabe muito bem que Papa faz as minhas vontades de uma forma perfeitamente ridícula. — O brilho em seus olhos desmentia suas palavras. — Tenho a melhor autoridade, o senhor sabe.

Francis arqueou uma sobrancelha. — Lady Polbrook sênior?

Outro repique saudou esta investida. — E quem mais seria? Mas tio Francis deve intervir. Ela ficou totalmente demente, eu garanto.

Um olhar de mau agouro foi lançado a Ottília e ela se apressou em resgatar seu marido.

— O que diabos quer dizer, Lizzy? O que está acontecendo?

— Oh, é desastroso, tia. — Lizzy voou pela sala novamente, jogando-se em uma cadeira perto de Ottília. — A arqui-inimiga da vovó está aqui e elas estão com as adagas em punho. Veja bem, não digo que ela não tenha razão, pois a viúva Lady Wem é uma mulher terrível e parece tyrannizar toda a família. Deveria ver como a atendem. Estão todos morrendo de medo.

Sentindo-se um tanto abalada pela saraivada de palavras, Ottília pediu esclarecimentos ao marido:

— Viúva Lady Wem, Fan?

Uma leve carranca vincou uma linha entre suas sobrancelhas.

— Já ouvi Mama falar dela, mas ela é dura com tantas pessoas, confesso que prestei pouca atenção.

— Mas quem é ela, Fan?

— A Viscondessa Viúva Wem da família Brockhurst. Seu filho tem o título com propriedades em Shropshire, se bem me lembro. Harriet deve saber, mas mal os conheço.

— Bem, isso está prestes a mudar, pois não deixarão de encontrá-los aqui. Todo mundo conhece todo mundo. Não podem evitar. Além disso, ficamos amontoados nas Salas de Reunião enquanto o céu garoa nas Pantiles.

Ottília fixou-se no ponto pertinente. — Mas o que a torna a arqui-inimiga

de Sybilla?

Lizzy agitou as mãos. — Oh, ela se recusa a divulgar o motivo. Declara que é uma história antiga, embora me pareça que esteja tão irritada com isso como se tivesse acontecido ontem. Deveria tê-las ouvido no baile ontem à noite.

— Mas está dizendo que estão brigando abertamente? — A carranca de Francis se intensificou quando perguntou e o desânimo de Ottilia aumentou.

Lizzy riu. — Sim, mas apenas com requintada polidez. É uma comédia e tanto. Ou seria, se a vovó não explodisse de raiva toda vez que voltássemos para o alojamento. Declaro que estou pronta para gritar se ela disser mais uma vez que a criatura é venenosa da cabeça aos pés — acrescentou, em uma imitação honrosa da voz e das maneiras da viúva Lady Polbrook: — *“Pois eu lhes digo que ela é completamente venenosa. Se um deles não envenená-la um dia desses, podem me chamar de holandesa.”*

Aliviada ao ver seu marido relaxar e rir disso, Ottilia estava prestes a falar quando Lizzy a impediu, virando-se com uma expressão séria:

— É por isso, querida Lady Fan, que é tão desesperadamente necessária.

Ottilia trocou um olhar assustado com Francis.

— Não está dizendo que alguém a envenenou, está?

Lizzy caiu na gargalhada. — Meu Deus, não! Mas pode não demorar muito para que o façam. Parece que o neto da viúva Lady Wem, Daniel, desafiou o casamento armado por sua família e se casou secretamente há três anos com a filha de um vendedor de tecidos. A família está toda em alvoroço por causa desse desalinhamento e há rumores de que Daniel Brockhurst jura que matará sua avó antes de desistir de sua esposa.



Capítulo 2

Passava do meio-dia quando Ottilia conseguiu induzir o esposo a servir a mãe. Ela não podia deixar de suspeitar que ele estava atrasando o inevitável depois das revelações de Lizzy, pois detestava ter que suportar os discursos de Sybilla.

— Ela pode muito bem ficar sem nós por mais algum tempo. Estamos na estrada desde o amanhecer e não vou a lugar algum sem primeiro lavar as manchas da viagem e trocar esta camisa. Além disso, recuso-me a entrar na cova do leão com o estômago vazio.

Ottilia achou prudente se acalmarem.

— Vou providenciar para que algo seja trazido, Fan.

Ele pegou o casaco e um sino de mão da mesa e tocou-o com vigor.

— Carne, Tillie. Uma torta substancial resolverá o problema.

— Sim, meu querido faminto, estará aqui quando terminar de se trocar. Atrevo-me a dizer que há casas de costeletas suficientes. A senhoria saberá.

— E cerveja — acrescentou. — Hemp pode cuidar disso enquanto Tyler organiza a comida.

Ottilia transmitiu seu pedido a Joanie, que atendeu ao chamado quando Francis saiu da sala, gritando por seu criado.

— E quando terminar de falar com eles, Joanie, por favor, traga água quente para o quarto.

Com essas disposições em mãos, Ottilia aproveitou a oportunidade para refrescar sua pessoa, refletindo que era melhor fazer esses preparativos, pois sua sogra provavelmente os manteria ocupados por algum tempo.

Lizzy se comprometeu a informar a chegada deles à viúva e garantir que ela estivesse em casa nos aposentos que havia alugado para sua estada, que ficavam em outra casa no mesmo conjunto de edifícios que dava para o Upper Walks, perto das Salas de Reunião do outro lado do caminho. A entrada para as pensões ficava atrás da fileira e alguns passos os levariam até a casa em questão, mas Ottilia pediu primeiro para dar uma olhada na via carinhosamente apelidada de Pantiles, pelas lajes de pedras de pavimentação que forneciam uma passagem substancial para visitantes.

— É melhor aproveitarmos nossa chance enquanto podemos, caso comece a chover novamente.

Ela olhou em volta com interesse enquanto passeavam sob a sombra da

longa colunata. Todo o conjunto de lojinhas parecia entregue aos comerciantes que serviam os que aqui vinham, principalmente para a saúde. Pelo que ela podia ver nas vitrines, parecia haver uma variedade de mercadorias, desde gêneros alimentícios até uma espécie de loja de brinquedos que vendia bugigangas úteis ou meramente ornamentais. Uma coleção inteligente de caixas de madeira lindamente decoradas chamou sua atenção.

— Isso é louça Tunbridge, imagino? Devo dizer que estou ansiosa para dar uma espiada nessas lojinhas intrigantes.

— Mas não agora, Tillie. Não temos tempo.

— Sr. Sprange — disse ela, prestando pouca atenção.

— Sr. quem?

— Na placa ali, acima daquela loja. Olhe, ele tem peças de teatro, Fan.

— Agora não estamos preocupados com apresentações teatrais, Tillie. E posso dizer que, depois do fiasco em Weymouth, estou pouco inclinado a tais eventos.

Otilia soltou uma risadinha, lembrando-se do verão passado no balneário, quando foi chamada para ajudar o Coronel Tretower a desvendar o assassinato de uma bela atriz. Obedecendo à pressão em seu braço, ela se permitiu ser empurrada para o Upper Walk. O desfile anterior de bebedores de água havia desaparecido e a larga via pavimentada que compreendia a principal atração da pequena cidade estava mais ou menos deserta. Conduzidos para dentro de casa por calor excessivo? Ou eles estavam apenas se vestindo em preparação para a próxima atividade do dia. Sybilla havia escrito com algum detalhe, delineando um programa bastante movimentado para um balneário que já havia sobrevivido há muito ao seu apogeu, o que soou para Otilia como uma receita para o tédio.

Após a cerimônia de beber a água, a companhia em geral se dirigia para seus aposentos para se vestir e quebrar o jejum, a menos que um café da manhã estivesse em andamento no Salão de Chá. Em seguida, era necessário assistir ao serviço matinal na capela, passear de carruagem ou a cavalo ou, se o tempo permitisse, passear pelo Upper Walk ao acompanhamento de música da galeria. Após o jantar, todos desfilavam nos The Walks antes de se dirigirem às Salas de Reunião para conversas ociosas ou jogos, a menos que uma apresentação teatral ou um dos dois bailes realizados a cada semana intervisse. Para o elemento masculino, debater as novidades do dia no Coffee House podia ser preferido a qualquer momento, e para jogadores obstinados como Lady Polbrook, abrir mão de outras diversões para um jogo de cartas.

Era um programa que Otilia via com pouco entusiasmo, mas os arredores eram realmente agradáveis, embora ela os examinasse com um olhar crítico.

— É esta a extensão do lugar? Não é de admirar que Lizzy diga que é preciso conhecer todo mundo.

— Uma perspectiva — disse lentamente seu esposo — que me enche de horror.

— Sim, mas é bonito, Fan.

Havia uma pequena galeria de músicos, com barreira de treliça e belas colunas. Do outro lado do caminho corria uma avenida de árvores graciosas escondendo até certo ponto os prédios do outro lado, onde o terreno descia para a área não pavimentada dos Lower Walks, conforme decretado pelo primeiro Mestre de Cerimônias, Sr. Nash, assim disse Sybilla, para a acomodação de seres inferiores, enquanto os Upper Walks eram reservados para a nobreza. A entrada das Salas de Reunião para os principais encontros era visível atrás das árvores. A escadaria larga descia até ao local onde os distribuidores de água exerciam sua atividade, na bomba que servia o poço, e corria também ao longo da colunata, onde Ottilia, com um jorro de alívio interessado, avistou a biblioteca circulante. A salvação!

— Vamos ver um pouco mais.

O marido se ofereceu para descer os degraus da praça onde antes havia visto os distribuidores de água. A casa de banho ficava nos fundos e a praça seguia por uma avenida de mais lojas e também se abria para um grande espaço em frente à biblioteca, onde um pequeno prédio se destacava ao centro.

— Ah, deve ser onde Sybilla disse que se pode obter informações quando necessário. Realmente, este lugar tem tudo em uma rua. Bem feito, eu acho, não é, Fan?

— Sim, mas deve haver mais do que isso. Vimos casas ao longo da colina acima quando entramos e há residentes permanentes aqui. Atrevo-me a dizer que as ruas secundárias também se estendem bastante.

— Mas parece que tudo o que se precisa está aqui, Fan, tanto quanto se pode apurar. Embora eu não consiga ver a igreja que Sybilla mencionou. Rei Charles, o Mártir, não é?

— Falando nela — disse Francis, olhando para uma janela acima da colunata na área superior —, é melhor nos apressarmos. Lizzy está acenando para nós.

Ottilia forçosamente se submeteu a ser conduzida para os fundos novamente e para a pequena sala da viúva. Logo após a troca de cumprimentos, ficou claro que Lady Elizabeth não havia exagerado. Sybilla começou a reclamar na primeira oportunidade.

— Se eu soubesse que aquela criatura vil estaria aqui, deveria ter ignorado Pellew e me recusado a colocar os pés no lugar.

Seu médico aconselhou um curso de tratamento no Wells, bebendo a água e mudando de cenário, tinha sido a ocasião para a Marquesa Viúva de Polbrook convidar Lizzy para acompanhá-la no lugar de sua companheira, Teresa Mellis, deixada para administrar a Dower House em sua ausência. Uma desculpa espúria, como ela havia explicado em sua carta ao filho, que lhe deu a oportunidade de tomar a menina pela mão como havia jurado fazer. Mas esse esquema, ao que parece, foi abandonado por uma batalha real com uma inimiga de sua juventude.

Ottilia tentou em um tom neutro: — A viúva Lady Wem também está aqui

por causa de sua saúde?

Sybilla bufou. — Se for, só pode ser na esperança de adoçar sua disposição, e ela pode assobiar para isso. Parece que passou a residir aqui, pelo menos na maior parte do ano. Sem dúvida, sua família está encantada em vê-la pelas costas, embora a turma de Wells deva estar desejando que ela esteja segura no subsolo.

Aqui Ottilia foi obrigada a conter uma risada quando Lizzy, sentada um pouco atrás e, portanto, fora da vista de sua avó, revirou os olhos de maneira expressiva. Felizmente, Francis assumiu o controle, em um tom de exasperação reprimida:

— Qual é a causa dessa inimizade, senhora?

De sua confortável cadeira colocada perto da janela para tomar ar, pois a sala era abafada e sufocante, Sybilla lançou um olhar furioso para o filho.

— Ela sabe bem o que fez.

— Sim, mas nós não, Mama.

— E não vão. Vou levá-lo para o meu túmulo, mas tenha certeza de que não será esquecido.

Ottilia recebeu um dos olhares violentos do marido e interveio apressadamente:

— Podemos pelo menos saber quando essa briga aconteceu?

Lizzy interrompeu para repetir a litania:

— É uma história antiga, não é, vovó?

Sybilla virou a cabeça com um brilho de seu olhar negro.

— Posso falar por mim, obrigada. Segure sua língua, senhorita!

Lizzy cedeu com um sorriso e um olhar para Ottilia que dizia claramente: “Eu avisei.”

Ottilia tentou novamente:

— Não vamos nos intrometer, Sybilla, mas é verdade que a viúva Lady Wem tem sua família aqui e há algum tipo de escândalo?

— Ah! Minha neta tem fofocado, imagino. Se me perguntar, aquela criatura merece. Um relacionamento ruim com a filha de um comerciante é o que eles estão dizendo. Alguém daquele terrível grupo deve ter falado, pois a história está por toda a cidade.

— Grupo terrível? — Francis ergueu uma sobrancelha. — Está dizendo que todos compartilham do caráter da viúva Lady Wem?

A viúva Lady Polbrook bufou novamente.

— Eu não digo tal coisa. Eles estão todos tão esmagados e subjugados que não ousam protestar. A menina mais velha... esqueci o nome dela...

— Berta, vovó — interrompeu a totalmente implacável Lizzy.

— Berta, isso mesmo. Uma mulher azeda, amargurada, o que não me surpreenderia, assim como ninguém, obrigada a correr sem escolha atrás de uma mãe cruel. Parece muito com um espantalho e, se não estava disposta a imitar a mulher, eu deveria sentir muito por ela.

Ottilia não pôde evitar de sentir um pouco de simpatia.

— Pobre garota.

— Garota? Ela tem quarenta anos ou mais.

Ottília apressou-se em mudar de assunto novamente:

— Quantos deles existem?

— Só Deus sabe! Ela chamou todos eles e há Brockhursts lotando cada esquina. Ambos os filhos estão aqui com suas esposas e filhos, embora eu ainda não tenha visto netas. A segunda filha está aqui. Annis Maplewood. Praticamente a única com motivos para sorrir – e ela, por acaso, sorri mesmo – porque escapou, ao que parece.

— No entanto, ela respondeu à convocação?

— Ela o fez. — Lizzy notou uma cor fraca subindo em suas bochechas enquanto ela falava, o que imediatamente chamou a atenção de Ottília. — Mas não o marido dela. Seu filho está com ela. Ele é... um artista.

— É mesmo? — Ottília olhou para Lizzy com interesse. Essa consciência indicava uma atração? Ela não teve tempo de explorá-lo, pois Sybilla irrompeu novamente:

— Se quer dizer o sujeito que está sempre sentado desenhando, ele está aqui para se preparar para fazer um retrato da família. Essa, se me permite dizer, é a desculpa que Protasia deu para a reunião dos clãs. Mas essa máscara caiu, pois todos sabem o verdadeiro motivo. E lhe serve bem o apelido bruxa mal-humorada, pois é isso que é.

— Bruxa mal-humorada? — A inflexão incrédula no tom de voz de Francis passou despercebida por sua mãe, embora tenha forçado Ottília a engasgar com uma risadinha.

— Ela é assim desde pequena — declarou Sybilla, falando como se fosse obrigada, o seu tom baixo e vibrante. — Éramos do mesmo grupo quando saíamos e todas as moças detestavam Protasia Alcester. Nunca conheci uma mulher mais desbocada e falsa. Oh, ela poderia ser encantadora quando queria, mas nós sabíamos, se os nossos pais não, como ela realmente era. E ela se atreveu a... — Sybilla parou, meio assustada como se não soubesse que tinha falado em voz alta. Deu uma pequena sacudida nos ombros e a sua voz ficou mais forte. — Mas não vou dizer mais nada. Basta, eu a conheço pelo que ela é. Veneno, por completo. E se ela não for considerada culpada neste negócio, então Deus é mais do que misericordioso.



Não foi difícil para Lizzy persuadir seus tios a embarcar em uma expedição turística ao famoso monumento antigo de High Rocks.

— São apenas alguns quilômetros, tio Francis, e não se pode chegar a Tunbridge Wells sem vê-los. Há séculos de nomes esculpidos nas rochas, sabe, então é como uma história de visitantes.

Sybilla previsivelmente havia protestado:

— Escalar rochas com este calor? Será muito cansativo. Estou surpresa que tenha energia depois de pular tanto ontem à noite.

Lizzy ignorou a indireta. Ela não deveria estar prostrada por um baile que

terminava às onze.

— Bem, mas a senhora pode ficar na carruagem, vovó — disse, esperando que esse programa não fosse bem-vindo, como de fato aconteceu.

— O que, percorrer todo esse caminho apenas para ficar sentada e sufocando enquanto os demais vagueiam por horas? Posso muito bem fazer o mesmo nas Salas de Reunião, obrigada.

— Mas não vai se importar se formos? Devemos aproveitar enquanto o tempo está bom, pois não podemos ir amanhã e não há como dizer que não vai chover de novo na segunda-feira. Diga sim, tio Francis!

Ele estava olhando para a esposa.

— Eu aprovo, se Tillie quiser. Isso a cansaria muito, meu amor?

Para a alegria de Lizzy, sua tia concordou com um olhar travesso.

— Não preciso imitar as travessuras de Lizzy. Ela vai, sem dúvida, ir a todos os lados que puder.

E era o que Lizzy tinha toda a intenção de fazer. Ela dissera isso enquanto estavam sentados no landau que Francis havia alugado durante a estada, o teto abaixado, pois o dia estava bom e um pouco mais fresco do que desde a chegada dos Fanshawes na quarta-feira.

— Pretendo subir até a rocha maior, pois descobri que existe um caminho seguro que leva até o cume.

Francis deu-lhe um olhar ameaçador.

— Bem, pelo amor de Deus, tome cuidado! Não queremos que torça o tornozelo ou caia dessa sua pedra.

— Não sugira tal coisa, Fan. Como é que enfrentariamos Harriet se ela se machucasse?

— Não precisa ter medo, madame. Serei prudente, prometo. — Lizzy riu.

— Confesse, tia, está muito feliz por ser poupada das queixas de vovó, mesmo que por meio dia.

Ottília sorriu, lançando um olhar triste ao marido.

— Infelizmente seu pobre tio precisa de mais descanso do que eu.

Francis revirou os olhos.

— Pelo menos podemos ficar em um espaço livres desses onipresentes Brockhursts.

Vários membros dessa família realmente estiveram presentes nas duas ocasiões em que Francis e Ottília visitaram as Salas de Reunião, mas tendo evitado o baile de sexta-feira, não foram obrigados pelo Sr. Tyson, o Mestre de Cerimônias, a suportar apresentações formais.

— Pelo menos não tiveram que suportar a viúva Lady Wem e a vovó devorando uma à outra como um casal de perus.

Ottília caiu na gargalhada.

— Lizzy, sua criança terrível! Embora confesse que estou um pouco desapontada por não ter visto a arqui-inimiga.

— Confie em mim, tia, vai vê-la bastante em pouco tempo. Ela provavelmente já se recuperou de sua indisposição e estará arengando sua

infeliz família enquanto conversamos.

Mas quando eles chegaram às High Rocks, tendo o benefício de apreciar a visão das enormes pedras crescendo à medida que se aproximavam, um grupo de Brockhursts foi visto entre os visitantes que já vagavam pelo local.

Lizzy gemeu.

— Oh, não! Como no mundo escolhemos o mesmo dia que eles?

Francis havia saltado e se preparava para ajudar Ottilia a descer.

— Não importa. O lugar é grande o suficiente para que possamos evitá-los.

Ottilia esticava o pescoço enquanto olhava para o alto da rocha maior, ainda a alguns metros de distância.

— Há várias pessoas corajosas o suficiente para se aventurarem lá em cima. Olhem! — Apontou.

Lizzy parou no degrau, com a mão na do tio, estendida para ajudá-la a descer.

— É grande! Então eu posso subir também.

— É melhor sair da carruagem primeiro — disse Francis, em um tom seco.

Lizzy riu e obedeceu, descendo e virando-se imediatamente para ele.

— Não se importa se eu for? Prometo que terei cuidado.

Ele parecia irônico.

— Eu deveria acompanhá-la.

Mas Lizzy não queria ser prejudicada pelas restrições que seu tio sem dúvida imporia.

— Eu não sonharia em afastá-lo de tia Ottilia. Tenho certeza de que ela precisa mais do seu apoio do que eu. — Ela olhou para Ottilia, que caminhava em direção à rocha maior e já devia estar fora do alcance da voz. — E se ela colocar na cabeça de subir até o topo?

A consternação saltou no rosto de Francis.

— Isso é muito provável. Muito bem, pode ir, Lizzy, mas...

— Já sei, sir, tome cuidado! Tomarei. Não quero ficar de cama, obrigada.

— E então, Lizzy saiu correndo em direção a uma lacuna entre a rocha maciça e uma um pouco menor perto dela. Ela havia tomado a precaução de se informar no posto de informações da praça e descoberto a disposição das rochas e o caminho indicado para subir ao cume. O que levou-a através de uma lacuna inspiradora entre duas elevações e serpenteou em uma subida rochosa, porém constante, prontamente realizada em uma de suas agilidade e força naturais.

Chegando ao cume, ela parou para recuperar o fôlego, olhando através da extensão de um planalto irregular para onde estava um pequeno grupo. Eles estavam perto da beira? Se sim, deveria ser realmente perigoso amontoar-se daquele jeito.

Lizzy observou onde ela punha os pés enquanto caminhava na direção deles, feliz por perceber que havia algumas mulheres entre eles. Ela não era a única mulher aventureira, o que indicava que era mais seguro ali do que se supunha. Uma leve brisa refrescava suas bochechas e ela fez uma pausa, com

um pensamento vagando em sua mente. Se o vento aumentasse, alguém poderia correr o risco de ser derrubado. Um leve alarme a manteve imóvel quando ela notou um dos cavalheiros à frente segurando seu chapéu. Estaria ventando mais onde ele estava? Ele se virou ligeiramente e ela reconheceu Lorde Wem.

Uma pontada de impaciência percorreu Lizzy quando seu olhar deslizou pelo resto e ela detectou várias outras características pertencentes à família Brockhurst. Eles escolheram precisamente este momento? Recusando-se a conversar com qualquer um deles, Lizzy optou por mudar de direção, indo, em vez disso, para a parte de trás da rocha que não prometia a mesma vista, pois havia muita folhagem e as copas de algumas árvores altas se interpunham atrás. Lembrando-se de que havia outro caminho para baixo, embora um pouco mais precário, ela achou que valia a pena explorar até que o grupo de Brockhurst se retirasse.

A parte de trás da rocha mostrou-se extensa, com depressões e rachaduras através das quais crescia uma grande quantidade de vegetação, enquanto montes de rocha mais nuas evidenciavam uma edificação muito maior do que era visível da frente. Com extrema cautela, temendo uma queda repentina e invisível, Lizzy recuou o máximo que ousou antes de perceber que havia perdido o rumo.

Ela se virou, portanto, olhando para o caminho por onde viera. Com algum grau de alívio, ela viu o corte entre a rocha e o céu através da folhagem intermediária e estava prestes a voltar por ali quando outra visão que ela havia perdido invadiu sua consciência. O artista da família Brockhurst, Sr. Vivian Maplewood, estava sentado em um monte saliente um pouco para o lado, seu caderno de desenho sobre o joelho, a cabeça baixa e o chapéu descartado, o lápis rabiscando ativamente o papel.

Um pequeno impulso perturbou os batimentos cardíacos de Lizzy e a exclamação escapou dela sem intenção:

— Sr. Maplewood!

Ele ergueu os olhos, com uma carranca surgindo em sua testa. Até que tudo clareou.

— Ah. A neta infeliz.

Ele não se levantou, mas Lizzy mal notou isso quando a indignação subiu ao seu peito.

— Infeliz? Presumo que esteja se referindo a Lady Polbrook? Como se atreve, sir! É muito mais infeliz com sua avó do que eu.

Ele torceu os lábios.

— É uma competição e tanto.

— Não de acordo com a minha. Ela não tem dúvidas de qual delas é pior. E se o comportamento dos acólitos que a cercam serve de referência, a viúva Lady Wem deve ser perfeitamente horrível. Não nos intimidamos com a vovó, garanto.

O Sr. Maplewood não pareceu se ressentir da acusação. Pelo contrário, a

diversão enrugou os cantos de seus olhos claros e brilhantes que primeiro chamaram sua atenção, fazendo Lizzy prender a respiração.

— Uma observação justa, Lady Elizabeth. Gostaria de salientar, no entanto, que nem todos são absolutamente intimidados.

Lizzy olhou para ele, a consciência tomando conta dela enquanto observava novamente o maxilar forte, as bochechas magras e o vigor energético que parecia sair dele em ondas. Não que ele fosse atlético, ela concluiu, mas isso transparecia na maneira como manuseava o lápis. Ela sentiu o calor subir em suas bochechas e se apressou em encontrar uma explicação inflexível para seu rubor:

— Peço desculpas, sir. Eu não deveria ter falado tão rudemente.

Ele sorriu e Lizzy se derreteu.

— Ah, não me importo. Além disso, é tão indelicado da minha parte permanecer sentado enquanto se dirige a mim, não é?

Lizzy teve que rir.

— É sim, mas também não me importo.

Seus olhos brilharam.

— Então estamos bem adaptados como estamos. Por favor, não hesite em expressar sua opinião sobre minha avó porque farei o mesmo.

— Sua ou minha?

Ele riu.

— Ambas, imagino. Não me diga que a senhorita não é cerceada por Lady Polbrook, pois eu não acreditaria.

— Bem, eu estou, se quiser, mas ela nem sempre é tão abrasiva quanto tem sido desde que descobriu que a viúva Lady Wem está morando aqui. — Sem pensar na adequação de tal revelação, ela acrescentou: — Gostaria de saber o que causou a inimizade entre elas. A vovó diz apenas que é uma história antiga... — Enquanto recordava, a carranca reapareceu no rosto dele e ela se calou. — Mas chega deste assunto. Está contemplando a paisagem? Acho que seria melhor fazer isso do cume. Pelo menos há uma vista de lá.

A carranca se transformou em um sorriso.

— Mas o cume, minha querida Lady Elizabeth, está habitado por muitos membros da minha família neste momento. — Ele olhou para o caderno. — Tenho esboçado essa raiz. Gosto da forma como brota de uma fenda na rocha e serpenteia como uma serpente malévola, pronta para apanhar os incautos.

Lizzy olhou para onde ele apontava e viu que havia de fato uma raiz parecida com uma videira projetando-se da fenda, sua passagem ao longo da rocha serpenteando e criando pequenos laços e redemoinhos onde alguém poderia de fato pisar e tropeçar.

— Tem um olho para detalhes, Sr. Maplewood.

— Um complemento necessário para minha vocação, senhorita.

Lizzy foi tomada por uma sensação de fascínio, não inteiramente por causa de seus esforços artísticos.

— Posso ver?

Ele franziu os lábios.

— Não sei. Sua tendência a me criticar pode me desanimar completamente.

— Por que deveria supor que eu poderia ser crítica?

Ele franziu os lábios novamente e a mente de Lizzy nublou.

— Não acabou de me fornecer o benefício de sua opinião sobre minha avó sem a menor provocação?

Aturdida, Lizzy gaguejou em resposta:

— Eu não f-fiz isso! Quero dizer, não f-foi... O senhor me provocou mesmo!

Ele pareceu surpreso.

— Eu?

— Sim! Chamou-me de neta infeliz. — Totalmente irritada, ela observou a crescente diversão em seu rosto em ressentimento crescente. — Ah, o senhor é uma criatura impossível de provocar, Sr. Maplewood.

— Infelizmente!

Lizzy quase bateu o pé.

— Realmente, não consigo entender por que estou falando com o senhor.

— Ela fez menção de sair, mas ele a deteve com um toque em seu braço nu. Uma agitação perturbou seu pulso.

— Achei que queria ver meu esboço. — Ele ergueu o caderno largo, o desenho a lápis aberto onde ela estava.

Apanhada de imediato pelos traços arrojados e pela estranha representação – o que é que ele tinha dito mesmo? Sim, malévola – na raiz que ele tinha desenhado, Lizzy moveu-se para olhar mais de perto, esquecendo suas angústias. Ela estendeu um dedo e traçou-o ao longo do papel.

— Tem um aspecto positivamente malévol. Como consegue fazer isso?

Ela voltou a olhar para o rosto dele enquanto falava e percebeu tanta cordialidade nos olhos treinados em seu rosto que isso acabou assustando-a momentaneamente. Mas que logo desapareceu em um olhar altivo.

— Está me pedindo para revelar os segredos do meu ofício, madame?

Por um instante, Lizzy sentiu-se bastante alienada e não conseguiu responder. Então suas feições relaxaram em um sorriso.

— Não fique tão consternada. Verdade seja dita, não tenho certeza de como isso é feito. Saiba que tenho algum conhecimento do ofício geral, mas na maioria das vezes, tenho uma ideia na cabeça e meu lápis faz o resto.

Ele falava em um tom natural, nem provocador nem afetado, e Lizzy se sentiu curiosamente privilegiada.

— Tem um talento extraordinário, sir.

Ele ergueu a sobrancelha rapidamente.

— Pode julgar isso a partir de um esboço?

— Se for representativo do resto, sim. — Mas a retomada do jeito anterior a incomodava. — Assim como eu o julgo um indivíduo perfeitamente irritante que não consegue resistir a fazer piada de tudo.

O Sr. Maplewood deu um suspiro elaborado.

— E ela está irritada novamente. O que eu deveria dizer?

— Nada! Vou deixá-lo com seus esboços e prosseguir com o meu...

Um grito agudo a interrompeu. Lizzy saltou com alguma violência, seu olhar voando em direção ao som.

— Que diabos...?

Ela não teve chance de responder ao artista, nem de formular o pensamento pavoroso do fundo de sua mente, pois no mesmo instante, o grito foi seguido por um lamento prolongado e o grito inconfundível de um homem, alto e cheio de horror.

— Oh, meu Deus! Isabel!



Capítulo 3

Arrebatada da contemplação de uma mensagem intrigante gravada na superfície da rocha, Ottilia olhou para cima no momento em que um corpo sólido caiu e aterrissou com um baque nauseante a menos de dez metros.

O instinto e o instante congelado em seu peito, enviaram seus passos apressados para a figura caída. Em um canto vago de sua mente ela ouvia os gritos e berros, o zumbido de muitas vozes levantadas em protesto e perguntas, mas eles não conseguiram penetrar contra a crescente certeza da morte. Ela chegou ao ponto à frente da maioria e ajoelhou-se imediatamente ao lado da mulher, ignorando a multidão que se reunia.

Era uma mulher, da flor e do emaranhado de anáguas cor de limão espalhadas sobre a forma quebrada. Estava meio dobrada para o lado, os membros esticados, o rosto jovem voltado para o céu com um olhar vazio. Abaixo de um chapéu de palha, torto sobre a pálida confusão de cachos, uma mancha vermelha sinistra penetrou no solo duro e rochoso, seu lugar de descanso fatídico.

— Abram caminho! Deem espaço, por favor. Não se aglomerem.

Francis? Agradecida por sua reação imediata exatamente onde era necessária, Ottilia encontrou e sentiu o pulso, uma ação puramente mecânica, pois a evidência contava sua própria história.

— Ela está... ela está morta?

Alguém próximo perguntou com uma voz abafada. Ottilia ergueu os olhos e encontrou outra mulher agachada do outro lado do cadáver. De meia-idade, pálida e em estado de choque.

Ottilia não desperdiçou palavras de ternura.

— Sim, não há pulso.

A respiração da mulher se arrastou e ela olhou para a altura de onde a garota havia caído.

— Eles ainda estão lá em cima.

Ottilia se virou, esticando o pescoço para seguir a linha de visão. Um mar de rostos olhava para baixo. Ela desviou o olhar e encontrou Francis parado com os olhos fixos na beirada fatal.

— Santo Deus, acho que é Lizzy lá em cima! O que ela deve estar pensando?

Ottília olhou para cima novamente, mas não conseguiu distingui-la entre os rostos. — Vá, Fan! Eu administro aqui.

Um assentimento, uma palavra curta, e ele saiu, abrindo caminho entre os grupos de visitantes que falavam sem parar, que só então Ottília os notou. Ela voltou seu olhar para a mulher em frente ao corpo. — Conhece-a, madame? Quem é ela?

Os lábios da mulher tremiam, assim como suas mãos enquanto ela fazia uma tentativa inútil de endireitar o vestido desarrumado, suas dobras presas sob as pernas desajeitadas.

— Ela é a esposa do meu sobrinho. Isabel. Isabel Brockhurst.

O terrível sobrenome caiu sobre os ouvidos de Ottília como pedras em uma piscina, as ondulações se expandindo rapidamente em sua mente enquanto a implicação se alojava ali, dura como uma rocha e com um mal pressentimento. Ela não hesitou.

— Ela é a garota que a viúva Lady Wem desaprova com tanto entusiasmo? A inaceitável?

A mulher mordeu o lábio e franziu as sobrancelhas. — O que está sugerindo?

Ottília fez outra pergunta: — Como ela caiu?

O rosto da mulher empalideceu ainda mais. — Não, isso não — um sussurro, dificilmente de ser ouvido.

Não houve tempo para mais nada, pois um homem apareceu acima de ambas. — Com licença, madame. Sou médico.

Ottília ficou de pé. — Tarde demais, sir. Infelizmente ela morreu com o impacto.

O médico, uma pessoa magra de alguns anos a mais que a própria Ottília, exibia modos cerimoniais.

— Permita-me que eu seja o juiz disso. A madame é parente?

— De jeito nenhum, mas acredito que esta lady seja.

Ele se virou para a mulher, que também havia se levantado, embora não parecesse muito firme aos olhos compreensivos de Ottília. — Sou o Dr. Heather, madame. Eu estava explorando mais a fundo, deveria ter me apresentado imediatamente.

A mulher pegou sua mão. — Annis Maplewood. Sou uma das tias dela.

Ele respondeu adequadamente e se ajoelhou para sua tarefa inútil. Ottília, recuando, percebeu o mundo ao seu redor. Os gritos e murmúrios. Alguém estava chorando? Ela percebeu que poucos minutos haviam se passado. Ainda havia o choque. E os de cima ainda não tinham tido tempo de descer. Ela lembrou que Francis estava a caminho e procurou novamente, em vão, pela própria sobrinha.

Seu olhar caiu sem vontade, passando pela garota morta de uma perspectiva melhor. O rosto era adorável, embora o tom de cera da morte estivesse apenas começando a cobrir a pele. A piedade floresceu no peito de Ottília, expulsando o horrível espectro de sua mente. A vida extinta em um

instante. Por desatenção? Ou ela perdeu o equilíbrio como resultado de um empurrão criterioso?



Lizzy observou Vivian Maplewood correr para a cena de corpos caóticos em movimento, muito perto da beira. Ela estava tremendo, mas não conseguia tirar os olhos da cena.

— O que aconteceu? — o Sr. Maplewood perguntou a seu primo, Marcus.

— Isabel caiu. Daniel está fora de si.

O Sr. Maplewood abriu caminho até a figura deitada de bruços ao longo da rocha, sua cabeça descoberta projetando-se sobre a abertura, gemidos hediondos sendo emitidos. Ele bateu no ombro de um homem curvado sobre a figura e Lorde Wem olhou para cima, impaciência em suas feições.

— Permita-me, senhor.

O tio do Sr. Maplewood parecia azedo. — Ele não vai ouvi-lo.

O Sr. Maplewood persistiu: — Deixe-me tentar, sir.

Lorde Wem levantou-se pesadamente. — Não sei por que acha que terá mais sucesso do que seu próprio pai, mas faça o que quiser.

O Sr. Maplewood ajoelhou-se diante do primo, falando baixinho: — Dan! Dan, sou eu.

Daniel rolou, agarrado a seu primo, seu cabelo escuro torto sob feições devastadas.

— Ela se foi, Viv! Ela morreu. Eu a perdi. Ela se foi... Ela se foi...

— Acalme-se, acalme-se. Eu sei Dan, eu sei.

Daniel jogou os braços em volta do primo, enterrou a cabeça no peito do Sr. Maplewood e cedeu à dor.

O olhar de Lizzy estava fixo na cena, enquanto ouvia os murmúrios ao seu redor:

— *Acha que ela está realmente morta?*

— *Ela não pode ter sobrevivido.*

— *Se não morreu quando caiu, logo morrerá.*

Vivian Maplewood a chamou: — Lady Elizabeth!

Lizzy sobressaltou-se, com um olhar inconstante, como se não soubesse de onde vinha o chamado. Então seus olhos encontraram os dele. Ele falou gentilmente, mas no comando também:

— Volte, madame! Está muito perto da beira.

Ela olhou, mas não para onde ele estava sentado com Daniel, bem no precipício que havia levado Isabel, mas para o intervalo entre a rocha e o céu. Ela balançou a mão.

— P-por favor, tenha cuidado, sir. Está muito mais p-perto do que eu.

Ele apontou o queixo para a segurança. — Volte, Lady Elizabeth.

Lizzy desviou o olhar dos ombros arfantes de Daniel e deu um passo para trás.

O Sr. Maplewood voltou sua atenção para o primo, cujos soluços estavam abafados agora.

— Dan, vamos. Está na hora. Vamos até Isabel.

Um gemido saiu da garganta de Daniel.

— Eu não posso.

— Deve. — O Sr. Maplewood falava com autoridade ao mesmo tempo em que levatava seu primo à força. — Vai deixar estranhos cuidarem da pessoa dela?

Daniel respirou desesperadamente e passou a mão pelo rosto, espalhando umidade sobre as bochechas pálidas.

— Sim, eu tenho que descer.

Lizzy observou enquanto ele tropeçava no primeiro degrau e o Sr. Maplewood deslizou um braço sob seu ombro, suportando seu peso. Lizzy o seguiu. Assim que ele desceu o caminho, Daniel apoiando-se pesadamente em seu suporte, o Sr. Maplewood se virou para encará-la.

— Lady Elizabeth.

— Sr. Maplewood?

Ele fez uma pausa.

— Poderia me fazer a gentileza de encontrar meu caderno de desenho e levá-lo para baixo?

Lizzy ficou confusa.

— Seu caderno de desenho?

— Deixei onde estávamos conversando. Meu chapéu também, por favor.

— Sim. Sim, vou encontrá-los. Claro, sir. Vai continuar com o... com o pobre Sr. Brockhurst?

Sua voz abafou no nome e Daniel estremeceu em seu aperto. O Sr. Maplewood partiu imediatamente, agradecendo.

— Sou obrigado, madame.



— Pobre homem! Pobre, pobre homem! Oh, tio Francis, é tudo tão horrível!

Francis, um pouco sem fôlego por causa de sua subida rápida, colocou um braço reconfortante sobre o ombro de Lizzy.

— Eu sei, criança. Uma coisa terrível de se testemunhar. — Seu alívio ao ver sua sobrinha ao chegar ao topo foi palpável e ele não perdeu tempo em puxá-la de volta para um lugar seguro. — Vamos sair daqui, minha querida.

Ele a separou das pessoas que tentavam descer do cume da rocha, seguindo o jovem infligido. O marido da mulher morta, ele supôs.

— Quem é o sujeito que a mandou buscar os pertences dele?

Ele podia sentir os tremores que ainda a sacudiam, e sua voz estava instável: — Sr. M-Maplewood. Ele é p-primo de Daniel.

Francis queria saber por que Lizzy estava em tais condições com o sujeito para que ele pudesse pedir tal coisa a ela, mas se absteve de perguntar enquanto ela ainda estava transtornada. Além disso, havia perguntas mais urgentes que Ottilia esperava que ele fizesse.

Ele esperou até que o último começasse a descer o caminho e os dois

estivessem sozinhos, exceto por um retardatário que havia escolhido voltar para a beira para espiar. Francis não conseguia ver seu rosto e duvidava que pudesse conhecer o homem. Ele manteve a voz baixa:

— Quem ainda está aqui em cima, sabe?

Lizzy ergueu os olhos, parecendo apertá-los um pouco contra o sol que agora estava no alto para brilhar contra a superfície da rocha.

— Marcus Brockhurst, eu acho.

— Qual deles ele é?

— Outro primo. Seu pai é Godfrey, irmão de Lorde Wem. — Ela acrescentou, quase sussurrando: — Não gosto muito dele.

Os sentidos de Francis ficaram aguçados.

— Por quê? Que tipo de homem ele é?

— Acho que ele é falso. Eloquente. Até demais.

Tomando nota disso, Francis se aventurou a seguir uma linha que corria em sua cabeça.

— Quem mais da família esteve aqui, Lizzy?

A cabeça dela virou bruscamente e ela o olhou com uma expressão assustada.

— Por que, sir? Por que está me perguntando isso?

Francis não respondeu.

— Não lembra?

Ela deu um suspiro trêmulo e desviou o olhar, saindo de seu aperto. Sua voz soou baixa:

— Não tenho certeza. — Passou as costas da mão pela bochecha em um gesto que mostrava sua agitação. Ela se virou, com um olhar cheio de dor. — Não o Sr. Maplewood. Ele estava comigo. Nós... nós estávamos conversando quando...

Ela emudeceu e Francis tornou-se enérgico: — Prossiga. Quando?

— Alguém gritou. — Sua respiração estava presa enquanto ela falava: — Nós ouvimos... eu ouvi gritos. Isabel. O nome dela. Então nós corremos. Ele correu, o Sr. Maplewood, quero dizer. Eu o segui o mais rápido que pude e...

— O que viu?

— Costas. Várias costas. Estavam todos olhando. O Sr. Maplewood abriu caminho. Eu não conseguia mais vê-lo, então fui atrás dele.

Francis poderia ter perguntado o porquê, mas aprendera com Ottilia quando parar. Essas perguntas poderiam ser feitas mais tarde. Era melhor deixá-la contar primeiro.

— O que aconteceu então? — E o ponto pertinente. — Viu quem estava lá?

— Lorde Wem. Seu irmão. — Lizzy estava se acalmando um pouco com a concentração. — O Sr. Maplewood pegou Daniel nos braços. Eles estavam sentados na beirada. Os outros se afastaram.

— Quais outros, Lizzy? Tente se lembrar, por favor.

Seu olhar foi para o homem agora de pé, uma silhueta contra o céu. —

Ele.

— Evidentemente. Vamos, pense!

— Estou tentando. — Ela respirou fundo, seu tom impaciente. Muito mais como a garota confiante que ele conhecia. — O filho mais velho, Julius, irmão de Daniel. Esses são todos os homens que me lembro de ter visto.

— As mulheres? — Fácil o suficiente para uma mulher realizar tal ato, se tivesse havido jogo sujo.

— Não tenho certeza das mulheres. Pode ser que tinha duas. Oh, eu vi Berta Brockhurst. E uma outra, mas não posso jurar a identidade dela.

Nesse ponto, o sujeito que permaneceu foi visto voltando pela rocha e Francis a silenciou.

— Sem mais perguntas por agora.

Ele avaliou o homem conforme ele se aproximava, surpreso por ele parecer estar indo na direção deles. O sujeito se movia com graça e seu traje, Francis reconheceu, era de corte e ajuste da moda. A calça de camurça ajustava-se bem às suas coxas, com várias fitas de bolso penduradas e joelheiras decoradas acima de botas de cano alto reluzentes; o casaco moldado à sua forma com colete trespassado por baixo e gravata amarrada em um laço.

Chegando a poucos metros de onde Francis estava com sua sobrinha, ele tirou seu chapéu redondo de castor, revelando o cabelo castanho brilhante cortado ousadamente curto, e executou uma reverência elegante.

— Lady Elizabeth, seu servo.

A reverência de Lizzy foi superficial, e Francis notou que ela enrijeceu. — Sr. Brockhurst.

Ele franziu os lábios e soltou um suspiro. — Um dia ruim. Lamento que tenha testemunhado tal tragédia.

— Não a testemunhei, sir. Só ouvi a sequência, que me atraiu para cá.

— Tem sorte, madame. — Ele estremeceu, ato no qual Francis não acreditou. — Terrível. Fiquei comovido ao contemplar a cena novamente. — Ele gesticulou de volta para a beira. — Eu mal podia acreditar que tal coisa tivesse acontecido.

Lizzy não disse nada e o sujeito voltou os olhos para Francis, com uma leve interrogação.

— Perdoe-me, sir, mas tenho o inestimável prazer de falar com Lorde Francis Fanshawe?

A urbanidade era total. Estaria ele totalmente indiferente à perda? Francis inclinou a cabeça. — Sim, sir.

Outra reverência elaborada. — Marcus Brockhurst, milorde. Estou aliviado que Lady Elizabeth tenha um protetor nesta hora triste. Uma coisa terrível, realmente chocante para o belo sexo.

A retomada de um olhar de tristeza espúria enojou Francis, mas Lizzy falou primeiro:

— Não deveria descer, sir? Sua presença deve ser desejada.

Ele abriu um sorrisinho triste. — Oh, não sentirão minha falta, madame.

Com meu primo Maplewood à sua disposição, o querido Daniel pode não precisar de outro conforto. Eles são próximos, como deve saber.

Francis estendeu a mão. — No entanto, sir, devo supor que sua família estará reunida em preparação para a remoção da pobre lady para um local mais apropriado.

Marcus deu um sobressalto exagerado. — Tem toda a razão, sir. Negligência da minha parte por não perceber isso.

Ele curvou-se novamente, dirigindo-se a Lizzy.

— Mais uma vez, lamento por sua presença nesta ocasião desastrosa, Lady Elizabeth. Só espero que não lhe dê uma aversão pelas comodidades de Tunbridge Wells.

Lizzy se contentou com uma reverência, os lábios firmemente cerrados e, com uma palavra de despedida para Francis, ele finalmente se retirou.

No momento em que o homem começou a descer o caminho, Francis foi tratado com um discurso em voz baixa.

— O senhor viu?! Muito falso. Será que se importa ao menos um pouco? Nítido que não. Duvido que qualquer um deles se importe. E aquela pobre garota deitada ali esse tempo todo! Pobre Daniel, está desesperado. Oh, eles são um bando de gente vil, tio Francis. Mesmo que não desejassem o casamento, não poderiam ter um pinga de pena? É vergonhoso. Mal! Eu gostaria de não estar aqui para ver isso.

Francis pegou uma de suas mãos agitadas. — Acalme-se, minha menina. Viu apenas um se comportar dessa maneira. Não há como dizer que todos sejam tão insensíveis.

Lizzy não estava satisfeita. — Mas eles são. Oh, não o Sr. Maplewood. Nem sua mãe, que é uma mulher agradável pelo que tenho visto. — Ela franziu a testa. — Ela estava aqui em cima? Não, acho que não estava. O Sr. Maplewood deve ter falado com ela.

— Por falar nele, onde está este caderno de desenho e chapéu que concordou em encontrar para ele?

Essa manobra desviou com sucesso a atenção de sua sobrinha. O aborrecimento desapareceu de seu rosto quando ela se virou.

— Por aqui, sir. Eu estava explorando quando o encontrei. — Ela começou a caminhar por uma espécie de deserto, aparecendo estranhamente na parte de trás da enorme rocha. — Se eu não tivesse ficado consternada ao ver todos aqueles Brockhursts se aglomerando na beirada, poderia estar lá para ver o que aconteceu.

— Então pelo menos sou grato por isso — disse Francis, seguindo enquanto ela liderava o caminho. — Tome cuidado, Lizzy. Isso é particularmente desigual.

— Ah, eu sei. E não há perspectiva deste lado. — Ela fez uma pausa, olhando para um lado e para o outro. — Espero poder encontrar o local novamente.

— Procure os pertences daquele sujeito, Lizzy. Eles devem estar fora do

lugar e, portanto, perceptíveis.

Não demorou muito para que ela soltasse um grito e o caderno de esboços fosse encontrado, um volume encadernado em couro, aberto em uma página na qual Francis, tirando-o da mão de Lizzy enquanto ela procurava o chapéu, descobriu um esboço executado por uma mão claramente mestra de sua arte.

— Isso está bem feito.

Lizzy estava explorando a área.

— Ele é muito bom, não é?

Francis começou a virar as páginas, encontrando uma infinidade de rostos desenhados, alguns dos quais ele reconheceu.

— Seu Sr. Maplewood está desenhando membros de sua família, ao que parece.

Lizzy se virou, com o rosto um tanto vermelho.

— Ele não é *meu* Sr. Maplewood!

Surpreso, Francis olhou para ela, fechando o caderno de desenho. Lizzy evitou seu olhar, afastando-se para espiar por cima de uma pedra saliente. Ele se perguntou, de forma brincalhona, o que ela queria dizer com toda aquela veemência, mas ela o interrompeu antes que ele pudesse pensar em como formular uma pergunta que provavelmente seria mal interpretada:

— Aqui! — Ela se moveu ao redor da pedra. — Achei. É melhor descermos, tio Francis, para que eu possa devolvê-los ao Sr. Maplewood.

Particularmente, Francis duvidava que o sujeito tivesse qualquer atenção de sobra para um mero chapéu e um caderno de desenho. Ele parecia estar totalmente envolvido quando Daniel foi confrontado com a visão do cadáver de sua esposa.



— Assassinato? Que bobagem, criança! Se pretende imitar a propensão de sua tia para descobrir um crime em cada morte, estou acabada.

Recebendo um dos olhares irascíveis da sogra, Ottilia, sentada à janela para melhor observar as idas e vindas da multidão que desfilava nas Calçadas, não resistiu a um sorriso de alegria. Não que houvesse motivo para diversão naquela tragédia. Ela estava feliz por Lizzy ter optado por contar a história a Sybilla, mas lamentou notar como a garota ainda estava abalada por sua experiência, como evidenciado pela veemência de seu protesto.

— A senhora não estava lá, vovó. Aqueles terríveis Brockhursts estavam quase todos no cume. Qualquer um deles poderia ter empurrado aquela garota.

— Acalme-se, Lizzy. — Francis ergueu a mão em advertência de onde estava, na lareira. — Soltar a língua dessa maneira pode causar todos os tipos de problemas.

— Só na família, sir. Não sou tão estúpida assim para dizer isso a algum dos Brockhursts.

Sybilla bufou. — É melhor que não faça isso.

— E aquela criatura vil de Marcus não tinha verdadeira simpatia — prosseguiu Lizzy, indiferente. — Pode confirmar isso, tio Francis.

— Ele estava certamente um pouco tranquilo demais para alguém que acabara de perder um membro da família.

— Mas isso não faz dele um assassino, Francis. A criança está delirando.

Lizzy virou-se para Sybilla. — Não estou, vovó. Qualquer homem deve ter cuidado com a segurança de sua esposa, ou mesmo de qualquer mulher. Tanto o Sr. Maplewood quanto o tio Francis me alertaram para ficar longe da beira. Daniel deveria ter feito o mesmo. Por que ela caiu?

Ottília captou um olhar de seu esposo. Ele tinha uma noção? Não querendo encorajar a condenação da sobrinha, ela não disse nada. Mas sua sogra perspicaz tinha visto.

— Por que olhou assim para ela, Francis? O que sabe?

Ele olhou para o rosto da mãe e deu um leve suspiro. — Não há como negar que havia vários Brockhursts no local, pois eu os vi depois do acontecimento. Pelo que Lizzy me contou, havia muitos deles na beira.

— Sim, e eles estavam todos amontoados. — Lizzy lançou um olhar hesitante a Ottília. — Pelo menos, confesso que só observei isso depois que Isabel caiu.

Ottília sorriu para ela. — Muito bem, Lizzy. A precisão nessas coisas é essencial.

Ela recebeu um olhar fúido da sogra. — Sente-se digna a entrar na discussão, não é? Suponho que ouvirei que esteja empenhada em descobrir qual desses Brockhurst infelizes cometeu o crime.

Antes que Ottília pudesse responder, Lizzy explodiu novamente: — Oh, não, não, vovó. Por favor, não culpe tia Ottília. Ela me alertou várias vezes para não tirar conclusões precipitadas.

— Em vão, ao que parece — retrucou Ottília, dando-lhe um olhar divertido.

Lizzy sentou-se abruptamente. — Não consigo evitar. Se tivesse visto o pobre Daniel chorando nos braços de seu primo! Foi tão comovente. — Ela olhou para Ottília. — Não pude me mover do local, juro. Só quando o Sr. Maplewood me implorou para sair da beira...

Ela sacou um lenço de bolso e enterrou o rosto nele, e Ottília olhou do marido revirando os olhos para a expressão exasperada de Sybilla. Ela se levantou e foi até a garota, colocando a mão em seu ombro.

— Está exausta, Lizzy. É horrível estar tão perto de um acidente tão terrível.

Sua sobrinha olhou para cima com o rosto manchado de lágrimas. — Mas não foi...

— Vamos supor que foi exatamente o que pareceu, até e a menos que tenhamos motivos para supor o contrário.

— Mas nós temos razão, tia.

Ottília levantou um dedo. — Não, nós não temos. Temos apenas suposições e especulações. Mesmo que tenha sido um ato deliberado, não há como provar isso.

— É exatamente meu pensamento.

Ottília lançou ao marido um olhar travesso. — Eu deveria saber que estaria à minha frente.

Ele ergueu uma sobranceira. — Tive a vantagem desta vez em virtude de ir até aquela pedra atrás de Lizzy.

Sybilla bateu com o punho fechado no braço da cadeira. — Parem e desistam, os dois! Este é um momento para leviandade?

— Perdoe-me, Sybilla, é bastante sério. — Ottília deu um tapinha no ombro da sobrinha. — Tente não se preocupar muito, Lizzy. É tentador dar uma interpretação pior ao que aconteceu, e confesso que também já me questioneei.

Sybilla se lançou sobre ela. — Ahá! Eu sabia. Por favor, o que a fez pensar nisso quando nem era uma testemunha?

— Infelizmente eu era. — Ottília estremeceu com a memória. — A garota quase caiu aos meus pés.

— Não! — Sybilla levou a mão à boca. — Isso deve ter-lhe sido horrível, Ottília.

— Sim, foi.

Lizzy estava com os olhos arregalados. — A senhora não me contou isso, tia.

— Eu não queria aumentar sua angústia. — Ottília mudou-se para uma cadeira. — Fui até a garota imediatamente, mas estava nítido que sua morte foi instantânea. O que foi bom para ela, para ser sincera, pois seus ferimentos eram extensos. Eu não poderia desejar que alguém sobrevivesse a tal queda apenas para suportar uma existência totalmente aleijada.

Sybilla soltou um suspiro pesado. — Exatamente o tipo de visão pragmática que eu deveria esperar de sua pessoa, Ottília.

— É insensível?

— Não, misericordioso! — exclamou Lizzy. — São os Brockhursts que são insensíveis.

— Não a Sra. Maplewood. Ela estava lá quando examinei o corpo. Disse-me a identidade da garota e estava realmente triste. — Ottília não mencionou a compreensão instantânea da mulher sobre a possibilidade de a queda não ter sido accidental, embora ela a tivesse rejeitado com horror.

— Sugiro que não falemos mais sobre esse assunto — disse Francis, movendo-se para o sino. — Devo pedir algo para beber, Mama?

— Sim, faça isso, Francis, mas não adianta tentar suprimir o assunto. Nada mais será falado nesta cidade por uma eternidade, podem contar com isso.

— É verdade, mas não precisamos imitar o mundo e sua esposa.

Reconhecendo que seu marido estava tentando desviar a atenção de Lizzy, Ottília apoiou seus esforços.

— Tem razão, Fan. Já falamos o suficiente por hoje. Acho que Lizzy, em particular, precisa de alguma outra diversão.

Lizzy soltou um suspiro.

— Bem, não vou parar de pensar nisso. E preciso encontrar uma oportunidade para devolver o caderno de esboços e o chapéu ao Sr. Maplewood.

Sybilla ficou olhando e Ottilia ficou aliviada quando Francis se encarregou de explicar:

— Lizzy conheceu o sujeito pouco antes do acidente. Ele perguntou se ela gentilmente recuperaria seus pertences, mas tudo estava numa confusão quando descemos da rocha que Lizzy não teve a chance de devolvê-los a ele.

— Entregue-os a Francis, Elizabeth. Ele pode fazer isso mais prontamente do que você.

Mas Ottilia, vendo o desânimo transparecer nas feições da sobrinha, interveio:

— Acho que Lizzy deveria ter permissão para completar tal tarefa. Afinal, foi ela quem foi incumbida disso.

— Obrigada, tia.

O rubor que acompanhou as palavras contou sua própria história. Ottilia resolveu ficar de olho nesse Sr. Maplewood que havia despertado o coração adormecido de Lizzy. Ele realmente estaria interessado?

A criada de Sybilla, que entrou em resposta ao chamado, fez um pedido para que o Madeira fosse servido.

— Ouso dizer que todos nós podemos nos fortificar.

Ottilia teria preferido café como era de seu costume. Mais ainda, já que a sugestão de abjurar o assunto da queda fatal de Isabel Brockhurst havia deixado um silêncio desconfortável. Mas Sybilla era espirituosa o suficiente para não fazer questão disso. Ela estava tentando afastar as perguntas inevitáveis em sua mente em favor de algum assunto inócuo, quando Sybilla soltou um bufo.

— Isso é ridículo! Estamos todos obcecados e não consigo pensar em mais nada.

Ottilia teve que rir. — Estou completamente de acordo com sua opinião, senhora.

Um suspiro veio de Lizzy. — Isso significa que podemos falar sobre isso?

— Não se pretende continuar com especulações inúteis. — Francis olhou para a sobrinha, que mordida o lábio. — Não quero ser severo contigo, Lizzy, mas é bom aprender a pensar antes de falar.

Lizzy parecia envergonhada e as simpatias de Ottilia foram capturadas.

— Acredito que Lizzy esteja aprendendo.

Ela recebeu um olhar agradecido antes de Lizzy se virar para Francis.

— Sei que sou impulsiva, sir. Papai sempre me diz que é meu pecado que me assedia, mas... — Com hesitação, ela olhou de um para o outro, seu olhar alcançando Ottilia com um inconfundível pedido de ajuda.

Ottilia sorriu para ela, desafiando do olhar de advertência de seu esposo. — Mas?

Lizzy evitou o olhar de Francis. — Bem, é de se perguntar quando

pensamos nas circunstâncias, não é? Isabel era um problema para os Brockhursts, não era? Não parece terrivelmente conveniente que ela tenha morrido dessa maneira?

Sim, e é uma coincidência improvável. Mas Ottilia não ousou encorajar a suposição. Para seu espanto, o marido capitulou:

— Está certa, claro, Lizzy. — Francis soltou um suspiro no qual Ottilia reconheceu a mesma resignação com que tantas vezes ele saudou sua busca por uma morte igualmente suspeita. — É exatamente por isso que pedi-lhe para lembrar quais dos Brockhursts estavam presentes enquanto a imagem estava fresca em sua mente.

— Então o senhor acha...

— Acho que não, Lizzy — Francis a interrompeu. — Sua tia vai alertá-la contra fazer tal julgamento sem examinar adequadamente as evidências. E não temos nenhuma.

— Pelo contrário. Temos evidências convincentes em um motivo incontestável. — O olhar sério de Sybilla passou por ele, por Lizzy e pousou em Ottilia. — *Se* houve jogo sujo — e ênfase o *se* —, *se* houve, não há sombra de dúvida em minha mente que foi a viúva Lady Wem quem ordenou isso.



Capítulo 4

A **Viscondessa Viúva** Lady Wem cumprimentou seus simpatizantes com uma polidez que Ottilia considerou espúria. Sob o verniz convencional, seus olhos eram frios e um músculo revelador se contraía em sua bochecha enquanto ela examinava sua suposta arqui-inimiga. Instada por Sybilla, Ottilia a acompanhou para prestar seus respeitos e condolências pela suposta perda da viúva Lady Wem. A recepção deles foi gélida, entre um grupo de acólitos do sexo feminino, as frases de simpatia eram claramente indesejadas.

— É realmente trágico — afirmou a viúva Lady Wem, chupando a boca e as bochechas como se tivesse provado um limão.

Ela era uma mulher surpreendentemente pequena, entronizada em uma cadeira de espaldar alto colocada em uma posição proeminente. Três mulheres mais jovens estavam sentadas ao seu redor na espaçosa sala de estar com painéis escuros, nenhuma delas ainda de luto, mas presumivelmente para manter as aparências, vestidas com cores sóbrias. Para lhes fazer justiça, apenas dois dias se passaram desde a tragédia e nenhuma delas foram vistas na igreja no sábado, embora o pastor tenha feito menção do ocorrido, dedicando orações aos falecidos e enlutados.

A viúva Lady Wem estava regamente vestida com seda roxa, que não combinava com uma tez pálida, mas realçava seu cabelo preto azeviche com mechas grisalhas nas laterais, preso sob um pequeno gorro de renda. Ottilia lutou para encontrar um traço de beleza anterior nas bochechas encovadas, nariz pontudo em um rosto totalmente sem animação. Os olhos voltados para cima, de um cinza opaco, emprestavam um leve ar reptiliano ao seu semblante.

— Uma triste perda para todos aqui, não tenho dúvidas. — Ottilia não podia absolver Sybilla de saborear suas palavras. Para vencer a viúva rival?

A fala seguinte de Sybilla confirmou isso:

— Especialmente porque ouvi dizer que a vítima era excepcionalmente adorável. Deve ter ficado muito orgulhosa da escolha de seu neto.

Oh, Sybilla. Com uma vaga esperança de controlá-la, Ottilia pigarreou. Sybilla deu-lhe um olhar e gesticulou para puxá-la para frente.

— Permita-me apresentar minha nora, Lady Francis Fanshawe.

Ottilia foi anunciada junto com Sybilla, mas a viúva Lady Wem não lhe

deu atenção. Ela se virou e um olhar serpentino traçou Ottilia da cabeça aos pés.

— Já ouvi falar da senhora.

Detectando uma nota de desprezo, Ottilia esboçou uma reverência, mas antes que pudesse formular uma resposta adequada, Sybilla a interrompeu:

— Tenho certeza que sim, Protasia. Minha nora é conhecida em certos círculos.

Os lábios finos da viúva Lady Wem se esticaram em um sorriso nada amigável.

— Sério? Atrevo-me a dizer que tais círculos estão fora da minha experiência.

A grosseria estudada dessa observação levou Ottilia a minimizá-la:

— Lady Polbrook exagera, senhora. — Ela apresentou sua desculpa consagrada pelo tempo: — Se tenho um dom, é apenas para perceber o que os outros não conseguem.

Ottilia encontrou o olhar vazio da viúva Lady Wem, mas na periferia de sua visão ela notou duas das outras mulheres, que estavam sentadas quase lado a lado, trocando olhares. A terceira, mais alta e mais magra, mas quase uma cópia da viúva, também olhava de uma posição um pouco atrás da matriarca.

— E notou o quê?

Sem denominação? Ottilia foi considerada indigna até mesmo de um simples – senhora...? Sua ira aumentou e ela retaliou sem piedade:

— Oh, notei muita coisa, Lady Wem. A pobre de sua parente caiu a poucos metros de mim. Uma queda que destruiu seus membros e abriu sua cabeça. — Um suspiro combinado emanou das três companheiras, mas a viúva não moveu um músculo. — Uma queda violenta para causar tanto dano, não acha? — Seguiu-se uma pausa, na qual ela sentiu que a companhia ao redor prendeu a respiração coletivamente. Ottilia estava consciente da tensão de Sybilla ao seu lado, mas a viúva Lady Wem provou estar à altura do desafio.

— As High Rocks são muito altas.

— Foi o que observei — retaliou Ottilia, omitindo deliberadamente qualquer denominação —, mas a altura é menos importante do que a forma da queda.

A viúva Lady Wem esticou os lábios novamente. Um sorriso ou um desdém?

— É uma observação científica, Lady Francis. É qualificada para fazê-la?

— Meu irmão é médico, Lady Wem. Aprendi sobre sua tradição.

— Sério?

— Sério.

Os lábios da viúva Lady Wem permaneceram bem fechados. Com o temperamento esfriado, Ottilia começou a se arrepender de ter falado tanto, mas ela não estava disposta a se desculpar. Felizmente, Sybilla interveio:

— Protasia, acredito que não vai se opor se eu apresentar Ottilia às suas filhas?

Um espasmo atravessou o rosto da viúva Lady Wem? Ela gesticulou para as duas que sentadas perto uma da outra.

— Minhas noras. Mary Ann, esposa do meu filho mais velho.

A atual Lady Wem, uma mulher de aparência assustada e camundonga, fez uma breve reverência com um murmurado “como vai”.

— Lillian é casada com Godfrey, o mais novo.

A segunda, uma dama corpulenta com ar orgulhoso, limitou-se a inclinar a cabeça.

Lady Wem sênior deu um empurrão de desdém com o queixo para a mulher sentada atrás.

— Minha filha Berta.

Otilia recebeu um sorriso arrogante que não alcançou os olhos da mulher, mas ela escolheu falar, com uma voz rouca e esganiçada:

— Ouvimos os rumores, senhora. As pessoas sempre falam. Nós que não prestamos atenção, não é, mamãe?

O olhar da viúva Lady Wem passou por Otilia e por sua arqui-inimiga.

— Sem ataques, Sybilla. Não faço nenhuma questão de palavras depreciativas. Nunca o fiz.

— E quem pode censurá-la, por mais prevacentes que tenham sido? Em *seu* lugar, eu os ignoraria com igual desdém.

— Em *seu* lugar, Sybilla, eu não deveria ter atraído ninguém. Uma pena que alguém tenha tão pouca autoridade sobre seus dependentes. Eles tendem, uma vez fora do controle, a se comportar de maneira imprópria, não concorda?

Como isso era claramente uma piada sobre as travessuras conjugais do filho mais velho de Sybilla, Otilia esperava uma resposta mordaz. No entanto, assim como Lizzy havia descrito, veio com uma demonstração de polidez:

— Concordo implicitamente, Protasia. Casamentos inadequados podem causar muitos aborrecimentos na família. Embora eu afirme que não sou tão cruel a ponto de desejar o destino da primeira esposa do meu filho à segunda.

O significado disso era bastante claro, pois a primeira nora de Sybilla havia sido brutalmente assassinada. Otilia viu o impacto no brilho dos olhos da viúva Lady Wem, que estavam de repente e surpreendentemente em chamas. Entretanto, expressão sumiu rapidamente e um leve sorriso a substituiu.

— Desejar a morte do pior inimigo vai contra qualquer lei natural. Uma conexão mais próxima, e alguém afortunado o suficiente para ter conquistado a afeição de um neto, deve necessariamente ser imune a tal desejo. Pobre e inocente Isabel. Tenho pena dela de todo o coração.

As palavras foram acompanhadas por uma malícia sombria nos olhos cinzentos da viúva. A repulsa tomou conta de Otilia, juntamente com um forte desejo de se afastar da presença da mulher. Ela agiu sem pensar.

— Já nos intrometemos por tempo suficiente nesta casa devastada, senhora. Vamos nos despedir?

A viúva Lady Wem não fez nenhum movimento para detê-las, mal olhando para Ottilia antes de voltar seu olhar para a viúva Lady Polbrook.

— Devo lhe agradecer por se dar ao trabalho, Sybilla.

— E devo agradecer por sua hospitalidade, Protasia. Presumo que não a veremos nas Salas de Reunião?

A viúva Lady Wem ergueu o queixo. — Não acredito em fazer desfile da desgraça. Apareceremos como de costume.

— Isso fornecerá aos fofoqueiros assunto para mantê-los felizes por dias — disse Sybilla, no momento em que saíram em segurança da enorme casa na colina com a porta fechada atrás delas.

Ottilia achou por bem protestar: — Estou surpresa com a senhora, Sybilla. Nunca pensei que veria uma conduta tão vergonhosa de sua parte.

Sua sogra bufou, parando antes de entrar na carruagem. — Pode falar, eu sabia o quão implacável poderia ser, Ottilia, mas deixou-me com medo, falando com o horror daquela maneira.

— Ela é um horror perfeito, garanto.

Uma gargalhada escapou de Sybilla e ela pegou a mão de seu laçao para subir. Ottilia a seguiu até o landau alugado, abriu um guarda-sol que estava no assento e entregou-o a Sybilla. Ela o pegou, mas achou por bem resmungar:

— Suponho que seja muito resistente para precisar de proteção.

— A proteção da qual preciso, Sybilla, não é a do sol que, por incrível que pareça, permanece conosco hoje, mas da batalha real travada por duas damas teimosas.

Outra gargalhada abrangente saudou esta queixa.

— Viu como ela fugiu à questão? Tenho pena da pobre Isabel! Ela mal conseguia afastar a satisfação do rosto. Se não foi ela quem ordenou tal feito, o que não acredito nem por um momento, está muito contente pela garota estar morta. Falando de tragédias e coisas do gênero. Tudo bobagem!

Um arrepio percorreu a espinha de Ottilia, apesar do calor do dia.

— No entanto, é realmente trágico. Tão jovem e tão adorável. Lamento pelo marido dela.

— Como sabe que ele não a empurrou sozinho?

— Para evitar mais confrontos? Para se livrar de um fardo que ameaçava a reputação de sua família? É possível, suponho. Embora, pelo relato de Lizzy, sua dor parecia genuína.

— Se aquela mulher hedionda está decidida a empurrá-los de volta aos olhos do público, pode julgar por si mesma.



Aproveitando a oportunidade enquanto a avó não estava de olho nela, Lizzy recuperou o chapéu errante e o caderno de desenho de seu quarto, onde os havia escondido. Ela já havia verificado que o Sr. Maplewood, como o resto de sua família, não estava presente nos habituais lugares matinais. Para dizer a verdade, ela dificilmente esperava por isso, mas apenas no caso, ela manteve uma vigilância sobre os Pantiles com a desculpa de precisar se sentar

perto da janela para tomar um ar. Mas com Sybilla fora do caminho e o clima tão favorável, deveria aproveitar a oportunidade.

Se ela subisse a colina pelo Common, poderia esperar que a expedição de condolências de Sybilla terminasse antes que ela chegasse à residência Brockhurst. Ela sabia que Francis não tinha ido junto, pois Ottilia o deixara tomando café da manhã. Assim, raciocinou Lizzy, ela não deveria desperdiçar um raro momento de liberdade.

— Vou dar um passeio, Nancy — disse ela, à criada. — Se Sua Senhoria retornar antes de mim, por favor, diga a ela que precisei esticar as pernas.

Então desceu as escadas e saiu pela porta antes que Nancy pudesse fazer qualquer objeção. Como a hospedaria dava para a estrada que corria ao lado do Common, era fácil pisar em um dos Walks que cruzavam a extensão de verde bem usada. Ela havia sido informada que feiras ocasionais eram realizadas ali, e no alto verão havia dança no Common com lampiões colocados nas árvores. No entanto, naquela manhã, o lugar estava notavelmente livre de pessoas, exceto por um homem com um cachorro, um grupo de crianças brincando de taco e bola e dois cavalheiros conversando seriamente movendo-se em um ritmo lento ao longo de um caminho mais acima na colina.

Lizzy partiu naquela direção, andando rapidamente, mas sem pressa. Ela não queria chegar enquanto sua avó ainda estivesse com a viúva Lady Wem. Fechando o caminho acima, ela notou que os dois cavalheiros se viraram para voltar novamente e sentiu um aperto instantâneo em seu peito. Um deles era o Sr. Maplewood.

Ela parou onde estava, observando-o se aproximar. Seu pulso ficou acelerado e ela ficou feliz em pensar que estava carregando seus pertences, o que lhe deu uma desculpa pronta para abordá-lo. Ainda mais porque ele não estava usando chapéu. Nem era seu companheiro, em quem ela reconheceu quando seu olhar se voltou para ele, o primo enlutado do Sr. Maplewood, Daniel. Todo o resto, exceto o horrível evento em High Rocks, saiu de sua cabeça e ela deixou escapar o nome dele antes que pudesse pensar na imprudência de chamar a atenção para si mesma.

— Sr. Brockhurst, meu Deus!

O jovem de boa aparência ergueu a cabeça, mostrando a Lizzy um semblante no qual seu sofrimento estava gravado com clareza. Ele não disse nada, mas o Sr. Maplewood, espiando o que Lizzy carregava, puxou-o para frente.

— Bom dia para a senhorita, Lady Elizabeth. É o meu caderno de desenho que tem aí?

Os batimentos cardíacos de Lizzy se descontrolaram e ela lutou tanto com a vergonha de sua explosão quanto com a falta de ar que a atacou na presença dele.

— Sim, é sim. E seu chapéu também. Eu estava... eu estava indo para a casa para entregá-los... para entregá-los. — Os dois se aproximaram dela

enquanto ela falava e Lizzy se viu cara a cara com Daniel. — Sr. Brockhurst, eu sinto muito. Deve ser horrível para o senhor...

Seus lábios tremiam visivelmente e ele abriu a boca, mas não saiu nada. A dor em seus olhos cortou o coração de Lizzy. Impulsivamente, ela pegou em sua manga.

— Não responda se preferir. Deve ser realmente difícil responder a condolências de estranhos.

Ele deu um breve aceno de cabeça e abriu um sorriso tenso, e Lizzy viu que seu primo tinha um braço sobre ele. O Sr. Maplewood decidiu falar por ele:

— Eu o arrastei para fora, sabe. Não adianta ficar pensando nisso, remoendo.

Lizzy o soltou, com uma verdadeira preocupação em seu peito.

— Mas talvez ele precise falar sobre isso. Senhor? O senhor o deixa falar se ele quiser, Sr. Maplewood?

O Sr. Maplewood ergueu as sobrancelhas.

— A senhorita é uma médica da mente, Lady Elizabeth?

Ela sentiu suas bochechas esquentarem.

— Não pretendo criticar, sir, apenas tenho uma opinião contrária.

— É mesmo? E posso perguntar por quê?

Incitada, Lizzy foi levada a replicar:

— Na sua opinião, não é bom insistir nisso. Como ele pode deixar de pensar nisso? E se ele não tem permissão para expressar seus sentimentos...

— Eu desejo — interrompeu Daniel. — Quero gritar a injustiça disso para todo o mundo.

— Calma, Dan. Não há necessidade

— Há, Viv, há. Se não vê, esta lady vê. — Daniel lançou um gesto selvagem para Lizzy, em um tom cheio de emoção e baixo. — Pede-me para ficar quieto e tenta me fazer comer, mas eu não consigo. Não consigo comer e não posso ficar quieto, não vê isso?

— Bem, eu gostaria que fizesse isso neste momento, Dan — vociferou o Sr. Maplewood, com mais aspereza do que Lizzy o ouvira usar antes. — Estamos chamando a atenção.

— E daí se estivermos? — Daniel se afastou de seu braço de apoio. — Acha que não é do conhecimento de todos que minha Isabel se foi? O mundo inteiro não está falando disso? — Ele se virou para Lizzy. — A senhorita sabe, não sabe? Estão falando sobre isso em todos os lugares, não estão? A senhorita estava lá. Fala disso. Por que todo mundo pode falar, menos eu?

Comovida, mas ainda consciente do olhar inflamado do Sr. Maplewood, Lizzy se aproximou.

— Oh, acalme-se, sir. Fale sobre isso sim, mas nós devemos encontrar um local mais privado.

Ela ficou sob o olhar irônico do Sr. Maplewood.

— Nós?

Lizzy enfrentou isso como um desafio:

— Por que não? Estou à vontade e feliz em prestar atenção. — Voltou-se para Daniel: — Se quiser, às vezes é mais fácil desabafar com alguém que não é muito próximo.

Outro gesto selvagem veio de Daniel.

— Qualquer pessoa que não seja minhas conexões próximas. Estão todos contra mim.

— Ei! Eu disse alguma coisa para merecer isso de sua parte, Dan?

— Não. Sei que é meu amigo, Viv. Não é como o resto. Até Julius me incomodou, embora eu absolva Clarissa de cumplicidade. Ela pelo menos foi gentil com a minha Isabel.

Clarissa? Daniel quis dizer a esposa de Julius? Lizzy tinha falado com a Honorável Sra. Julius Brockhurst uma ou duas vezes, mas nunca com o herdeiro Wem. Aquele dificilmente era o lugar para pedir esclarecimentos. Ela olhou em volta e avistou um dos pequenos bosques no final do Common e lembrou-se do banco dali. Deveria estar bastante seco e eles estariam fora do caminho de qualquer um, exceto dos transeuntes, pois ficava bem além dos The Walks que levavam aos Pantiles.

— Entendo, Sr. Brockhurst. — Lizzy apontou para o bosque. — Vamos para o banco que tem lá para podermos conversar em relativa privacidade.

O Sr. Maplewood olhou para ela com um toque de exasperação.

— Mantém esse esquema, não é? Mesmo eu tendo acabado de persuadi-lo a ficar quieto?

O olhar de Lizzy foi para Daniel, que parecia subjugado e mal-humorado. O impulso tomou conta e ela fez um gesto com a mão livre para envolvê-lo enquanto falava:

— Ele parece satisfeito? Está fazendo com que ele acumule tudo. Deixe-o desabafar, sir, pelo amor de Deus! Ele se sentirá melhor quando fizer isso.

Daniel segurou a mão dela.

— Que anjo a mandou aqui justamente quando eu mais preciso, senhorita? Obrigado, mil vezes obrigado.

Lizzy lançou um olhar triunfante ao Sr. Maplewood, que revirou os olhos.

— Faça o que quiser, embora alguém menos angelical eu ainda não tenha conhecido.

Ela ergueu o queixo.

— Sua opinião, Sr. Maplewood, não tem importância.

Para seu desgosto, a diversão apareceu em seus olhos, mas ele não retaliou, em vez disso, tirou o caderno de desenho da mão dela.

— Permita-me aliviá-la desse fardo completamente desprezado por esta época, disse não tenho dúvidas.

Furiosa, Lizzy empurrou o chapéu para ele.

— Não vou trocar palavras com o senhor, Sr. Maplewood. As necessidades de seu primo me interessam mais neste momento do que sua propensão a me provocar.

Sua diversão se aprofundou, mas felizmente ele se absteve de responder:

— Vá em frente, então, Lady Elizabeth.

Ela se virou incisivamente para Daniel, que estava franzindo a testa enquanto observava a troca de palavras. Parecia a Lizzy que ele não conseguia aceitar. Talvez nada registrado com ele que não pertencesse ao seu problema. Ela sorriu para ele e colocou a mão em seu braço.

— Venha, Sr. Brockhurst. Vamos caminhar.

Sua condição o tornava obediente e ela achou fácil arrastá-lo na direção do bosque, consciente, no entanto, de que o Sr. Maplewood os seguia. Sua atenção foi recuperada imediatamente quando Daniel explodiu novamente:

— Não acredito que ela se foi. Eu a vi e ainda não acredito. É como um sonho. Um pesadelo.

Sua voz estava aumentando e Lizzy lançou um olhar apreensivo para trás. O Sr. Maplewood chamou a atenção dela e ergueu uma sobrancelha, como se para enfatizar seu desacordo com todo o processo. Ela apertou o braço de Daniel.

— Espere só um momento, Sr. Brockhurst. Estaremos isolados em um espaço que poderá falar livremente.

Ela o ouviu respirar meio soluçando, mas ele estava obedientemente em silêncio. Eles chegaram ao lugar que ela havia escolhido em um momento e Lizzy rapidamente verificou o banco de madeira.

— Pronto, aqui está seco como um osso. — Ela o empurrou para baixo e sentou-se ao lado dele. — Agora, sir, pode dizer o que quiser.

Ele não se valeu dessa permissão imediatamente, mas sentou-se inclinado para a frente, os braços nas coxas, as mãos cruzadas entre elas enquanto olhava para o chão.

O Sr. Maplewood ficou parado por um momento, observando-o, e então sentou-se do outro lado de Lizzy, colocou o chapéu na cabeça descoberta e apoiou o caderno de desenho no joelho, abrindo-o em uma nova página.

Bem consciente dele, Lizzy não pôde evitar dar uma espiada enquanto ele tirava um lápis de um bolso interno e o segurava sobre o lençol branco imaculado. Ele virou a cabeça e a pegou olhando fixamente.

— Que foi? Posso muito bem usar o tempo enquanto a senhorita cuida do paciente, doutora Fiske.

Ela deixou escapar uma risadinha. Ela sufocou-a, caindo para um sussurro:

— Fique quieto, seu terrível!

Ela foi presenteadada com um sorriso, seguido imediatamente por uma cotovelada e um aceno de cabeça para seu primo. Lizzy virou-se para encontrar os ombros do Sr. Brockhurst levantando, com soluços ofegantes emanando de seu peito. Sem pensar, ela colocou um braço sobre ele, aproximando-se, com palavras suaves saindo de seus lábios:

— Daniel, Daniel, não... por favor, não sofra tanto.

Um murmúrio a alcançou:

— Falou tanto para ele colocar tudo para fora.

Lizzy lançou um olhar furioso ao Sr. Maplewood, mas mudou de tática,

colocando a mão no braço de Daniel e dando tapinhas.

— Oh, pobre homem, chore se quiser. Não vou impedi-lo.

As palavras dela tiveram um efeito oposto, pois Daniel passou a mão nos olhos, endireitou-se e tirou um lenço do bolso. Ele o usou e falou com uma voz rouca e abafada:

— Perdão. Eu não queria desmoronar. Foi só eu pensar nisso de novo, entende? Eu tinha esquecido. — Sua voz ficou mais forte quando ele amassou o lenço em dedos inquietos. — Achei que a tinha pegado rápido o suficiente. Eu estava segurando a mão dela enquanto ela olhava. Não consigo imaginar como isso aconteceu. Meu aperto deve ter afrouxado ou ela soltou. Não sei. No instante seguinte, ela se foi. — Ele bateu os punhos contra sua cabeça, sua voz agoniada.

— Nem deu tempo de pensar em agarrá-la. Foi tão rápido... tão rápido... Como? Como?

Ele se virou para Lizzy; seu semblante mais uma vez devastado.

— Um deles fez isso, tenho certeza. Um deles, mas não sei qual. Não consigo me lembrar de mais nada. Tento visualizar quem estava lá atrás dela, mas não consigo. Alguém estava. Um deles deve tê-la empurrado. Ela não poderia simplesmente cair como caiu.

As imagens que ele conjurava se formaram na imaginação horrorizada de Lizzy. Era exatamente o que ela suspeitava. Ela não hesitou:

— Eu também achei isso, Daniel. Acha que foi por que sua família desaprovava a pobre Isabel?

— Eles a odiavam! — Um tom raivoso entrou em sua veemência. — Ela acima de tudo. Ela teria feito qualquer coisa para se livrar da minha Isabel. Ela queria anular o casamento.

— Está falando da sua avó? Mas ela não estava lá, Daniel.

— Ela não precisava estar. Meu pai estava lá. Meu tio. Minhas tias também. — Seus olhos brilharam. — Sabe o que eles estão dizendo? Eles estão dizendo que ela pulou. Colocou um ponto final em sua existência.

O choque atingiu Lizzy novamente e ela se voltou impulsivamente para o Sr. Maplewood, que estava ocupado com seu lápis, aparentemente distante da angústia atual do primo.

— Por muito pouco não pego esse lápis e o jogo nos arbustos, Sr. Maplewood. Como pode ficar sentando calmamente aí desenhando?

Ele deu-lhe um olhar, mas continuou com seu esboço.

— Já ouvi de tudo, senhorita. Inúmeras vezes. De várias bocas.

— Sim, do meu pai — interrompeu Daniel. — Ele quem disse isso primeiro. Disse que eu não podia negar que Isabel estava infeliz. Claro que não nego. Ela estava sofrendo. Como poderia estar feliz com a recepção que recebeu deles? Da minha avó?

— Por que veio aqui, Daniel?

— Fui convocado. Um dos ratos me traiu. — Ele balançou a mão quando a cabeça do Sr. Maplewood disparou. — Oh, não, Viv. Sei que não teve nada a

ver com isso. Não sei quem disse a ela, mas eu não deixaria Marcus passar por isso.

Nem Lizzy, mas ela não se sentia incumbida de dizer isso.

— Mas teve que obedecer a tal convocação?

Ele deu um suspiro derrotado. — Achei que seria o melhor. Supus, ingenuamente, que uma confissão masculina poderia me render a absolvição.

— Ah! Da vovó? Estava delirando, Dan.

O Sr. Maplewood falou novamente, seu lápis ainda passando pelo papel enquanto ele falava. Momentaneamente distraída, Lizzy o observou desenhar, atônita com o contorno da vista que apareceu na página, refletindo a vista abaixo do Common, o caminho ao lado dela e uma dispersão de prédios começando a tomar forma.

— Isabel insistiu nisso também — disse Daniel, ainda fortemente envolvido em sua história melancólica. — *É a nossa chance, Danny. Podemos finalmente viver ao relento*, ela me disse. — Ele cerrou as mãos nas coxas, a tensão em cada linha de seu corpo.

— Ela queria ser aceita. Não por ela, ou por mim. Estávamos felizes em nosso retiro, exceto que eu tinha que deixá-la sozinha lá por muito tempo. Mas assim que tivemos Pretty... — Um gemido baixo escapou dele. — E como Pretty vai viver agora?

Ainda com um braço nas costas dele, com o coração apertado, Lizzy ainda se surpreendeu com esse novo nome. Ela virou a cabeça para o Sr. Maplewood e sussurrou:

— Quem é Pretty?

Ele ergueu os olhos do esboço crescente, lançando um olhar para a cabeça curvada de Daniel.

— Pertesia. Filha dele.

— Filha! — Seu cotovelo cavou nela novamente e Lizzy caiu para trás e sussurrou novamente: — Ele tem uma filha?

O olhar brilhante do Sr. Maplewood encontrou seu rosto.

— A senhorita é um pouco jovem para sofrer de surdez incipiente, não é?

— Eu não sou surda! — Mas ela foi obrigada a morder o lábio. — Fiquei apenas surpresa. E é impróprio da sua parte tentar me fazer rir em tal momento.

— Não foi minha intenção. Foi uma investigação genuína.

— Oh, pare com isso, seu provocador!

Aquele brilho de diversão reapareceu e ele voltou a desenhar. Realmente, ele era perfeitamente irritante. Porque diabos ela o achava remotamente atraente, Lizzy não conseguia entender. O murmúrio de Daniel jogou culpa em seu peito. Ainda bem que ele estava muito perdido em seu próprio infortúnio para prestar a menor atenção ao pequeno detalhe. Ela interrompeu seus murmúrios:

— Onde está Pretty agora?

— Hepsie está cuidando dela, graças a Deus, pobre bebê órfão de mãe.

Isabel estava ansiosa para que Pretty fosse aceita, mesmo que não fosse, mas a vovó nem queria vê-la. Ela ficou furiosa quando soube que tivemos uma filha. Isabel chorou muito. Ela me implorou para levá-la para casa e eu gostaria de ter feito isso.

— E por que não fez isso?

— Clarissa disse que devíamos esperar.

Esse nome de novo. Por instinto, Lizzy lançou um olhar ao Sr. Maplewood. Ele podia ser irritante, mas respondeu imediatamente, para sua surpresa, mas com um murmúrio:

— A esposa de Julius.

— Ah, suspeitei. — Tocada por seu tato, seus sentimentos mudaram, mas ela se distraiu ao se lembrar da jovem como uma espécie de mulher volúvel com quem ela trocou poucas palavras além do lugar-comum.

— Clarissa veio ao nosso quarto. Era a única delas que era gentil. Beijou Isabel e disse que a vovó também não tinha sido agradável com ela no começo.

— Prazeroso! — Um bufo veio do outro lado de Lizzy. — Aquele réptil nunca foi agradável com ninguém em sua vida.

Assustada, Lizzy voltou-se para ele. — Réptil?

Uma sobranceira se ergueu. — Crocodilo. Cobra. Lagarto. É só escolher. Nossa estimada avó se encaixa em todos eles. — A diversão enrugou a boca do Sr. Maplewood. — Não tenho escrúpulos em lhe dizer isso, pois já trocamos opiniões sobre nossos respectivos ancestrais.

— Nunca falei da vovó nesses termos. Lady Wem é tão ruim assim?

— Pior. Se Clarissa supôs que ela poderia ceder em relação à esposa de Daniel, ela tem moinhos de vento na cabeça.

Daniel o cortou com veemência:

— Clarissa era gentil. Tia Annis também, mas Clarissa fazia um esforço. Ela disse que devíamos esperar um pouco, deixar a vovó esfriar. Ela disse que eu deveria levar Isabel para fora de casa, dar uma volta.

O Sr. Maplewood levantou-se abruptamente de seu assento, largou o caderno de desenho no banco e foi enfrentar seu primo.

— Diga-me uma coisa, Dan, High Rocks foi sugestão de Clarissa?

Daniel olhou para ele, franzindo a testa.

— Não me lembro. Eu posso ter dito isso. Ou ela. Um de nós. Eu só queria ir com Isabel.

A mente de Lizzy zumbia com conjecturas. — Mas então todos eles decidiram ir?

— Não, levei Isabel para passear. Foi bom estar fora de lá por um tempo. Conversamos sobre ficar ou partir. Isabel estava mais calma então decidimos ficar mais um ou dois dias. Que Deus me perdoe, nunca deveria tê-la persuadido a fazer isso. Deveria tê-la levado embora naquele momento. Eu deveria.

— Arrependimentos inúteis, Dan. Não poderia saber o que iria acontecer.

Lizzy agarrou o braço do sofredor com as duas mãos.

— Ele está certo, Daniel. Não pode ficar se culpando. Isso vai assombrá-lo se o fizer.

— Mas isso está me assombrando agora! Oh, Isabel, minha Isabel!

Ele desabou de novo e Lizzy, desesperada, olhou para o Sr. Maplewood.

Ele encontrou os olhos dela.

— Ainda acha que falar nisso ajuda, doutora Fiske?

Ela fechou os lábios em uma réplica afiada, mas o pensamento não pôde deixar de se intrometer, ela havia cometido um erro onde não tinha o direito. Ele devia conhecer melhor seu primo, ela supôs, ciente de que o pensamento era relutante. Ela ergueu os olhos novamente e o encontrou olhando para ela.

— Devo dizer que estava certo? Não sei por que precisa me provocar dessa maneira horrível.

Um leve sorriso apareceu.

— Irresistível, minha querida Lady Elizabeth. — Ela fez uma careta para ele e ele riu. — Venha, não faça beicinho para mim. Valeu a pena arriscar.

— O quê?

— Isso. — Ele gesticulou para ela e seu primo.

Gratificada, Lizzy se viu sorrindo para ele. A expressão do Sr. Maplewood não mudou, mas ele a encarou por um momento em silêncio até que Lizzy começou a ficar inquieta. Então pegou o primo pelo braço e o ergueu.

— Vamos, Daniel. Seque as lágrimas. Vamos andar de novo, mas não vai falar.

Submisso, Daniel usou o lenço do Sr. Maplewood e guardou-o. Ele se virou para Lizzy quando o Sr. Maplewood se curvou para recuperar seu caderno de desenho.

— Agradeço-lhe, Lady Elizabeth. Apesar do que Viv diz, ajudou-me.

Surpresa, Lizzy pegou sua mão estendida. — Achei que não tivesse ouvido tudo isso.

— Também não sou surdo. — Um pequeno sorriso vacilou por um momento e desapareceu. Ele apertou a mão dela. — É uma moça gentil, senhorita, e preciso de gentileza. Viv é um capataz áspero e prático, mas também preciso disso.

Ele soltou a mão dela. Impelida, Lizzy a agarrou novamente e falou com o coração:

— Não lhe tenho consolo, Sr. Brockhurst. Deve lamentar, mas vai passar. Com o tempo isso vai passar.

Ele assentiu, mas não disse mais nada e Lizzy viu que seus olhos estavam úmidos novamente. O Sr. Maplewood o incitou a avançar e os dois começaram a se afastar.

O quê? Nenhuma palavra de despedida do Sr. Maplewood? Isso ela não suportaria.

— Sr. Maplewood!

Ele olhou para trás por cima do ombro.

— Sim?

— Não se despede de uma pessoa?

Um movimento daquela sobrancelha irritante.

— Da senhorita, Lady Elizabeth? Não mesmo. Digo apenas *au revoir*. — Com isso, ele balançou o caderno de desenho sobre sua cabeça e continuou seu caminho, com Daniel firmemente de volta sob seu controle.

Lizzy observou-os partir, dividida entre o aborrecimento e um lampejo de esperança. E uma lembrança mesquinha do papel desempenhado por Clarissa.



Otilia encontrou o marido em mangas de camisa, acomodado em uma poltrona confortável, os pés apoiados em um banquinho, uma jarra de cerveja na mesa ao lado dele, absorto na leitura de um jornal.

— Você está parecendo um dos valetudinários que assombram esta cidade, Fan.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Uma amostra do que está por vir, Tillie. — Ele bateu na folha com a mão. — Os habitantes locais estão revoltados com a ideia de que podem esperar que uma sociedade seja alojada aqui no Common.

— Meu Deus, isso é iminente? — Otilia foi pegar a sineta que estava sobre a lareira e a sacudiu. — Estou ofegante.

— Não me surpreende que insista em visitar a górgona de Mama. E não, claro que não é iminente. Os militares podem estar se preparando para ajudar a Áustria e a Prússia, mas os poderes do alto não agirão precipitadamente. No entanto, há cartas de reclamações dos residentes.

— Não há nada aí sobre essa morte horrível? — Ela se afundou em uma poltrona oposta, desamarrou com alegria as tiras de seu gorro e colocou-o de lado.

— Apenas um breve relato. Há muito mais atenção sobre esse caso da multidão atacando as Tulherias em Paris na semana passada, embora ainda não se possa confiar em sua veracidade.

— Se for verdade, que Deus ajude a família real de lá, mas o que diz aí sobre a queda?

— Não muito, apesar dos boatos, minha reverenciada Mama está entre eles. Não encontraremos especulações sinistras em um jornal respeitável de Tunbridge Wells.

Ele entregou o jornal e Otilia encontrou e leu o trecho que contava da triste queda das High Rocks de um membro de uma família importante da cidade.

— Leu esta sequência no último parágrafo? *A tragédia chamou mais uma vez a atenção de nossos leitores para a tão citada necessidade de barreiras e placas sinalizadoras dos perigos*. Tarde demais para a pobre Isabel.

Francis tomou um gole de sua cerveja. — Como foi com a górgona?

Otilia pôs o jornal de lado. — Ela é realmente uma górgona, Fan. Oh, fingiu sentir a perda, mas era óbvio que não se importava nem um pouco. Deveria ter ouvido como ela e Sybilla falaram uma com a outra. Tais

discursos farpados, mas com educação. Lizzy julgou isso muito bem.

— Sou grato por ter sido poupado — seu esposo disse, emocionado.

Otilia soltou uma risada. — Sim, isso o teria enlouquecido, meu querido senhor.

Neste momento o lacaio entrou carregando uma bandeja. — Café, milady?

— Ah, me antecipou, Tyler. Que criatura presciente é. Obrigada.

O lacaio abriu um pequeno sorriso quando colocou a bandeja na mesa e começou a colocar o líquido preto em uma xícara.

— Sua preferência é bem conhecida na família, milady.

Ciente do olhar irônico do marido sobre ela, Otilia aceitou a oferta, misturada com a quantidade certa de creme e açúcar, e sorriu para Tyler.

— Estou bem servida por todos. — O lacaio enrubesceu um pouco, curvou-se e retirou-se, quando Otilia lançou um olhar de advertência a Francis. — Não diga uma palavra, seu demônio.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Mas eu não ia. Não sobre o seu vício.

Otilia pousou a xícara no pires e ergueu o punho para ele. Seu sorriso era ao mesmo tempo triste e afetuoso.

— Conte-me sobre a górgona. Chegaram a um consenso de que foi ela quem ordenou esse assassinato?

— Ela é certamente capaz disso. Eu a achei abominável e ela me provocou tristemente. — Um suspiro escapou dela. — Receio ter me comportado mal, Fan. Teria vergonha de mim.

— Duvido, mas teste-me.

Otilia contorceu-se de desconforto e refugiou-se em sorver seu café.

— Minha única desculpa, e é pobre, é que ela foi desdenhosa comigo. Até rude.

Francis sentou-se abruptamente.

— O quê? Como ela ousou? Eu gostaria de ter estado lá.

— Por favor, não se exalte, Fan, eu revidei.

— Que bom.

— Sim, mas não foi bom. Insinuei a proposição de que não tinha sido um acidente. E mostrei meu conhecimento da tradição médica. Não foi algo bom e provavelmente tornou impossível fazer qualquer tipo de progresso com todos eles. Ou pelo menos, com as mulheres que estavam presentes.

Francis, embora relaxado novamente, ainda parecia descontente. Ele sempre foi zelosamente protetor de seu status. Ela achava gratificante, embora restritivo às vezes.

— Por que deseja progredir com eles? Quanto menos formos obrigados a conviver com esse grupo, mais satisfeito ficarei.

Otilia observou-o por cima da xícara enquanto bebia. Ela deveria prosseguir com isso? Ele estava fadado a não gostar se ela levasse a sério a investigação da morte. Não que ela acreditasse que fosse possível provar que houve um crime — se é que houve. Ela hesitou demais.

— O que se passa nessa sua cabeça, luz da minha vida?

Ela prevaricou.

— Ora, nada, Fan.

Ele estreitou os olhos.

— Não minta, Tillie. Conheço esse olhar.

Para ganhar tempo, Ottilia se concentrou na bebida, mas o desejo de falar sobre o que havia acontecido tornou-se forte demais para ser negado.

— Sybilla apresentou a ideia de que o próprio Daniel poderia ter empurrado sua esposa para fora da rocha.

Uma expressão assustada saltou para o rosto de Francis.

— O quê? Certamente não. Por que diabos ele deveria se desfazer de sua esposa?

— Foi exatamente o que pensei, Fan. Não consegui me convencer de que qualquer motivo dele fosse válido.

— Compartilho do mesmo pensamento. Minha mãe deve ter ficado exposta ao sol por muito tempo.

— Oh, mas não acho que ela acredite nisso. Ela está convencida da culpa dessa Protasia, se houver.

Ela recebeu um olhar astuto. — E não está?

Ottilia teve que sorrir. — Gostaria que não fosse capaz de me ler tão facilmente.

— Eu já lhe disse isso antes, você é transparente, minha esposa.

— Espero que só para você, Fan.

Ele abriu um sorriso triste. — Tillie, é um ser caloroso e aberto. Duplicidade não está em sua natureza.

— Não diria isso se tivesse me ouvido falando com a inimiga de Sybilla. Fui vergonhosamente enigmática.

— Muitas vezes é enigmático, minha querida, mas isso não é o mesmo que mostrar seu verdadeiro eu ao mundo, que é o que faz e eu te amo por isso.

Gratificada e comovida, Ottilia sentiu o calor subir-lhe ao rosto.

— Acho que tem uma visão bastante tendenciosa de mim, meu querido.

Ele sorriu, mas recusou morder a isca.

— Diga-me por que não acha que Lady Wem ordenou que alguém de sua família a livrasse dessa Isabel.

Ottilia não tinha certeza de seus motivos, mas antes que pudesse responder, os tons estridentes de sua sogra soaram no corredor externo, falando com um dos criados.

— Diga-me de uma vez, jovem. Minha neta está aí?

Ottilia pousou o café enquanto Francis praguejava, tirando as pernas de cima do banquinho e se levantando.

— Droga, aquela minha sobrinha! O que diabos ela fez agora?

Não menos extenuada, Ottilia sentiu um pouco de exasperação crescer em seu peito. A garota não deveria ter liberdade? Ela poderia simpatizar com o desejo de uma mente viva de explorar fora da existência monótona aberta às

mulheres.

Sybilla continuou falando até entrar na pequena sala. — Se a criança miserável não os está acompanhando, então onde diabos ela está? Não se pode confiar em ninguém hoje em dia. Viro as costas por um segundo e o que acontece?

— E o que acontece, senhora?

Com o coração apertado, Ottilia percebeu a impaciência no tom do marido.

Sybilla jogou as mãos para o alto enquanto avançava.

— Perdida! Desapareceu! Aquela sua criada idiota a deixou sair para passear e ela ainda não voltou. Também não está nas Salas de Reunião, não que eu a autorize a ir lá sozinha, porque mandei Nancy procurá-la lá e também nos Pantiles. A criança miserável está longe de ser encontrada.

Francis revirou os olhos e Ottilia se apressou em intervir:

— Se ela saiu para passear, Sybilla, não duvido que logo estará de volta.

— Sim, mas por que ela não poderia dizer para onde estava indo? Ela está sob minha responsabilidade. O que devo dizer a Harriet se ela se perder?

A nota queixosa traiu sua verdadeira agitação e Ottilia estava prestes a se acalmar quando um som explosivo veio de seu esposo:

— Em Tunbridge Wells? Pelo amor de Deus, Mama, este lugar não é nenhum labirinto. Ela não pode estar perdida.

— Então onde ela está?

— Não duvido que ela volte em breve, Sybilla — interrompeu Ottilia. — Não pode esperar que uma garota com o selo dela fique quieta em casa com eventos tão emocionantes em mãos.

Um brilho veio em sua direção.

— Quer dizer que Elizabeth está seguindo seus passos? Que Deus nos ajude!

— Isso vai servir, senhora!

Sybilla se conteve, mas, para alívio de Ottilia, ouviram-se passos leves no corredor adiante, e a voz de Lizzy chamando seu nome impediu o início de uma briga. O olhar raivoso de Sybilla desviou-se para a porta onde sua neta errante apareceu.

— Tia Ottilia, devo dizer-lhe... Oh! — Lizzy parou, um olhar cômico de consternação saltando em seu rosto quando avistou a avó.

Sybilla não perdeu tempo:

— Onde esteve, senhorita? Como ousa sair sem dizer uma palavra a alguém? Estava morrendo de preocupação!

Normalmente, Lizzy ficaria imediatamente na defensiva.

— Eu disse, vovó. Disse a Nancy que ia dar um passeio.

— Sozinha? Por que não levou sua criada?

— Eu só ia andar no Common.

Sybilla congelou. — É mesmo? Então por que, se é que posso perguntar, estava com aquele caderno de desenho?

Trocando um olhar assustado com Francis, Ottilia interveio: — A senhora

não nos contou isso, Sybilla.

Sybilla fez um gesto de desdém com a mão. — Um detalhe que acabei esquecendo. — Seu olhar ameaçador voltou para o rosto agora escarlate de Lizzy. — O que tem a dizer em sua defesa, senhorita?

Lizzy estava inquieta, desviando o olhar. — É... bem... parecia uma boa oportunidade para... devolver os pertences do Sr. Maplewood.

— Parecia mesmo? Foi visitar o cavalheiro?

— Não! Pelo menos, não diretamente.

— O que quer dizer com não diretamente?

O olhar agonizante de Lizzy foi de Sybilla para Ottilia, que veio imediatamente a seu socorro: — Ouso dizer que pretendia apenas deixá-los na casa, é isso, Lizzy?

Um olhar agradecido foi lançado sobre ela. — Exatamente, tia. Achei que, enquanto caminhava, deveria aproveitar a oportunidade para fazê-lo.

Sybilla parecia um pouco apaziguada. — Sabia que eu ia visitá-los. Poderia ter dado as coisas para mim.

— Não pensei nisso, vovó. — O rubor de Lizzy, que havia começado a diminuir, aumentou novamente. — Acontece que eu... eu encontrei o Sr. Maplewood no Common. Ele estava andando com seu primo. — Seus olhos se voltaram para Ottilia. — O primo enlutado, Daniel.

O interesse de Ottilia aumentou. — Ah, então é por isso que veio até aqui?

— Sim, isso mesmo, para...

— Ainda não terminei contigo, minha garota.

— Oh, vovó, por favor...

— Mama, deixe a menina falar. Ela pode ter descoberto algo importante.

Lançando ao esposo um olhar agradecido, Ottilia acrescentou sua parte:

— Na verdade, Sybilla, eu gostaria de ouvir o relato de Lizzy. Lembra do que estava dizendo na carruagem?

A irritação apareceu no rosto de Sybilla.

— Claro que não me lembro. As travessuras dessa criança tiraram tudo da minha mente.

Lizzy pegou uma das mãos de Sybilla e levou-a ao rosto.

— Eu realmente sinto muito por ter lhe dado um susto, vovó.

— Não tente me confundir, garota.

Mas Ottilia notou que Sybilla não fez nenhuma tentativa de retirar a mão e seu tom foi menos mordaz. Lizzy beijou a mão dela, abrindo um sorriso deslumbrante.

— Pode reclamar de mim mais tarde, vovó, e prometo que não direi uma palavra em minha defesa.

Sybilla grunhiu. — Se dependesse de mim, seu tio lhe daria uma surra, mas ousou dizer que ele se recusaria praticar tal ato.

— Eu deveria. Enfaticamente. Não desejo incorrer na ira de meu cunhado, obrigada, senhora.

— Nem ele sonharia com um processo tão violento, Lizzy — acrescentou

Otilia —, e estou convencida de que sua avó também não disse isso a sério.

A risada gutural de Lizzy soou.

— Oh, eu sei disso, tia. — Ela lançou um olhar travesso a Francis. — Quanto ao meu tio, ele teria que me pegar primeiro.

Sybilla acenou com as mãos.

— Chega dessa leviandade e sente-se. Sente-se, garota, e nos diga o que pensa.

Nada relutante, Lizzy pegou o escabelo que Francis estava usando, colocou-o aos pés de Otilia e sentou-se, momento em que Sybilla já havia ocupado sua poltrona vaga e ele, recuperando seu copo de cerveja, tocou o sino.

— Vinho, Mama?

— Vou tomar o Porto, já que vou ter meu tempo comandado dessa maneira.

— Lizzy?

— Eu ficaria feliz com um pouco de limonada, por favor. Estou com calor por ter voltado apressada. — Ela então se virou para Otilia. — Daniel está totalmente abatido, Lady Fan. Ele está convencido de que alguém de sua família empurrou Isabel daquela rocha.

— Ah! Eu não disse?

Otilia poderia ter rido da mudança instantânea da expressão no rosto da sogra, mas a proposta era intrigante demais.

— Por que ele acha isso?

O lacaio entrou nesse momento e levou alguns minutos para que sua sobrinha pudesse contar a história. Feito o pedido de vinho, Otilia escutou sem comentários o animado relato de Lizzy sobre o que Daniel tinha a dizer, tomando nota da menção da mulher Clarissa. Não era nenhuma daquelas que ela conheceu antes.

— Não pude deixar de sentir pena do pobre homem — concluiu Lizzy —, pois ele está claramente fora de si de tanta dor.

— E, portanto, falando um monte de bobagens, disso não tenho dúvidas — acrescentou Sybilla, com outra reviravolta. — Não se pode levar a sério as divagações de uma pessoa em tal condição.

Francis bufou.

— Decida-se, senhora. Minutos atrás, Tillie me disse que estava convencida da culpa do pobre sujeito.

— Não estou convencida de nada, mas vou expor todas as opiniões que escolher sem incorrer na censura de um filho impertinente.

Seu olhos brilharam.

— Se está disposta a ser tão rabugenta, Mama, então estou disposto a fazer as malas de Otilia para partirmos hoje mesmo.

A batalha foi bastante travada quando Sybilla retaliou. Lizzy fez uma cara cômica para Otilia, que colocou um dedo nos lábios, observando a troca de farpas sem interferir. Estava claro que Sybilla estava se divertindo com a oportunidade de discutir e Francis era tão capaz quanto ela de se controlar.

Otilia teve uma visão repentina de seu esposo como um senhor idoso, igualmente rabugento e irascível, e teve que conter um ataque de riso ameaçador.

Antes que qualquer uma das partes pudesse aniquilar a outra, Tyler entrou com uma bandeja carregada e provocando um silêncio imediato. Francis pegou-a, pousou a bandeja e despejou imediatamente o líquido da garrafa em duas taças. Dispensou o lacaio e levou uma para Sybilla.

— Aqui. Beba isto, pelo amor de Deus, e vamos terminar logo!

Sybilla pegou-a, olhos raivosos ainda estalando, e bebeu. Otilia observou o esposo engolir o conteúdo de sua própria taça em um só gole e julgou prudente apaziguar finalmente.

— Isso é limonada da Lizzy na jarra? Lizzy, por que não...?

— Eu faço isso. — Francis serviu um copo cheio e o entregou à sobrinha, e então tornou a encher sua própria taça e se retirou para o assento perto da janela, voltando seu olhar para a paisagem lá fora.

O clima de desconforto prevalecia. Otilia tentou um tom neutro, voltando ao encontro de Lizzy:

— Qual das mulheres Brockhurst é Clarissa, sabe?

— Só falei com ela uma ou duas vezes. Ela é cunhada de Daniel, esposa de Julius. Ele é o herdeiro.

— Doente.

Otilia virou-se com a observação enigmática de Sybilla.

— Quem está doente, Sybilla?

— O Honrável Julius Brockhurst. De acordo com sua mãe, ele sofreu uma doença após a outra durante toda a sua vida.

— Ah, essa deve ser a criaturinha que conheci hoje. Mary Ann, não é?

Sybilla fez seu gesto desdenhoso habitual.

— Também é uma coitadinha. Imagino que Julius tenha tirado sua constituição do lado dela.

— E Daniel não?

— Não faço ideia. Os Brockhurst não têm o hábito de falar sobre ele. Pelo menos até quando surgiu a briga sobre seu casamento.

Ela estava falando muito mais como sempre e Otilia não podia deixar de ficar ansiosa por seu marido, ainda separado da discussão. Ela notou que Sybilla lançou um ou dois olhares sub-reptícios em sua direção. Ele faria as pazes com ela? A atenção de Otilia voltou-se para Lizzy.

— Tia, acha que Clarissa pode ter sido o canal para um esquema para eliminar Isabel?

Otilia olhou para o jovem rosto ansioso. — Por que pensaria assim?

Uma cor fraca apareceu nas bochechas de Lizzy. — Bem, porque era a única coisa em que o Sr. Maplewood se interessava. Quando Daniel estava falando dela, dizendo que tinha sido simpática e aconselhando-o a levar Isabel a passear e assim por diante, o Sr. Maplewood levantou-se. Ele estava desenhando, sabe, e não prestou atenção porque disse que já tinha ouvido tudo

aquilo antes, e perguntou especificamente se tinha sido Clarissa a sugerir a visita às High Rocks.

O interesse de Ottilia aumentou. — E foi?

— Daniel não conseguia lembrar. — Lizzy examinou o rosto de Ottilia. — Mas não acha que isso mostra que o Sr. Maplewood é suspeito?

— Perguntou a ele?

— Eu não poderia fazer isso. Não com Daniel presente. Mas é perfeitamente claro que ele não suporta a avó. Ele a chamou de réptil.

Um pequeno arrepio sacudiu Ottilia.

— Tenho que confessar que eu mesma a achei parecida com uma cobra.

— Não é de admirar — veio de Sybilla, seu tom impregnado por causa da antiga inimizade. — Protasia sempre foi uma serpente venenosa furtiva, pingando veneno. Ela quase arruinou minha vida uma vez e sua presença está ameaçando mais danos agora, tornando-me cruel. — Ela se virou enquanto falava e estendeu a mão para Francis. — Venha cá, rapaz. Não posso me afastar de você também. Seria muito ruim perder o afeto do meu filho mais velho.

Ele olhou em volta, os olhos escuros sérios, que fizeram o coração de Ottilia se apertar, mas ainda assim hesitou.

Sybilla apertou a mão estendida.

— Vamos, Francis. Venha me dar um beijo. Vou me desculpar por tudo.

Suas feições se suavizaram imediatamente e ele se levantou, inclinando-se para ela. — A culpa não foi toda sua, Mama.

A mão dela tocou o rosto dele e o peito de Ottilia se encheu de emoção com a inusitada umidade visível nos olhos da sogra. A voz de Sybilla estava rouca:

— Sabe bem como eu o valorizo, meu filho. Não dê atenção aos meus melindres, eu o ordeno.

A expressão triste que Ottilia conhecia tão bem se espalhava por suas feições. — Não dou, via de regra. — Ele beijou sua bochecha, se endireitou e olhou para Ottilia. — Acho que fiquei mais chateado com esse negócio do que supunha.

— Todos nós ficamos. — Ottilia o acalmou. — Estar no local quando aquela pobre garota caiu foi desagradável ao extremo.

Lizzy entrou na conversa novamente: — Sim, e isso torna ainda mais imperativo descobrir se foi intencional.

Para consternação de Ottilia, ela viu não apenas o olhar de Lizzy sobre ela em questão, mas também o de seu esposo e Sybilla. Como se ela soubesse. Ela recuou.

— Não me olhem desse jeito.

Francis ergueu uma sobrancelha.

— E por que não? Não precisa fingir que já não tem uma opinião formada. Não esqueci que, quando minha mãe invadiu o cômodo, estava prestes a me dizer por que acha que essa Protasia não ordenou o ato.

Isso trouxe Sybilla ao jogo: — É mesmo? Ora, e por que não? Tem o carimbo dela por toda parte.

Lizzy estava ansiosa. — Lady Fan ataca novamente! Tem uma noção de quem foi, não tem?

— Não tenho. Como poderia? Nem conheço essas pessoas.

— Mas não gosta da viúva Lady Wem por isso, não é, meu amor?

Ottília suspirou e capitulou.

— Muito bem, se tem, eu não. Uma mulher tão despótica quanto ela, parece-me não precisar se rebaixar ao assassinato, vicário ou não.

— Por que não? — perguntou a sogra. — Ela é má o suficiente.

— Então, ela pode ser mesmo, mas sua regra é absoluta. Daniel disse à Lizzy que ela queria anular o casamento. Estou convencida de que ela é do tipo de pessoa que estaria confiante em realizar seu desígnio de se livrar da esposa inadequada de seu neto sem recorrer a arranjar sua morte.



Capítulo 5

O grande salão para reuniões estava lotado demais para o conforto de Ottilia. Com seu casamento, veio o ambiente desconhecido da alta sociedade, rica em ociosidade e empenhada em manter o tédio sob controle em uma sucessão de passatempos que ela considerava tediosos. Mas as pessoas sempre foram de seu interesse e, a informação transmitida com grande entusiasmo por Lizzy Fiske na manhã daquela quarta-feira, de que um bando de Brockhursts havia invadido as Salas, trouxe seu interesse para a cena.

— Não sei o que espera descobrir se não pretende se misturar — reclamou seu relutante esposo, tendo encontrado cadeiras um pouco afastadas da multidão, levado para dentro com o tempo finalmente se transformando em uma tempestade na noite e deixando o ar úmido, o céu opaco e os Passeios ainda molhados com uma pilha de guarda-chuvas decorando o vestibulo das Salas.

A posição do Fanshawe ainda permitia uma visão abrangente da reunião dos Brockhursts nesta extremidade da sala espaçosa e Ottilia lançou a Francis um olhar travesso.

— Dependo de pelo menos um deles vindo até mim.

— Por causa de suas dicas na outra manhã?

— Exatamente.

Nesse ponto, porém, todos os membros visíveis da família pareciam estar envolvidos com aqueles que pretendiam oferecer condolências. Ou satisfazendo a curiosidade. Ottilia repreendeu-se internamente pelo pensamento cínico. Seria ela culpada?

A viúva Lady Wem, desafiadora em púrpura apesar de seu cuidado com as aparências, ocupava um assento central proeminente, com as mesmas três mulheres sobre ela. Elas estavam acompanhadas por vários homens, que estavam em atitudes sugestivas de guardas prontos para se defender de ataques indesejáveis. De fato, cada um parecia se envolver com um fluxo constante de simpatizantes, enquanto outros conseguiam escapar para enfrentar a matriarca.

— Estão todos sob excelente controle — observou Ottilia. — Ela é como um mestre de marionetes.

Francis seguiu a direção de seu olhar.

— Lady Wem? Pior que minha mãe, não acha?

— Oh, ela é muito mais autoritária. E ela não tem coração. — O lembrete fez com que Ottilia vasculhasse o local. — Onde está Sybilla? Lizzy não disse que a deixou aqui?

— Onde acha que ela está? — O tom lacônico de Francis continha uma leve diversão. — Nem mesmo este evento emocionante poderia manter Mama longe das mesas de whist.

Ottilia teve que rir. — Ela deve ter descoberto velhos comparsas aqui então.

— Ou fez novos. O lugar está repleto de moradores de anos semelhantes. Aqui está Lizzy novamente. Ela saberá se isso lhe interessa.

Sim, mas não tanto quanto o jovem que se aproximava na companhia de Lizzy. Ele era um sujeito de estatura mediana, vestido um pouco mais casualmente do que a moda ditava com uma sobrecasaca marrom sobre uma calça amarela, um lenço vermelho amarrado no pescoço no lugar de uma gravata e cabelos desgrehados soltos sobre um semblante comum, mas com um par de olhos interessantes, ao mesmo tempo brilhantes e bem-humorados, que se fixaram em Ottilia enquanto o par se aproximava.

Ottilia notou o brilho ofegante que caracterizava Lizzy quando ela empurrou seu companheiro para frente.

— Este é o Sr. Maplewood, tia. Ele queria conhecê-la.

Francis se levantou. — Então nos apresente-o apropriadamente, Lizzy.

A garota corou um pouco. — Oh, sim, sir, me perdoe. — Ela se virou para o jovem com um olhar cheio de malícia. — Viu como me infectou, Sr. Maplewood? Ele é um artista, como deve saber, e é por isso que ele não acha que cabe a ele se conformar com as convenções.

Os lábios do Sr. Maplewood tremeram.

— E no entanto, é a senhorita, Lady Elizabeth, quem está falhando em seu dever.

— Só porque me provoca a me comportar mal, sir.

A nota indignada foi pronunciada e as suspeitas de Ottilia se aprofundaram. Lizzy estava apaixonada? O objeto de sua fantasia não deu sinais de embaraço, mas Ottilia viu um brilho nos olhos dele quando se virou para ela.

— Apresente-me, por favor, Lady Elizabeth.

— Lady e Lorde Francis Fanshawe. Sr. Maplewood.

— Um pouco relutante, mas servirá. Como vai, minha lady? — Ele fez uma reverência, ignorando o resmungo de aborrecimento que emanava de sua vítima, e assentiu para Francis. — Milorde.

Ottilia foi obrigada a reprimir uma risadinha diante do espanto no rosto do esposo, mas ele respondeu em um tom normal:

— Acho que é parente dos Brockhursts?

— Pelos meus pecados, sir. Via de regra, mantenho-me bem longe, mas minha estimada avó exige que eu exerça minhas habilidades em um grupo familiar. O dever me chamou aqui.

A tendência era tudo menos obediente. Ottilia lembrou-se de Lizzy falando sobre sua antipatia pela viúva Lady Wem. Lizzy entrou na conversa antes que ela ou Francis pudessem responder:

— Conte a eles sobre as suspeitas de Daniel, Sr. Maplewood.

Ele voltou um olhar irônico para ela. — Pensei que já tinha feito isso.

— Eu só mencionei o que ele disse ontem quando conversamos juntos.

— Então já ouviram tudo — disse o Sr. Maplewood, voltando-se para Ottilia. — Meu primo está pronto, talvez compreensivelmente, para acusar todo mundo de ter roubado sua esposa.

— Mas o senhor não acredita nisso?

Ele deu de ombros. — Não sei em que acreditar, Lady Francis. Dan está aflito e incoerente na maior parte do tempo. Não se pode aceitar seus delírios nesse estado.

— Imagino que não — interveio Francis. — Não seria melhor para ele se retirar da vizinhança? Permanecer aqui, com certeza deve mantê-lo em sofrimento.

— Ele não vai, tio Francis. O Sr. Maplewood tentou persuadi-lo, não foi?

O jovem fez uma careta.

— Pior: ele continua insistindo para eu levá-lo de volta às High Rocks porque quer reviver a cena, não consigo nem imaginar.

— Porque ele deseja desfazê-la — disse Ottilia, expressando seu pensamento em voz alta. Ela sorriu para o Sr. Maplewood. — Atrevo-me a dizer que ache isso frustrante, sir, mas suponho que seu primo esteja se sentindo culpado.

As sobrancelhas do Sr. Maplewood se juntaram e baixou a voz:

— Dan não a empurrou; disso estou tão certo quanto estou aqui.

— Se tivesse, sir, preferiria evitar o lugar, mas está dizendo que quer voltar lá.

Lizzy agarrou o braço do jovem. — Viu só? Não disse que Lady Fan desvendaria isso em um piscar de olhos? — Ela o soltou. — Vamos, tia Ottilia, o que mais?

O Sr. Maplewood não falou, mas seu olhar permaneceu no rosto de Ottilia em uma pergunta muda. Ela abriu as mãos.

— Não tenho mais nada a dizer, sir.

— Mas o que acha, tia?

Ottilia suspirou. — Acho que não se pode dar muita importância às acusações do Sr. Daniel Brockhurst.

— Mas a família odiava o casamento dele, não é, Sr. Maplewood? — Lizzy lançou um olhar sério para os membros da família Brockhurst, mas para alívio de Ottilia, nenhum deles mostrou disposição para notá-los.

O Sr. Maplewood não respondeu, apenas manteve o olhar fixo como se esperasse o que mais Ottilia tinha a oferecer. Ela se sentiu compelida a dizer mais, refletindo que este homem poderia ser um contraste útil para a natureza impulsiva de Lizzy.

— Parece-me, sir, que seu primo está procurando algum meio pelo qual possa erradicar o passado. Impossível, claro, mas uma manifestação comum de pesar provocada por uma morte tão violenta e repentina. Ele tem que lidar com isso à sua maneira, não acha?

O Sr. Maplewood assentiu, finalmente relaxando seu olhar firme e olhando para Lizzy.

— Fala com bom senso, minha lady. No entanto, Lady Elizabeth também não está descontrolada. Dan sofreu cruelmente nas mãos de minha avó por causa de sua má aliança. Ela nem mesmo reconhecia a presença de Isabel com uma palavra. A dor de Dan é agravada pelo ressentimento e a ideia de um dos nossos ter empurrado Isabel não é tão absurda quanto pode parecer à primeira vista.

Ele havia falado em um tom ainda mais baixo do que antes e Ottilia teve que se inclinar para frente para entender as palavras. O interesse aumentou e ela olhou para Francis.

— Existe outra cadeira ou duas por perto? — acrescentou, enquanto seu esposo se afastava: — Sente-se comigo um pouco, Sr. Maplewood. Meu marido vai encontrar uma cadeira para Lizzy.

Um súbito sorriso iluminou o rosto do Sr. Maplewood, iluminando-o de uma forma que deu a Ottilia um vislumbre de sua atração por sua sobrinha.

— Lizzy? — O Sr. Maplewood virou-se para ela com uma provocação inconfundível na voz. — Eu a chamaria de Eliza.

Lizzy ficou boquiaberta, corou e riu. — Eliza? Pelo amor de Deus, por quê?

— Considero sua propensão para travessuras. Lizzy é um nome doce demais para a senhorita.

— Criatura odiosa, como ousa? Ele é muito provocador, tia.

Ottilia teve que rir. — Bem, ele certamente é direto. E infelizmente a avaliou com alguma precisão.

Lizzy deu uma gargalhada contagiante e Ottilia ficou intrigada ao ver como os lábios do Sr. Maplewood se contorceram em diversão. Havia calor em seus olhos? Isso se tornou um jogo digno de exame. Sybilla percebera o que estava acontecendo debaixo de seu nariz? O pensamento fugaz de que sua cunhada Harriet provavelmente não aprovaria um pretendente sem título, deu lugar a um interesse renovado na morte de Brockhurst quando Francis trouxe mais duas cadeiras e o Sr. Maplewood se acomodou ao lado dela.

Ottilia não perdeu tempo:

— Quem da sua família estava sobre a rocha quando a esposa de Daniel caiu, Sr. Maplewood?

— Eu não estava lá, minha lady, mas quando cheguei a Dan, o pai dele e meu tio Godfrey estavam com ele. E Julius também, irmão de Dan.

Ottilia gostou da facilidade de resposta, direta e aberta. Ele e Lizzy combinariam admiravelmente nesse aspecto.

— Lembra-se de mais alguém?

— Seu primo Marcus estava lá — acrescentou Lizzy —, pois ele falou conosco depois que o restante foi embora.

O Sr. Maplewood a olhou com uma expressão pensativa.

— Eu não o notei. Nem juraria que uma ou duas de minhas tias estavam presentes. Ou... Espere! Lembro-me vagamente de um vislumbre fugaz de minha tia Berta. No entanto, agora não posso ter certeza. Minha atenção estava totalmente em Dan na hora. — Ele voltou seu olhar para Ottilia enquanto falava: — Há muito tempo somos amigos e também primos. Tenho alguma influência sobre ele.

— Mas não o suficiente para impedi-lo de se casar com o tipo errado de mulher?

Um grunhido emanou do jovem. — Eu desconhecia suas intenções. E eu não teria tentado dissuadi-lo se tivesse conhecimento deles. Não sou um Brockhurst, minha lady. Não compartilho dos preconceitos do resto da minha família.

Havia um tom duro em sua voz e Ottilia não teve dificuldade em adivinhar sua falta de afeição pelo ambiente da família Brockhurst.

— É franco, sir — observou Francis. — O acidente do nascimento muitas vezes pode ser um fardo.

O Sr. Maplewood soltou uma risada curta.

— Pode muito bem dizer isso, sir. Em geral, porém, não me deixo perturbar por eles.

Isso argumentou uma tendência egoísta? Ottilia não pôde evitar olhar para Lizzy, que estava sentada observando o Sr. Maplewood com um sorriso singularmente tolo no rosto. Demonstrando seus sentimentos, criança boba. De bom grado, Ottilia poderia tê-la abalado. Ela fez uma nota mental para ter uma conversa criteriosa com a garota.

Antes que ela pudesse fazer qualquer outra pergunta, uma voz violenta cortou o burburinho geral da Assembleia:

— Assassinos! Demônios! Não podem nem chorar por ela!

— Oh, meu Deus, é o Dan!

O Sr. Maplewood levantou-se no momento em que o homem de olhos arregalados surgiu entre as pessoas assustadas, o belo rosto devastado, contorcido enquanto gritava sua dor para o mundo todo.

— Todos aqui farreando enquanto minha Isabel jaz fria no escuro.

— Droga, eu nunca deveria tê-lo deixado!

Quaisquer outros murmúrios do Sr. Maplewood foram perdidos enquanto ele se dirigia para a confusão e, em seguida, afogados pelo tumulto que irrompia no círculo da família Brockhurst.

— Cale-se, sir! Perdeu a cabeça?

— Daniel, pelo amor de Deus, segure a língua!

Dois dos homens avançaram na direção do rapaz enquanto ele avançava, sem se importar com os pescoços esticados e os olhares ávidos, com as cabeças e os ombros saindo do alcance enquanto ele passava, ainda gritando

imprecações acusadoras:

— Mataram-na! Empurraram-na! Todo mundo sabe disso. — Ele lançou um gesto selvagem sobre as pessoas mais próximas, derrubando um chapéu no processo. — Sabem disso! Todos estão sussurrando isso, não é? Não estão? Hein? A minha Isabel foi morta pelas mãos deles. Morta, ouviram? Morta, massacrada, assassinada!

Com isso, várias mãos seguraram o homem. Ou tentaram. Ottilia viu como sua condição delirante lhe deu força suficiente para despistá-los.

— Seria melhor se o deixassem em paz.

Ela não percebeu que foi ouvida sob a cacofonia contínua até que Francis respondeu:

— Não se pode culpá-los por tentar calar a boca do sujeito.

— Pobre homem. Pobre, pobre homem!

A voz rouca fez Ottilia virar a cabeça.

— Está chorando por ele, Lizzy?

Lizzy virou os olhos para Ottilia. — Ele está louco de tanta dor, tia. Eles não conseguem enxergar isso?

Era evidente que esse aspecto da questão pesava pouco para os Brockhurst. Agora havia três homens maltratando o rapaz em um esforço para tirá-lo dos olhos do público. E falhando miseravelmente.

— Parece que até o seu Sr. Maplewood não terá sucesso desta vez.

— Ele não é meu Sr. Maplewood. — Mas a indignação foi substituída por um gemido. — Se eles apenas o deixassem se manifestar, ele poderia fazer a diferença.

— Não vão — afirmou Francis. — É muito embaraçoso e muito público.

A voz rouca ainda gritava assassinato, mas foi silenciada agora que o choque inicial diminuiu o suficiente para que os espectadores comessem a murmurar entre si. Todos os olhos ainda estavam voltados para a luta e, no entanto, Ottilia apenas captou o brilho roxo na periferia de sua visão antes de reconhecer a viúva Lady Wem.

— Bom Deus, a mulher está entrando na briga?

Ottilia não respondeu, com o olhar fixo na figura atarracada que avançava para enfrentar o rapaz, ainda se contorcendo e gritando enquanto tentava se livrar de seus captores. Lady Wem aproximou-se de Daniel e deu-lhe um tapa na bochecha. Surpreso, ele congelou.

Tão repentina e chocante foi a visão que aqueles dentro do alcance ficaram em silêncio e a onda de murmúrios morreu rapidamente. No silêncio veio a clara voz de comando da matriarca de Brockhurst:

— Vai parar com essa exibição repugnante imediatamente. Vá para casa. Vou lidar contigo agora.

Uma eternidade se passou enquanto ela sustentava o olhar de Daniel. Ottilia não conseguia desviar o olhar. Ela o viu piscar e pensou que ele estava prestes a se render.

Então Daniel Brockhurst levantou a cabeça desafiadoramente e, com clara

deliberação, cuspiu no rosto da avó.

Pareceu a Ottilia que o mundo parou por um tempo enquanto olhos jovens e idosos lutavam pela supremacia. Então Lady Wem deu meia-volta e caminhou de volta para seu grupo familiar, um a um parado como estátuas congeladas. Concentrada em observar a mulher, Ottilia não percebeu o que acontecia na cena da batalha até que Francis falou:

— Maplewood finalmente o soltou.

Ottilia desviou o olhar da matriarca, quase obscurecido agora pelas mulheres reunidas ao seu redor. Lealdade? Ou apenas conveniência e tão perdidas no drama quanto o resto do mundo que tagarelava?

Agora não havia sinal de Daniel, mas os dois homens mais velhos estavam conversando em voz baixa na entrada. Lorde Wem e seu irmão?

— A senhora consegue acreditar, tia? Lady Wem está sentada novamente. Depois de tal exibição?

O olhar de Ottilia voou para trás. A viúva vestida de púrpura realmente havia retomado seu assento, sua expressão extremamente indiferente. Suas companheiras também estavam se acomodando novamente, embora Berta Brockhurst e a nora mais robusta parecessem desconcertadas. A terceira estava enterrada em um lenço de bolso. A mãe de Daniel? O grupo também foi aumentado por dois homens.

— Quem são esses jovens cavalheiros, Lizzy, conhece-os?

A sobrinha franziu a testa. — Aquele mais alto é o terrível Marcus. O outro é o irmão mais velho de Daniel, Julius. Pensaria que pelo menos ele poderia ir atrás do pobre Daniel.

— Aquela mulher que está desolada é a mãe dele, não é?

— Refere-se à jovem Lady Wem? Só que ninguém na família a chama assim. O Sr. Maplewood diz que todo mundo só fala dela como Mary Ann e ela está sempre chorando.

— Bem, se o que acabamos de testemunhar é uma amostra da vida naquela casa, sem dúvida que há motivos.

— Sim, e o Sr. Maplewood diz que ela se preocupa constantemente com a saúde de Julius. Mais do que Clarissa.

Ottilia ainda estava avaliando os rapazes, mas voltou a olhar para as mulheres. — Está falando da esposa de Julius? Ela não parece estar presente.

— Está sim. — Lizzy indicou um grupo de pessoas paradas do lado de fora da entrada da sala de jogos. — É ela, a jovem que está falando com a vovó.

— Ah! Eu deveria saber que minha mãe não perderia tal cena. Com certeza está sondando a garota.

Ottilia teve que sorrir. — Sem dúvida, Fan. Esperemos que ela descubra algo útil.

— Pelo amor de Deus, Tillie! Você não está pensando em se envolver com essa gente, está? Depois de tudo isso?

— Oh, acho que haverá repercussões, não é?

— Não precisa parecer tão ansiosa.

A risada gutural de Lizzy soou. — Não menos que eu, sir. Estou positivamente ansiosa. Não acredito que Lady Wem esteja satisfeita em permanecer nas Salas depois de tal espetáculo.

Otilia examinou a viscondessa viúva, toda majestosa em sua pose de indiferença. — É para provar a força de seu caráter que ela faz isso.

— Céus, tia, a senhora está dizendo que a admira?

— Perdoe-me, mas não acredito que tenha dito tal coisa. Eu não gostava muito dela, mas admito que ela possui muita coragem.

— Ou ela é apenas arrogante demais para se importar com os olhares dos curiosos?

— Acho que não, Fan. Se fosse esse o caso, suspeito que ela teria deixado o local com bastante desdém. O fato de ela continuar enfrentando isso demonstra uma espécie de coragem desafiadora. Ela nos desafia a questionar a cena que todos nós testemunhamos. — Otilia finalmente desviou o olhar do grupo e encontrou o olhar carrancudo de sua sobrinha sobre ela. — Que foi, Lizzy?

Um suspiro veio. — Nunca serei capaz de imitá-la, Lady Fan. Como consegue ver essas coisas?

Francis ergueu uma sobrancelha. — Não entende sua tia, criança. Ela é uma estudante da natureza humana.

Apressada em ouvir o tom de orgulho, Otilia sentiu o habitual rubor de constrangimento e desistiu imediatamente.

— Não tenho poderes especiais, Lizzy. É apenas um truque de observação.

Um bufo veio de Francis. — É muito mais do que isso e sabe, Tillie. Não me considero um tolo de forma alguma, mas é muito melhor do que eu na maior parte do tempo.

— Oh, bobagem, Fan, se eu puder pegar essa fala emprestada de Sybilla. — Otilia se sentiu travessa. — E no restante do tempo? Não me supera com muita frequência?

Ele sorriu. — Porque aprendi como sua mente funciona. — Ele se virou para Lizzy, que olhava de um para o outro com ar intrigado. — Não dê atenção a ela. Ela vai se aprofundar nisso em algum momento. — Ele apontou um dedo para ela. — Mas, Senhorita Intrmetida, é melhor ficar fora disso.

Lizzy acenou com as mãos agitadas. — Não adianta me dizer isso, tio Francis, porque não poderei.

— Não, porque não quer.

Otilia interveio: — Vamos, Fan, é demais esperar que a pobre Lizzy não esteja louca por mais. Atrevo-me a dizer que o Sr. Maplewood ficará feliz em satisfazer sua curiosidade no devido tempo.

Isso trouxe rubor às bochechas de Lizzy e Otilia escondeu um sorriso, no entanto, a garota agarrou-se a isso:

— Ele vai, sim. E não hesitarei em lhe perguntar. A senhora sabe que ele não é como o resto deles.

Francis ergueu os olhos, mas Otilia o interrompeu antes que ele pudesse

fazer qualquer comentário:

— Estou me perguntando por que a Sra. Maplewood não está entre os presentes.

— Porque ela é tão rebelde à sua maneira quanto o Sr. Maplewood. Pelo menos, é o que eu suspeito. Parece-me que ela os evita. Certamente nunca a vi com os Brockhurst antes de tudo isso acontecer.

— Ela não frequentava as Salas? Como então a conheceu?

— Eu não a conheci, não oficialmente, mas eu a vi andando nas Pantiles com o Sr. Maplewood.

Otilia olhou para ela.

— Ele não pensou em apresentá-la?

Lizzy pareceu despreocupada. — Oh, não tinha como. Eu os vi da janela de nossa sala.

Outro bufo emanou de Francis.

— Quer dizer que estava saindo com o propósito de cuidar do sujeito. — Ele lançou um olhar severo e fingido a sua sobrinha, cujas bochechas estavam em chamas. — Se devo ficar no lugar de seu pai, minha pequena, peço permissão para dizer que tal conduta não será adequada. Um pouco de modéstia virginal não cairia mal.

Lizzy fez uma careta.

— Oh, que coisa triste, sir. Quer que eu sorria como uma lady pão com manteiga? Recuso-me a fazer algo tão insignificante.

Otilia viu-se alvo de um olhar exasperado de Francis.

— Cansei. Tente trazê-la à razão.

Ela colocou a mão sobre a dele.

— Não se preocupe, Fan. Suspeito que o Sr. Maplewood está bastante impressionado com as maneiras ousadas de Lizzy.

— Ele não tem boas maneiras, então não pode esperar nada de mim — disse Lizzy, desafiadoramente. — Além disso, é ridículo da parte de os dois suporem que existe alguma coisa... quero dizer, que eu... que ele... Ah, a vovó está vindo — concluiu, com um tom nítido de alívio.

Otilia lançou um olhar travesso para o esposo e balançou levemente a cabeça. Ele ergueu as sobrancelhas, mas felizmente Sybilla chegou até eles antes que qualquer coisa mais pudesse ser dita. Ela provou estar em modo triunfante.

— Agora viram claramente que tipo de mulher é essa. Já testemunharam algo assim?

Passaram-se alguns minutos antes que Otilia pudesse interromper a animação da sogra sobre a exibição pública, dita com claro deleite. Otilia não pôde deixar de se perguntar novamente sobre o motivo dessa inimizade duradoura, mas ela tinha um interesse mais premente. Ela fez a pergunta assim que conseguiu falar:

— O que essa Clarissa tem a dizer sobre tudo isso, Sybilla?

Sybilla acenou com a mão. — Oh, ela estava empenhada em inocentar o

ser miserável.

— Quem? Daniel?

— Ele também, Francis, mas me referi àquela monstruosidade vestida de roxo. Clarissa vai entender que ela agiu por preocupação. Sim, preocupação com o que as pessoas possam pensar.

— É compreensível — disse Ottilia, em tom tranquilizador. — Foi constrangedor.

Sybilla bufou.

— Então ela não precisava ter acrescentado mais nada. Embora Clarissa protestasse, seu cunhado precisava de um choque para trazê-lo de volta à razão. “É tudo muito, muito angustiante — Sybilla a imitou, com uma voz afetada. — “E todos nós sentimos muito, muito pelo pobre Daniel.” Mentira! Eles são todos contra o menino, já deixaram isso bem claro.

Ottilia franziu a testa para a sobrinha, pois Lizzy dava todos os sinais de cair na gargalhada ante o tom imitador da avó. Mas Lizzy mostrou-se irreprimível, borbulhando enquanto falava:

— A senhora a imitou muito bem, vovó. É assim que Clarissa fala.

— Ela também é uma idiota de cabeça vazia.

— Ou uma conspiradora ambígua. — Ottilia então desejou ter segurado a língua, pois percebeu que ficou sob o brilho repentino do olhar de Sybilla e Lizzy, e imediatamente ficou séria.

— Então acha que eles são culpados!

Ottilia voltou atrás apressadamente: — Apenas disse um pensamento em voz alta.

— Mas foi Clarissa quem fingiu ser amiga de Isabel.

— Não sabemos se era fingimento.

— A senhora acabou de dizer que ela estava fingindo quando falou com a vovó.

— Por favor, criança! Tem que aprender a distinguir entre suposição e fato. Ottilia não fez tal declaração.

Embora feliz por ser poupada de ter que dizer isso, Ottilia ainda sentia pena de sua sobrinha, que parecia desanimada. Na realidade, era melhor deixar passar. Exceto que ela não tinha permissão para fazê-lo.

— No entanto, gostaria de saber exatamente o que quis dizer, Ottilia.

— Ela já lhe disse, Mama — interrompeu Francis. — Sabe que a mente dela é um raio. Ela estava dando saltos. Ouso dizer que ela ainda não sabe o que quis dizer. — Ele se virou para Ottilia com um olhar irônico enquanto falava.

Ela não conseguiu segurar a risada.

— Verdade, Fan, não falei com a mulher, então é impossível afirmar isso, mas ela, pelo menos, conversou com essa pobre Isabel. Ela pode ter alguma noção de seu estado de espírito.

Sybilla ficou encarando-a. — E isso tem a ver com alguma coisa?

— Não está supondo que ela realmente se jogou daquela pedra, está, tia?

Ottília estalou a língua. — Eu disse isso? Estou apenas explorando todos os caminhos. Pode-se julgar pouco sem chegar a entender o caráter dos envolvidos.

— Se quer ouvir sobre Isabel, o Sr. Maplewood a conhecia — ofereceu Lizzy, mas não sem um leve rubor surgindo em suas bochechas.

Seu nome provocou uma lembrança na mente de Ottília.

— Ou a mãe dele. Ela deve conhecê-los bem. Talvez eu possa cultivar o conhecimento da Sra. Maplewood.



Capítulo 6

Uma batida à porta invadiu os sonhos de Ottilia e parou. Sussurros vagos cutucaram sua mente. E então um sussurro e uma mão tocaram seu ombro:

— Milady! Milady!

Ottilia acordou sobressaltada. O rosto jovem de sua criada pairava sobre ela e ela lembrou que estava muito quente para fechar as cortinas da cama.

— Joanie?

— Lamento acordá-la, milady, mas ela diz que é urgente.

Uma pergunta fazia cócegas na mente de Ottilia, que ainda estava envolta pelas brumas do sono, fazendo-a se sentir lenta. Havia cedido à persuasão de sua sobrinha para comparecer ao baile de sexta-feira e a madrugada cobrou seu preço. Ela olhou para a forma adormecida ao lado dela e depois para os feixes de luz que deslizavam pelas persianas parcialmente abertas. Ela lutou para se apoiar no cotovelo.

— Que horas são?

— Apenas seis, milady. Tentei dizer-lhe para vir mais tarde, mas ela recusou. Disse que tinha que vê-la imediatamente.

As palavras murmuradas em voz baixa lhe causaram apreensão e a identidade tornou-se primordial quando Ottilia empurrou as cobertas e jogou as pernas para fora, sentando-se.

— É a Lady Elizabeth? Ela veio por causa de Lady Polbrook? Minha sogra está bem?

Joanie foi buscar seu roupão, mas sibilou.

— Não é uma jovem, milady, é uma dama.

Sybilla? Não, ela mesma teria entrado no quarto. Então quem no mundo queria vê-la às seis da manhã? Ela se levantou, ainda um pouco desorientada, e permitiu que Joanie a ajudasse a vestir o roupão.

— Ela falou seu nome?

— Não, milady, apenas disse que a senhora era necessária.

Perplexa, Ottilia amarrou a faixa de seu roupão, puxou o cabelo solto para trás o melhor que pôde e caiu sentada de volta na cama para enfiar os pés nas pantufas que estavam com Joanie.

— O que diabos está fazendo, Tillie?

Ela se virou para encontrar Francis apoiado no cotovelo e piscando os

olhos para ela. Ottilia estendeu a mão.

— Não se preocupe, Fan. É apenas alguém com algum recado.

Ele olhou para a janela e para trás.

— Tão cedo? É a Mama?

Ela ouviu a ansiedade instantânea e se apressou em negar:

— Joanie me disse que não, Fan. Deixe-me descobrir o que é tão urgente

e...

— Urgente? Quem é essa pessoa?

— Não faço ideia — disse Ottilia, levantando-se —, mas Joanie diz que ela é uma dama, então terei que ir ver o que ela quer comigo.

Francis caiu para trás com um gemido.

— Oh, meu Deus, o que será agora?

Ottilia achou prudente escapar antes que Francis pudesse irromper em mais protestos. Ele estava fadado a ficar irritado por ser acordado muito cedo, especialmente depois de ter sido forçado a dançar na noite anterior, um passatempo do qual nunca gostou muito, muito menos da sugestão de problemas fermentados.

— Ela está na sala, milady — disse a criada, ainda sussurrando enquanto fechava a porta do quarto atrás de Ottilia.

— Obrigada. — Ela pensou na necessidade de alívio imediato. — Poderia providenciar um café, por favor, Joanie? E providencie para que a água quente seja trazida o mais rápido possível.

A criada dirigiu-se para a escada e Ottilia deslizou pelo vestíbulo e entrou na sala.

Uma mulher estava parada perto da janela, olhando para o que parecia ser um dia felizmente claro, mas ela se virou quando a porta se abriu, mostrando a Ottilia um rosto levemente familiar, porém marcado pela ansiedade.

— Senhora? A senhora queria falar comigo? — A mulher não se mexeu de imediato, mas ficou parada, mexendo a boca como se não soubesse como proceder. Ottilia tentou novamente: — Perdoe-me por recebê-la vestida assim. Pelo que entendi, sua necessidade é urgente, é isso mesmo?

Finalmente a mulher falou, sua voz rouca com uma ansiedade atormentadora:

— Sim, é urgente. Não sabia mais o que fazer. Dizem que entende dessas coisas. — Então ela se aproximou com uma mão estendida. — Ouso dizer que vai me achar fantasiosa, mas não posso deixar isso passar, não desta vez.

Ottilia pegou a mão dela, consciente de que a mulher estava em frenesi, e tentou acalmá-la:

— Acalme-se, senhora, acalme-se. Posso saber seu nome primeiro?

A mulher levou a mão livre à cabeça.

— Ah, que cabeça a minha. Sim, perdoe-me, é que ando tão sobrecarregada que nem estou conseguindo pensar direito. Meu nome é Annis Maplewood.

A feição imediatamente ficou clara na mente de Ottilia.

— Ah, claro. Nós nos conhecemos sobre o corpo de sua pobre sobrinha. —

As palavras saíram antes que ela pudesse detê-las. *Acorde, Ottilia!* Ela apertou a mão. — Perdoe-me. Isso foi desajeitado.

— Mas é verdade. E o que me disse nessa ocasião não pôde deixar de ecoar em minha mente durante esses últimos dias. E agora... não posso ignorar isso. Não posso, de verdade.

A cena nas Salas de Reunião saltou à mente de Ottilia, mas isso tinha sido há três dias. Nada foi visto dos Brockhursts no tempo intermediário e os boatos diziam que a viúva Lady Wem os mantinha encarcerados até o momento em que o episódio fosse esquecido ou substituído por alguma outra ocorrência escandalosa. Então isso não poderia ter motivado tal visita. Nem a agitação e aborrecimento da mulher que a confrontava.

— O que há de errado, Sra. Maplewood?

A visitante soltou a mão e a puxou, inquieta.

— Nem sei por onde começar. Como falar em voz alta sobre uma suspeita tão sombria?

Ottilia foi até ela.

— Não quer se sentar, senhora?

— Prefiro ficar de pé. Estou muito inquieta para me sentar.

— Muito bem, mas fale, eu imploro. O que a está incomodando para vir até mim tão cedo?

A Sra. Maplewood estendeu a mão.

— Oh, porque se eu estiver certa, a senhora terá que ir imediatamente, certo? Terá que ver por si mesma antes... — Ela levou as costas da mão à boca enquanto ofegava.

Ottilia infundiu um pouco de comando em seu tom:

— Antes do quê?

Ela respondeu apressadamente:

— Antes que consigam encobrir a verdade. O médico foi chamado, é claro, mas não há nada que ele possa fazer.

Um vislumbre do problema transformou-se rapidamente em uma certeza.

— Alguém morreu, é isso?

Os olhos da Sra. Maplewood se encheram de lágrimas e sua voz ficou embargada:

— Daniel.

O horror tomou conta de Ottilia.

— O rapaz enlutado?

Lágrimas escorriam pelo rosto da mulher, mas ela as ignorou.

— Ele foi encontrado por um criado, que deu o alarme.

— Encontrou como? Quero dizer, onde ele foi encontrado?

— Na cama dele. Ele está deitado lá, frio e imóvel. — Sua voz estava embargada novamente. — Eu o vi. Foi horrível. Ainda pior do que a morte de Isabel.

Ottilia manteve seu tom tão frio quanto pôde, embora a condição oprimida da mulher fosse comovente.

— Tem alguma ideia de como ele morreu?
— Nenhuma.
— Havia algum sinal de, perdoe-me a franqueza, de distorção em seu rosto? De sofrimento?

A Sra. Maplewood estremeceu.

— Isso que é pior. Não há nada. Ele parece estar dormindo.

Sem violência então? Envenenado? Láudano? Não iria adiantar nada ficar fazendo perguntas. Estava claro que sua visitante não sabia o que procurar. Ela estava limpando a umidade de suas bochechas.

— A casa está em alvoroço. Estão dizendo que ele tirou a própria vida.

— Por causa de Isabel?

A Sra. Maplewood segurou suas mãos.

— A senhora tem que vir comigo, Lady Francis. Tem que vê-lo com seus próprios olhos. Dizem que ele estava louco de tanto sofrimento, que não tinha mais nada pelo que viver, mas não é verdade. Afinal, tem a Pretty.

O nome era novo para Ottilia, mas ela não teve chance de perguntar por que a voz da Sra. Maplewood, ganhando força, tornou-se frenética:

— Pode perceber essas coisas, não pode? Saberá se eles estão mentindo. Pensei na senhora no momento em que a vi, pois estava certa sobre Isabel em todos os detalhes. — O aperto dela nas mãos de Ottilia era tão forte que doía.
— Lady Francis, não acredito que ele tenha se suicidado.



A extraordinária chegada de seu tio enquanto ela e sua avó tomavam o café da manhã surpreendeu Lizzy.

— Meu Deus, tio Francis! Nunca pensei que o senhor se aventurasse para fora do quarto a uma hora dessas.

— Garanto que a escolha não foi minha — disse, ao se aproximar da mesa.
— Principalmente depois que precisou, junto com sua tia, me forçar a um esforço incomum.

Sybilla estendeu a mão para ele. — Ottilia o mandou, não foi?

Lizzy, nem um pouco pior pelos esforços frenéticos da noite anterior na pista de dança, olhou-o com um lampejo de malícia enquanto ele beijava a mão e depois a bochecha de sua mãe.

— Deve ser algo importante se minha tia conseguiu persuadi-lo a vir tão cedo.

— Já tomou café da manhã?

— Ele não pode ter feito isso, vovó.

Francis estava levantando uma das tampas de prata sobre a mesa.

— Dei algumas mordidas, mas poderia fazer justiça a um prato de bacon.

— Sobrou bastante. Ovos também. Toque o sino, Elizabeth.

Francis pegou uma cadeira e olhou para o bule.

— Está quente?

Lizzy se inclinou para pegar o sino de mão e tocou-o, então passou a ele sua xícara limpa.

— Pode ficar com a minha, tio, mas não vai ganhar bacon até nos contar por que tia Ottilia o fez vir agora.

Ele estava se servindo do bule, mas apontou um dedo para ela com a mão livre.

— Comporte-se, Lizzy!

— Sim, não queremos sua opinião, senhorita, mas estou bastante ansiosa. Algo está errado?

Ele deu um suspiro pesado.

— Sim.

— Então não faça suspense, garoto. É com a Ottilia?

— Não, não, ela está perfeitamente bem. Pelo menos ela está bem o suficiente, além de ter perdido o sono.

A exasperação tomou conta de Lizzy.

— Então o que houve, sir?

Mas nesse momento a criada de Sybilla entrou e ela foi obrigada a conter sua impaciência enquanto Sybilla pedia a Alice que trouxesse outro prato e talheres junto com uma xícara nova para Lizzy. No momento em que a porta se fechou atrás da criada, Lizzy bateu na mesa com o garfo.

— O que houve, sir? O que aconteceu?

Um olhar estranho, cauteloso, cruzou o rosto de Francis enquanto ele olhava para ela.

— Gostaria que não criasse confusão, Lizzy, embora eu suspeite que possa. Daniel Brockhurst está morto.

Por um instante, as palavras não fizeram sentido. Com a mente vazia, Lizzy olhou para ele, mal percebendo a resposta exclamativa de sua avó:

— Não! Como no mundo isso foi acontecer? Morto? Quando, Francis?

— Durante a noite. Ele foi encontrado frio em sua cama esta manhã. — O olhar de Francis ainda estava em Lizzy. — Vai desmaiar, Lizzy?

Uma nota mais aguda em sua voz penetrou na nuvem opaca e ela repetiu a palavra cruel:

— Morto?

— Sim, infelizmente.

O coração de Lizzy começou a bater forte.

— Ele não pode estar morto. Quando o vimos pela última vez, ele estava... vibrante... selvagem... como ele pode estar morto?

— Francis, ela está incoerente! Venha, criança, beba alguma coisa. Dê a ela um gole de seu café, Francis.

— Um gole de conhaque pode ser melhor neste caso. Era disso que eu estava com medo.

Francis estava de pé e se movendo. De algum lugar distante, Lizzy observou sua avó, também de pé, pegar o sino de mão e o toque dele ecoou em sua cabeça.

— Lizzy, beba isto!

Uma xícara surgiu em seu lábio. Sem vontade, ela abriu a boca e um

líquido quente escorreu por sua língua, amargo e forte. O pensamento fugaz de que ela não gostava de café preto sem açúcar cantou em sua mente e sumiu. Ela engoliu em seco e afastou a xícara.

— Chega.

— Traga a garrafa de conhaque, Alice. E um copo. Rápido, garota, corra!

Mas Lizzy não queria conhaque. Sua mente estava clareando, os pensamentos começando a se formar, a imagem de um rosto surgindo.

— Sr. Maplewood! Oh, ele ficará angustiado! Daniel era seu amigo, não apenas seu primo. Ele fez de tudo para tentar ajudá-lo, e agora isso. Pobre, pobre homem.

— Pobre Sr. Maplewood? — O tom mordaz de Sybilla cortou a angústia crescente. — Reserve sua solidariedade para a pobre vítima.

O coração de Lizzy disparou.

— Vítima?

— Acalme-se, Mama, não vamos colocar a carroça na frente dos bois.

Francis voltou a se sentar e Lizzy olhou para ele, sua mente de repente funcionando como um relógio.

— É por isso que tia Ottilia foi chamada. Eles o mataram também!

Francis ergueu a mão.

— Não tire conclusões apressadas, Lizzy. Até sabermos mais...

— Mas então por que convocaram a Lady Fan? Eles devem achar isso ou não o teriam feito. Quem mandou chamá-la? Foi o Sr. Maplewood?

Um suspiro resignado veio de Francis.

— A mãe dele veio aqui. Tillie me contou que ela estava em um estado frenético. Os Brockhursts estão dizendo que o rapaz tirou a própria vida, mas a Sra. Maplewood se recusa a acreditar nisso. Ela queria que Tillie o visse antes...

— Antes que eles tenham a chance de abafar o caso. E eles vão. Aquela mulher terrível deve ter ordenado isso, até executado.

— Lizzy, fique quieta!

O comando afiado a interrompeu e ela prendeu a respiração. Ela deu-lhe um olhar depreciativo.

— Estou sendo impulsiva de novo. Tia Ottilia diria para eu esperar a prova.

— Muito bem — afirmou Sybilla, retomando seu próprio assento —, mas compartilho inteiramente de sua opinião. Depois da exibição que testemunhamos outro dia, eu acreditaria em qualquer coisa daquela criatura vil.

A porta tornou a se abrir e a criada entrou correndo no cômodo, carregando uma bandeja sobre a qual havia uma garrafa e três copos.

— Ah, bem pensado, Alice. Também desejo um. Faça as honras, Francis.

A criada colocou a bandeja ao lado de Francis.

— Vou buscar a xícara e o prato novo para Sua Senhoria, milady. Desculpe, mas não tive tempo antes de a sineta tocar.

Sybilla dispensou isso com um gesto.

— Não importa, garota. Vá buscá-los agora.

Um copo foi colocado na frente de Lizzy.

— Tome, e não precisa fazer careta, criança, é só dar uma golada.

Relutante, Lizzy lidou com isso com cuidado. Um gole enviou fogo por sua garganta, mas em um instante, o gelo em suas veias começou a se dissipar. Ela segurou a língua nas palavras que imploravam para serem pronunciadas e lentamente terminou a dose, seus pensamentos concentrando-se naquela que mais se machucaria nesta virada.

Era estranho pensar em Vivian Maplewood em qualquer humor que não fosse a despreocupação que o caracterizava, o olhar provocador que a enfurecia e a animava em igual medida. Mas isso certamente o angustiaria. A imagem não podia deixar de surgir do Sr. Maplewood segurando Daniel enquanto ele chorava quando Isabel caiu da rocha. Outra surgiu, daquele passeio e da conversa que ela teve com Daniel, convencido como ele estava de que sua família havia feito isso com sua esposa. Eles agora certamente fizeram o mesmo com ele? O Sr. Maplewood acreditava nisso? A pergunta a fez falar:

— A Sra. Maplewood disse se o filho dela pensava como ela?

Francis se afastou de Sybilla e Lizzy percebeu que havia perdido uma conversa em voz baixa entre eles. Ele ainda estava com o copo na mão, mas jogou fora o conteúdo antes de responder.

— Ela veio sozinha. Tillie não disse nada sobre o Sr. Maplewood.

Lizzy expressou seu pensamento imediato: — Ele deve estar guardando o corpo.

A avó ficou encarando a neta. — Guardando o corpo?

— Para impedi-los de destruir as evidências.

Francis estalou a língua. — Fale com bom senso, Lizzy. O que acha que alguém fará em tais circunstâncias? Ninguém que cuidou do rapaz vai pensar em nada além de sua perda, incluindo seu Sr. Maplewood.

— Ele não é meu Sr. Maplewood. — A resposta foi automática, as palavras já prontas em sua mente. — E outra, a mãe dele pensou nisso. O senhor acabou de dizê-lo.

— Ouça, criança, sei do que estou falando.

— Sabe sim — interpolou Sybilla. — Ele já foi arrastado para esse tipo de coisa inúmeras vezes.

Francis ignorou a interrupção. — A casa estará uma confusão, para começar. Um médico já foi chamado e é provável que ele chame o legista. Se pararmos para pensar na condição dos parentes nessas ocasiões, podemos presumir que eles estão discutindo ou perdidos em sua dor. Nenhum deles provavelmente será coerente ou capaz de agir muito além das necessidades. E isso, aposto, inclui Maplewood.

A rebelião cresceu no peito de Lizzy e ela não pôde conter sua objeção:

— Eles não ficaram nessa condição com Isabel. E o senhor ouviu como Lady Wem falou com Daniel.

— Mas este é um filho da casa, Lizzy. Ele pode ter transgredido, mas sua perda será sentida.

— Não por quem fez a ação.

— Elizabeth, chega! — Sybilla apontou um garfo para ela. — Não ouviu uma palavra do que seu tio disse?

Lizzy balançou a cabeça. — Ouvi, no entanto, mantenho minha opinião.

Alice entrou novamente, carregando os apetrechos solicitados e Lizzy ficou abruptamente feliz por ter sido impedida de declarar sua intenção de subir à residência Brockhurst na primeira oportunidade. A avó teria um ataque e Francis bateria o pé. Ele parecia perfeitamente exasperado quando começou a colocar bacon no prato que a criada havia colocado diante dele. Lizzy observou-o ir buscar um pão do cesto coberto. Passou-lhe o prato da manteiga enquanto Alice saía do cômodo.

— Duvido que ainda estejam quentes, sir, mas a manteiga deve estar mole por estar exposta.

Ele ergueu uma sobancelha enquanto a olhava, sua faca pronta.

— Tentando me amolecer, Lizzy?

Ela conseguiu dar uma risada espúria. — Não quis ser impertinente, tio.

Sybilla estava tomando café, mas abaixou a xícara e Lizzy recebeu um olhar penetrante.

— O que está planejando, criança?

Lizzy ensaiou seu olhar inocente. — Por que a pergunta? Nada, vovó.

— Ah, por favor, Francis, ela está planejando alguma travessura.

Ele olhou para o teto e começou a passar manteiga em seu pãozinho.

— Seja o que for, Lizzy, não o faça, só isso. Embora eu ouse confessar que é inútil para mim dizer tal coisa.

Uma risadinha escapou de Lizzy. — Pelo menos não estou desmaiando, sir.

— Não, mas a alternativa me deixa apreensivo.

Lizzy soltou um suspiro resignado. — Oh, muito bem, mas não é nada terrível, prometo.

Sybilla bufou. — Que Deus nos ajude! Eu deveria saber que estava procurando problemas, Elizabeth.

— Então deve saber, lady, que a coisa está feita agora. — Os olhos castanhos de Francis encontraram os dela novamente. — Se pensa em confrontar esse tal de Maplewood, Lizzy, devo implorar que tome cuidado. Se ele gosta tanto do primo quanto diz, é improvável que aceite perguntas inapropriadas.

— Confrontar o sujeito? Santo Deus, espero que não! Espero que tenha mais conduta, Elizabeth.

A perspicácia de Francis levou calor às bochechas de Lizzy, denunciando-a com certeza. Ela guardou um silêncio prudente, refugiando-se em servir-se de uma xícara de café e enchê-la com creme e açúcar, evitando os olhares questionadores.

— Então?

Ela olhou por cima da mesa. — Então vovó?

— Vai se comportar?

Lizzy suspirou. — De que adianta me perguntar, vovó? Levarei Nancy comigo, se isso a deixará feliz.

Sybilla ergueu as mãos agitadas. — Feliz? Não, menina, não mesmo. Acha que o sujeito irá recebê-la?

Lizzy ergueu o queixo. — Não me importo se ele vai ou não, vovó. Não consigo ficar parada quando sei que ele está sofrendo.

Ela então desejou ter segurado a língua, pois um silêncio consternador saudou isso, e seus parentes trocaram um olhar estranho. O olhar de Sybilla voltou para seu rosto e seu tom, para sua surpresa, se suavizou:

— Minha querida criança, não pode se jogar na cabeça do homem.

Um súbito aperto na garganta de Lizzy a impediu de falar. Ela lutou para reprimir as lágrimas ameaçadoras e os protestos que surgiam em sua mente. Sua avó entendera tudo errado. Não era nada disso. O Sr. Maplewood não era o tipo comum de homem que considerava um ato impulsivo de simpatia como um estratagema para chamar a atenção. Mas a insinuação de que ela estava tentando atraí-lo serviu para realçar o estado incerto de seu coração. Ela gostava dele. Demais para seu conforto. Mas nunca havia levado a ideia adiante, para considerar Vivian Maplewood como sua parceira em potencial para toda a vida. Isso estava indo longe demais.

Seus pensamentos a levaram através da perturbação e ela se encontrou em sua dignidade.

— Considero o Sr. Maplewood um amigo, vovó. Ele não é o tipo de homem que aceita minha abordagem neste extremo em qualquer outro espírito. — Dito isso, ela se levantou, fez uma reverência e foi em direção à porta.

— Elizabeth, espere!

— Deixe-a ir, Mama, lembre-se de que Ottilia está lá.

A gratidão por seu tio inundou Lizzy, mas quando ela entrou em seu quarto e tocou a sineta para chamar sua criada, seus pensamentos se desviaram para o Sr. Maplewood e os acontecimentos na casa na colina.



A residência Brockhurst estava bem mais silenciosa do que Ottilia esperava. Ela se sentiu quase como se tivesse entrado clandestinamente. A Sra. Maplewood conduziu-a por uma porta lateral, subiram uma escada nos fundos e sussurrou:

— Espero que com isso todos estejam se vestindo em seus quartos. Embora se Leo tenha conseguido arrastar Mary Ann para longe ainda é uma questão.

Ela andou apressada por um corredor estreito e parou na porta final. Ottilia viu, ao abri-la, que dava para um amplo vestíbulo com várias portas afastadas. A Sra. Maplewood olhou em volta furtivamente e deixou escapar um pequeno suspiro.

— Parece que está tudo calmo. Venha, mas pise com cuidado.

Ottília quase caiu na gargalhada, em parte provocada pela cautela excessiva da outra e em parte pela inevitável e familiar onda de excitação diante da intriga que só podia começar a se apoderar. Se fosse provado que Daniel Brockhurst fora assassinado, as repercussões potenciais seriam inúmeras, independente de descobrir o responsável.

Ela seguiu Annis Maplewood na ponta dos pés pelo vestíbulo e parou novamente na última porta. Colocando um dedo nos lábios, ela fez sinal para Ottília sair da vista de qualquer pessoa. Ela reprimiu um lampejo de impaciência quando sua guia girou a maçaneta e enfiou a cabeça pela porta. Ela relaxou os ombros e olhou para trás.

— Estamos seguras. É apenas o laçao.

Refletindo que a porta deveria estar trancada em vez de deixar um homem lá dentro, Ottília seguiu a Sra. Maplewood até uma câmara iluminada principalmente por velas, embora as persianas estivessem levantadas, permitindo que a luz entrasse pelas venezianas fechadas, e as cortinas estivessem abertas em volta da cama e amarradas nos pilares. Um homem de uniforme levantou-se imediatamente de uma cadeira junto à parede, mas o olhar de Ottília fixou-se na figura imóvel, coberta até o peito com lençóis, a parte superior do tronco e a cabeça expostas. Teria ele sido deixado exatamente como foi encontrado? Nenhuma tentativa ainda havia sido feita para preparar o corpo para a morte. Estavam aguardando o médico?

— Pode esperar lá fora, John.

Ottília virou-se para encontrar o criado olhando de maneira inquisitiva, seu olhar indo da Sra. Maplewood para ela. Ele estava prestes a fazer alguma objeção?

— Fique na porta, por favor. Avise-me imediatamente se alguém aparecer.

O laçao franziu a testa, mas fez uma reverência.

— Como quiser, milady.

Ele lançou outro olhar fugaz para Ottília enquanto saía. A Sra. Maplewood falou apenas quando a porta se fechou atrás dele:

— Não precisamos que ele observe o que a senhora possa fazer. Ele é os ouvidos de Leo — sussurrou.

— Então ele provavelmente vai dizer a ele que eu estive aqui.

— Oh, todos eles saberão em breve se descobrir o que suspeito. — Ela então se virou para a cama e disse com a voz embargada: — Pobre menino! Ele não merecia isso.

Ottília não desperdiçou palavras. Atravessando a cama, ela puxou as cobertas e examinou o corpo. Assim como a Sra. Maplewood afirmara, Daniel parecia estar dormindo. Não havia nenhum desarranjo de membros que sugerisse que ele havia se debatido. Seus braços estavam jogados, um para o lado, outro sobre o peito. O sangue havia se acumulado em suas partes inferiores e as unhas estavam pálidas. Ottília tocou a carne de sua mão aberta. Pedra fria. Ela testou os membros em busca de rigor. O enrijecimento estava lá, embora incompleto. Ela se moveu para a cabeceira da cama e encontrou

tanto a mandíbula quanto o pescoço travados. Ele estava morto há várias horas.

Ela se curvou sobre o rosto do rapaz. Havia um leve hematoma ao redor da boca e do nariz? Um traço de espuma podia ser visto de um canto da boca. Ela empurrou um dedo entre os lábios dele e ergueu o de cima, olhando-o de perto.

— Que foi? O que descobriu?

O murmúrio urgente a pegou desprevenida e ela falou sem pensar:

— Abrasões. Os dentes causaram alguns hematomas. Isso acontece se eles são pressionados demais.

A Sra. Maplewood deu um suspiro.

— Então é como eu pensei!

Ottília ergueu os olhos.

— Não tão rápido, por favor, senhora. Isso ainda não é prova de nada.

Ela sentiu a agitação da mulher, mesmo a Sra. Maplewood não dizendo mais nada. Curvando-se novamente, Ottília levantou uma das pálpebras fechadas. O olho injetado de sangue. Uma onda passou por ela, mas ela suprimiu o salto em sua mente. Se Daniel tivesse bebido ou tomado algum tipo de sedativo, isso poderia explicar os olhos. Ambos mostravam linhas com veias vermelhos nos brancos.

Examinando-o, Ottília inspecionou a pele do rosto morto o mais de perto que pôde. Um tom de cinza-azulado? Era apenas visível sob a pele. As veias pareciam ter arrebentado na região nasal, e uma sombra sugestiva no alto da testa fez Ottília afastar a mecha escura de cabelo. As bordas do couro cabeludo mostraram-se levemente azuladas.

Com a certeza começando a apertar seu peito, Ottília ergueu a mão de Daniel até onde a rigidez permitia e examinou suas unhas. Pálidas, mas também azuis. Tom fraco, mas estava lá. Uma advertência surgiu: isso poderia ser apenas devido ao início do rigor mortis, mas os outros sinais indicavam o contrário.

Ela se endireitou, olhando para a expressão de alarme da Sra. Maplewood.

— Infelizmente não é conclusivo, mas Daniel pode ter sido sufocado.

A outra mulher foi para trás, segurando suas roupas e com um olhar de horror surgindo em seu semblante.

— Então é isso. Um deles se livrou dele. Oh, não ousei acreditar nisso.

Ottília contornou a cama com passos rápidos.

— É melhor se sentar, Sra. Maplewood. — Guiando a mulher com a mão nas costas, ela usou uma voz de comando tranquila: — Venha, pegue esta cadeira. Abaixar a cabeça. Isso. Respire suavemente agora.

Logo a matrona conseguiu sentar-se, declarando-se recuperada. Seu rosto pálido a desmentia e Ottília apressou-se em suavizar o golpe.

— Pode acreditar no que quiser, senhora, mas como eu disse, há poucas provas aqui. O que descobri pode ser facilmente respondido por alguma outra causa.

O olhar da Sra. Maplewood era astuto quando olhou para Ottilia.

— Mas a senhora não acredita nisso, não é mesmo?

Ottilia não a contestou.

— Confesso que não. Juntamente com a queda de Isabel, temo que esta pequena evidência seja suficiente para me convencer de que houve um crime aqui.

A matrona estremeceu.

— Sim. Sim, de fato. Mas quem? Qual deles faria isso?

— Imagino que possa adivinhar isso melhor do que eu.

— Não! Não quero supor que nenhum dos meus irmãos chegaria a tanto. Não, não suportio nem pensar nisso.

Ottilia hesitou apenas por um momento. A mulher era forte o suficiente.

— Não é improvável que uma mulher segure um travesseiro sobre a cabeça de um homem por tempo suficiente para sufocá-lo.

A expressão da Sra. Maplewood tornou-se temerosa.

— As minhas irmãs? Não, não, Lady Francis, isso eu não poderia tolerar. O quê? Mary Ann matando o próprio filho? Impossível!

— Quem então? A esposa de seu irmão Godfrey? Sua irmã Berta? — Ela não acrescentou o único nome que lhe veio à mente, mas a Sra. Maplewood estava à frente dela.

— E a próxima que vai acusar da ação vai ser minha mãe!

Ottilia ficou azeda.

— Não estou acusando ninguém, Sra. Maplewood. Sem provas? Com certeza não. Só quero que entenda que se Daniel foi realmente assassinado, o perpetrador pode muito bem ter sido uma mulher ou um homem. — Ela levantou um dedo enquanto a outra abria a boca. — E eu acrescentaria que foi a senhora quem solicitou minha presença aqui esta manhã.

A respiração da Sra. Maplewood deixou seu corpo em um estrondo e ela afundou-se na cadeira.

— Tem razão. Perdão. Estou sobrecarregada.

— É compreensível, mas também pode se preparar para ser subjugada se pretende seguir essa linha. Não posso supor que algum médico chegue a essa conclusão. Ele apenas relatará suas descobertas ao legista, que, sem dúvida, agendará um inquérito. É altamente improvável que um veredicto de morte ilegal seja apresentado.

A Sra. Maplewood enrijeceu, levantando-se repentinamente.

— Eles não vão se safar disso. Quem fez isso será descoberto, nisso estou determinada. Lady Francis, vai me ajudar?



O peito de Lizzy estava tenso enquanto ela subia a colina, imune a uma brisa fria, embora o céu estivesse claro no momento. O pensamento fugaz de que ela deveria ter levado um guarda-chuva deu lugar à noção do sofrimento do Sr. Maplewood, que tocou seu coração. Nem mesmo a lembrança de seus modos provocantes poderia reconciliá-la com a noção de sua dor como o

próprio Daniel havia sofrido com a perda de sua esposa. Quem estaria lá para confortá-lo? Não sua mãe, pois a mesma tinha ido buscar Ottilia.

No momento em que ela avistou a casa na colina, afastada da estrada em seu próprio terreno, como várias outras formando uma fileira no topo da cidade, Lizzy começou a desacelerar seus passos. A advertência da avó penetrou em seu cérebro. Era muito ousado oferecer sua simpatia dessa maneira impulsiva? Uma apreensão, até então não reconhecida, a assaltou de que o Sr. Maplewood pudesse rejeitar o gesto. Ou até mesmo se ressentir.

Mas e daí se caso isso acontecesse? O pensamento de sua tristeza era mais difícil de suportar do que a possibilidade de repúdio. Era a coisa certa a fazer por um amigo. A palavra ecoou em sua mente enquanto ela avançava corajosamente pela curta entrada. Lizzy conteve o desejo furtivo de mais. A amizade era boa. E esta era uma de suas obrigações.

Pensando nisso, aproximou-se da porta da frente de madeira de carvalho com o seu arco antiquado e faixas de ferro decorativas, e pegou a campainha pendurada de um lado, puxando-a com confiança e fazendo soar um som no interior que a assustou bastante. Involuntariamente, deu um passo atrás quando ouviu passos lá dentro. A porta se abriu e uma criada com um ar assustado espreitou. Surpreendida, Lizzy disse:

— Estou aqui para ver o Sr. Maplewood.

A criada parecia incerta, mas abriu mais a porta.

— Não sei se ele vai querer receber visitas. E também não sei se algum deles vai querer. Achei que fosse o médico.

Lizzy ergueu o queixo. — Não, eu sou a Lady Elizabeth Fiske. O Sr. Maplewood me receberá. Por favor, permita-me entrar.

A jovem, que estava claramente fora de seu papel, hesitou.

— Não é um momento adequado, milady.

Lizzy caiu no calor da confiança.

— Sim, eu sei o que aconteceu. O Sr. Daniel Brockhurst morreu, não é? Vim prestar condolências ao Sr. Maplewood.

A criada franziu a sobrancelha e soltou a maçaneta da porta.

— Foi horrível, milady. É a manhã de folga do Sr. Lamport. E John estava sentado com o pobre Sr. Brockhurst e tudo.

Aproveitando-se da aflição da menina, Lizzy invadiu a casa, dando tapinhas no ombro dela e fechando habilmente a porta atrás de si.

— Tenho certeza de que é horrível para todos, mas estão se saindo muito bem no lugar do Sr. Lamport. Por favor, onde posso encontrar o Sr. Maplewood?

A criada fungou, esfregando a manga no nariz.

— Eu o vi entrar no escritório da patroa. Ele estava com uma aparência horrível, senhorita... quero dizer, milady.

Uma estranha flecha atravessou o peito de Lizzy. Ela já não imaginava isso? Correu o olhar pelo corredor escuro, todo revestido de painéis e desprovido de luz além daquela que descia da galeria acima de uma escada

larga. O escritório poderia ser por uma das portas que davam para cada lado?

— Encaminhe-me para este escritório, por favor.

A criada começou a se mover em direção ao fundo do corredor, mas parou, virando-se com tanta pressa que Lizzy, a seguindo, quase a acertasse com um encontrão.

— Não sei se deveria, milady. Dissera-me para não deixar ninguém entrar, exceto o médico.

Lizzy sorriu e falou de forma conspiratória:

— Não vou denunciá-la, prometo. Apenas me mostre para onde ir e pode voltar ao seu posto para esperar o médico.

Enquanto ela falava, o sino tocou novamente, soando ainda mais alto lá dentro. A criada, nervosa com os acontecimentos da manhã, levou a mão ao peito.

— Agora deve ser ele. Ooh, milady, o que eu faço?

— Rápido! Diga-me qual é a porta do escritório.

A garota, com os olhos na porta, apontou para a escuridão atrás da escada.

— Última à direita, milady.

— Excelente. Pode ir agora. — Lizzy deu-lhe um pequeno empurrão em direção à porta da frente e ela mesma conseguiu escapar, andando apressada na direção indicada.

Estava mais escuro ao abrigo da escada e ela teve que fazer uma pausa, espiando para localizar a porta no final do corredor. Ela podia ouvir a voz de um homem na porta da frente e a resposta aliviada da criada. Era o médico. Lizzy ficou feliz com o esconderijo na penumbra e, com os olhos se acostumando, espiou a parede dos fundos e a última porta enquanto os passos do médico começavam a subir as escadas. Ela foi até a porta do escritório e cuidadosamente girou a maçaneta.

Um excesso de luz de várias janelas a fez piscar, meio ofuscada pelo contraste. Quando seus olhos se ajustaram, ela viu o Sr. Maplewood sentado em uma cadeira diante de uma escrivaninha arrumada. Ele estava imóvel, olhando para a frente, a cabeça apoiada nos dedos de uma das mãos, apoiada pelo cotovelo no braço da cadeira. A outra estava caída sobre o joelho. Ela percebeu que ele não tinha ouvido a porta se abrindo.

Com cautela, Lizzy deu alguns passos para dentro do cômodo. Ele não percebeu. Ela sentiu um aperto no peito quando o rosto dele entrou em foco. Ele parecia triste e esgotado, derrotado. Tão diferente da vigorosa animação a que Lizzy estava acostumada, ela quase podia acreditar que ele era um estranho, mas não, ele estava perdido em choque e tristeza. Ela não chegara cedo demais.

Movendo-se para sua cadeira, Lizzy caiu de joelhos ao lado dela. Ainda assim, ele não fez nenhum movimento. Ela olhou para o rosto imóvel com o coração apertado. Sem hesitar ou pensar, ela deslizou sua própria mão sob a mão frouxa que descansava em seu joelho e a envolveu.

Ele virou a cabeça em um movimento brusco, seu olhar indo para suas

mãos unidas e depois subindo para encontrar os olhos de Lizzy. Ele piscou e uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas.

— Eliza, a senhorita veio.

Sua voz estava anormalmente baixa, cheia de dor. Lizzy respondeu emocionada: — Claro que vim.

Para sua alegria inestimável, ele mexeu os dedos, entrelaçando-os com os dela.

— Obrigado.

Então ele ficou em silêncio e desviou o olhar de novo, fixando-o na mesa, embora Lizzy tivesse certeza de que ele não estava olhando para o mataborrão com capa de couro e para o tinteiro colocado diante das pequenas gavetas. Seu coração inchou com essa aceitação silenciosa. Ele entendeu e ficou feliz. Era mais do que ousara esperar.

Pareceu-lhe uma eternidade que eles permaneceram assim. Sua língua pairava sobre uma miríade de palavras, mas ela a forçou a continuar em silêncio. Ele não queria falar – não ainda. Ele derramara sua dor em lágrimas? Ela procurou em seus olhos uma vermelhidão reveladora e não encontrou nenhuma. Desejava repreendê-lo por guardar tudo, mas um instinto sem precedentes a fez respeitar seu desejo de silêncio. Se essa era sua maneira de lidar com a perda, não cabia a ela forçá-lo a fazer o contrário. Mesmo que ela desejasse fazê-lo. Mesmo que seu coração a exortasse a se levantar, a segurar a cabeça dele em seu peito e encorajá-lo a chorar.

Ele mexeu os dedos, apertando um pouco os dela.

— Está estranhamente quieta para uma tagarela, Eliza.

Surpresa com o tom normal, tanto quanto com a retomada daquela qualidade provocante que ele usava com ela, Lizzy ficou boquiaberta.

— Achei que não queria conversar.

Ele mexeu o lábio, mas não foi exatamente uma contração.

— Não quero.

A lembrança das palavras dele penetrou em sua mente.

— Sou um tagarela?

— Em regra, sim. — Ele lançou um olhar a ela. — Oh, não fique tão consternada. Eu até gosto disso.

Lizzy apertou involuntariamente sua mão sob a dele. O Sr. Maplewood olhou para as mãos e, com certa deliberação, soltou-a da dela, removendo a sua do lugar e endireitando-se ao mesmo tempo. Seu tom tornou-se áspero:

— É melhor se levantar e se sentar.

Um vazio se abriu no peito de Lizzy quando uma onda de decepção a invadiu. Para escondê-la, ela fez questão de se levantar e procurar uma cadeira. Ele não fez nenhum movimento para ajudar e ela se sentiu envergonhada. Suas maneiras eram atroz. Mesmo nessa situação extrema, ele poderia ter feito um esforço para encontrar um assento para ela. Na verdade, havia apenas uma outra cadeira disponível, situada a uma pequena distância e de costas para a da escrivaninha. Lizzy a pegou, sentando-se com

desafio digno sem mudar de posição.

O Sr. Maplewood, para sua satisfação, achou por bem mudar sua própria cadeira, levantando-se parcialmente para esse propósito. Ele se sentou novamente, olhando-a de uma maneira fixa que ela achou particularmente enervante.

— Como soube? Ainda não pode estar em toda a cidade.

Mal consciente de erguer o queixo da maneira desafiadora que fazia, Lizzy encontrou seu olhar com ousadia.

— Sua mãe foi buscar minha tia. Fiquei sabendo pelo meu tio.

— E veio me socorrer? Agradeço, doutora Fiske.

Lizzy recusou, apesar das circunstâncias:

— Se está querendo ser sarcástico, sir, vou embora de novo.

Um espasmo cruzou seu rosto e ele estendeu a mão. — Não, não. Eu preciso de distração.

— Não vim para ser uma distração, Sr. Maplewood.

Sua boca se contorceu. — Não, veio prestar condolências e me pedir para colocar tudo para fora para que possa me dar um tapinha nas costas e dizer “pronto, pronto” e pensar que meras palavras podem acalmar um peito dolorido. Mas elas não vão fazer isso, milady Elizabeth. Não as desperdice.

De algum canto escuro atrás da dor, Lizzy reconheceu a necessidade que ele tinha de bater. Em algo, qualquer coisa. E ela estava lá. No entanto, a rejeição dolorosa a fez sentir-se fisicamente doente. Ela não falou mais nada. O que poderia dizer? Mas não iria desviar o olhar dos olhos que a perfuravam daquela maneira tão dura. Não mais brilhante que um aço, mas duros e opacos.

O Sr. Maplewood interrompeu-se primeiro, erguendo a mão para cobrir os olhos, os dedos esfregando a testa. A mão caiu e ele franziu a testa, seu olhar se estreitou. Com dor desta vez?

— Não deveria ter vindo. Não sou uma companhia adequada; para ninguém.

Incitada, Lizzy reagiu:

— Eu não esperava que fosse. Além disso, o senhor me agradeceu por ter vindo.

Ele desviou o olhar. — Agradei? Não me lembro.

Ela ficou em silêncio por um momento, desejando que o turbilhão de emoções em seu peito se acalmasse. Fora ali para ajudar, não para atrapalhar. Ela devia tentar.

— O senhor não quer falar dele?

— Não! — Foi rápido e cruelmente feroz. — Se eu falar, direi coisas das quais devo me arrepender. Melhor ficar calado, não acha? — Ele contorceu a boca novamente, de uma maneira quase desdenhosa. — Não, não acha, não é mesmo? O que foi que disse? Tem uma opinião contrária.

Lizzy lutou contra a fúria crescente. — Não vou responder. Não posso me comprometer a falar com moderação se o fizer, e dificilmente é apropriado

para mim estar arengando com o senhor em um momento como este.

Ele ergueu a cabeça. — Discuta comigo o quanto quiser, Eliza. Eu a acolherei.

Furiosa, ela se levantou. — Vejo que sim. Deseja me usar como seu bode expiatório, mas não tenho intenção de ser seu alvo, Sr. Maplewood. Eu vim pela amizade. Se não quer nada disso, não há mais nada a ser dito. — Fervendo de raiva e com lágrimas ardendo em seus olhos, ela se dirigiu à porta.

Um movimento violento atrás dela a assustou e a fez virar, assim que o Sr. Maplewood apareceu. Ele agarrou seus ombros, em um aperto intenso.

— Não me abandone!

Ela tentou inutilmente se desvencilhar.

— Por que não deveria?

— Porque eu preciso da senhorita!

Ela se acalmou sob suas mãos, seu coração se derretendo enquanto olhava para a angústia em seu olhar. Ele suspirou e a soltou.

— Perdão. Pode ir se quiser. — Ele franziu a testa. — Não sou ingrato. — Ele deu uma risada melancólica. — Sou um grosseirão na melhor das hipóteses, e esta é a pior. Vai me perdoar?

Lizzy ficou completamente comovida. — De boa vontade. Não é nada além de honesto, Sr. Maplewood, e eu gosto disso.

— Vivian.

Perplexa, ela piscou para ele. — Quê?

Ele abriu um sorriso falso. — Esperava que dispensasse o “Sr. Maplewood”. Meu nome é Vivian.

— Sim eu sei, mas... mas não posso chamá-lo assim. Seria muito impróprio.

— Pensei que não se importasse com decoro.

— Importo-me. Pelo menos, tento respeitar as convenções. Diferente...

— Diferente de mim? Mas então, como tão sabiamente afirmou várias vezes, eu sou um artista. Artistas são imunes às convenções.

A retomada da nota provocativa a aqueceu e a alarmou. Ele deveria estar de luto. Só que ele havia deixado claro que não tinha intenção de compartilhar sua dor. Mesmo com ela. A pontada da rejeição anterior reviveu e ela falou sem perceber:

— No entanto, não deixará ninguém entrar, Sr. Maplewood, apesar de todo o seu desprezo pelo decoro e convenções. Acho que é uma pessoa mais reservada do que parece. É tudo uma fachada?

Uma carranca surgiu, aprofundando a fenda entre suas sobrancelhas.

— Astúcia? Ou está tentando me provocar?

Lizzy deu um suspiro instável. — Estou tentando ser para o senhor o que evidentemente não deseja. Perdeu um amigo hoje. Não posso substituí-lo. Não deveria ter tentado.

Ele não falou nada, mas o luto voltou aos seus olhos. Lizzy não conseguiu

encontrar mais nenhuma palavra. Ela agiu mal ali, talvez tenha feito mais mal do que bem. Ela fez uma reverência e se afastou dele, indo em direção à porta. O vazio em seu peito aumentou quando ela a alcançou, pois o Sr. Maplewood não fez nenhum movimento para detê-la novamente. Ele também não falou nada, nem mesmo uma palavra de despedida.

Uma vez do outro lado da porta, Lizzy percebeu que sua visão estava embaçada. Ela se dirigiu às cegas para a luz que entrava pela porta da frente e meio que tropeçou ao alcançá-la. Não havia sinal da criada. Com a mão na maçaneta, ela fez uma pausa, olhando para as escadas. O desejo de chorar tomou conta dela. Onde estaria tia Ottilia?

O silêncio da casa era absoluto. Ela era uma intrusa ali, indesejada e inútil. Com uma humildade incomum, Lizzy abriu a porta da frente e saiu silenciosamente.



Capítulo 7

Otilia estava sentada em uma cadeira perto da parede oposta enquanto o médico começava a examinar o corpo de Daniel. A Sra. Maplewood entrou no quarto com seu filho, Vivian Maplewood. O médico endireitou-se, incomodado com o barulho das pessoas entrando. Ele lançou um olhar inquisitivo para o Sr. Maplewood.

— Presumo que seja Lorde Wem?

Vivian Maplewood avançou.

— Sou o Sr. Maplewood. O Sr. Brockhurst é meu primo.

O médico assentiu com cabeça.

— Muito bem. Por favor, fique do lado de fora enquanto prossigo.

— Vou ficar aqui, obrigado. Talvez tenha a gentileza de explicar o que está fazendo, doutor...?

— Heather. Lamento estar servindo a família em outro evento infeliz.

— Outro?

Por trás, a Sra. Maplewood falou:

— O Dr. Heather estava presente quando Isabel caiu em High Rocks.

— Ah.

O médico voltou a se dedicar à sua tarefa.

— O que diabos estão fazendo neste quarto?

O tom irado de um homem que Otilia reconheceu como Lorde Wem fez todos virarem. Lorde Wem parecia triste, suas longas bochechas encovadas, as linhas entre o nariz e a boca acentuadas. Sua voz era extraordinariamente áspera, mas suas maneiras eram pomposas quando ele se voltou à sua irmã:

— Annis, não tem nada para ver aqui.

Ele lançou um gesto de desdém para ela e foi até o médico, que se endireitou novamente.

— Então? O que me diz? Foi suicídio?

O Dr. Heather fez uma reverência.

— Até agora, milorde, não determinei a causa da morte. Dê-me licença, se quiser. Essas coisas levam tempo.

Lorde Wem pigarreou.

— Vá em frente então. — Ele pareceu notar o Sr. Maplewood pela primeira vez. — Está aqui, garoto? O que quer?

— O mesmo que o senhor. Para saber como e por que Dan morreu.

Lorde Wem se encolheu.

— Não use esse tom comigo, garoto. Está falando do meu filho.

O Sr. Maplewood sustentou seu olhar.

— Perdoe-me, sir, mas deve admitir que é de suma importância entender o que aconteceu aqui.

— O que aconteceu? O que aconteceu? — Lorde Wem lançou um gesto selvagem para o ocupante imóvel da cama. — Consegue ver o que aconteceu, não consegue? O rapaz estava em frenesi, fora de si. E agora isto!

O médico escolheu este momento para falar novamente:

— Milorde, infelizmente há pouca indicação de uma possível causa a ser vista aqui. Uma autópsia será necessária. Serei obrigado a relatar minhas descobertas ao legista.

O olhar de Lorde Wem o atingiu.

— Descobertas? Acabou de dizer que não há nada para ver.

O Dr. Heather tossiu de forma depreciativa.

— Quanto à causa da morte, milorde. Há dúvida sobre sua palidez, embora seja costume que as extremidades fiquem azuladas. O que posso dizer é que o pobre cavalheiro está morto há algumas horas.

O Sr. Maplewood o interrompeu:

— Há quantas horas?

— Pelo estado de rigor mortis neste momento, diria algo entre cinco e oito, talvez um pouco menos ou um pouco mais. O calor atual pode muito bem distorcer as inferências usuais. Nesses assuntos, sempre há margem para erro, milorde.

A agitação de Lorde Wem apareceu em sua resposta enfiada:

— Isso não me diz nada, senhor. O que eu gostaria de saber é o que ele sofreu? Ele deve ter sofrido alguma coisa, só Deus sabe o quê.

O médico pigarreou.

— Podemos saber mais, milorde, quando o conteúdo do estômago for examinado.

A repulsa apareceu no rosto de Lorde Wem.

— Terá que chegar a isso?

O Dr. Heather se desculpou:

— Sem isso, milorde, infelizmente o legista não será capaz de decidir se um inquérito deverá ser realizado.

— Oh, meu Deus, isso é intolerável! Inquéritos e legistas? Minha esposa já não lhe disse o suficiente? — Lorde Wem lançou um olhar para o corpo na cama que beirava um clarão. — Muito bem, se tem que fazer, então faça o que tem que ser feito, mas faça tudo o mais rápido que puder e deixe-nos acabar logo com isso — dito isso, ele deu as costas aos restos mortais de seu filho e saiu do quarto.

Testemunha silenciosa do ocorrido, Ottilia notou o suspiro do médico, que então se dirigiu ao Sr. Maplewood, que estava olhando para o tio de uma

maneira que lhe pareceu peculiarmente beligerante.

— Temo que Sua Senhoria esteja descontente comigo, mas não há nada que eu possa fazer.

O Sr. Maplewood deu-lhe um olhar severo.

— Há sim, pode me dizer exatamente o que viu. Não falou em azul? De sua palidez?

— É fraca no rosto, principalmente sob a linha do cabelo. Não se pode dar muita importância a isso. De fato, como eu disse a Sua Senhoria, não há nenhum sinal visível imediato para indicar conclusivamente a causa da morte do cavalheiro.

— Nenhum sinal imediato? O que isso significa?

O Dr. Heather franziu os lábios.

— É necessário um exame mais aprofundado. — Ele baixou a voz, lançando um olhar a Sra. Maplewood, que estava parada perto da porta. — Devo dizer, no entanto, que não suspeito de veneno.

— Essa é a suposição do meu tio, não minha. Por que não suspeita disso?

O médico abriu as mãos.

— Em geral, os venenos prontamente disponíveis não são palatáveis, mas não há contorção no rosto. Se ele ingeriu alguma substância com o propósito de tirar a própria vida, eu esperaria encontrar algum tipo de narcótico.

— Láudano? Ele pode ter acesso a isso.

— É uma possibilidade. Saberei mais assim que a autópsia for realizada. — O médico inclinou-se e cuidadosamente cobriu a cabeça de Daniel com o lençol. — E agora, com sua licença, sir, tenho que ir. Meus companheiros virão buscar o corpo assim que eu puder providenciar sua remoção.

Otilia observou o médico sair do quarto e levantou-se para se juntar aos Maplewoods, que pareciam indecisos e ansiosos. Annis Maplewood falou imediatamente:

— Viu só? Não disse que meu irmão acredita fielmente que foi suicídio?

— Ouso dizer que é a única maneira que lhe pode fazer sentido — disse Otilia, em um tom reconfortante. — Lorde Wem está muito chateado, e não é de admirar.

Ela foi interrompida pelo filho da mulher em um tom áspero:

— É verdade que acha que Daniel foi sufocado?

Ela encontrou seu olhar.

— Há sinais de que ele pode ter sido.

— Aquele médico não acha isso.

Otilia manteve o olhar fixo.

— Não, ele não disse isso. No entanto, não posso dizer que ele não tenha visto os sinais indicativos. Ele foi minucioso.

— Não tão meticuloso quanto a senhora — interrompeu a Sra. Maplewood. — Ele não olhou para as unhas do menino como a senhora. Ele também não checou o interior da boca. Reparei em tudo isso.

Otilia percebeu uma expressão de repulsa no rosto do Sr. Maplewood

quando ela se virou para a mãe.

— Mas ele olhou sob as pálpebras. Não tinha como não ter visto as veias rompidas.

— O Dr. Heather não mencionou nenhuma dessas coisas.

— Os médicos são sempre cautelosos, Sr. Maplewood. Meu irmão raramente fala de suas descobertas para parentes. Eles são capazes de tirar conclusões precipitadas antes que tudo seja esclarecido.

— Como meu tio.

— Exatamente.

— Oh, Leo vai forçar sua opinião sobre o sujeito, se puder.

— Mas Lorde Wem não influenciará um legista, Sra. Maplewood. Este não é o seu próprio terreno e devemos esperar que a justiça local não seja suscetível à pressão familiar.

— Ou suborno. — Uma expressão cínica marcava a boca do jovem. — A viúva Lady Wem não hesitará em usar qualquer arma ao seu alcance se quiser abafar isso.

— Vivian, que vergonha!

— Mas é o que ela faria, Mama. Lady Francis pode muito bem saber o que está enfrentando. O crocodilo moverá céus e terra para fazer o que quer e a senhora sabe disso.

A Sra. Maplewood se irritou.

— Quero que saiba que posso ser tão implacável quanto minha mãe, e estou igualmente determinada a descobrir o autor do crime.

— Se houver. — Ottilia foi obrigada a fazer mais uma ressalva. — E se ninguém estiver disposto a falar comigo, infelizmente não há muito que eu possa fazer.

— Ela está certa, Mama. Nenhum deles aceitará bem as perguntas, especialmente de alguém de fora.

Os olhos da Sra. Maplewood tornaram-se duros. — Subestima-me, Vivian. Assim como todos eles. Causarei uma confusão, se for preciso, mas não deixarei isso passar.



Capítulo 8

Partilhando de um café da manhã improvisado enquanto contava a Francis sobre sua visita à casa dos Brockhursts, Ottilia sentiu um certo alívio. Ela recostou-se e afastou o prato, deixando um pãozinho meio comido e os restos do presunto fatiado que seu esposo lhe dera. A ação atraiu uma carranca dele.

— Não pode sobreviver só com isso, Tillie, termine.

— Já comi mais do que o suficiente, obrigada, Fan. — Ela deu-lhe um olhar travesso. — Não compartilho de seu apetite gigantesco, meu querido marido.

Ele bufou. — Diminui-lhe um quarto do que eu iria comer.

— Tudo o que quero é café, juro.

— Se não enchesse o estômago com essas coisas, teria espaço para mais comida. — Mas ele encheu sua xícara de novo mesmo assim.

Ottilia tomou um gole, satisfeita. — Isso é muito melhor. — Ela sorriu quando ele lançou seu olhar para o teto. — Não tanto o café. Apenas estar aqui ao seu lado e fora daquela atmosfera terrível.

Francis tomou um gole de sua xícara. — Com aquele grupo lá dentro? Não estou surpreso.

— Só vi os Maplewoods e Lorde Wem, mas a escuridão era perfeitamente sufocante.

— Imagino que sim. Suponho que não se possa culpá-los.

— Sim, mas não é apenas a morte daquele pobre rapaz. Não há luz naquela casa.

Francis pegou o garfo e espetou um dos restos de presunto. — Se for tão escura quanto diz...

— Não, não foi isso que quis dizer, embora o corredor estivesse mal iluminado e as persianas do quarto de Daniel fechadas. É como se um peso enorme nos atingisse assim que se entra no local. — Ela deu um arrepio involuntário. — Como um túmulo.

— Com dois mortos no espaço de uma semana, é praticamente um — disse Francis, acabando com o presunto que ela havia deixado. — A propósito, o que eles fizeram com o corpo da garota?

— Não perguntei. Imagino que deva ter sido enterrada há muito tempo. Não havia necessidade de uma autópsia no caso dela.

Francis esvaziou sua xícara com um olhar questionador sobre Ottilia que ela conhecia muito bem. Ela suspirou.

— Não adianta me perguntar, Fan, pois não tenho a menor noção de por onde começar. Além disso, duvido muito que me seja permitido fazer qualquer pergunta, apesar da determinação da Sra. Maplewood.

— Acha que esse dragão de matriarca vai abafar tudo?

— Suspeito que todos eles vão tentar isso. Lorde Wem tem a intenção de que seu filho tenha tirado a própria vida. E se a família estiver contra ela, duvido que a Sra. Maplewood faça algum progresso.

Ele não disse nada por um momento e Ottilia se perguntou se ele ficaria feliz em pensar que ela poderia não estar mais envolvida. Quanto a ela, não tinha certeza se ficava aliviada ou desapontada. Não podia deixar de ficar intrigada, embora a perspectiva de lidar com os Brockhursts não fosse recomendada.

Francis ergueu os olhos abruptamente.

— Santo Deus, eu me esqueci de lhe contar! Lizzy voltou depois de ver o Sr. Maplewood parecendo um cachorro abandonado. Nunca a vi tão subjugada.

— Ela foi ver o Sr. Maplewood? Então quer dizer que ela estava na casa enquanto eu estava lá?

Ele se inclinou um pouco, apoiando o cotovelo na mesa.

— Ela insistiu em subir para prestar suas condolências. Mama a advertiu para não se jogar na cabeça do sujeito, mas Lizzy tinha certeza de que eram amigos. Só que não parece ter corrido bem.

Preocupada, Ottilia sondou por mais:

— O que ela lhe contou? Posso garantir que o Sr. Maplewood está afetado, mas ele me pareceu estar no comando de si mesmo.

Seu esposo fez um gesto desesperado.

— Ela não me contou nada. Pelo menos, disse que acha que ele estava muito cru para estar suscetível a qualquer conforto que pudesse oferecer.

— Meu Deus, esta é uma notícia triste. Ela certamente está apaixonada, mas esse não é um bom presságio na forma como retribui o respeito dela.

— É mesmo. Harriet não vai se importar com a conexão e duvido que Gil fique satisfeito com um mero cavalheiro como seu par. Sabe como ele adora Lizzy.

Ottilia não pôde deixar de se conter:

— Se ele o fizer, Dalesford deve estar mais ansioso pela felicidade dela do que casá-la por causa de um título.

Francis gemeu.

— Não estou discutindo sobre isso, meu amor, então, pelo amor de Deus, não comece uma de suas cruzadas pelos oprimidos.

— O Sr. Maplewood dificilmente é um azarão. Ele tem pontos de vista decididos e é, suspeito, um homem de forte senso comum. Acho que ele combinaria bem com Lizzy.

— Tillie!

Ela acenou com a xícara que levava aos lábios.

— Oh, tudo bem, eu sou uma tola. Embora, se ele não estivesse disposto a aceitar as condolências de Lizzy, é improvável que isso dê certo.

Um ruído exasperado veio do outro lado da mesa.

— Pensei ter dito que era tola.

Ottília soltou uma risada.

— Desisto, seu impaciente. A propósito, o que Sybilla disse?

— Sobre a Lizzy? Ela a levou ao Salão de Chá para distraí-la.

— Referi-me ao novo assassinato, mas me parece uma jogada sensata.

Ela ficou sob a inspeção do olhar de olhos castanhos de Francis.

— Então tem certeza de que foi assassinato?

— Oh, não pode haver dúvida. — Ela pousou a xícara vazia. — Os traços são fracos, como eu lhe disse, mas eles estão lá. Basta que a autópsia descubra que não há nenhum sinal de envenenamento para confirmá-lo. Pelo menos para mim. O legista pode ter uma visão diferente. De fato, se houver evidência de algum narcótico, o que é provável porque ele não lutou, pode ser validação suficiente para um veredicto de suicídio.



Com o passar do dia, o espírito naturalmente alegre de Lizzy começou a voltar. Afinal de contas, o Sr. Maplewood não fora uniformemente desdenhoso. E ele a princípio pegou a mão que ela oferecia e ficou feliz com sua presença. Ela dificilmente poderia esperar que ele estivesse pensando em seus sentimentos em tal momento e não era surpreendente que ele não tivesse gostado de seus esforços para animá-lo. Sua consciência estava tranquila. Ela havia seguido seu instinto e isso devia contentá-la.

Tais pensamentos guerreavam um pouco com o ardor no peito de Lizzy, entorpecido pela tarde, enquanto ela passeava para se distrair sob a colunata enquanto sua avó tirava uma soneca. Vários outros estavam aproveitando o sol renovado, mas Lizzy os evitou. Não havia como dizer quando a notícia poderia vir à tona e ela temia falar sobre isso dado ao seu conhecimento especial.

Ela vagou ao longo da fileira de lojinhas, espiando pelas vitrines em busca de distração. Ela não conseguiu sentir muito interesse na livraria Pelton ou na Booty's, mas havia várias lojas de brinquedos com bugigangas de todos os tipos: caixas de rapé, porta-dedais e almofadas de alfinetes; fivelas de metal, maçaricos e tesouras, saca-rolhas, estojos de agulhas e estiletes e uma profusão de joias douradas. Uma bonita caixa de escrita feita de louça Tunbridge chamou sua atenção e ela estava prestes a entrar neste estabelecimento quando alguém a chamou:

— Lady Elizabeth!

Não era a voz que ela secretamente ansiava ouvir. Virando-se, ela viu o elegante Marcus, vestido com roupas excepcionalmente sóbrias, mas não fúnebres, como convinha a seu primo morto. A antipatia instintiva de Lizzy

pelo homem fez com que ela o cumprimentasse com certa reserva, sua reverência mal ajustada à elegante reverência que ele fez, tirando o chapéu.

— Sr. Brockhurst, como está? — Recordando as circunstâncias desagradáveis do dia, ela retraiu-se apressadamente. — Oh, perdoe-me. Como é que se pode fazer uma pergunta dessa em um momento como esse? As minhas sinceras condolências, sir.

Ele assumiu uma expressão adequadamente triste que Lizzy imediatamente suspeitou ser espúria. — De fato, milady, é um dia triste para todos nós. Se ao menos o querido Daniel não tivesse estado tão profundamente desolado. Receio que ele estivesse frenético ao ponto da loucura.

Com dificuldade, Lizzy se conteve para não soltar uma réplica zombeteira. Então era assim que eles pretendiam jogar, exatamente como o Sr. Maplewood havia predito. Ela tentou falar em um tom simpático:

— Sim, de fato. O pobre homem estava profundamente melancólico, e não é de admirar.

— Uma coisa terrível. — Marcus franziu os lábios. — Mal poderia acreditar que meu pobre primo pudesse ser levado a tal extremo. Estamos todos abatidos. — Ele abriu um sorriso triste. — Tanto, de fato, fui obrigado a fugir por um espaço. — Ele acenou com a mão vagamente. — Ar fresco, a milady sabe. É muito eficaz. Gostaria de ter persuadido minha mãe a fazer o mesmo, mas ela se declarou muito ocupada com minha pobre tia.

— Mary Ann, o senhor quer dizer — disse Lizzy, descuidadamente.

Ele pareceu surpreso.

— A jovem Lady Wem, sim. Ela está, como pode imaginar, quase fora de si de tanta dor.

— Eu imagino que sim. — As palavras eram mecânicas enquanto Lizzy o olhava com crescente suspeita. Por que ele a abordou? Ele sabia do envolvimento de Ottilia? Estava empenhado em garantir que ela acreditasse em sua inocência e na de sua mãe também? Ocorreu-lhe que Marcus poderia ter mais a ganhar com a morte de Daniel. Se o doente Julius também não sobrevivesse, será que ele ganharia o título de visconde no devido tempo? Tornou-se imperativo descobrir se o herdeiro tinha filhos, mas como expressar isso sem alertar Marcus sobre suas suspeitas?

— Sinto muito por seu outro primo. Julius, não é? Ele deve estar sentindo essa perda terrivelmente.

Marcus balançou a cabeça pesadamente.

— Está totalmente abatido. Clarissa teme que isso possa provocar uma de suas crises. O pobre sujeito nunca teve uma saúde robusta.

Lizzy interveio, satisfeita com a pronta alusão a um assunto que deveria ser estritamente privado. Que sorte Marcus ter uma língua fofoqueira.

— Entendo. Espero que ele não tenha passado sua condição infeliz para seus filhos.

Marcus respondeu à nota de interrogatório sem nenhum escrúpulo aparente:

— Oh, suas filhas gozam de perfeita saúde. Para grande alívio de Clarissa, devo dizer. A pobre mulher tem um acordo a cumprir.

— Ouso dizer que é uma preocupação para ela — disse Lizzy, ansiosa para prosseguir no assunto. Ela ousou investigar mais: — E os rapazes?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Rapazes?

Lizzy fingiu confusão.

— Oh, por favor me perdoe. O senhor falou das filhas de Julius, e eu me perguntei... Mas eu não deveria perguntar.

Ele acenou com a mão em um gesto delicado, mais adequado para uma mulher do que para um homem.

— Ah, sim. É uma pena para nossa querida Clarissa ter perdido os meninos.

— Então ela não tem filhos?

— Teve dois, mas nenhum sobreviveu à infância. — Ele abriu um sorriso um tanto enigmático. — Faz tempo. Ela ainda era jovem. — Ele então levou a mão à cabeça e deu um leve golpe na testa. — Eu não tinha pensado nisso, mas este negócio deve fornecer um estímulo.

Lizzy concordou, mas a dúvida começou a surgir. Era uma encenação? Ele estava muito calmo e ela não conseguia discernir nenhum sinal real de dor. No entanto, se ele realmente tivesse se livrado do primo, seria assim tão franco? Justamente para ela? Tolice falar tão abertamente se soubesse que havia uma suspeita de que Daniel havia sido morto. E estava convencida de que Marcus era tudo menos tolo. Ela pegou o touro pelos chifres.

— Atrevo-me a dizer que sabe que pediram à minha tia que subisse à casa esta manhã.

Houve um lampejo de irritação em seus olhos? Se sim, foi fugaz porque logo sumiu enquanto ele a olhava, franzindo o lábio.

— Ah, pobre tia Annis. Iludida, infelizmente. Meu pai acha que ela levou a sério os delírios de nosso Daniel. Inevitável talvez, já que ele e o primo Vivian eram tão próximos. Ela é obrigada a apoiar os interesses dele nesse momento.

— Seus interesses? Mas...

— Oh, as mães, a senhorita sabe, são capazes de proteger seus filhos, mas deixar a família em apuros justo hoje! — Ele soltou uma risada desdenhosa. — Meu pai sabe que Annis sempre foi uma pessoa estranha. Nunca há como dizer que ideia absurda ela pode colocar em sua cabeça.

Lizzy aproveitou o ponto pertinente:

— Oh, então a família está realmente em conflito?

Ele fez um gesto largo.

— O que acha? Arrastando um estranho para o nosso meio e fazendo acusações infundadas.

— Como pode saber que são infundadas?

Ele curvou o lábio novamente.

— Minha querida Lady Elizabeth, que motivo algum de nós poderia ter

para tirar o pobre Daniel do nosso caminho? Simplesmente porque ele havia perdido temporariamente a razão por causa da dor? Na verdade, meu tio Leo estava falando em mantê-lo confinado por um tempo.

Lizzy ficou chocada.

— Confinado? Ele não era um lunático, sir!

Marcus deu de ombros de uma forma eloquente.

— É discutível, milady, mas seja como for, seu pai apenas quis dizer que ele deveria ser levado para algum lugar tranquilo onde pudesse recobrar seus sentidos em paz. Acredito que tio Leo pretendia pedir a Vivian para acompanhá-lo. — Ele soltou um suspiro. — Um esquema em vão quanto ao acaso, já que o pobre Daniel estava muito mais perturbado do que qualquer um de nós imaginava.

— Perturbado o suficiente para tirar a própria vida?

Marcus estremeceu.

— Não dá para pensar nisso. Minha esperança é que se descubra que foi um acidente.

Completamente empolgada por sua atitude despreocupada, Lizzy não hesitou:

— Como assim?

— Minha cara milady, nada poderia ser mais simples de explicar. Minha tia Mary Ann estava dando a ele uma de suas poções de bruxa. Daniel provavelmente tomou mais do que deveria em um esforço para acalmar sua mente. Estou convencido de que foi isso.

Convencimento só se for para ele, sem dúvida.

— Espero que sim, pelo bem de todos. — Suas palavras pareciam tão espúrias quanto as que Marcus havia falado. Nem por um instante ela acreditou que ele estava sendo sincero. Se estivesse desinteressado, abraçaria todas as possibilidades, não é? Ela ficou subitamente ansiosa para saber o que Ottilia poderia ter descoberto. Estava prestes a se despedir quando Marcus falou novamente:

— Soube que também visitou a casa, Lady Elizabeth.

Seus olhos tinham um desafio distinto. Lizzy o recebeu sem hesitar.

— Sim, sir, queria prestar minhas condolências ao Sr. Maplewood.

— Ah, é? Não tinha percebido que estava em tais condições com meu primo.

— Somos amigos, Sr. Brockhurst, só isso.

Ele sorriu, mas seu olhar estava calculista.

— Que pitoresca. Meu primo é um sujeito endurecido. É divertido ver que sua armadura esteja um pouco perfurada. Desejo-lhe todo o sucesso, milady.

Ele se curvou novamente e se afastou antes que Lizzy tivesse a chance de responder. Ela ficou feliz com isso, pois não conseguia pensar em nada para dizer. O aviso estava implícito. Uma pena roçou seu coração. Surgindo como vieram após o fiasco da manhã, as palavras não puderam deixar de reviver um fio de ansiedade meio reconhecido.

Uma interrupção bem-vinda veio na voz de sua tia:

— Lizzy, aí está! Estava achando que seria obrigada a procurá-la nas Salas de Reunião.

— É fácil me encontrar, tia Ottilia — disse, enquanto se virava com algum alívio para cumprimentá-la. — Normalmente não há companhia a esta hora.

O sorriso de Ottilia a aqueceu. — Aquele ao seu lado era o Marcus Brockhurst, não era?

A insatisfação de Lizzy com o homem aumentou. — Criatura odiosa. Ele está convencido, ou assim diz, que Daniel tomou mais do que deveria da mistura de sua mãe.

Ela recebeu um olhar astuto. — Não acredita nele?

— Não acredito em nada do que ele diz.

Ottilia riu. — Meu Deus, é tão ruim assim?

Pior, mas Lizzy não ia mencionar a última troca. Ela se aqueceu um pouco quando Ottilia enfiou a mão em seu braço.

— Venha, Lizzy, vamos dar uma volta.

Lizzy se permitiu de bom grado ser arrastada para a passarela pavimentada para passear suavemente sob o sol fraco. O dia estava findando, mas nublado novamente, pressagiando mais chuva. Uma brisa soprou em suas bochechas e ela se lembrou das palavras anteriores de sua tia.

— Estava procurando por mim?

Ottilia olhou diretamente para ela. — Estava. Francis me disse que não estava feliz quando voltou da visita ao Sr. Maplewood.

A tristeza voltou com força e Lizzy deixou escapar: — Ele foi horrível comigo, tia. Não a princípio. De certa forma, ele se desculpou. Ele me usou como um bode expiatório. Foi... desconfortável.

— E doloroso também, imagino.

A compreensão instantânea foi um bálsamo, mas a atingiu com tanta precisão que sua garganta doeu. Ela se esforçou para manter a voz firme:

— Eu presumi d... demais. Ele não foi gentil. A senhora dirá que eu não poderia esperar que ele fosse, e está certa.

— Não, não vou dizer isso. Atrevo-me a dizer que o pegou de surpresa.

— Sim. — Lizzy estava se lembrando de tudo, da dureza e de suas próprias respostas relutantes. — Ele parecia querer minha presença, mas também me rejeitou. Não entendo, tia Ottilia.

A mão em seu braço apertou-o um pouco.

— Não se preocupe, minha querida. Um homem nunca é tão aberto quando está vulnerável.

— Mas ele não estava aberto. Ele estava fechado.

Ottilia estalou a língua. — Não foi isso que quis dizer, Lizzy. Parece-me que o Sr. Maplewood mostrou-lhe mais de si mesmo do que mostraria a alguém por quem ele realmente não se importa.

Uma centelha de esperança surgiu. — Acha que ele se importa comigo?

— Talvez mais do que ele saiba até agora. Na minha opinião, o tocou em

carne viva, indo como fez. Ele estava despreparado. Chocado e de luto ainda por cima. Provavelmente viu mais dos sentimentos reais dele do que em qualquer outro momento.

Consideravelmente animada com essa visão do assunto, Lizzy repassou momento da visita em sua mente e encontrou menos motivos para desânimo.

— Ele disse que precisava de mim. E ele me agradeceu por ter ido.

— Isso é excelente. — Ottilia fez uma pausa e Lizzy prendeu a respiração.

— Se valoriza meu conselho...

— Sabe que sim, tia Ottilia. Eu ficaria feliz com qualquer coisa.

Lizzy ficou paralisada por insistência de Ottilia. — Não mostre seus sentimentos, Lizzy. Deixe-o ver que é forte o suficiente para ficar sem ele.

— Então acha que agi mal em ter ido até lá?

— Não, acho que fez certo, mas pode ser melhor para manter um pouco de distância. Deixe-o vir em sua busca.

Lizzy sentiu uma pontada de apreensão. — E se ele não fizer isso?

Ottilia sorriu. — Ah, ele vai sim.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque uma demonstração de indiferença o irritará. É da natureza humana, já deveria saber.

Lizzy não ficou convencida.

— Mas ele está de luto. Ele não vai pensar em mim.

Ottilia abriu um sorriso travesso.

— Seu tio Francis pensou em mim apesar de todo o horror e tristeza pela morte de sua tia Emily. Se a faísca estiver lá, minha querida, nada a impedirá de pegar fogo.

— Mas será que está?

Ottilia riu.

— Minha querida Lizzy, você é quem deve ser a juíza disso.

Lizzy suspirou.

— Não me sinto competente para julgar nada no que diz respeito ao Sr. Maplewood.

Uma chuva de granizo acima da colunata chamou sua atenção e, quando ela olhou para cima, viu Francis se inclinando para fora. Ele gritou enquanto Ottilia acenava para ele.

— Estão procurando-a, Tillie!



A atmosfera na residência de Brockhurst estava tão opressiva quanto pela manhã, embora houvesse sons indicativos de uma vida normal. Ottilia ouviu vozes vindo de uma porta ao lado do corredor sombrio e duas criadas sussurrando, carregando bandejas cheias, descendo as escadas e deslizando para as regiões inferiores na parte de trás. O mordomo que a havia atendido, de volta ao serviço naquela tarde, começou uma subida majestosa e Ottilia o seguiu.

Ela havia persuadido com dificuldade Sybilla a não acompanhá-la.

Descobriu-se que Sybilla havia chegado à casa pouco antes do laçao que levara a carta da Sra. Maplewood, escrita às pressas com borrões de tinta e dobrada sem selo. Era breve e direto ao ponto.

“Minha mãe deseja que venha até aqui para dizer na cara dela tudo o que me disse esta manhã. Por favor, apresse-se, se puder. As coisas estão desesperadoras.”

Sybilla expressou seus pontos de vista enquanto Ottilia se fazia dona dessas palavras.

— Não vejo por que deveria obedecer a uma convocação tão rude. Como aquela mulher se atreve a lhe enviá-la dessa maneira? É um laçao?

— Oh, calma, vovó, é claro que ela deve ir. Não deve, tia?

Francis bufou. — Tente se puder impedi-la, senhora. Ela está louca para entrar de cabeça nisso, não é, meu amor?

Ottilia teve que rir.

— Não posso dizer que estou ansiosa para um encontro com Lady Wem, mas admito que estou bem curiosa.

Sybilla levantou as mãos em um gesto exatamente igual ao do filho quando ele estava exasperado.

— Já que insiste em ir, é melhor eu acompanhá-lo. Devo fazer uma visita de condolências de qualquer maneira. Além disso, estou relutante em deixá-la enfrentar aquela mulher terrível sozinha.

Mas Ottilia não desejava ser atrapalhada pela presença de Sybilla. A inimizade entre as duas mulheres estava fadada a causar tumultos justamente quando ela precisava de todo seu tato à sua disposição.

— Acho que será melhor ser uma conversa só entre mim e ela, se possível, Sybilla. Afinal, ela não pode me comer.

— Eu não teria tanta certeza disso — disse Sybilla, sombriamente. — Há muito tempo suspeito que Protasia pratique algum tipo de feitiçaria. Não se pode explicar de outra forma... — Ela se interrompeu abruptamente, seu olhar furioso desafiando qualquer um a questioná-la. — Isso não é relevante. — Ela apontou um dedo para Ottilia. — Não subestime a mulher. Ela é completamente venenosa.

Lizzy deu um gemido audível e Ottilia se apressou em responder:

— Serei cuidadosa, senhora, mas espero que ela seja mais agradável se eu a vir sozinha.

Francis, para seu alívio, a apoiou:

— Dê suas condolências em outro momento, senhora. Lady Wem não intimidará facilmente minha mulher maravilhosa.

Ele deu a ela um sorriso encorajador com essas palavras e Ottilia interpretou isso como uma permissão tácita para prosseguir com suas investigações. Na verdade, ela suspeitava que Francis estava secretamente interessado, apesar de sua alegada antipatia pelos Brockhursts. Além disso, ele devia saber que nada de desagradável aconteceria com uma visita à viúva Lady Wem. No momento, ela foi capaz de partir apenas com Hemp como

escolta, pois decidiu caminhar. Ele a esperava lá fora, preferindo desfrutar do raro calor inglês, bálsamo sem dúvida para um sujeito criado em Barbados.

A escada principal subia para um amplo corredor e, quando o mordomo entrou nele, Ottilia percebeu o som de uma lamentação distante que se tornava mais alta à medida que avançavam. Ela olhou para as portas fechadas enquanto eles passavam, se perguntando qual das mulheres estava chorando. Não havia sinal de Annis Maplewood. Ela estava esperando com a Lady Wem mais velha?

Seu guia passou pela porta do grande salão que Ottilia se lembrava de sua primeira visita a Sybilla, onde a viscondessa viúva as recebeu com pompa e, em vez disso, pararam um pouco mais adiante. Ottilia entrou ao anúncio de seu nome e se viu em um apartamento muito menor, cuja decoração era tão sombria quanto o resto da casa. Cadeiras forradas de chita não tornavam os painéis escuros mais gentis, embora a viga da janela permitisse que ela distinguísse uma mesa de jogo Chippendale com pernas cabriolet, uma pesada estante cheia de livros encostada a uma parede e um espelho de cais de moldura dourada sobre o manto de mármore manchado.

Havia apenas uma ocupante, sentada em uma cadeira perto do vão da janela, a pequena figura recortada contra a luz. Ottilia não sabia se Lady Wem estava olhando em sua direção, mas havia rigidez na maneira como ela se sentava, ereta e inclinada para a frente em seu assento. Ela não falou nada.

Ottilia aproximou-se dela.

— Mandou me chamar, senhora?

Uma mão em forma de garra surgiu, gesticulando para uma cadeira oposta. Ela ainda não olhava para a visitante.

Ottilia estava tomada por uma mistura de irritação e um leve divertimento. A arrogante realza da mulher era quase teatral. Então ela lembrou que a mulher acabara de perder o neto e uma onda de compaixão soltou sua língua:

— Sinto muito. A senhora sofreu uma perda trágica.

Um estremecimento sacudiu o pequeno corpo e, por fim, o olhar de Lady Wem encontrou o dela quando Ottilia se sentou na cadeira indicada. Deste ângulo, com a luz caindo em seu rosto pela ampla janela de guilhotina, ela parecia estar sofrendo. Seus olhos estavam vermelhos, sua pele manchada e pálida, e a malevolência reprimida estava ausente de seu comportamento. Afinal, ela era humana? Sua voz, quando finalmente falou, saiu um pouco áspera:

— A senhora fez uma observação esta manhã.

Sem denominação? Nenhuma saudação? Era para ser assim? Ottilia gemeu internamente. Lidar com essa mulher seria tão complicado quanto ela havia previsto. Ela respondeu na mesma moeda:

— Fiz.

— Então?

Ottilia hesitou, olhando para a mulher com a antipatia ressurgindo. Ela ficou tentada a rebater sem preâmbulos, mas a mulher já havia sofrido

choques suficientes naquele dia.

— Não tenho certeza do que está me perguntando, senhora. Deseja ouvir minhas descobertas ou minha conclusão?

O queixo de Lady Wem se ergueu.

— Tudo.

— Muito bem, se prefere a verdade nua e crua, acredito que seu neto foi sufocado.

A mulher se encolheu, mas seu olhar fixou-se no de Ottilia, estreitando-se.

— Seus motivos?

— Uma palidez azul, juntamente com danos causados pelos dentes na boca, veias estouradas nos olhos e em outros lugares que, em conjunto, são indicativos de que ele foi privado de ar por tempo suficiente para sucumbir. Ele não lutou, mas duvido que a presença de um narcótico em seu estômago tenha sido forte o suficiente para matá-lo.

Lady Wem ouviu tudo sem expressão, embora Ottilia tenha notado um endurecimento na linha de sua mandíbula. Ela estava longe de ser indiferente. Por um momento ela não respondeu, seu olhar nunca deixando o rosto de Ottilia. Então o ruído veio novamente: — Então não foi suicídio.

— Não.

Lady Wem apoiou um cotovelo no braço de sua cadeira e apoiou a cabeça na mão, seu olhar se voltando para o tapete que adornava o vão onde as cadeiras estavam colocadas.

— Meu filho deseja uma resposta de suicídio.

Ottilia suspirou. — Ele pode muito bem conseguir uma.

A mulher não levantou a cabeça, mas lançou um olhar a Ottilia.

— Como assim?

— Os sinais são fracos. O médico não falou de todos e atribuiu o azul a um resultado natural. Seu relatório ao legista é como produzir um veredicto de morte acidental. Depende do que for encontrado no *post mortem*.

A mão de Lady Wem caiu e ela se endireitou.

— Alguma coisa será encontrada.

— Sem dúvida. Ele estava drogado.

— Com um dos chás de Mary Ann? Bobagem!

Foi a observação mais normal que Ottilia ouviu dela.

— O que há nesses chás, a senhora sabe?

A mulher deu de ombros.

— Ela diz que ervas. Julius parece tirar proveito delas. Só Deus sabe o que ela coloca neles. Ela acha que é uma curandeira.

— Se ela conhece ervas, provavelmente é uma. Ela disse o que havia na mistura que deu a Daniel?

Um som rude explodiu de Lady Wem:

— E quem poderá dizer? Ela não faz nada além de lamentar e chorar. Se conseguir, tente tirar algum sentido daquela tola.

Ottilia não resistiu a um protesto: — Ela acabou de perder o filho, senhora.

— Leo também. Eu também. Um neto.

— É diferente para uma mãe, não acha?

Um tom amargo surgiu na voz da mulher: — O que eu acho é que alguém se aproveitou do estado de espírito do meu filho. E do meu também.

Otilia não hesitou: — É por isso que me chamou. Acredita que ele foi assassinado?

De repente, o olhar de serpente estava de volta.

— Acredito que eles estão todos em uma conspiração para me assediar e me mortificar. É tudo uma peça de teatro. Daniel veio com sua gentileza, mas isso não exonera o resto deles. O fim será que eles vão me levar para o túmulo. Só assim ficarão satisfeitos.

O discurso terminou e ela olhou para Otilia como se ela fosse a responsável pelo infeliz estado de coisas. A mulher estava perturbada com os acontecimentos dos últimos dias? Ou isso era apenas os delírios da dor? Otilia deu-lhe um pequeno sorriso.

— Perdoe-me por dizer isso, senhora, mas está falando igual ao seu neto naquele dia nas Salas de Reunião. Estou convencida de que não esteja falando sério.

Um olhar irônico surgiu. — Não estou? Talvez não, mas terei a verdade para tudo isso.

Otilia empacou. — Se está esperando que eu a encontre, senhora...

— A senhora já começou. Annis pode ajudá-la. Isso é coisa dela.

— Duvido muito disso, Lady Wem. Ela é talvez a única pessoa acima de qualquer suspeita.

Um olhar astuto surgiu na direção de Otilia.

— Por que ela levantou um clamor? Não se deixe enganar por isso. Ela já foi tortuosa. Ela faz o papel de filha obediente e me despreza em segredo. Ela acha que eu não percebo, mas eu a avalio. Ela ficaria muito feliz em me ver confusa. Todos eles ficariam.

Otilia começou a se desesperar de qualquer progresso. A mulher era amarga ao ponto da obsessão. Se houve pesar pela morte do rapaz, foi substituído pela determinação de Lady Wem de se imaginar uma vítima, assediada pelas maquinações dos outros. Difícil vê-la conivente com qualquer um de seus infelizes parentes, já que não confiava em nenhum deles. Otilia optou pela abordagem direta:

— Qual deles a senhora acha que pode ter um motivo para se livrar do seu neto?

A boca de Lady Wem se afinou enquanto ela comprimia os lábios, os olhos puxados olhando sem piscar para Otilia. Ela persistiu.

— Annis, por exemplo. Por que ela faria uma coisa dessas?

— Como eu deveria saber? Eu disse que ela é desonesta.

— Mas isso não constitui um motivo para livrar o mundo de seu sobrinho. Vamos, senhora, disse que queria que eu descobrisse a verdade.

A boca da mulher se contorceu.

— Quer que eu os condene com minha própria boca? Essa é uma tarefa sua, não minha.

Furiosa, Ottilia soltou:

— Eu não disse que estou disposta a fazer isso, Lady Wem. Nem estou sujeita ao seu comando. Não há nenhuma jurisdição sobre mim e a senhora não vai falar comigo como se eu fosse um dos coitados que são obrigados a ceder a todos os seus caprichos. Ou responde às minhas perguntas ou eu saio desta casa e a senhora vai ter que resolver seus próprios problemas sozinha.

Ela terminou em um tom estridente que a chocou em silêncio, ainda mais enfurecida por ter sido provocada a perder a paciência.

Mas a explosão foi salutar. O olhar duro de Lady Wem não vacilou, mas um sorriso sombrio curvou sua boca.

— Fico feliz em pensar que Sybilla é obrigada a lutar com a senhora. Ouso dizer que a leva até a loucura. Ninguém dos meus ousaria falar assim comigo.

— Ela fungou. — Gostaria que eles pudessem mostrar coragem o suficiente para fazer isso.

Incapaz de se conter, Ottilia reagiu:

— No entanto, quando seu neto fez isso, a senhora o encarou e deu um tapa no rosto dele em público.

Lady Wem soltou um suspiro desdenhoso.

— Claro que sim, mas isso não significa que eu não admirava seu espírito. Tive que dar um tapa no menino. O quê? Deveria permitir que ele me expusesse? Eu não poderia permitir isso.

Ottilia absteve-se de apontar que havia feito uma exibição de si mesma. Apesar de seu aborrecimento latente, a evidência de sentimento a intrigou, então ela sondou:

— Importava-se com Daniel?

Uma sombra cruzou o rosto da mulher.

— Ele era o meu favorito. É por isso, se quer saber, que a morte dele partiu meu coração. E aí está, caso queira algum motivo. Todos eles sabiam disso. Qualquer um deles ficaria feliz em ter uma desculpa para me entristecer.

A exasperação tomou conta de Ottilia.

— Quer que eu acredite que alguém da sua família destruiria a vida desse rapaz apenas com o propósito de fazê-la sofrer?

— E por que não? É o propósito de todas as suas vidas. Ingratos e parasitas, todos eles. O Leo por exemplo, balbuciando sobre sua fúria com o menino quando seu fracasso em controlar as peculiaridades de Daniel é o culpado por essa confusão.

— Quer dizer que ele poderia ter impedido o casamento?

— Ele mimou o menino vergonhosamente. Deveria ter comprado uma comissão para ele em vez de lhe dar uma mesada. Não duvido nada que o imbecil cedeu aos caprichos da esposa tola. Ela não suportaria expor seu bebê aos perigos da vida militar. Não é surpresa nenhuma que ele tenha corrido solto.

Otilia examinou o assunto pertinente.

— Um pai indulgente não mataria o próprio filho, senhora, por mais que tentasse assediá-la.

Lady Wem deu-lhe um olhar furioso.

— Mas eu disse que foi o Leo?

— A senhora insinuou que alguém da sua família pode ter feito isso.

— A senhora acha que quero acreditar nisso?

— Eu não, senhora, mas não consigo imaginar que haja qualquer possibilidade de alguém de fora ter cometido tal ato. O que torna todos os habitantes da casa suspeitos.

O olhar da serpente tornou-se pronunciado.

— Incluindo eu, ousou dizer.

Otilia não hesitou.

— Sim, claro. A senhora é fraca, é verdade, mas Daniel estava drogado demais para lutar.

Lady Wem soltou um grunhido.

— E vai jogar em mim que eu estava com raiva o suficiente para fazer isso também.

Otilia foi traída por um sorriso irônico.

— Ainda não encontrei na raiva um motivo suficiente para matar a sangue frio. Com toda a probabilidade, isso foi premeditado. Poderia, em fúria, golpear o menino com um castiçal. Outra coisa é planejar e executar um assassinato nas horas secretas da noite. Devemos procurar um motivo mais convincente.

A mulher ficou em silêncio por um tempo, como se estivesse pensando, seu olhar se voltando para a janela. Dava para a frente da casa, além da qual era visível o Common e o conjunto de edifícios que formavam a rua principal da cidade abaixo. Otilia estava meio inclinada a esperar que a mulher abandonasse o assunto e a dispensasse. A busca por um assassino parecia bastante desesperadora. A menos que alguém tenha ouvido ou visto algo, ela devia estar dependente de fazer o assassino tropeçar e cometer um deslize. Isso, por sua vez, exigindo que ela encontrasse meios para questionar a todos. A menos que a viscondessa viúva os instrísse, alguém, exceto os Maplewoods, estaria disposto a falar com ela?

Por fim, a mulher soltou um longo suspiro.

— Eu deixaria isso de lado, se pudesse. Não gostaria de saber se alguma cria minha é capaz de fazer uma coisa dessas. Godfrey? Não, ele não cobiça o título. Ele tem mais dinheiro do que o suficiente. Lilian. Ela suplantaria Mary Ann se pudesse e me dominaria. Marcus? Não faz nada, é o que ele é. Com a morte de Daniel, ele é o próximo na fila se Julius sucumbir às suas doenças perniciosas. A Mary Ann engana-o, claro, como sempre.

Guardando esses detalhes na memória, Otilia investigou o resto:

— A senhora tem outra filha, não tem?

— Berta? Extremamente ciumenta. — O olhar cínico de réptil acentuou-se.

— Detesta ir a bailes comigo. Pensa que não vejo, mas vejo. Agride os outros e finge que é por minha causa, mas sei que não é bem assim. Ela ver-me-ia esmagada se pudesse. Se essa foi a sua vingança, falhou o alvo.

A auto absorção da mulher era total. Ottilia não podia deixar de ter pena da filha obrigada a viver em sua órbita, desprezada e intimidada. Uma existência miserável, mas ela usaria um método tão cruel para retribuir a indelicadeza da mãe?

— Isso é abrangente, senhora. Permite-me falar com essas pessoas?

Lady Wem fungou.

— Vai ter que fazê-lo, não vai? Não que alguém vá confessar. Vou esfolar quem fez isso e eles o sabem muito bem.

O que não tornaria sua tarefa mais fácil.

— Devo avisá-la que estou sujeita a ficar invisível. Além disso, o veredicto do legista provavelmente tornará qualquer investigação supérflua.

— Não é supérfluo para mim. — O olhar duro passou por Ottilia. — Não negligencie Mary Ann ou Annis, não importa a música e a dança que estejam criando, de uma forma ou de outra.

Ottilia teve dificuldade em acreditar que uma mãe poderia matar o próprio filho, mas não teve chance de dizê-lo.

— Tem Clarissa também. Eu poderia absolver o Julius, mas aquele pedacinho atrevido ousou fazer amizade com a outra moça. Diante da minha proibição. Eu dei a ela um pedaço da minha mente. Aconselhei Julius a dar uma surra na garota, mas ele é um fracote covarde. — A amargura voltou com força total. — Veja só, poltrões, todos eles. O único que ousou me desafiar foi Daniel, e ele está morto. Que motivo tenho para viver agora? Ficaria mais feliz em meu próprio túmulo, mas não daria a eles essa satisfação.

Completamente enojada, Ottilia não encontrou nada para dizer. De repente, Lady Wem se voltou para ela:

— Bem? O que está esperando, garota? Vai continuar com isso, não vai?

Com a cólera aumentando, Ottilia levantou-se.

— Estou indo, milady, vou para casa. Quando tiver recuperado a calma, mande-me chamar. Nessa altura, pensarei se estou ou não disposta a atendê-la.

A outra soltou uma risada áspera.

— Oh, vai me atender. Ouvi falar muito da senhora, Lady Fan. Não vai resistir.



Capítulo 9

— **E o pior** de tudo é que a criatura horrível está certa. Esse caso miserável é desastrosamente intrigante.

Com as costas apoiadas na lareira, Francis ouviu o relato de sua esposa sem fazer nenhum comentário. Apesar de aborrecido com a grosseria a que ela havia sido submetida, ele sorriu.

— Eu sabia que estaria no meio disso em um piscar de olhos, minha querida.

De onde ela estava sentada, na cadeira que ela gostava, bebendo sua bebida perene, sua esposa deu-lhe um de seus olhares travessos.

— É tão desobediente, Fan. Por que não pegou um de seus animais de estimação e me proibiu de ter qualquer coisa a ver com isso?

— Porque pela primeira vez não parece oferecer nenhum perigo. — Refletindo, ele corrigiu isso: — Ou nada além de ser obrigada a suportar a terrível falta de cortesia daquela mulher horrível.

— Ah, não. Fui clara e não me acovardei.

Ele começou a rir.

— Pior para ela então.

— Por incrível que pareça, ela gostou.

Francis pousou a caneca vazia. Ele tinha bebido cerveja em uma tentativa de neutralizar o calor crescente da tarde, abafado apesar do fraco brilho do sol. As janelas estavam abertas o máximo que podiam e ele havia abandonado o casaco, mas mesmo em sua camisa de manga comprida, sentia-se pegajoso e quente. E irritado.

— Se é que se pode dizer que ela gosta de alguma coisa. Pelo menos fico feliz em saber que deu o melhor de si. Ela teria recebido pouca atenção de mim.

Tillie sorriu.

— Eu sei, meu querido campeão, e não acho que teria respondido. Ela tem domínio sobre seus homens.

— Como minha venerada mãe.

— Mas Sybilla tem um coração, Fan. Esta mulher está amargurada até o âmagô. Para ser sincera, duvido que ela tenha um. Ela vê tudo como se relaciona consigo mesma. Está tudo bem desgastado e estou surpresa que

nenhum de seus descendentes oprimidos a tenha matado em vez de desperdiçar a vida daquele pobre jovem. Sem mencionar sua pobre esposa.

A atenção de Francis se desviou. — Então também acredita que houve um assassinato?

— E por acaso não acredita? Agora que o rapaz também morreu, é difícil acreditar que a primeira morte foi um acidente.

— Perpetrado pela mesma mão?

— Ou outra que se aproveitou da condição perturbada do rapaz.

Ele a observou deslizar para o devaneio e soube imediatamente que estava refletindo sobre as possibilidades. Por si mesmo, ele preferiria não ter nada a ver com os Brockhursts. Com exceção do jovem Maplewood talvez, presumir que a preferência de Lizzy pelo sujeito daria em alguma coisa. Ele havia pensado em alertar seu cunhado, mas o reflexo que sua mãe tinha sobre a garota responsável o dissuadiu. Era antes seu papel conter os acontecimentos. Além disso, ele suspeitava que sua querida esposa aprovava o rapaz e confiava em seu julgamento. Embora qualquer associação com o clã Brockhurst fosse francamente anátema, mesmo remotamente. Com sorte, o caso desapareceria.

— No que está pensando, Fan?

Ele piscou e encontrou o olhar dela sobre ele, mas se recusou a responder:

— Foi você quem entrou em um de seus devaneios.

Ela não mordeu a isca. — Estava se perguntando sobre os assassinatos?

Ele suspirou, capitulando: — Não, estava refletindo sobre essa fantasia amaldiçoada de Lizzy pelo garoto Maplewood. Acha que essa situação fará com que ele desista? Pelo que entendi, ele gostava do homem que morreu.

O olhar claro de sua esposa permaneceu em seu rosto. — É isso que espera?

Ele deu de ombros, desconcertado. — Não é da minha conta, Tillie.

— Mas está preocupado. Será que teme que Dalesford desaprove?

— Provavelmente ele vai, mas não é isso. O rapaz está muito envolvido com esses horríveis Brockhursts.

— Usa isso contra ele?

— É um acidente de nascimento, sei disso, mas eu me recusaria a ser associado a eles de qualquer maneira. Fico tentado a alertar Gil sobre o que está por vir por causa disso. — Ela o estava olhando com uma carranca e Francis praguejou: — Não me olhe assim, Tillie. Essas coisas importam.

— Quer dizer que ele não tem título.

Seu tom estava estável e duro. Francis sentiu sua raiva aumentar. — Eu não disse isso.

— Mas é o que acredita.

Ele não conseguiu conter o surto de raiva: — Se acha isso, sim, mas esse aspecto não é nada diante da pior perspectiva de Lizzy se casar com alguém daquela família.

Ela soltou um som de exasperação. — Pelo amor de Deus, Fan!

Transformaria isso em Romeu e Julieta? Não vivemos na idade média. Além disso, pelo relato de Lizzy, os Maplewoods em geral têm pouco a ver com a família Brockhurst. E se deseja saber o que penso, imagino que este assassinato servirá para aproximá-los. Afinal, é exatamente o que aconteceu entre nós dois.

Paralisado, Francis a olhou, a lembrança vindo à tona da terrível semana do assassinato de sua cunhada. Ele conheceu sua esposa naquele mesmo dia. O assassinato de fato precipitou os dois em uma aliança que se transformou rapidamente em intimidade. Sua ira morreu e ele riu.

— É verdade. — Ele foi até a cadeira dela e se inclinou, pegando seu rosto entre as mãos. — Às vezes me esqueço de como sou abençoado.

Os olhos dela ficaram úmidos e ela segurou os pulsos dele por um momento. — Eu também.

Francis a beijou e a soltou, endireitando-se. — Devemos concordar em discordar?

Ela parecia incerta. — Vai escrever para Dalesford?

Ele balançou a cabeça. — Não vou colocar um obstáculo na roda de Lizzy, mas mantenho minha opinião. Os Brockhurst são um bando lamentável e tenho pena de qualquer pessoa ligada a eles.

Os olhos de Tillie examinaram seu rosto. — Isso significa que não vai me ajudar, Fan?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu disse isso? Posso não gostar deles, mas estou perfeitamente pronto para persegui-los por se livrarem de um deles. Quem deseja que eu ataque?



Preparado e, mais importante, com o estômago cheio de um excelente jantar, Francis entrou na taverna The Duke of York em busca de qualquer sinal de um homem Brockhurst. Ele achava improvável que alguém do clã aparecesse nas Salas de Reunião, embora Ottilia, extraordinariamente entusiasmada, tivesse acompanhado sua mãe e Lizzy até lá.

— Posso colher alguma informação útil de um dos residentes permanentes. Aqueles que estão familiarizados com Lady Wem podem ter percepções sobre os vários relacionamentos.

Francis estava prendendo o cabelo em um coque, mas se virou para examiná-la. — Isso significa que quer que eu faça o mesmo se não encontrar nenhum Brockhurst?

Ela deu a ele um daqueles sorrisos tentadores, movendo-se para ele e colocando a mão em seu peito. — Por favor, meu querido, sei que vai contra a sua natureza se envolver em fofocas, mas tornou-se especialista em descobrir exatamente os detalhes que eu preciso.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Bajulação, Tillie?

— A verdade, Fan. — Ela riu. — E um pouco de persuasão.

— No que é adepta, sua ladina.

A malícia brilhava em seus olhos. — Há uma excelente refeição esperando-

o, Fan.

Ele deu uma gargalhada e a beijou. — Nesse caso, pode me mandar fazer qualquer coisa.

Eles jantaram em perfeita harmonia, reuniram a viúva e seu pupilo e se separaram nas portas da Sala de Reuniões. A chuva meio ameaçadora não se materializou, mas o ar ficou frio. Francis ficou feliz em entrar na taberna, já espessa com a fumaça de uma infinidade de cachimbos, e murmúrios de muitas línguas assaltaram seus ouvidos enquanto ele examinava a taberna em busca de rostos que conhecia enquanto se dirigia ao balcão.

O taberneiro anotou o pedido de uma taça de Clarete e Francis examinou um pouco mais minuciosamente, passando por cima de um ou dois fregueses que o olharam com interesse. Dois homens curvados sobre uma mesa em um canto chamaram sua atenção. Eles pareciam estar conversando seriamente, ambos bebendo taças de vinho. Como se se sentisse sob escrutínio, um dos homens ergueu os olhos.

O choque percorreu Francis. Era o Lorde Wem? Na noite do mesmo dia em que seu filho morreu? Uma chance improvável, mas que não deveria ser desperdiçada.

Ele pegou a taça do taberneiro, jogou algumas moedas no balcão e se aproximou um pouco mais casualmente. De um ângulo melhor, viu que o companheiro do sujeito também era de meia-idade. O irmão? Qual era o nome dele? Ele procurou em sua memória e o encontrou. Godfrey Brockhurst. Ele não havia sido apresentado ao homem, mas devia ser ele. No entanto, Francis poderia chamar Wem de conhecido e o pretexto era bastante fácil. Ele se aproximou da mesa.

— Hesito em interromper, senhor, mas devo implorar para oferecer minhas condolências.

Ele recebeu um olhar que o surpreendeu.

— Deve, não é? — Lorde Wem levantou-se de seu assento. — O senhor é o Fanshawe, não?

O tom era acusatório e Francis se irritou.

— Sou sim, e me oponho à sua atitude.

— Opõe-se, não é? Então ouça isso: fale para sua esposa parar ou vai ouvir mais objeções do que gostaria!

Furioso, Francis enfrentou o homem:

— Atreve-se a me ameaçar, sir?

Um olhar de desdém foi lançado sobre ele.

— Ameaça? Nada tão insignificante. Vou escrever para meus advogados imediatamente.

— Com que propósito?

— Isso descobrirá no devido tempo. E repito: ordene a esse seu sabujo que desista imediatamente. — Com isso, ele empurrou Francis e se dirigiu à porta, com os olhares fixos neles, pois os homens ficaram em silêncio para ouvi-los. Com seu temperamento no limite, Francis o teria seguido se não fosse pela

mão que agarrou seu braço e o segurou com força.

— Deixe-o ir, homem! Ele está sobrecarregado.

Virando-se, ele descobriu que seu captor era Godfrey. Francis rosnou em protesto:

— Não me importo com o estado de espírito dele. Nenhum homem fala de minha esposa nesses termos.

O aperto do outro se manteve e ele falou em tom baixo, urgente e ansioso:

— Foi realmente ruim, mas peço-lhe que faça concessões, Lorde Francis. Meu irmão teve um dia cheio.

Ainda furioso, Francis ainda foi capaz de apreciar a justiça disso, mas não podia deixar o assunto passar:

— Não foi desejo de minha esposa se envolver, sir, garanto.

— Sim, sim, eu sei. Já ouvi de todos os lados, garanto.

A nota reconfortante o irritou e Francis não conseguiu parar de insistir em sua queixa:

— A Sra. Maplewood é sua irmã, não é? Implorou a intervenção de minha esposa esta manhã. Além disso, sua mãe, a viúva, quase ordenou sua visita. Ao que, deixe-me dizer-lhe, tenho uma forte objeção.

— E quem vai culpá-lo, meu caro senhor? — Godfrey pegou a taça da mão de Francis, que se viu conduzido ao lugar vago de Lorde Wem. — Por favor, permita-me pedir desculpas em nome de meu pobre irmão. Infelizmente ele está muito atormentado. Beba, milorde, que eu lhe pagarei outra taça.

Francis se deixou acalmar, pegando sua taça e jogando fora seu conteúdo. Ele se sentiu inescapavelmente ofendido, mas o sujeito estava fazendo tantos esforços para acalmá-lo que achou grosseiro persistir em reclamar. Antes que pudesse pensar na vantagem que começou a perceber que tinha, sua taça foi reabastecida e Brockhurst estava fazendo ruídos calmantes.

— Eles servem um bom Clarete aqui, sir. Exatamente o que se precisa nessas circunstâncias difíceis.

O copo abandonado de Lorde Wem estava sobre a mesa diante de Francis. Com um gesto irritado, ele o afastou. Godfrey tirou-o de seu alcance e se inclinou, segurando seu próprio copo entre os dedos.

— Devo dizer-lhe, meu caro senhor, que estou grato pela presença e interesse de sua esposa.

Surpreso, Francis olhou para ele.

— Por que deveria estar?

Ele foi tratado com um olhar sério em um semblante que se assemelhava ao irmão, embora mais suave e um pouco carnudo. Testamento para uma boa vida? Ottilia não havia dito que Godfrey era rico?

— Minha irmã Annis não é a única a nutrir suspeitas, sir.

— Sério? O senhor também então?

Ele assentiu, lançando um olhar bastante furtivo aos outros clientes da taverna que, felizmente, haviam voltado aos seus próprios interesses.

— Não ousamos expressar tais ideias com muita liberdade. Meu irmão

deseja acreditar que meu pobre sobrinho cometeu suicídio.

— Entendo, mas o senhor não acredita?

Godfrey abriu as mãos, suspirando.

— Não sei em que acreditar, mas confesso que meu coração me deixa com dúvidas.

Sua evasiva não podia deixar de incomodar. Francis o pressionou por mais:

— Seja claro comigo, sir. O que realmente acha?

O olhar do sujeito encontrou o dele com ousadia.

— Não posso pensar que seja coincidência. O que faria, sir? A garota cai daquela pedra. Bastante conveniente, o senhor não acha? Em questão de dias, Daniel a segue até o túmulo.

— O que seu irmão considera ser uma expressão de luto.

Godfrey balançou um dedo.

— Não, não, o senhor se enganou. Não é luto. Leo acha que foi um ato de desafio que deu errado. É por isso que ele está tão bravo com o rapaz.

— Então ele supõe que o rapaz pretendia puni-lo ou a família? Como assim?

Uma risada fraca iluminou a seriedade do rosto do outro.

— Eu não disse que era racional. Este é o esforço de Leo para dar sentido a uma tragédia terrível. Ele tem Mary Ann em suas mãos, sabe.

— A esposa dele?

— Exatamente. — Ele fez uma careta. — Ela é uma mulher que está tentando o seu melhor das hipóteses. Infelizmente, bastante inútil nesta crise. Uma mãe devotada, admito, pois ela adora aqueles meninos. Deve-se levar em consideração a dor de uma mãe, mas Mary Ann pode perder a razão, como diz Lillian.

— Lillian?

— Minha ajudante. Pobre mulher. Ela está suportando o peso das lamentações de Mary Ann. Infelizmente Leo não tem paciência para elas.

O fato de ele falar tão livremente com um estranho foi uma surpresa. Ou o desabafo era necessário depois de um dia difícil? Francis, no entanto, o levou de volta à questão principal:

— Se não acredita que Daniel se matou, então o que o senhor acha?

Os olhos do homem brilharam.

— Ah, é óbvio!

— É?

Godfrey se inclinou novamente, baixando a voz para um murmúrio:

— Quem ficou mais furioso? Quem sofreu a maior decepção com seu favorito? Quem tinha menos a ganhar, mas foi o mais humilhado?

Consideravelmente assustado, Francis só conseguiu encará-lo por um momento. Para ganhar tempo, tomou um gole da taça, mas tinha que perguntar:

— Acusa sua própria mãe?

Godfrey levantou a mão em um gesto defensivo e uma risada escapou de

seus lábios.

— Meu Deus, de onde tirou isso? Por favor, não faça confusão!

A perplexidade envolveu o cérebro de Francis.

— Que outra construção pode ser colocada em suas palavras, senhor?

Godfrey pegou seu copo e bebeu, lançando a Francis um olhar malicioso.

— Apenas lhe fiz algumas perguntas, Lorde Francis. Não me responsabilizo por qualquer conclusão que possa tirar.

Francis começou a ficar furioso.

— Isso é ridículo. Quer que eu entenda que suspeita da causa da morte de seu sobrinho, mas não quer expor abertamente o que acha? Ora!

Um sorriso enigmático foi lançado sobre ele.

— Leu-me corretamente, senhor. O que quer? Apenas considere minha posição em relação a esta sondagem de sua esposa. Eu também tenho um filho. Meu outro sobrinho está doente. — Tanto o olhar quanto o tom tornaram-se significativos. — Preciso dizer mais alguma coisa?

Francis olhou para ele com atenção. Isso realmente foi uma manobra? Ele pretendia chegar a esse ponto o tempo todo? Lançar suspeitas sobre a mãe para desviá-las do próprio filho? Ele seria malvisto com isso, pois não havia necessidade de dizê-lo isso.

— Acho que o entendo.

Outro sorriso malicioso.

— Imaginei.

Francis tornou-se urgente em deixar a companhia do sujeito, mas lembrou-se da única pessoa que ainda não havia sido mencionada.

— E sua outra irmã?

Godfrey ergueu as sobrancelhas.

— Berta?

— Onde ela fica em tudo isso?

Ele torceu o lábio.

— Pobre Berta. Tão infeliz por não ter conseguido encontrar um marido. Ainda assim, ela provou ser uma filha dedicada. — O olhar do homem tornou-se significativo novamente. — Extremamente dedicada. Obediente também.

Exasperado, Francis soltou a língua:

— Tenha piedade! Quer que eu entenda, suponho, que sua irmã Berta matou seu sobrinho por instigação de sua mãe?

Ele foi tratado com um olhar de dor.

— Meu caro Lorde Francis! Eu lhe disse alguma palavra para lhe dar essa impressão?

— Sim — respondeu Francis categoricamente —, suas palavras foram muito deliberadas, Brockhurst. — Ele bebeu o resto do vinho e se levantou, olhando para as feições agora sorridentes do sujeito. — Prefiro a negociação direta de seu irmão, sir. Pelo menos ele tem a coragem de suas convicções.

As duas amigas de Sybilla estavam dispostas a conversar, a mais velha um pouco mais discreta que sua amiga fofoqueira. A Sra. Trefnant mal compreendeu o propósito de Ottilia e lançou-se no assunto com avidez:

— Chocante, não é? Sinistro também. Estávamos falando sobre isso há pouco, não estávamos, querida Lady Countersett?

A velha senhora questionada, uma mulher ossuda que parecia aos olhos de Ottilia sofrer de reumatismo, soltou um som impaciente, remexendo-se na cadeira e passando a mão pelas cartas, distribuídas e descartadas sobre a mesa.

— A senhora estava, eu estava tentando jogar whist.

Ottilia já havia se desculpado por interromper o jogo, embora a verdadeira culpada fosse a sogra. Sybilla invadiu a sala de jogos, espiou suas presas e invadiu sem escrúpulos, arrastando os dois cavalheiros idosos que jogavam contra o par. Lady Countersett, em uma sequência de vitórias, ficou descontente, mas a Sra. Trefnant abandonou as cartas com entusiasmo.

— Oh, a senhora e seu whist! Nessas horas, querida Lady Countersett, não se pode pensar em cartas.

— Prefiro pensar em cartas do que desperdiçar minha atenção naquela mulher e sua ninhada abismal.

— Oh, não diga isso! — exclamou sua companheira, com suas bochechas rechonchudas tremendo. — Eles não são todos tão bestiais quanto Lady Wem. E aquele pobre jovem era extremamente bonito.

— Bonito é quem faz bonito. Sua conduta deixou um acordo a desejar.

— Mas ele havia perdido aquela sua adorável esposa, querida Lady Countersett. É preciso fazer concessões. — Ela voltou seus olhos azuis entusiasmados para Ottilia. — E isso também foi sinistro.

Ottilia a olhou com interesse.

— O que a faz pensar assim, Sra. Trefnant?

Ela arregalou os olhos.

— Mas é óbvio, não é? — Ela se inclinou um pouco, baixando a voz: — Nenhum deles gostava dela, coitada. Conversei com ela uma vez, sabe.

— Sério? Como ela era?

— Bastante inofensiva. — A Sra. Trefnant levou a mão ao peito e suspirou. — Mal posso suportar pensar nisso. Ela era tão bonita, mas terrivelmente tímida. Eu a conheci no Common, caminhando com sua filhinha.

Era a primeira vez que Ottilia ouvia falar de uma criança. Seu coração deu um pequeno salto.

— Eles tiveram uma filha?

A Sra. Trefnant suspirou novamente.

— Oh, sim. Uma criança linda. Eles a chamavam assim, sabe. Pretty. O que será dela agora? Tenho até medo de pensar.

Uma lembrança estalou na mente de Ottilia. Quem tinha falado de Pretty? Ah, sim, Annis Maplewood. Ela não teve chance de questionar o assunto, pois Lady Countersett fez um som explosivo.

— Não seja tola, mulher. Há familiares suficientes para cuidar da criança.

— Se eles escolherem fazer isso — disse a outra, sombriamente. — Não me surpreenderia se eles também a eliminassem.

Lady Countersett gemeu.— Tem a imaginação mais louca do que qualquer um que eu conheça, Lavinia. Não dê atenção a ela, Lady Francis, eu lhe ordeno. Ela entenderá que tudo é uma trama planejada pela família para se livrar de um assunto lamentável.

Ottília sentiu-se tentada a replicar que a Sra. Trefnant poderia estar certa, mas era prudente guardar sua opinião para si mesma por enquanto. Ela era prevenida.

A Sra. Trefnant inclinou-se novamente.

— Mas a senhora também pensa assim, não pensa, Lady Francis? A querida Lady Polbrook disse que desejava informações sobre os Brockhursts. Por que mais desejaria isso? — Os olhos infantis assumiram um ar de admiração, mesclado de astúcia. — É o seu forte, não é, investigar assassinatos?

Um pequeno suspiro escapou de Ottília.

— Então já sabe disso?

Isso foi recebido com um suspiro.

— Oh, sua fama a precede, querida senhora.

Lady Countersett estava olhando para Ottília como se ela fosse um espécime raro.

— Lady Polbrook não disse nada sobre isso.

O triunfo iluminou o olhar da outra mulher.

— Oh, está atrasada, querida Lady Countersett. Fiquei sabendo disso de sua encantadora sobrinha, Lady Francis.

A severidade instalou-se no peito de Ottília.

— Sério?

Mãos rechonchudas tremeram.

— Oh, não culpe a querida Lady Elizabeth. Confesso que a atormentei até que ela confirmasse os rumores.

— Que rumores? — perguntou Lady Countersett. — Os únicos rumores que correm por esta cidade dizem respeito Àquela Mulher e seus acólitos.

— Não, não, não aqui. Não estou falando de Tunbridge Wells. Não na cidade agora, querida Lady Countersett, ou os teria ouvido também. Todo mundo falava disso na primavera.

Ottília gemeu internamente, mas pelo menos ela não precisaria se conter, então se decidiu e disse:

— Tem razão, Sra. Trefnant. Fui solicitada a investigar este assunto. Eu esperava, como as duas conhecem bem Lady Wem e sua família, que possam me esclarecer algumas coisas.

— Quanto a quê? — perguntou a mais velha. — Não sabemos mais do que ninguém. É tudo conjectura. Conjectura excessivamente tola também — disse, com um olhar de repreensão à companheira —, falar em assassinato e coisas do tipo. É uma tragédia, admito, mas nada mais.

A Sra. Trefnant não parecia reprimida pela severidade da amiga, mas Ottilia interveio antes que ela pudesse retaliar:

— Infelizmente, senhora, há muito mais. Mas a mãe que o diga. Podem me dizer, por favor...

— Sabe algo! — A mulher gorducha se inclinou, ansiosa agora. — Por favor, diga, Lady Francis!

Ignorando um som exasperado da outra, Ottilia fez uma cara de reprovação.

— Receio não poder falar neste momento, senhora. Não adiantaria mexer nisso. É assim que começam os boatos.

A Sra. Trefnant fez beicinho.

— Ah! É uma pena em relação a conhecer sua mente.

Ottilia sorriu.

— Mas ainda podem participar, se quiserem. O que podem me dizer sobre as donas da casa? A Srta. Brockhurst, por exemplo. Ou a Sra. Lillian Brockhurst.

A manobra teve um efeito instantâneo. A Sra. Trefnant se iluminou.

— Oh, Berta? Uma cópia da mãe.

— Ela tenta ser, a senhora quis dizer — interrompeu Lady Countersett. — E faz um trabalho lamentável. Ela não tem metade das forças de caráter.

— Mas não podemos deixar de sentir pena dela, querida Lady Countersett. Pressionada e atormentada como está e obrigada a viver sob o domínio despótico de Lady Wem. — Ela se virou para Ottilia. — Na minha opinião, ela está tão amargurada quanto a mãe, e não é de admirar. Ela odeia a mulher.

Ottilia empacou.

— Como sabe disso, senhora?

— Ela não sabe de nada. É outra suposição.

— Eu sei, querida Lady Countersett, pois conversei com ela em várias ocasiões.

— Sério? Ela lhe disse isso? Desembuche!

— Não, mas deu para perceber. Ela ficava com um ar de espanto sempre que se falava da mãe. Além disso, falou de um projeto que tinha que fazer uma viagem pelo continente e visitar a Itália.

— Eu ousou dizer que sim, mas o que isso significa? Não que Aquela Mulher fosse permitir que ela fosse.

— Exatamente, e foi isso o que ela me disse. Ou melhor, disse que se tornaria independente quando sua mãe morresse e pretendia usá-la para realizar seu sonho. — Uma emoção abafada invadiu a voz da Sra. Trefnant: — Além disso, deu a entender que não demoraria muito para que estivesse livre de todas as restrições. O que acha disso, Lady Francis?

Antes que Ottilia pudesse responder, Lady Countersett bufou.

— O que ela deveria pensar? Não tenho dúvidas de que qualquer um dessa ninhada ficaria feliz em ver Aquela Mulher em seu túmulo, mas está deixando sua imaginação voar com a senhora novamente.

Recordando a convicção de Lady Wem sobre o mesmo sentimento, Ottilia

perguntou a Sra. Trefnant:

— Gostaria que eu soubesse que acredita que a filha iria tão longe a ponto de querer se livrar da própria mãe?

Essa franqueza trouxe uma onda de vermelho às bochechas da mulher e Lady Countersett olhou para Ottilia com aprovação pela primeira vez.

— A senhora é bem direta, Lady Francis. Gosto disso. Viu, Lavinia, aonde sua tolice a levou?

Aturdida, a outra tentou voltar atrás:

— Eu não quis dizer... eu não tinha pensado nisso nesses termos, sabe?

Ottilia cedeu.

— Não soa bem quando dizemos isso em voz alta, não acha? No entanto, sua leitura do personagem de Berta pode ser útil. — Ela ficou intensa. — Contem-me sobre Lillian Brockhurst.

Surpreendentemente, foi Lady Countersett quem disse:

— Uma mulher reservada. Ou talvez eu devesse dizer benevolente. Ela tem um ar complacente que dá vontade de esbofeteá-la.

— Oh, a senhora não gosta dela?

— Não gosto de nenhum deles. Do jeito que se comportam. Pelo menos, do jeito quando Aquela Mulher não está por perto. Wem é mal-humorada e seu irmão se vangloria de sua riqueza. Isso tudo veio dela, é claro.

— Lillian, a senhora quer dizer?

— Oh, ela era uma herdeira considerável — interrompeu a Sra. Trefnant, mas a luz da empolgação fofoqueira cintilou em seu olhar quando ela baixou a voz: — Ela não se vestia bem, sabe. Dizem que é filha de um comerciante.

Assustada, Ottilia percebeu isso imediatamente.

— Se for assim, estou surpresa que Lady Wem tenha sancionado o casamento.

A Sra. Trefnant estava bastante animada.

— Mas foi isso que a deixou tão louca com o pobre Daniel.

Outro bufo escapou da dama mais velha.

— Não tem como saber disso, Lavinia. Eu gostaria que não tirasse conclusões precipitadas. — Ela se voltou para Ottilia. — Não acredite em tudo o que ela diz. Lillian pode ter nascido na classe média, mas foi educada em uma escola seleta e ocupou seu lugar na boa sociedade.

— Embora não nos círculos mais nobres — afirmou a irreprimível Sra. Trefnant. — Mas Godfrey ficou feliz o suficiente em aceitá-la, disso tenho certeza. Ele vendeu sua capitania antes de se alistar no serviço militar.

Pelo qual o homem dificilmente poderia ser culpado. Ciente de que seu próprio marido havia se beneficiado de seu primeiro casamento de maneira semelhante, embora mais modesta, Ottilia não podia condenar um homem aproveitando a oportunidade para melhorar sua própria condição. Não que Francis tivesse se casado por outra razão que não por amor, mas ficara viúvo cedo demais, assim como ela ficara quando seu marido, Jack, fora morto na guerra americana. O fato de terem se encontrado anos depois foi uma bênção

pela qual ela nunca deixou de ser grata.

Mas esse aspecto diminuiu bastante a possibilidade de Godfrey ou Lillian terem eliminado Daniel e a pobre Isabel. Um pensamento que trouxe à mente a criança órfã.

— Posso retornar ao assunto da garotinha, Sra. Trefnant? É Pretty, que a senhora disse?

— Um nome em referência à sua beleza, creio eu.

— Imagino que sim. Qual é a idade dela?

— Oh, é muito bebê ainda. Não tem mais de dois ou três anos, pobrezinha.

Pobrezinha mesmo. Com o coração apertado, Ottilia tentou não pensar no futuro da criança, que seria criada entre aqueles que haviam considerado sua mãe com inimizade. Um futuro sem amor também, se ela pudesse julgar. Quem naquela família ficaria com ela no lugar da mãe? Um pensamento surgiu e ela falou em voz alta:

— E Clarissa? Ela pode colocar a bebê sob sua proteção?

A resposta foi imediata:

— Deus do céu, não. Ela tem duas filhas e ainda não cumpriu seu dever.

— Quer dizer que ela não tem filhos vivos. Sim, isso eu já sabia, mas entendi que ela fez amizade com Isabel.

Lady Countersett ficou encarando-a.

— Pelas costas daquela mulher? Não acredito nisso.

Ottilia a olhou com interesse.

— Por que não?

— Porque ela é uma pequena senhora egoísta. Duas caras. Aconselho a não se deixarem enganar por esse ar de inocência. Se me perguntarem, ela é tão cruel quanto Aquela Mulher, só que sabe esconder melhor.

No entanto, que vantagem poderia haver para Clarissa livrar o mundo de seu cunhado? Já não bastava sua pobre esposa? Mas Ottilia não disse isso, pois sua mente estava ocupada enquanto ouvia de longe a refutação veemente da Sra. Trefnant. Ela, por exemplo, não havia avaliado a verdadeira medida da garota, supondo que Lady Countersett a interpretasse corretamente.

— Sempre a achei uma menina doce com o devido respeito pelos mais velhos. Ela é perfeitamente respeitosa com a senhora, querida Lady Countersett.

— Não ligo para deferência. Apenas demonstra adesão às convenções sociais aprendidas no colo de sua mãe. No entanto, eu a ouvi falar com desdém daquela mulher, de uma maneira que deveria ser considerada uma brincadeira. Eu não confiaria nas palavras dela nem que me pagassem. — Ela bufou compreensivamente e voltou a olhar para Ottilia. — Se deseja saber minha verdadeira opinião, madame, eu não confiaria em nenhum deles.

Ottilia interrompeu as objeções da Sra. Trefnant:

— Nem mesmo na Sra. Maplewood?

Lady Countersett franziu os lábios.

— Annis Maplewood se tornou uma Brockhurst. A mácula está nela

também.

— Mácula?

A mulher mais velha franziu os lábios.

— Sangue da mãe dela. É hereditário, Lady Francis...

Lizzy não esperava encontrar nenhuma das mulheres da família Brockhurst na Sala de Reunião em um dia como aquele. Ao ver Clarissa entrando sozinha, ela abandonou a avó no mesmo instante. Para dizer a verdade, ela ficou feliz com a desculpa. Sua avó tinha sido monopolizada por aquele velho tedioso, o Sr. Richard Cumberland, falando sobre suas peças para qualquer um que quisesse ouvir.

Lizzy deslizou para longe e interceptou Clarissa, que estava pairando perto da porta e olhando propositalmente ao redor.

— Sra. Brockhurst?

A mulher piscou, seu olhar se voltando para o rosto de Lizzy.

— Oh, Lady Elizabeth. Como... como vai?

Ela parecia atordoada e Lizzy sorriu.

— Mais precisamente, como vai, milady? Posso oferecer-lhe minhas sinceras condolências?

Clarissa a encarou por um momento sem responder. Ela estava muito distraída para responder? Esse vazio era decididamente fora do personagem. Abruptamente, ela falou, lançando outro olhar sobre os grupos de visitantes:

— Viu o Marcus?

— Não desde o início da tarde. Eu o vi nas Pantiles.

Clarissa estalou a língua.

— Ele é a criatura mais provocadora que existe.

Ela foi definitivamente sacudida de sua maneira habitual. Lizzy imediatamente aproveitou.

— O que ele fez, milady? Está sendo procurado?

Clarissa deu um suspiro exasperado.

— Somos todos procurados. Meu sogro está em uma de suas fúrias e meu marido está tão eufórico que eu disse que iria procurá-lo no lugar de Julius.

Lizzy pegou seu braço em um gesto deliberado de amizade espúria.

— Acho que ele não está aqui, mas vamos dar uma volta para ter certeza.

A mulher não fez nenhuma objeção, claramente abalada demais pelos acontecimentos do dia para usar as maneiras que lhe eram habituais. O que, em vez disso, argumentou que foi amplamente assumido. Intrigada, Lizzy indagou um pouco enquanto a estudava em uma caminhada discreta pela sala espaçosa. Mesmo assim, ciente dos olhares estreitados, ela teve o cuidado de não encontrar o olhar de ninguém.

— Imagino que toda a família esteja confusa.

— Está tudo extremamente terrível e acho que não consigo suportar. — Isso foi dito em voz baixa, mas em um tom estridente. — Eles estão todos fora de si, sem exceção, e eu só quero ir para casa.

— Eu não a culpo. Deve ser horrível.

— Oh, nem imagina. É vil na melhor das hipóteses, mas isso tem... — Ela se calou, lançando um olhar de consternação para o lado. — Oh, o que estou dizendo? Não me dê ouvidos, por favor.

Impaciente, Lizzy teve que fazer de tudo para não explodir. Ciente das críticas de sua tia sobre sua impulsividade, ela mordeu a língua sobre a miríade de perguntas que saltavam em sua mente e conseguiu um tom neutro:

— Acho que seu primo não está aqui. Vamos sair deste lugar, milady.

Clarissa a seguiu, até mesmo acelerando um pouco o passo, como se mal pudesse esperar para ir embora. Lizzy a acompanhou até o vestíbulo deserto e ali parou.

— Aqui é melhor. — Ela soltou o braço de Clarissa e, em vez disso, segurou suas mãos, infundindo simpatia em sua voz: — Sinto muito por tudo, juro. Deve ser uma situação terrível.

Os olhos da mulher estavam úmidos.

— Oh, é horrível. A atmosfera é sombria e os lamentos incessantes de Mary Ann são suficientes para deixar todos dementes. Não que eu a culpe. Não pense que eu a culpo. Ela adorava Daniel. Todos eles.

— É mas eles não se comportavam como se gostassem, — disse Lizzy, em um tom áspero antes que pudesse se conter. — O pobre sujeito estava em total desespero e ninguém, exceto o Sr. Maplewood, se simpatizou.

Clarissa afastou as mãos.

— Mas nós o fizemos, nós o fizemos! A senhorita está errada. Eu estava terrivelmente triste por Daniel. Julius também. Nós dois tentamos confortá-lo, mas sem sucesso. Ele continuou insistindo que um de nós havia empurrado Isabel daquela rocha. Como se eu tivesse feito isso! Eu gostava dela. Ela era uma menina doce.

— Então por que diabos a senhora se comportou daquela maneira em público?

Clarissa recuou.

— Porque foi preciso, a senhorita não vê? Todos nós temos que fazer o que ela deseja. Se eu for contra ela, ela torna a vida de Julius intolerável. Seu pai também. Lorde Wem é severo com seus dois filhos se eles enfurecerem sua mãe. — Ela se conteve, levando a mão à boca. — O que foi que eu disse? Daniel se foi e agora meu pobre Julius vai arcar com o peso de tudo isso e ele não é forte. Oh, se pudéssemos ir para casa!

O soluço sincero em sua garganta convenceu Lizzy de que ela estava falando a verdade. A simpatia a inundou e ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— E por que não?

Clarissa piscou várias vezes.

— Ir para casa?

— Sim, o que há para não fazer isso?

Uma risadinha meio histérica escapou da mulher.

— A senhorita sabe pouco sobre a avó de meu marido se imagina que podemos fazer o que quisermos. Além disso, Julius nunca irá contra o pai. Ele não é como Daniel.

Esquecida da cautela, Lizzy deixou escapar seu pensamento em voz alta:

— Quem acha que o matou?

Clarissa a olhou horrorizada.

— A senhorita também? Oh, santo Deus, o que será de todos nós? — A expressão em seus olhos mudou de repente, tornando-se feroz, e ela agarrou o braço de Lizzy com força. — Isso é por causa da sua tia. Se gosta dela, vai convencê-la a nos deixar em paz. É perigoso interferir nos assuntos dos Brockhurst. Acredite em mim, sei do que estou falando — dito isso, ela a soltou e fugiu.

Lizzy a observou desaparecer pelas portas para o caminho pavimentado, sua mente um caos. Que tipo de advertência foi essa? Ela achava que Ottilia poderia estar em perigo? E não respondeu diretamente. Num piscar de olhos, pareceu condenar a ideia de assassinato e, no entanto, indicou que a família poderia prejudicar Lady Fan.

Ela estava prestes a voltar para a Sala quando a porta da rua se abriu novamente e o Sr. Maplewood entrou. Ele parou ao vê-la e ficou indeciso, com a mão ainda na maçaneta.

Todos os sintomas horríveis da manhã correram de volta para o peito de Lizzy e ela se sentiu enrijecendo. A tentação de fugir para a Sala a atacou, mas o instinto a mandou ficar e enfrentá-lo. Decidiu não ser a primeira a falar. Não que pudesse pronunciar uma palavra por causa de sua pulsação acelerada e o aperto na garganta.

Por fim, o Sr. Maplewood fechou a porta e deu alguns passos para dentro do vestíbulo.

— Acho que a senhorita estava conversando com a esposa do meu primo.

A decepção varreu Lizzy e as sensações desconfortáveis diminuíram, dando lugar ao aborrecimento.

— E se eu estivesse? Algum problema?

Ele franziu a testa.

— Nenhum. É que ela acabou de passar por mim e, a encontrando aqui, tirei essa conclusão.

Lizzy ergueu o queixo.

— Então?

Com um suspiro, ele tirou o chapéu da cabeça.

— Não vim para brigar com a senhorita, Eliza.

— Não me chame assim!

Ele se curvou de forma resignada.

— Desculpe-me, Lady Elizabeth.

Lizzy queria bater nele. Controlando-se com dificuldade, ela fez uma reverência.

— Com sua licença, tenho que procurar minha avó.

Ela se virou para ir, mas a voz dele a fez parar:

— Espere!

Lizzy parou e olhou por cima do ombro.

— Sim, sir?

Ele hesitou, mexendo o chapéu nas mãos de uma maneira que sugeria um desconforto incomum.

— Devo-lhe um pedido de desculpas, milady.

Lizzy se virou.

— Concordo, mas já que obviamente o sufoca fazer isso, sugiro que se abstenha.

Ele olhou para o teto.

— Pelo amor de Deus, mulher, precisa ser tão rabugenta assim? Estou tentando fazer as pazes.

Nem um pouco apaziguada, Lizzy reagiu:

— Sim, precisa. E se quer saber, não me importo com suas reparações. Não estou com vontade de lhe falar.

E novamente, ela fez menção de sair do vestibulo, mas um passo rápido soou, seu ombro foi agarrado e ele a girou. — Vai me ouvir, Eliza, nem que eu tenha que sequestrá-la e amarrá-la.

O temperamento de Lizzy explodiu: — Oh, é mesmo? Maltratar mulheres é o seu estilo, não é? Então deixe-me dizer-lhe, Sr. Monstruoso Maplewood...

— Fique quieta, sua boba! Eu só estou tentando...

— Como ousa? Nem pense que pode me dominar, sir!

Ele a olhou com um rosto exasperado.

— A senhorita é uma mulher impossível, sabia? Poderia, por favor, se acalmar e me deixar dizer minha opinião?

Lizzy começou a se sentir um pouco tola. A memória do luto dele ricocheteou nas paredes de sua mente. No entanto, ela não conseguiu reprimir o mau humor em seu tom:

— Muito bem, se acha que deve.

Ele fez uma careta.

— Relutante, mas vou aceitar. — Suas feições se suavizaram. — Teve boas intenções indo até mim. Eu a magoei. Não foi respeitoso de minha parte.

A admissão direta não podia deixar de afetá-la. Ela respondeu de coração:

— O senhor estava de luto. Ninguém é dono de si mesmo em tal momento.

Ele contorceu a boca, mas não era exatamente um sorriso.

— Generoso da sua parte. Posso esperar...?

— Pelo quê, sir? — A dor de que ele falava saltou à tona. — Não espere nada de mim, Sr. Maplewood. Deixou sua posição clara, como este ramo de oliveira. O senhor não aceita intrusão em seus sentimentos mais profundos.

Ele pareceu surpreso. No entanto, sua resposta não ajudou em nada:

— Não, via de regra, não.

A dor da rejeição matinal ecoava em seu peito e Lizzy tinha dificuldade em controlar a voz pelo tumulto interior.

— Não sou da sua laia, Sr. Maplewood. Eu n-não posso ser mantida para sempre a uma d-distância. É melhor continuarmos como meros conhecidos.

Incapaz de encontrar a perplexidade carrancuda em seu olhar, Lizzy fez uma reverência e, virando-se, correu para a Sala onde deveria ser impossível para seus sentimentos dominarem-na.



Capítulo 10

A **manhã encontrou** Ottilia distraída. Ela dormira mal, perturbada tanto pelo discurso de seu esposo contra Lorde Wem quanto pelo problema que ela detectou em sua sobrinha. A relação de Lizzy sobre sua conversa com Clarissa carecia de seu brilho habitual. Ottilia absteve-se de fazer perguntas na presença de Sybilla, e qualquer oportunidade foi perdida quando Francis, explodindo de raiva, as encontrou quando estavam a caminho dos aposentos.

Ele começou em voz baixa mesmo antes de terem obtido refúgio dos ouvidos do público:

— Não me espanto mais com sua aversão, Mama, se o filho serve de referência. Sim, estou falando de Wem. O maldito sujeito teve a ousadia de me ameaçar.

— Oh! Agora enxerga, não é mesmo?! — exclamou Sybilla em triunfo.

Ottilia interrompeu rapidamente:

— Ameaçá-lo? Como assim, Fan?

— Ele me ordenou, ah, por favor, me ordenou, para que pare de investigar e disse que eu teria que falar com seus advogados se não o fizesse. Já deve imaginar como eu respondi a isso.

Ottilia não teve dificuldade em fazê-lo e seu coração se apertou. Ela interrompeu a reiteração instantânea de Sybilla de sua opinião sobre Lady Wem com seu adendo “tal mãe, tal filho”.

— Não diga mais nada até que estejamos sozinhos, senhora, eu imploro. E você também, Francis, acho que temos muito o que conversar.

Mas não houve como relatar suas descobertas, nem investigar mais sobre o encontro de Lizzy com Clarissa, pois Francis se entregou a uma acusação abrangente das maneiras, atitude e caráter geral de Lorde Wem. Assim que percebeu que ele havia falado com Godfrey, Ottilia prestou menos atenção a isso, além de tentar acalmá-lo até que finalmente conseguiu convencer o marido a prestar contas do encontro.

Não sem dificuldade, pois sua sogra estava saboreando os detalhes e seus comentários mordazes não foram prontamente silenciados.

— O que mais se pode esperar de uma mulher tão venenosa como a mãe? Eu não avisei como seria?

— Não me fale em avisos, madame! Quanto àquele tolo e arrogante que fez

seu advogado me abordar, essa eu quero ver, pois saberei como agir.

Ottília soltou um gemido internamente.

— Fan, peço que se acalme. Isso não está nos levando a lugar algum. Tome mais um pouco de conhaque.

— Se acha que conhaque vai consertar as coisas, pense em outra coisa. — Mas mesmo assim, ele foi até a mesa e serviu-se da segunda dose.

Ottília aproveitou a oportunidade:

— Já conversamos bastante sobre isso esta noite, não acha, Sybilla? Tudo parecerá melhor pela manhã.

— Se é que alguém conseguirá dormir com tudo isso acontecendo. — Mas Sybilla imediatamente começou a importunar sua neta, que havia permanecido marcadamente silenciosa o tempo todo: — Vamos, Elizabeth, já passou da hora de estar na cama.

— Estou bastante cansada, senhora.

O bocejo de Lizzy ilustrou suas palavras, mas Ottília, observando-a atentamente, notou as bochechas pálidas e a falta de brilho nos olhos. Enquanto Sybilla se despedia do filho, ela conseguiu encontrar desculpa para uma palavra sussurrada dando um abraço na menina.

— Está chateada, Lizzy. É com o Sr. Maplewood?

Um pequeno soluço soou em seu ouvido. — Eu o encontrei. Não diga nada, tia, por favor!

Ottília contentou-se com um sorriso e um murmúrio tranquilizador. — Conversamos amanhã. Tente dormir.

Lizzy assentiu, com um sorriso trêmulo nos lábios. Ela levantou a voz: — Estou pronta, vovó.

Felizmente, Francis manteve-se calado enquanto os criados estavam no quarto e se preparavam para dormir. No entanto, assim que Diplock e Joanie foram embora, ele voltou a falar do assunto enquanto se deitava na cama e Ottília se sentava para a sua rotina noturna de escovar do cabelo:

— Estou pensando em ir até a casa amanhã e dizer a esse sujeito exatamente o que penso dele.

— Não, Fan, eu imploro. O que isso acarretaria, além de tornar impossível qualquer conversa entre nossas duas famílias? — Ela fez uma pausa em sua tarefa e olhou em volta quando um pensamento lhe ocorreu. — Ou é isso que deseja? Quer que eu interrompa a investigação?

Ele bufou.

— Parar? A pedido dele? Certamente não. Por mim vai persegui-lo até o fim.

Ela não conseguiu reprimir uma risada.

— Isso para mim é novo, Fan. Achei que não queria nada com esses Brockhursts.

— Oh, mas não mudei de opinião, Tillie, eu não os suporto, mas não vou permitir que mandem em mim. Especialmente no que diz respeito aos meus negócios contigo, minha querida. Ele a chamou de sabujo!

— Foi isso que ele lhe disse?
— Exatamente isso. Ele é um sem-vergonha. Quase dei um golpe certo no queixo dele.
— Já me chamou de sabujo antes, Fan.
— Talvez sim, mas isso não lhe dá o direito de chamá-la assim. Foi um insulto.

Ottília pousou a escova e levantou-se da penteadeira.

— Ouso dizer que não é o único insulto que provavelmente será dirigido a mim. Os Brockhursts não são conhecidos por cortesias.

Ela disse suavemente na esperança de manter Francis neste estado de espírito mais calmo. Ele ficou bem mais calmo assim que ela se aconchegou em seus braços e Ottília se esforçou para ser particularmente amorosa. No entanto, quando ele dormiu, ela permaneceu acordada com pensamentos preocupantes agitando-se em sua mente.

A tarefa que ela se propôs estava cercada de dificuldades. Ela nunca havia enfrentado um grupo de indivíduos mais recalcitrantes do que os Brockhursts. Com exceção de Annis Maplewood e seu filho. Embora suas relações com a pobre Lizzy deixassem a desejar. Ela estava consciente do desejo de que eles tivessem ido para Weymouth, como planejado, já que Tunbridge Wells estava se revelando um foco de complicações. No entanto, ela poderia, em sua consciência, deixar o assunto sem solução?

Havia uma questão de justiça ali, pois uma garota linda morreu na flor da idade. E o pobre Daniel, perdido em tristeza, foi enviado ao seu Criador dentro de poucos dias. Era justo? Isso estava certo? A lembrança da revelação da Sra. Trefnant veio à sua mente, queimando seu coração. A criança! Ficou órfã de mãe e pai. Oh, quanta crueldade. Se havia um lugar para vingança, era esse. Como seria a vida de um bebê desprezado? Se os Brockhurst não conseguiam tolerar a mãe, como sua filhinha ficaria em suas mãos?

Ottília adormeceu chorando silenciosamente e acordou com a criada de quarto da senhoria acendendo o fogo. Com a cabeça pesada e nublada de exaustão, ela ficou olhando para o fogo até não aguentar mais. Esgueirando-se da cama que estava com as cortinas do dossel semiabertas com cuidado para não acordar Francis, vestiu o roupão e saiu em busca de um café. Ela encontrou Joanie arrumando a mesa para o café da manhã.

— Oh, graças a Deus!

A criada virou-se bruscamente e exclamou:

— Oh, céus, milady, que susto!

Ottília estendeu a mão conciliadora.

— Perdoe-me, Joanie. Poderia pedir a Tyler para trazer café, por favor?

— Claro, milady, mas o que está fazendo acordada tão cedo? Ainda não há água quente para banho.

Ottília ocupou sua cadeira preferida.

— Não consegui dormir. Quando Sua Senhoria acordar, vou pegar o pó no meu estojo. A água quente pode esperar, Joanie, mas por favor, traga o café.

Necessito dele.

— Estará aqui em um piscar de olhos, milady — prometeu a garota, fazendo uma reverência e saindo apressada.

Ottília apoiou a cabeça no encosto acolchoado e fechou os olhos. A luz que entrava pela janela estava forte, prometendo um dia quente. Ela pôs a mão na testa, massageando a ameaça de dor de cabeça.

— Milady?

Ela tirou a mão da testa, abriu os olhos e viu seu mordomo de pé ao lado da cadeira.

— Oh, Hemp? Onde está Tyler?

Ele ofereceu uma xícara e um pires.

— Seu café, milady. Eu mesmo o fiz. — Seu olhar sério a perfurou. — O que houve, milady?

Ottília estava bebendo a bebida fresca com prazer, mas baixou a xícara e suspirou.

— Estou preocupada, Hemp. Sua Senhoria está chateado.

O mordomo parecia sério.

— Há algo que eu possa fazer?

Para aliviar o humor do marido? Ela duvidava, mas um caminho possível vislumbrou em sua mente.

— Acho que sim. Suponho que não tenha encontrado nenhum dos criados da casa dos Brockhursts, não é?

Hemp mudou de posição, com uma sombra de consciência entrando em suas feições sérias.

— Uma, milady. Enquanto a esperava lá, conheci uma babá.

O coração de Ottília disparou.

— Havia alguma criança com ela? Uma menininha de dois ou três anos?

A surpresa cintilou em seus olhos.

— Havia, milady, ela a chamou de Pretty.

Uma punhalada atingiu o peito de Ottília.

— Oh, Hemp, essa é a pobre coitadinha que ficou órfã. O que será dela?

Ele parecia sério.

— Isso é o que a garota Hepsie estava se perguntando. Encontrei-a chorando, milady, e tentei consolá-la.

— Ela estava chorando diante da criança?

— Acredito que ela estava tentando se conter. Pretty estava ocupada com uma borboleta, perseguindo-a de flor em flor. Hepsie chorava porque a menina fica perguntando pela mãe. Ela não sabe que os pais estão mortos.

Ottília foi obrigada a engolir um nó na garganta. Ela não conseguia falar e refugiou-se em bebericar o café quente. Logo, sua garganta se acalmou, e ela foi capaz de colocar a questão em sua mente.

— Essa Hepsie tem alguma noção do que a família pretende fazer com a Pretty?

Hemp balançou a cabeça.

— Ela teme ser dispensada e então a menina não terá ninguém familiar.

Otilia empacou.

— Eles não farão isso. Seria muita tolice, além de cruel.

O olhar de Hemp estava sério.

— Hepsie afirma que todos eles são cruéis. Ela me disse que seria melhor Pretty ir para a família da mãe, mas acredita que não há esperança nisso porque os Brockhurst são orgulhosos demais.

Permitir que a criança seja criada sob a égide de um comerciante? Provavelmente. No entanto, a viúva Lady Wem desejaria socorrer a filha de uma garota que ela desaprovava completamente? Ela reprimiu uma expressão melancólica nascida de sua própria perda.

— Ouso dizer que esse assunto será resolvido por Lorde Wem. Imagino que ela esteja sob a responsabilidade dele.

O que, a julgar pela experiência do marido, provavelmente não seria uma posição invejável. Ela fez um esforço para descartar o assunto, pois tinha uma tarefa a cumprir e seu mordomo estava sempre disposto a ajudá-la.

— Hemp, acha que poderia se infiltrar no andar de baixo?

Seu raro sorriso surgiu.

— Isso é fácil, milady. Pretende ir hoje?

— Acho que sim. — Ela não podia esperar apenas porque era domingo. Quanto mais cedo ela começasse, melhor. Era improvável que os Brockhursts fossem à igreja nesse dia.

— Se me permitir acompanhá-la, milady, posso esperar em algum cômodo enquanto estiver ocupada.

A gratidão a inundou.

— Sempre posso contar contigo, Hemp. É um grande conforto para mim.

— Então ela acrescentou, inusitadamente deferente: — E um amigo, espero?

O mordomo contorceu a boca. — Na medida do possível, milady. Tem minha lealdade.

— E tem a minha confiança.

Seu olhar encontrou o dela e Otilia leu nele algo mais do que lealdade. Internamente, ela amaldiçoou o infortúnio da posição que impedia um relacionamento mais caloroso que era existente, mas que devia permanecer não reconhecido.

Hemp fez uma reverência. — Estarei pronto quando estiver, milady.

Ele se retirou e Otilia se assustou ao encontrar seu esposo ali de roupão. Ele estava com um olhar sério que lhe causou uma onda instantânea de culpa. Otilia logo perguntou:

— Ouviu tudo? — Ele não se moveu nem falou nada. Lágrimas brotaram de seus olhos e ela estendeu a mão. — Oh, meu querido, não me olhe assim! Não precisa ficar com ciúmes. Fan, meu coração é só seu, eu juro.

Seu rosto mudou no mesmo instante e ele se aproximou dela, agachou-se, pegou sua a mão e a beijou.

— Sei disso, minha querida. Perdoe-me, estou sendo egoísta. Não suporto

dividi-la com ninguém, muito menos com Hemp Roy.

Ela colocou a xícara fora do caminho e se inclinou para acariciar seu rosto. — Não há questão de compartilhar. Nunca pense dessa maneira. Se quer saber a verdade, considero Hemp como um irmão, talvez. Oh, não no caminho da afeição que tenho por Patrick, mas em sentimento, pois posso pedir a ele o que não esperaria de um servo.

Francis suspirou. — Estou ciente de que não pensa nele como um servo.

— Não, não penso. Nunca pensei.

— E então?

Otilia apertou sua mão. — Um igual, já que me perguntou. Em tudo, exceto na posição. Tento não desprezar um sistema que me impede de tratá-lo como tal, mas não nasci para as armadilhas da posição, Fan.

Ela a soltou e se levantou, olhando para baixo com um olhar carrancudo.

— Sei que não gosta disso.

— Não. — A malícia brilhava em seu peito. — Tem seus valores.

Um sorriso relutante apareceu. — Sim, sua terrível, estou bem ciente de suas maquinacões quando lhe convém ostentar seu título.

Ela não conseguiu resistir a uma gargalhada.

— Não é ostentação, Fan.

— Ostente-o, então. Agradeço a Deus pela minha situação atual, pois pelo menos me dá alguma armadura contra aquele maldito Wem. — Ele foi até uma poltrona e se jogou nela. — Falando nisso, qual é a sua intenção?

Otilia soltou um suspiro frustrado.

— Gostaria de não ter uma, mas devo me envolver com todos eles hoje, se é que pretendo fazê-lo. Coloquei Hemp para lidar com as tarefas domésticas.

— Sim, eu ouvi.

— Mas primeiro — continuou Otilia, distraída enquanto sua mente ficava ocupada —, preciso falar com Lizzy. Algo desagradável ocorreu entre ela e o Sr. Maplewood.

Francis gemeu.

— Oh, Senhor, devemos ter isso em nossas mãos também?

Otilia reclamou: — Esqueceu-se do nosso propósito em vir para Wells? Temos o compromisso de ajudar Sybilla com Lizzy.

— Está muito comprometida. Não tenho nada a ver com os casos amorosos de minha sobrinha, obrigado.

Ela riu e se levantou.

— Então é melhor eu me vestir e começar.

Ele também se levantou.

— O que a fez acordar tão cedo?

A ansiedade da noite voltou.

— Eu dormi mal.

Ela a estava seguindo até o quarto quando perguntou:

— Por causa de tudo isso?

Otilia hesitou, movendo-se para puxar o sino para sinalizar aos criados que

trouxessem os jarros de água quente. Ela tirou o roupão e pegou os grampos de cabelo antes de responder, sem vontade de falar sobre a situação da garotinha que a afligia mais do que qualquer outra coisa. Consciente da ferida mais profunda que a afetava, ela relutou em lembrar ao marido aqueles dias sombrios e respondeu:

— Eu estava preocupada com Lizzy. E contigo.

— Por que diabos, Tillie? — Francis estava penteando seu cabelo exuberante, despenteado pela noite, mas olhou em volta para isso.

— Por causa de seu encontro com Wem, é claro.

— O quê? Desabafei ontem à noite. Além disso, estou confiante de que o sujeito não cumprirá sua ameaça de arrastar um advogado para essa situação. Foi tudo fanfarronice, sem dúvida causada pela dor e pela frustração, como sugeriu Brockhurst.

Aliviada, Otilia teria dito isso se não fosse pela entrada de Diplock e Joanie, com os apetrechos para suas abluções.

Enquanto ela e Francis tomavam o café da manhã, a sensação de exaustão de Otilia deu lugar a uma ânsia de enfrentar os Brockhurst. Ela havia tomado um dos pós aos quais raramente recorria, embora Patrick os tivesse preparado, pois seu irmão médico lhe fornecera um suprimento por ocasião de seu aborto espontâneo. Isso aliviou sua sensação de mal-estar e curou uma dor de cabeça incipiente para que ela pudesse engolir uma boa porção de ovos cozidos com bacon. Outra xícara de café fez muito bem para restaurá-la à sua fluabilidade habitual.

Ela estava prestes a propor ir em busca de sua sobrinha quando um som explosivo veio de seu esposo que havia aberto uma missiva lacrada trazida por Tyler, que havia chegado por um mensageiro especial.

— O que foi, Fan?

Ele ergueu os olhos do papel em sua mão. — Maldito homem dos infernos! Eu estava errado. Ele o fez.

— Quem fez o quê?

— Aquele maldito Wem! Esta é uma carta de cessar e desistir de seu advogado.



A jovem Lady Wem estava diferente da mulher que Otilia se lembrava daquele primeiro encontro. Ela tinha estado tímida e medrosa na presença da todo-poderosa viúva. Agora, sentada com a esposa de Godfrey na sala da frente do térreo, Mary Ann carregava todas as marcas de uma mãe enlutada. Seu rosto estava manchado, seus olhos vermelhos e inchados, e seus dedos inquietos viajavam de seu colo para o peito, subindo para o rosto e descendo novamente.

Seu ar era ao mesmo tempo curioso e ansioso quando ela reconheceu a apresentação feita por Annis Maplewood.

— Oh! A senhora é a tal. Leo não quer... oh, o que devo fazer?

Lillian, uma matrona impassível com rosto quadrado e seios grandes, colocou a mão sobre a dela.

— Não precisa falar nada, Mary Ann. Ninguém pode obrigá-la.

Otilia notou que a mão da outra se encolheu, fechando-se em punho. Seu olhar permaneceu sobre a recém-chegada.

— Mas eu quero falar. Pelo menos... oh, eu devo, não vê isso? Meu Danny... — Ela se desfez em soluços, levando apressadamente um lenço amassado aos olhos. Lillian ergueu um olhar desdenhoso para o rosto de Otilia.

— Ela não serve para ser interrogada. Gostaria que ela incorresse na ira do marido?

Annis a interrompeu antes que Otilia pudesse responder:

— Leo não está presente, Lillian. Deixe Mary Ann falar. Se este assunto não for esclarecido de uma vez por todas, não haverá paz para ela.

O lenço caiu. Mary Ann ergueu os olhos marejados para Otilia, com veemência em seu tom:

— Sim, é isso! Não estou conseguindo descansar. Não durmo desde... — Ela hesitou, olhando para a cunhada. — Lillian, por favor, entenda. É tão boa e gentil comigo, mas preciso saber o que foi descoberto. Deixe esta mulher me contar tudo. — Voltou-se novamente para Otilia. — Vou ajudá-la da maneira que puder, mas deve me prometer que não contará a Leo nada do que eu lhe disser. — Ela se levantou e pegou as mãos de Otilia. — Prometa! Ele está fora de si, mas não vê como estou desesperada. Ele quer que tudo desapareça, entende? Esse é o método dele, mas não é o meu. Repito que não é o meu! Como posso suportar...? Meu Danny, meu Danny... eu só queria que ele ficasse em paz, mas... oh, por favor, me ajude!

Ela desabou novamente e Otilia se apressou em tranquilizá-la, cortando Lillian, que imediatamente entrou em outro protesto:

— Viu só como ela está? Não tem pena? Não pode...?

— Seguirei seu conselho da melhor maneira possível, senhora. Não posso prometer que seu marido não descobrirá o que me falou, mas isso não sairá de mim.

— Se não pode ser discreta com ela, Lady Francis, é melhor...

— Não vou revelar nada do que me disser a Lorde Wem — disse Otilia, ignorando a interjeição e dirigindo-se diretamente à Mary Ann, e ficou grata quando Annis interveio:

— Lillian, vá embora, por favor! Não está ajudando.

A dama rechonchuda ficou ofendida instantaneamente.

— Não vou receber ordens suas, Annis. Isto é tudo culpa sua. Foi quem começou trazendo esta mulher aqui. Se não tivesse se metido nisso, Mary Ann nunca teria ficado tão alarmada.

— Melhor ela estar alarmada do que permitir que o assassinato de Daniel seja considerado suicídio.

Um lamento da mulher aflita induziu Otilia a interromper em um tom

seco:

— Já chega! As duas. Não vai resultar em nada ficarem discutindo. O que está feito está feito. Estou aqui a pedido da viúva Lady Wem e ponto final.

Lillian fechou a boca, embora seus olhos parecessem estar soltando punhais, mas Annis se acalmou imediatamente e concordou:

— Ela está certa, Lillian. Venha, vamos nos retirar. Deixe Lady Francis falar com Mary Ann a sós. Não chegaremos a nenhum outro lugar.

Ottília agradeceu e observou a outra matrona, ainda bufando, ser retirada do cômodo. Ela não fez nenhuma tentativa imediata de persuadir a chorosa Mary Ann a falar, esperando que o silêncio resultante resolvesse o problema.

Ela tinha ido à residência de Brockhurst com relutância, o seu desinteresse pelos seus habitantes aumentado pela história triste da sobrinha. Era evidente que Lizzy gostava muito mais de Vivian Maplewood do que ele gostava dela. Ou talvez mais do que ele sabia que gostava? Mas essa não era uma possibilidade a ser aventada para Lizzy.

— Fez a coisa certa, minha querida, se libertar antes que seus afetos se tornassem irrevogavelmente envolvidos. — Eles provavelmente já estavam, mas era melhor não dizer isso também. — É provável que seja doloroso, mas tente aguentar. Não permita que ele veja como está sofrendo.

Lizzy estava triste, mas disposta.

— Não vou fazer isso. — Uma pequena centelha de esperança apareceu em seus olhos. — A senhora disse que ele viria até mim, tia, e ele veio.

— Admito que é um bom sinal.

Sua expressão ficou triste.

— Mas não acha que eu deveria ter muitas esperanças.

Ottília teve que sorrir.

— Minha querida Lizzy, nada que eu possa dizer vai impedi-la de ter esperança. É totalmente natural. Tudo o que vou lhe aconselhar é que não demonstre muito seus sentimentos.

A concordância de Lizzy foi sincera e Ottília ficou satisfeita. Nada poderia ser mais prejudicial para suas chances com o jovem do que demonstrar o quanto ela sentia falta de sua companhia. Uma demonstração de indiferença era muito mais provável de leva-lo à caça.

No entanto, isso não impediu Ottília de desejar encontrá-lo para lhe dar uma reprimenda. Não que ela o achasse uma pessoa ruim, é claro, mas era difícil não pensar nele sendo tão ruim quanto o resto do clã.

Ela se separou de Hemp quando ele tocou a campainha para ela, esperando o que ele poderia descobrir com os criados da casa. A porta foi aberta e, para sua surpresa, por Annis Maplewood.

— Tenho estado atenta. Pretendo levá-la imediatamente para Mary Ann enquanto Leo está fora do caminho.

— Ele não está em casa? — Além disso, considerando o estado de espírito em que ela havia deixado seu esposo. Furioso, ele a havia apressado em seu caminho com uma recomendação para levar a escritura para o próprio Lorde

Wem.

— Está sim, mas está com Godfrey e os filhos. Não adianta me perguntar do que se trata, pois não sei, mas a oportunidade não deve ser desperdiçada. Ele proibiu Mary Ann de falar contigo.

— Seu filho também, sem dúvida?

— O Julius, sim. E Clarissa também. Espero que ele esteja fazendo o mesmo com Godfrey e Marcus, embora a sua autoridade seja menos absoluta aí. — Enquanto falava, Annis tinha-se deslocado para a porta mais próxima do corredor sombrio. Com a mão na maçaneta da porta, falou num tom mais baixo. — Vai achá-la extremamente chorosa, mas atrevo-me a dizer que será capaz de controlá-la.

Ao dizer isso, ela abriu a porta e Ottilia a seguiu até um cômodo de aspecto mais ensolarado do que qualquer outro em que já havia entrado nesta casa. Duas largas janelas de guilhotina, parcialmente abertas, davam para a cidade lá embaixo, um par de cadeiras colocadas diante delas. Um aparador com um friso decorativo estava situado a um lado, sua superfície com vários ornamentos e um candelabro apagado, e um par de sofás combinando, estofados em tapeçaria florida, foram colocados de cada lado da lareira. Em uma delas, Mary Ann e Lillian estavam sentadas lado a lado.

Em alguns momentos, os soluços de Mary Ann diminuíram. Desejando que as janelas fossem mais abertas para deixar entrar o ar tão necessário, Ottilia ocupou o lugar vago por Lillian ao lado dela no sofá e sentou-se em ângulo, observando o rosto da mulher enquanto ela enxugava com o lenço, agora úmido, suas bochechas manchadas.

— Quer conversar comigo?

O olhar ansioso da mulher encontrou o dela.

— Oh, sim, por favor. Estou pronta. Perdoe-me o meu choro, mas responderei se conseguir.

Ottilia manteve seu tom amigável:

— Excelente. O que eu tinha em mente principalmente para lhe perguntar diz respeito ao preparado que deu a Daniel naquela noite.

O olhar de Mary Ann vacilou, caindo para o quadrado de linho em seus dedos.

— Eu pretendia apenas acalmar a mente dele com um sono profundo para que ele não se sentisse tão carregado.

— Exatamente. O que deu a ele, Mary Ann, se me permite a pergunta?

Ela puxou as pontas do lenço.

— É uma receita minha. — Seu olhar se voltou para Ottilia e disse em um tom sério se insinuando: — Conheço minhas ervas, milady, apesar do que dizem. Estudei Culpeper religiosamente e tive anos e anos de prática. Meu filho mais velho... Julius sofre muito. Ele sofre desde bebê. Leo não concorda, mas perdi as esperanças com os médicos há muito tempo. Nada do que eles faziam por ele era suficiente, mas Leo não pode me negar esse sucesso. Ele não cresceu até a masculinidade? Não foi o meu cuidado, minha

atenção às necessidades dele que o permitiram chegar até onde chegou?

Uma nota crescente de histeria ameaçadora fez Ottilia se apressar para acalmá-la:

— Claro, tenho certeza de que seus esforços foram eminentemente valiosos, mas vamos, por favor, nos concentrar nesta presente mistura que administrou a Daniel.

O lenço tremulou.

— Meu pobre menino... gostaria de não ter feito isso... mas é tarde demais. Tarde demais. — Ela voltou os olhos abruptamente ferozes para Ottilia. — Mas não foram minhas ervas. Isso eu juro, não importa o que Leo diga. Não foi obra minha, mas dele! Ele ameaçou isolar o pobre Danny. Ele disse isso a ele e Danny ficou fora de si de raiva e desgosto. Como se a dor não o tivesse destruído suficientemente! Agora eu lhe pergunto, o que mais eu poderia fazer? O que mais eu poderia fazer?

Ottilia a trouxe impiedosamente de volta ao assunto:

— O que tinha na bebida, Mary Ann? Diga-me precisamente os ingredientes.

Uma carranca apareceu entre suas sobrancelhas e ela estremeceu um pouco. Perdida em desespero?

— A bebida? Sim... sim. Estou tentando lembrar. Oh, lembrei, mandrágora, para fazê-lo dormir. O que mais? Acho que erva-mate e cardo melancólico para diminuir a dor. Gostaria de ter certeza, mas estou tão perturbada que não consigo me lembrar de tudo.

— Vamos, Mary Ann, conhece suas ervas, a senhora mesmo me disse. Não acabou de me dizer que esta é uma preparação que costuma fazer para Julius? Concentre-se.

Os olhos brilhantes de Mary Ann voltaram ao rosto de Ottilia.

— Mas não foi exatamente a mesma. As necessidades de Julius são diferentes. Além disso, dei a maior parte de seus cuidados a Clarissa. Com instruções cuidadosas e as receitas para cada condição. Ela vem até mim para buscar as ervas, pois tenho meu próprio jardim e uma despensa para secá-las e misturá-las. — Um pouco de entusiasmo surgiu. — Já deve ser de seu conhecimento que as forneço a muitos de meus amigos e conhecidos. Meus remédios são muito solicitados. Danny costumava me provocar dizendo que sou uma bruxa...

Ela se calou, por causa da memória presente voltando, e seu rosto ficou triste. Ottilia interveio rapidamente:

— Impressionante, senhora. Deixemos a mistura para o presente. Em vez disso, diga-me...

— Oh, lembrei! Havia um último ingrediente. Coloquei-o especialmente quando estava fervendo a mistura. Era heléboro negro e um pouco de vinho para esquentar tudo. Lembrei-me porque Leo vivia dizendo que o pobre Danny tinha enlouquecido e o heléboro acalma os ânimos.

Ela parecia tão triunfante com a lembrança que Ottilia sentiu-se tentada a

afastá-la de qualquer suspeita, mas isso não aconteceria. Poderia ser um absurdo pensar que uma mãe sufocaria o próprio filho, mas a possibilidade de que o comportamento lamentável de Mary Ann fosse um ato condizente não poderia ser descartada.

— Excelente, senhora. Obrigada. Foi por isso que ele dormiu tão profundamente, não acha?

— Oh, não, isso foi a mandrágora, ela tem um efeito soporífero singular. — Seu tom ficou enérgico: — Mas não serviria para matar ninguém! E para Leo me acusar de descuido isso já é o suficiente.

— Ele fez isso?

Ela mexeu no pedaço de linho.

— Não exatamente isso, mas ele jogou na minha cara que eu tinha dado ao nosso filho meios para tirar a própria vida. Mas juro que não fiz isso! Aquela bebida não poderia tê-lo matado. Não pela mão do meu Danny! Disso eu sei, disso eu sei!

Não muito para surpresa de Ottilia, a explosão terminou em outro ataque de soluços. Ela esperou, refletindo sobre a evidência de dissensão entre Lorde Wem e sua esposa. Ela era tão intimidada e obediente quanto se esperava? Ela testou a teoria assim que a mulher se aquietou novamente:

— Sente medo do Leo, Mary Ann?

Ela levantou a cabeça.

— Medo dele? Não! Oh, ele vai vociferar e gritar, mas nunca é deliberadamente indelicado. Ele sempre se arrepende quando me leva às lágrimas.

Oh, então essa era a arma dela, não era? Um truque útil. Ottilia mudou de rumo:

— E Isabel?

Um grito saiu da garganta de Mary Ann.

— Aquela pobre garota! Avisei Danny para não trazê-la. Eu sabia como seria. Uma garota tão doce. Ela não merecia tamanha dureza.

— A senhora a conhecia?

Mary Ann pareceu atônita. — Ela era minha nora.

— Claro, mas soube que Lorde Wem não aprovava o casamento.

— Leo? Céus, não! Ele se recusou a ter qualquer coisa a ver com a pobrezinha. Fui obrigada a visitá-los em segredo.

Ottilia a encarou. — Então sabia do casamento?

— Claro que sim. Todos nós sabíamos. Não sei se Lillian ou Godfrey sabiam, mas Marcus ouviu-o da Clarissa, creio eu. Ou terá sido Julius? Seja como for, Leo ordenou a todos que se mantivessem em silêncio. E que não se metessem com sua esposa, embora Danny continuasse a ser bem-vindo em nossa casa.

— A senhora foi a única da família a visitá-los?

— Exceto por Vivian Maplewood, mas ele sempre seguiu seu próprio caminho. Leo lamenta sua atitude. Ele desaprova veementemente Annis

também.

Ottília deixou isso de lado.

— Diga-me uma coisa, Mary Ann, se a desaprovação da viúva Lady Wem não estivesse em questão, acha que seu marido teria cedido a Daniel e Isabel?

Mary Ann estremeceu um pouco.

— Gostaria que ela tivesse morrido, não o meu Danny. Há realmente uma bruxa aqui. Eu a odeio! — Isso saiu em voz baixa, mas com uma intensidade cruel. O fato de ter sido dita na sua presença era muito revelador do estado de espírito de Mary Ann. Ela deve ter percebido seu erro, pois ela levou a mão à boca e a olhou com medo. — Eu não deveria ter dito isso. Esqueça, por favor. Leo me avisou para ser cautelosa, mas estou tão perturbada...

— Não tenha medo, senhora. Sua admissão está segura comigo. — Ottília sentiu-se tentada a deixar para lá, mas a pergunta que prendia seu coração implorava para ser formulada. — O que vai acontecer com a garotinha, senhora? Pretty, não é?

Uma mudança ocorreu em Mary Ann. Seu rosto se iluminou e ela abriu um sorriso espontâneo.

— Ela é linda, faz jus ao nome. Uma criança adorável. Eu a vi pela primeira vez quando era bebê. Fiz um tônico para a Isabel para as cólicas, pois a pequena Pretty era propensa a sofrer com elas. Ela é a neta mais encantadora, coitadinha.

— Mas o que será dela, senhora? Vai levá-la?

— Eu? — Houve um choque imediato. — Como eu poderia fazer isso? Leo nunca o permitiria.

— Clarissa então?

Mary Ann acenou com as mãos agitadas.

— A senhora não entende. Sim, sim, é muito triste e já chorei pela pobre coisinha. Mas criá-la como alguém da família? Impossível. A senhora não tem noção de como minha sogra reagiria. Se ela também estivesse morta... mas não. Não, é impossível. Leo diz que teremos que escondê-la em algum lugar.

Com dificuldade, Ottília reprimiu a vontade de expressar seu choque e desaprovação. Esconder a criança? Um segredo culpado para acabar como o esqueleto no armário da família? Abominável. Era como se ela não fosse filha legítima de Daniel. Ottília não pôde deixar de protestar:

— Quem vai confortá-la então? A senhora a viu desde que seus pais morreram?

— Oh, eu não suportaria. Eu choraria se a visse e não se deve contar a ela.

— O que lhe foi dito?

— Nada. Ela tem sua babá. Por enquanto, isso deve bastar.

A opinião de Ottília sobre a mulher mudou. Ela era insensível? Ou simplesmente muito egocêntrica para pensar em qualquer coisa além de sua própria tribulação?

Antes que ela pudesse dizer ou questionar mais alguma coisa, a porta se abriu e Annis Maplewood entrou.

— A reunião acabou. Vim avisá-la, Mary Ann. Leo a está procurando.

A jovem Lady Wem soltou um grito e deu um pulo. Sem dizer uma palavra a Ottilia, ela saiu da sala de uma maneira que não dava muito valor à sua afirmação de que não temia o marido.

— Descobriu alguma coisa útil, Lady Francis?

Ottilia levantou-se.

— Talvez. Pelo menos eu entendo melhor Mary Ann. — Então resolveu perguntar: — Em relação à Lillian, acha que ela vai querer falar comigo?



A aparição de Hemp Roy na porta dos fundos não provocou a reação usual, embora o cozinheiro o olhasse de soslaio. A copeira que o deixou entrar estremeceu um pouco, parecendo um pouco assustada, mas um laçao sentado à grande mesa o cumprimentou com um mero aceno de cabeça.

— O senhor servirá a tal Lady Francis, suponho.

Hemp assentiu. — Sou o mordomo dela. Meu nome é Roy.

O sujeito acenou para uma cadeira. — Sente-se, amigo Roy. Se bem entendi, ela vai demorar uma eternidade para sair. A criada de cozinha preparará uma jarra de cerveja, se quiser.

— Eu preferiria café, se não for muito incômodo — disse à senhora rechonchuda que estava amassando uma massa na outra ponta da mesa.

Seu jeito deferente surtiu efeito. As feições da criada de cozinha se suavizaram visivelmente, espanando as mãos enfarinhadas e gesticulando para o fogão.

— Mexa-se, Milly. Traga uma xícara de café para o homem.

Hemp lançou um sorriso para a garota. — Preto, por favor. E com açúcar.

— E abra essas portas, menina — interveio o laçao. — Vamos assar e ficar tão marrons quanto a massa de Cook aqui. — Ele tomou um gole de sua caneca e colocou-a sobre a mesa enquanto a copeira corria para obedecê-lo. — Meu nome é John. Suponho que Sua Senhoria veio tratar de negócios com nosso jovem mestre?

Não é surpresa que os criados domésticos estivessem a par de todo o caso. Milady sabia como seria. Feliz por ser poupado da necessidade de trazer o assunto à tona, Hemp aproveitou instantaneamente:

— Está correto. Minha ama tem muita experiência em tais assuntos. — E acrescentou para garantir: — Ela nunca deixou de identificar o culpado.

A criada de cozinha fez uma pausa em seu trabalho e a garota Milly saiu do fogão onde acabara de pegar uma panela fumegante. John expressou a consternação em todos os três rostos.

— Culpado? Ela acha que um deles matou o jovem Mestre Daniel?

— Sim, ela acha que ele foi assassinado — concordou Hemp, com deliberação plana.

Isso provocou um silêncio e uma troca de olhares entre John e a criada de cozinha, cujas mãos ainda estavam pousadas sobre a massa que ela acabara de socar. Hemp chamou sua atenção e ela desviou rapidamente o olhar para a

copeira.

— Não fique sonhando, Milly. Sirva esse café, garota!

John ficou mexendo sua caneca para lá e para cá até que olhou para o outro lado.

— Era isso o que ela estava fazendo quando a Sra. Maplewood a trouxe naquela manhã. Não que eu me importasse de ser expulso do quarto de Mestre Daniel. Não posso dizer que foi um prazer para mim ter que ficar sentado lá com seu cadáver.

Hemp agradeceu à garota Milly que colocou uma xícara de café diante dele.

— Açúcar? — Milly se esticou até o meio da mesa e puxou uma tigela de torrões de açúcar ao seu alcance. Ele adotou um tom depreciativo: — Tenho desejo por doces. Nasci e fui criado em uma plantação de cana-de-açúcar.

Milly piscou. — Onde fica?

— Barbados. É uma ilha no Caribe. É bem longe.

A garota ficou com os olhos arregalados. — Do outro lado do mar? Nunca fui tão longe!

Hemp pegou as pinças e colocou vários torrões na xícara. Milly encontrou uma colher e deu a ele. Achado graça de sua admiração, ele teria falado mais de sua terra natal se não tivesse se comprometido a descobrir informações para milady. Ele se dirigiu ao lacaio:

— O senhor o conhecia bem, John? Seu mestre Daniel?

O lacaio, um sujeito de meia-idade, balançou a cabeça.

— Não conheço nenhum deles tão bem, nem quero. Partirei assim que puder garantir um lugar melhor. — Então acrescentou em um tom lacônico: — Ela não pode manter um servo, a Imperatriz não pode fazer isso. Exceto o Sr. Lamport.

— Não se esqueça da velha Janet — interveio a criada de cozinha, pegando um rolo de massa. — Os dois são os únicos que vão ficar com a Senhora. E eu claro. Contanto que ela não entre na minha cozinha, o que ela não vai fazer, posso suportar. Também não vou aceitar nenhum absurdo dessa Berta, por mais presunçosa que seja.

— Ela se refere a filha da patroa. Aquela que não é casada. — John revirou os olhos. — Ela é uma rabugenta e tudo mais.

Hemp aceitou isso sem comentários. — Quem é Janet?

— A velha babá da patroa. Quase não pode falar muito agora, mas ela conhece todos eles completamente. Ela cuidou de cada um, até que começaram a ter aulas e os meninos foram para a escola. É o que diz o Sr. Lamport.

— Sr. Lamport?

— O mordomo. Está com a senhora há quase vinte anos, mas Janet está com ela há muito mais tempo, aparentemente.

— Ela está aqui em Tunbridge Wells?

A criada de cozinha, movendo vigorosamente o rolo de massa, respondeu:

— Está ficando aqui agora. Muito velha e decrépita para viajar, diz ela. A patroa sobe para Wem Hall, mas a velha Janet não vai mais. Fica a maior parte do tempo no quarto dela, a menos que a Milly aqui a ajude a descer para beber água.

Hemp voltou a olhar para o laçao.

— Parece estranho que ninguém na casa saiba o que aconteceu naquela noite. Quem quer que tenha entrado no quarto de seu Mestre Daniel poderia facilmente ter sido ouvido ou visto.

John soltou uma risada rouca. — Ouvido? Tem que tapar os ouvidos nesta casa se não quiser ficar surdo com a confusão. Se não é a própria Imperatriz, é Sua Senhoria. Ele e o jovem mestre estavam brigando feio.

Hemp aproveitou isso: — Lorde Wem entrou no quarto do filho?

— Ele estava lá pronto para arrancar as vigas.

— Mestre Daniel também gritou?

— Ele era capaz de arrebentar a si próprio, dizendo que sua mulher tinha sido empurrada daquele rochedo e culpando o seu pai por isso. Sua Senhoria responde-lhe que o jovem senhor deveria ser confinado. *“E eu também o farei, não pense que não o farei. Está louco, senhor, e se for preciso, dou-lhe uma surra para que recupere o juízo”* ele disse. Depois sai de lá com tanta velocidade que tive que virar o corredor correndo para que ele não me apanhasse. Sua Senhoria bateu a porta com tanta força que a faz saltar das dobradiças e foi embora, praguejando.

— Parece que todos tiveram uma noite difícil.

A criada de cozinha apontou o rolo para John.

— Não se esqueça da mãe do jovem mestre.

— Isso foi mais tarde — disse o laçao.

A criada de cozinha voltou-se para Hemp, usando o instrumento de madeira para dar ênfase:

— Aquela lá invadiu a minha cozinha. Veio aqui em baixo para ferver uma das suas poções. Tinha uma mão cheia daqueles saquinhos que ela usa, cheios de ervas secas. Colocou um pouco de cada coisa e ficou murmurando sobre a panela. Para mim são encantamentos. A geleia de porco é suficiente para a maioria se o corpo estiver mal, mas não para aquela bruxa, oh, não mesmo.

— Ellen a viu entrando no quarto de Mestre Daniel com uma bebida fumegante — acrescentou John, retomando a história. — E também não saiu por muito tempo, pois ainda estava lá quando Ellen voltou de seus afazeres. E — acrescentou o laçao com ar triunfante — a Srta. Berta estava escutando à porta. — Ele se recostou, parecendo presunçoso. Esperando pela admiração de Hemp? Espanto? Ele ficaria desapontado.

— Quem mais se aproximou do quarto?

John franziu a testa.

— Por que quer saber?

Hemp abriu um leve sorriso.

— Preferiria que minha ama lhe perguntasse?

— Oh, uma testemunha, não é?

— Até certo ponto. Embora, exceto por ouvir a discussão com Lorde Wem, o que o senhor me contou seja boato. — Ele mostrou os dentes em um sorriso.

— Ainda útil, no entanto.

O laçaio bateu a mão na mesa, emitindo uma gargalhada estridente.

— O senhor é bom. O senhor disse Barbados, não disse? É um país de escravos, não é?

Hemp reprimiu um aumento de irritação.

— Nunca fui escravo, se é isso que quer dizer.

John ergueu a mão.

— Não quis ofender, amigo. — Ele virou a cabeça quando a porta da cozinha se abriu e uma garota de avental entrou. — Aqui está a própria Ellen. Ela vai lhe contar. Ela viu tudo.

A criada de cozinha mais uma vez usou seu rolo para fazer um gesto para a recém-chegada.

— Sente-se, Ellen. Este aqui é o Sr. Roy. Ele é servo daquela senhora que veio ver o Mestre Daniel. Conte a ele o que viu na noite anterior.

A criada Ellen, parecendo ao mesmo tempo assustada e amedrontada, afastou-se do utensílio da criada de cozinha e pairou perto da cadeira do laçaio. Ele puxou uma próxima a ele.

— Sente-se, garota. Ele não vai mordê-la. — Ele lançou um olhar irônico para Hemp. — Ele não é um bicho papão, apesar de ser escuro como a noite.

Hemp suavizou o tom de voz, inclinando-se um pouco, com a xícara na mão.

— Serei grato por qualquer coisa que possa me contar, Srta. Ellen.

A garota corou, visivelmente lisonjeada com essa forma de tratamento. A criada de cozinha, pondo a massa de lado, limpou as mãos e chamou Milly para lhe servir uma xícara de café. Enquanto a criada obedecia, ela sentou-se e bateu na mesa, olhando para Ellen.

— Vamos, garota. Viu Sua Senhoria Mary Ann indo até o Mestre Daniel. E viu a Srta. Berta com o ouvido na porta, não é mesmo?

Ellen finalmente falou, parecendo assustada:

— Eu vi Mestre Vivian e tudo quando eu estava atendendo ao chamado da patroa para ajudá-la a se despir.

— Ele entrou no quarto?

Ellen assentiu.

— Eu não o vi sair.

— Sabe se a Srta. Berta entrou?

Ela deu de ombros.

— Não vi. Eu estava com pressa, porque como somos só eu e John para atender a patroa e a Srta. Berta, e como a Sra. Lillian não trouxe nenhuma criada desta vez, então tinha que atender a todos.

— Ela é mesquinha — acrescentou John. — Não que ela não possa se dar ao luxo de trazer um monte de criados e hospedá-los em outro lugar. Não

temos espaço para todos aqui. Mordomos e criados. Eles vêm quando a Imperatriz manda buscar o grupo. Bom para eles. Gostaria de poder passar meu tempo livre longe deste hospício.

— Eu vi a Srta. Berta — disse Milly, enquanto fornecia uma xícara grande à sua veterana.

A criada de cozinha deu-lhe um olhar furioso.

— Nunca contou isso! Por que não contou antes?

Os olhos da criada de quarto estavam em Hemp. — E a Sra. Brockhurst também.

— Onde? — perguntou John.

Hemp interveio: — Qual Sra. Brockhurst?

— Ela se refere àquela Lillian. — Mas a criada de cozinha não estava satisfeita. — O que estava fazendo lá em cima? Não tem nada que ir aos quartos.

Milly balançou a cabeça.

— Eu estava ajudando a Ellen com os aquecedores de cama.

— É verdade, Cook. Estavam todos chamando ao mesmo tempo e eu não conseguia atender a todos.

A criada de cozinha protestou por sua ajudante ter sido retirada de suas tarefas na cozinha sem permissão. Hemp interrompeu a discussão ameaçadora enquanto as duas mulheres se defendiam, sua voz profunda facilmente prevalecendo:

— Ei, ei, senhoras! Com sua licença! — Ele sorriu para a criada de cozinha. — Posso perguntar a Milly o que ela viu e quando?

A dama corpulenta fungou e acenou com a cabeça para a garota.

— Conte a ele então.

Nada relutante, Milly começou a contar sua história:

— Eu vinha por aquele corredor e vi a Srta. Berta na porta.

— Estava aberta?

— Só um pouquinho. Ela estava segurando a maçaneta. Mantive-me afastada, porque a Srta. Berta podia me dar uma reprimenda se me visse, e ainda bem que o fiz, porque a mulher do Sr. Godfrey apareceu...

— Lillian?

— Isso mesmo. E ela saiu sussurrando com a Srta. Berta, e eu gostaria que elas fossem embora porque eu estava com as brasas e o aquecedor estava pesado, e foi a esposa do Sr. Godfrey que finalmente levou a Srta. Berta.

— A que horas foi isso, Milly?

A garota franziu o cenho. — Devia ser mais de dez.

— Mais perto das onze, Milly. Pode até ter sido depois. — Ellen voltou seu olhar para Hemp. — Houve muito movimento durante toda a noite. Andavam por todos os lados.

Hemp voltou atrás: — Deixe-me ver se entendi direito. Lady Wem estava no quarto enquanto a Srta. Berta estava na porta, antes ou depois das onze, certo?

— Sim — disseram as duas garotas em coro, e começaram a rir, rapidamente engasgadas.

Permitindo-se dar um sorriso, Hemp seguiu seu curso:

— Viu o Sr. Vivian entrar, Ellen. Presumo que foi antes?

— Deve ter sido, porque a patroa ficaria louca se eu não fosse até ela primeiro.

— Obrigado. — Ele se virou para o lacaio. — Pode situar o tempo, John, quando Lorde Wem estava discutindo com Mestre Daniel?

John esfregou o queixo. — Caramba, não sei. Como eu lhe disse, estava uma correria e incômodo e eu estava com o casaco de Mestre Marcus em mãos para levar para seu criado passar a ferro logo pela manhã. Ele se retirou assim que fez isso, como se eu não tivesse o suficiente em minhas mãos.

Hemp persistiu: — Ellen não viu Mestre Vivian sair, mas podemos supor que ele não estava lá quando Lorde Wem entrou.

— Não tinha como, agora percebo isso. Ele e Mestre Marcus tomaram uma bebida antes de dormir na sala de café da manhã, pois Mestre Marcus disse isso quando tocou. Ele foi o último e o valete de Sua Senhoria já tinha estado com ele e já tinha ido embora. — Ele deu um tapa na mesa. — Deve ser isso. Eu tinha esquecido, pois fui embora muito rápido, mas acho que Sua Senhoria estava de roupão.

— Quem descobriu o corpo? — Rostos chocados saudaram essa pergunta. Hemp tentou mitigar seu erro: — Perdão. Quem foi que encontrou Mestre Daniel pela manhã?

John se recuperou primeiro:

— O valete de Sua Senhoria novamente. Ele estava atuando para Mestre Daniel também. Ele entrou com o resto para tomar sua xícara como todos nós fazemos, depois subiu com a bandeja para os mestres. Digo-lhe que ele desceu rápido. Então subi com ele e quando vi... — Ele fez uma pausa, engoliu alguma coisa e continuou com menos suavidade: — Bem, não me importo em dizer que demorou um minuto para ter certeza de que ele tinha partido. Estava deitado como se estivesse dormindo, mas tinha partido. Então fiquei e mandei o valete buscar Sua Senhoria.

Ellen estava se mexendo na cadeira com o olhar fixo em Hemp. Ele a olhou por um momento.

— Mais alguma coisa, Srta. Ellen?

Um tom de rosa coloriu suas bochechas e ela ficou nervosa.

— Não gosto muito de dizer, apenas...

A criada de cozinha abriu a boca, mas Hemp rapidamente a impediu:

— Qualquer coisa que tenha a me dizer, qualquer pequeno detalhe, pode ser útil.

A criada pareceu se decidir: — Como o senhor vê, eu... eu pensei ter ouvido algo. Na noite.

— Oh, pensou, não é? E suponho que se levantou da cama e desceu para ver — zombou Cook.

— Sim, saí sem fazer barulho do meu quarto...

Um coro de protestos incrédulos a abafou, mas a atenção de Hemp foi atraída por outra mulher entrando na cozinha. A babá Hepsie, que ele conhecera antes, com a criança órfã nos braços. A garotinha parecia meio adormecida, com a cabeça apoiada no ombro da babá e um dedo enfiado no decote do vestido de Hepsie. A criança não usava touca, e cachos dourados tingidos de vermelho estavam contra sua bochecha.

Para sua consternação secreta, Hepsie encontrou seu olhar e se aproximou com uma leve ruga entre as sobrancelhas. Seu tom estava abafado:

— Eles estão falando sobre aquilo? É por isso que está aqui?

Hemp assentiu. — Milady me pediu para descobrir se alguém viu alguma coisa.

Hepsie olhou em volta para o argumento ainda vocal e levantou a voz:

— Eu vi. Eu vi alguma coisa.

O anúncio provocou silêncio e todos os olhares se voltaram para a babá. Ela não vacilou, nem corou como as outras garotas, observou Hemp com uma onda de admiração. Uma mulher robusta, esta Hepsie. Apesar de sua tristeza pela situação da criança, ela manteve a fé nas necessidades de sua protegida. Seus olhos perfeitos estavam contornados por sombras, suas feições contraídas, mas embalava a bebê em braços fortes, balançando-a enquanto falava:

— Ellen está certa. Havia alguém por perto durante a noite.

A criada lançou à criada de cozinha um olhar triunfante.

— Então não imaginei coisas.

— Mas tenho certeza de que não desceu para ver. Escondeu-se mais debaixo das cobertas.

— Eu não! Levantei-me e fui escutar no topo da escada. Juro que ouvi barulho de passos.

— E então correu de volta para a cama e se escondeu debaixo das cobertas — disse John.

Hemp cortou o riso. — Podemos ouvir o que Hepsie tem a dizer, por favor?

A babá tornou-se novamente o foco dos demais, mas sua atenção estava em Pretty, perturbada pela comoção. Hepsie a silenciou, abaixando a cabeça para beijar seu rostinho. Quando as pálpebras da criança se fecharam, ela se virou para Hemp e falou em tom baixo:

— Ela estava acordada naquela noite. Ela não estava em paz desde... o senhor sabe.

Hemp assentiu, feliz que o resto da equipe da cozinha teve a sensibilidade de permanecer em silêncio.

— Desci para a cozinha para esquentar um pouco de leite para ela. No caminho de volta... — Ela soltou um suspiro visível. — Tive que passar pelo quarto do mestre. Esperei um pouco, me perguntando se deveria chamá-lo para ver a Pretty. Só que se ele tivesse chorado, isso a deixaria mais chateada. Então fui além.

Ela fez uma pausa, lançando um olhar para seus ouvintes. Hemp observou que todos estavam extasiados tal era o poder de sua narrativa silenciosa.

— Continue — insistiu Milly. — Viu alguma coisa?

Hepsie deslocou a criança para mais perto do peito, como se a sombra daquela noite pairasse sobre a bebê.

— Pensei ter ouvido a porta do mestre, mas não tenho certeza. Pode ter sido outra. Achei que talvez ele estivesse saindo e eu poderia perguntar a ele... mas quando olhei, era outra pessoa.

— Como poderia saber no escuro? — perguntou a criada da cozinha.

— Há um pouco de luz naquele corredor quando a lua está alta — acrescentou John. — Viu a quem, Hepsie?

A babá estremeceu um pouco. — Não sei. Era apenas uma figura de camisola, se movendo rápido demais para dizer, mas tenho certeza de que era uma mulher.



Capítulo 11

Lillian foi encontrada no grande, mas sombrio salão do andar de cima, onde Otilia foi recebida pela primeira vez, junto com Sybilla naquela agora aparentemente distante visita de condolências. Sentada em um sofá perto de uma janela aberta, que felizmente fornecia um pouco de ar fresco e claridade à penumbra que penetrava nas paredes de painéis escuros, Lillian folheava um periódico. Ela ergueu os olhos quando Otilia entrou atrás de Annis Maplewood, e olhou de uma para a outra.

— Minha vez, é? — Deixando o periódico de lado, cruzou as mãos no colo e fixou em Otilia um olhar desafiador. — Prossiga. Acuse-me.

A Sra. Maplewood explodiu:

— Oh, pelo amor de Deus, Lillian! Lady Francis tem apenas algumas perguntas.

Otilia ergueu a mão, seu olhar fixo na mulher Brockhurst, e se dirigiu à cadeira mais próxima para ficar em uma posição próxima o suficiente para ser capaz de ler a expressão da mulher. Ela se sentou, consciente de que Lillian a observava com olhos beligerantes.

— Do que devo acusá-la, Sra. Brockhurst?

Lillian pareceu surpresa.

— É para isso que está aqui, não é?

— Estou aqui para descobrir a verdade sobre a morte de seu sobrinho. Acredite em mim, não é um prazer para mim estar aqui.

— Então por que fazer isso?

Otilia encarou-a. — Pela justiça, milady. — E pela criança órfã mais afetada pelos atos do criminoso, mas esse era agora o seu segredo.

— Pensei que a senhora tinha dito que foi minha sogra quem ordenou.

Otilia se arrepiou. — Não estou sujeita às ordens da viúva Lady Wem.

— Então desista e vá para casa. Leo não a quer aqui.

— Não tem nada a ver com Leo — cortou Annis. — Ele não é o mestre aqui. É minha mãe quem dita a melodia, como bem sabe.

Otilia voltou-se para a mulher, que estava de pé ao lado de Lillian, com a intenção de garantir sua cooperação. Não era provável que fosse útil.

— Perdoe-me, Sra. Maplewood, mas acredito que ficaremos melhor sozinhas.

Lillian não disse nada e Annis hesitou.

— Tem certeza? Duvido que ela esteja preparada para responder qualquer coisa.

— Essa é a prerrogativa da Sra. Brockhurst. Não posso forçar nada. — Ottilia olhou para a mulher enquanto falava e notou uma leve diminuição da rigidez de sua pose. Ela havia encontrado o caminho certo. — Por favor, dê-nos um pouco de tempo para nós duas, Sra. Maplewood.

— Oh, me chame de Annis, pelo amor de Deus! Já existe formalidade demais nesta casa.

Ottilia sorriu. — Obrigada. Normalmente sou reduzida a Lady Fan, mas pode ser Ottilia, se quiser.

Um sorriso caloroso apareceu na boca de Annis.

— Lady Fan. Gostei. — Ela acenou com a cabeça para Lillian. — Trate-a bem. Ela está fazendo um favor a todos nós, sabe disso.

Ottilia observou o olhar de Lillian seguir sua cunhada quando ela saiu do cômodo. Quando o trinco da porta estalou, ela virou um rosto irônico para Ottilia.

— Ela é estranha, Annis. A mais estranha de todas. Ela e o filho formam um belo par. Eles não têm respeito.

— Se refere à Lady Wem?

— A qualquer um. Eles nos desprezam.

— Como assim, senhora?

— Reverenciam os decretos de Protasia. Não suportam brigas. O tipo de confusão que Leo começa. Ele não é um filho dócil, então nem pense nisso. Ele não vai discutir com ela na frente do resto de nós, sabe Deus por quê, porque podemos ouvi-los brigando como pica-paus.

Aliviada pela língua da mulher ter afrouxado, Ottilia aproveitou imediatamente:

— Seu marido não age da mesma forma?

— Céus, não. Godfrey é um sujeito pacífico. Sua política é ficar calado e agir como um filho obediente, como ele me disse no início. Assim que estivermos longe daqui, podemos fazer o que quisermos.

— E Marcus?

Uma mudança ocorreu em Lillian. Suas feições se suavizaram e seus lábios tremeram.

— Meu menino lindo. Um sujeito sensato também. Ele nunca sonharia em criar dificuldades para nós. — A nota materna desapareceu. — Além disso, eu seguro suas rédeas. Ele sabe que tenho os interesses dele no coração.

E quantos seriam no coração? O suficiente para eliminar uma barreira ao seu avanço? Ottilia sabia que devia agir com cuidado. O menor indício de tal suspeita enviaria esta mulher de volta ao silêncio.

— Ocorreu algo incomum naquela noite?

Houve uma cautela instantânea nos olhos de Lillian.

— Incomum? O caso todo era incomum. Em geral, não somos obrigados a

suportar acusações públicas que sugerem um assassinato.

— Exatamente, mas pense bem, por favor.

Lillian sacudiu a cabeça.

— O rapaz estava fora de si. Qualquer um poderia ver isso. De minha parte, Leo entendeu corretamente. Ele tirou a própria vida. Mary Ann forneceu-lhe os meios, não tenho dúvidas. — Uma mão voou com a palma para cima. — Não que ela tivesse essa intenção. Ela adorava o garoto. Temos isso em comum, pelo menos. Nós adoramos nossos filhos.

Otilia foi direto ao ponto: — Receio que essa teoria não se sustente, Sra. Brockhurst. Não há dúvida de que Daniel foi assassinado. Ele foi sufocado, provavelmente com um de seus próprios travesseiros.

Era alarme em seus olhos? Ou choque?

— Sufocado? — Lillian levou a mão aos seios fartos, que começaram a subir e descer à medida que sua agitação aumentava. — Deve estar enganada. O médico...

— O Dr. Heather está, pelo que entendi, aguardando uma autópsia.

— Sufocado?

A repetição provocou um tremor em seus dedos enquanto iam do colo à boca, permaneceram nela e depois caíram para serem apertados novamente em seu colo. Otilia observou esses movimentos com sentimentos confusos. Eles demonstravam tanto inocência quanto culpa. O choque foi de ouvir o que era de seu conhecimento? Ou apenas percebeu que havia mais no acontecido do que suicídio?

— Agora entende por que pergunto se algo desagradável aconteceu naquela noite?

Lillian assentiu. — Sim, entendo sim.

— Então?

Ela levou a mão à testa.

— Deixe-me pensar. A senhora deixou minha mente em um turbilhão.

Sem dúvida. Otilia tentou não deixar que as suspeitas aumentassem. Ciente de sua própria antipatia, ela devia se esforçar para permanecer neutra em seus julgamentos. Permaneceu em silêncio, esperando. Ou para Lillian se lembrar de algum pequeno detalhe, ou para inventar alguma coisa.

A mão caiu, uma carranca aparecendo.

— Sim, sim, foi algo incomum, agora que estou pensando nisso. Estávamos todos preocupados com o que fazer. Protasia afirmava que deveríamos permanecer indiferentes até que algo fosse resolvido sobre Daniel. Não que ela participasse das discussões. Ela fez seu decreto como sempre e deixou o resto de nós para encontrar o caminho.

— Havia uma maneira de ser encontrado?

— Não imediatamente. Godfrey e Leo estavam unidos na necessidade de levar Daniel embora. Berta, no entanto, estava convencida de que isso enfureceria ainda mais Protasia. Vivian afirmou que Daniel se recusaria a ir. — Seu olhar disparou enquanto ela falava, mas com isso voltou ao rosto de

Otilia. — Ele estava certo, é claro. Leo foi até Daniel e houve uma briga terrível. Eu mesma suspeito que Vivian tenha aconselhado Daniel a permanecer firme.

— Esta foi a noite antes de ele morrer? Tem certeza disso?

Lillian acenou com a mão inquieta. — Sim, mas vinha acontecendo desde aquela terrível exibição pública. O temperamento de Protasia estava tão irritado que ela batia em qualquer um e em todos se eles abrissem a boca. Ela arengou Daniel várias vezes. Ele estava bastante enlouquecido, como a senhora viu. Não é exagero pensar que ele gostaria de acabar com tudo.

— Mas ele não acabou com tudo, Sra. Brockhurst. Alguém acabou com ele.

Lillian soltou um grito e apertou a testa.

— Lá vai a senhora de novo! Não pode ser. Eu me recuso a acreditar nisso. Quem faria uma coisa dessas?

Otilia continuou firme: — A mesma pessoa que empurraria Isabel daquela rocha.

Lillian ficou de boca aberta. Arregalou os olhos. E sua voz saiu como um coaxar: — É tão louca quanto ele.

Otilia sustentou seu olhar. — Acredita que foi um acidente?

— Acidente? Claro que foi um acidente. Que possível razão eu poderia ter... alguém poderia ter para fazer uma coisa dessas?

Otilia pegou o deslize. — A senhora, Sra. Brockhurst? A senhora disse “eu”.

— Eu disse? — Consternação? Perplexidade? Seu rosto estava ficando um pouco corado? — Eu não quis dizer... foi uma figura de linguagem. Não pode supor que empurrei aquela garota. Por que diabos eu faria uma coisa dessas?

— Para bajular sua sogra? Para resolver a disputa familiar? A senhora disse que não gosta de brigas. Não era político e simples alguém se livrar do problema?

Lillian levantou as mãos exasperadas.

— Oh, isso é um absurdo! Protasia já havia determinado a anulação do casamento.

Otilia anulou isso sem hesitar: — Infelizmente isso não se sustenta, senhora. Qualquer pessoa com o menor conhecimento da lei deve saber que não a anulação não seria concedida. Há uma criança. Claramente houve consumação.

— O divórcio então.

A mulher estava começando a soar desesperada e Otilia permaneceu implacável:

— Com o escândalo que isso implica? Dificilmente acho que a viúva Lady Wem teria permitido esse caminho.

Lillian bateu as mãos. — Então ela teria se reconciliado. No final, acredito que ela teria feito isso.

— Sério? Sério mesmo? Assim como ela fez finalmente com o seu

casamento, milady?

Isso atingiu o alvo. Lillian ficou branca. Seus olhos cuspiam fúria.

O que ela poderia ter dito permaneceu desconhecido, pois a porta foi escancarada, batendo contra a parede.

Assustada, Ottilia se virou e viu Berta na entrada do cômodo com os olhos brilhando e apontando um dedo acusador.

— A senhora! Como ousa vir aqui? Meu irmão a proibiu de entrar nesta casa!

A mudança mais estranha ocorreu em Lillian, que começou em um tom aborrecido:

— Pelo amor de Deus, não comece a fingir, Berta! Já não estamos fartos de alarmes dramáticos e brigas? Feche essa porta, mulher, e venha se sentar!

Para total espanto de Ottilia, a mulher obedeceu, fechando a porta e correndo para se sentar ao lado de Lillian. A última se inclinou para dar um tapinha em sua mão.

— Bem melhor. Agora apenas fique sentada em silêncio enquanto Lady Francis faz suas perguntas.

Com isso, a cabeça da mulher se ergueu e ela lançou à Ottilia um olhar desagradável, dando à mulher um aspecto que lembrava demais a inclinação reptiliana da mãe.

— Não responderei nada.

A voz era alta e queixosa, combinando com a figura esbelta. Ela era mais alta que a mãe e magra, as bochechas encovadas, a boca fina. Para Ottilia ela parecia muito mais velha do que era.

— Lady Francis está aqui porque sua mãe mandou.

— Solicitou — interrompeu Ottilia. Ela não toleraria essa ideia de que Lady Wem tinha o menor domínio sobre suas ações.

— Oh, bem, solicitou, se insiste. — O tom de Lillian era de escárnio. — Está aqui, não está, embora declare não gostar?

Com dificuldade, Ottilia controlou a irritação:

— Como eu disse, estou aqui por justiça.

Valeu a pena repetir para Berta. Não que ela ganhasse muito com isso. A mulher continuou a observá-la com um olhar que Ottilia só poderia interpretar como malévolo.

— Justiça? Busca justiça em vão nesta casa. Onde está a justiça para mim? Não vi nenhuma nestes vinte anos.

Isso era encenação, como Lillian gostaria? Ou a mulher tinha uma reclamação genuína? Um rancor duradouro, isso era certo. Isso poderia ter levado à vingança? No entanto, que satisfação poderia ter ao se livrar do próprio sobrinho? Ele não era responsável pelos males de sua vida. Os pensamentos passaram rapidamente pela mente de Ottilia e ela resolveu ser cautelosa em sua abordagem:

— Eu estava perguntando à Sra. Brockhurst sobre a noite anterior à morte de Daniel. Talvez a senhorita esteja em melhor posição para dizer se houve

algo incomum em relação a isso.

O desdém penetrou nas feições de Berta. — Procura me atrair com bajulação? Não é nenhum elogio para mim, referir-se às minhas conexões.

Isso era realmente uma encenação. Ottilia foi acometida por um desejo inoportuno de rir, porém se conteve.

— Perdoe-me. Eu deveria ter dito que confio em sua familiaridade com este lugar, embora não aprecie ser obrigada a morar aqui.

A surpresa brilhou nos olhos frios de Berta. — Astuta.

Não, óbvia, mas Ottilia não disse isso. Ela seguiu com as perguntas:

— Foi mais ou menos desconfortável aquela noite?

Uma risada estridente escapou da mulher, triste, mas reveladora.

— Desconfortável? Acha que meu conforto já foi considerado? Será que eles, algum deles, pensa em mim?

— Berta!

Ela se virou para Lillian que estava ao seu lado. — Nem comece. Justo a que tem os meios. Uma casa esplêndida, uma vida tranquila, tudo o que deseja ao seu alcance. Já pensou em me convidar? — Ela levantou a palma da mão quando Lillian abriu a boca para responder. — Não, não diga nada. Não quero ouvir um monte de desculpas. Egoísta. Egoístas, todos. — Ela olhou de volta para Ottilia. — Nenhum deles pensa em mim. É tudo mamãe isso, mamãe aquilo. Berta nunca. Ninguém se importa se estou enterrada aqui ou no chão. É tudo uma coisa só.

O discurso lembrou Ottilia irresistivelmente da viúva Lady Wem. Nenhuma surpresa que Berta era sua cópia. Ela sem dúvida havia aprendido seu catálogo de reclamações no colo da mãe. Haveria alguma maneira de romper a auto absorção obsessiva? Ela tentou uma abordagem diferente:

— A senhorita gostava de Daniel?

— Gostava? Por que eu deveria cuidar do filho de Leo? Ele foi bajulado o suficiente.

— Não ultimamente, pelo que entendi.

— Ele passou dos limites. O que ele esperava? Deveria saber como seria, mas ele pensou em alguém além de si mesmo? Um grão de bom senso, se ele tivesse um, saberia o que eu seria obrigada a suportar uma vez que a verdade fosse revelada.

Ottilia aproveitou isso: — Sabia do casamento, então?

— Quem não sabia, exceto a única pessoa que poderia machucar? — Berta ficou estridente ao soltar outra daquelas gargalhadas estridentes. — Eu poderia ter gostado de como ela ficou confusa quando descobriu, se isso não tivesse trazido um turbilhão de descontentamento sobre mim. — Ela se inclinou, apontando o queixo pontudo para Ottilia e parecendo notavelmente uma bruxa. — Sempre devo suportar o peso de suas fúrias tempestuosas. Eles não estavam aqui para suportar os delírios, os gritos, os epítetos vis lançados sobre todos eles em sua ausência e caindo sobre mim. Tudo, tudo que suportei, só eu. — Ela recostou-se, um sorriso azedo vincando seus lábios

finos. — Não, minha bela senhora, eu não gostava. Não gostava do meu sobrinho, nem de nenhum deles, deixando-me aqui para apodrecer enquanto eles festejam. Egoístas, todos.

Sentindo-se abatida, Ottilia começou a desejar ar e luz, e o bálsamo do afeto do esposo. Acima de tudo, tinha uma razão legítima para abandonar esta família terrível para se afundar em seu próprio conforto, mas havia duas vítimas a serem contabilizadas, e os inocentes mais feridos pela decolagem. Ela criou coragem e perguntou: — Então não pode me contar nada sobre aquela noite, Srta. Brockhurst?

Berta deu-lhe um olhar zombeteiro.

— Oh, eu poderia lhe contar muita coisa, se assim o desejasse.

— Mas presumo que não deseja?

— Eu lhe disse no início que não responderia nada. E não mudei de opinião.

No entanto, ela havia contado muito a Ottilia. O suficiente para levantar suspeitas de um possível motivo. Não seria a primeira vez que ela se depararia com ciúme de uma ordem suficiente para matar. Mas o que ela ganharia com isso? Lillian podia ser ambiciosa por seu filho. Berta apenas acumularia mais ignomínia sobre sua cabeça da mãe que ela detestava com uma paixão que tudo consumia.

Ela não teve tempo de se entregar a esses pensamentos, pois a abertura da porta provocou uma mudança visível em ambas as mulheres quando elas olharam para ela. Berta endireitou-se e seu rosto tornou-se uma máscara, totalmente livre da maldade que até então exibia. Quanto a Lillian, um sorriso insinuante apareceu em seus lábios, embora não se refletisse em seus olhos, que mostravam um pouco de apreensão.

Ottilia estava de costas para a porta. Ela se virou na cadeira e se viu olhando para as feições iradas de Lorde Wem.

A explosão esperada não veio, mas seu tom era distintamente inamável: — A senhora está aqui, Lady Francis? Depois da minha proibição expressa?

Ottilia levantou-se da cadeira e o encarou. — Como vê, senhor.

Seu olhar voltou-se para as mulheres. — Estou surpreso que tenha se submetido a ser questionada, Lillian.

A mulher sorriu. — Conhece-me, Leo, sou um ser pacífico. Além disso, eu não tinha nada de valor para oferecer a Lady Francis. Como sabe, estou de acordo com sua crença.

O olhar ardente de Lorde Wem foi lançado em seguida sobre sua irmã e ele atravessou a sala para confrontá-la.

— E você, Berta? Me traiu?

Em um piscar de olhos, a mulher estava de pé.

— Eu o traio, irmão? Deus me livre! Da mesma forma que não trairia nossa querida mãe. — O tom untuoso fez com que Ottilia se sentisse fisicamente mal. Quanta hipocrisia.

— Assim espero — disse seu irmão com austeridade. — Afinal, está em

dívda com a mamãe.

Berta enrijeceu? Ela foi em direção à porta.

— Falando nela, tenho que ir ver como ela está. Ela comeu mal esta manhã.

Com isso, ela saiu rapidamente pela porta sem lançar sequer um olhar para Ottilia, sem se importar em se despedir dela. Não que tal cortesia pudesse ser esperada de uma mulher de sua laia.

Lorde Wem foi até a lareira e se virou, seu olhar hostil caindo sobre Ottilia. Ela se preparou. Seu aspecto a lembrava de um cisne zangado, majestoso, mas parecendo pronto para sibilar e cuspir se a polidez não determinasse o contrário. Ou ele estava apenas relutante em mostrar sua verdadeira face diante de uma estranha? Ele foi supostamente praticado em ocultação na presença de sua mãe.

— Fico agradecido, senhora, se retirar-se imediatamente. Não tem negócios aqui.

A ira de Ottilia aumentou e ela lutou para não voar no desgraçado. Do jeito que estava, ela não conseguiu evitar um tom cortante.

— Estou aqui, como fui obrigada a apontar várias vezes, a pedido da viúva Lady Wem. Se o senhor se opuser, sugiro que leve o assunto à dona desta casa.

Ele parecia perplexo, embora irritado, mastigando por um momento e juntando as mãos atrás das costas. Ottilia pegou o olhar de Lillian deslizando de Wem para si mesma e vice-versa. Ele finalmente falou, pela rigidez de sua mandíbula experimentando dificuldade em controlar seu temperamento.

— Esta é a sua resposta? Mesmo com a carta do meu advogado nas mãos de seu marido, como não tenho dúvidas de que é onde ela está agora.

— Sim, está, sir. E sim, esta é a minha resposta. — E então acrescentou com prazer: — Se quiser saber sobre o meu marido, o senhor o encontrará inflexível para que eu continue minhas investigações, apesar de tal carta. Meu marido, senhor, não gosta de nenhuma interferência autoritária.

A respiração de Lorde Wem vinha em bufadas e Ottilia quase sentiu pena dele, obrigado a conter o seu mau humor. Então adotou um tom de falsa cortesia:

— Sua mãe, milorde, desejava que eu fizesse perguntas a todos nesta casa. Isso, acredito, o inclui.

Ela tinha ido longe demais. Wem explodiu, dando alguns passos em sua direção.

— Perguntas a mim? Isso é um insulto de primeira ordem, senhora. Eu ser acusado de provocar a morte do meu próprio filho? Um caso, note bem, que carrega todas as marcas de suicídio, embora eu acredite pouco nesta implicação.

— O senhor preferiria que fosse assassinato, então?

— Enfaticamente não, senhora. A ideia é absurda e ridícula.

Ottilia agarrou a ponta do encosto da cadeira, sentindo necessidade de

apoio enquanto ele se erguia diante dela.

— Estaria disposto a ouvir por que não é nem absurdo nem ridículo, senhor?

Ele ergueu a mão.

— Já ouvi isso. Também ouvi falar de suas supostas qualificações para fazer tais alegações. Prefiro confiar na opinião de um médico credenciado.

Ela o encarou.

— No entanto, seu médico não lhe forneceu o diagnóstico que o senhor queria, não é? Eu estava lá. Eu ouvi o que ele lhe disse.

Os olhos de Lorde Wem brilharam como fogo.

— A senhora estava lá, sim. Por insistência da minha irmã iludida. Annis não tinha o direito de interferir.

Cansada do constante questionamento de direitos, Ottilia deixou passar e voltou ao assunto principal:

— Suponho que o senhor não recebeu nenhuma palavra do médico sobre os resultados da autópsia?

— Nenhuma. — Havia insatisfação na resposta e ele acrescentou com amargura: — Não que isso seja da sua conta.

Ottilia olhou para ele. Uma forma conciliatória funcionaria?

— E se esperarmos por esse resultado, milorde? Se não obtiver a resposta que deseja, talvez o senhor mesmo fique ansioso para descobrir quem poderia ter sufocado seu filho.

Sua expressão mudou.

— Sufocado? — A palavra saiu sufocada dele. — É nisso que acredita?

— Os sinais eram indicativos disso. Seu informante não lhe disse isso?

A perplexidade passou por suas feições.

— Isso não, não. Eles falaram de... assassinato.

Outra palavra que parecia sujar sua boca. Ottilia mais uma vez sentiu pena. Ela estava esquecendo que ele era um homem em luto, ainda que não expressado, como no caso de sua esposa. Ela ousou dar um passo na direção dele.

— Vamos, senhor, não deve a seu filho descobrir a verdade?

A abordagem suave provou ser vã. Lorde Wem voltou a se levantar.

— Não devo nada ao menino. Depois da perturbação que ele causou? Colocando a família em crise e deixando a casa um completo caos? Não, senhora, não devo nada a ele.

Chocada, Ottilia se esqueceu de segurar a língua.

— Não é possível que queira dizer isso, senhor. Tudo o que o rapaz fez foi agarrar a felicidade. Vai condená-lo por causa do preconceito de sua mãe?

Ele contorceu suas feições.

— Atrave-se a falar sobre os meus assuntos? Quem é a senhora para me dar lições sobre eles? — Ele passou por ela indo em direção à porta e abriu-a. — Chega! Vá embora, Lady Francis, saia da minha casa!

Ottilia estava completamente pronta para sair, apesar do tamborilar de seu

pulso enquanto a fúria aumentava com a maneira de falar. Ela teria saído, mas o caminho foi bloqueado pela figura diminuta da viúva Lady Wem aparecendo abruptamente na abertura.

Ela não olhou para Ottilia, em vez disso, dirigiu-se ao filho em um tom abrasador:

— Desde quando, Leo, expulsa visitantes deste lugar? Esta ainda não é a sua casa.

Lorde Wem não falou mais nada, sua postura era mais a de uma efígie de cera do que qualquer outra coisa. Apenas os olhos delatavam sua fúria desconcertada enquanto ele ia em direção à porta.

O olhar de sua mãe se voltou dele para a mulher Brockhurst, uma espectadora silenciosa da briga inútil.

— Onde está minha filha?

O tom de Lillian era subserviente ao extremo:

— Berta? Ela foi procurá-la, querida Protasia.

— Bom para ela que não teve sucesso. Deixe-nos, Lillian.

Lorde Wem já havia partido. Lillian levantou-se imediatamente e saiu apressada. A viúva Lady Wem foi até a cadeira colocada no centro com o fogo de um lado. Seu trono? Foi onde ela se sentou naquele primeiro dia. Ela apontou para a cadeira que estava ao lado de Ottilia.

— Traga isso para perto e sente-se.

Embora ela não se importasse com o comando e extremamente desapontada por não ser capaz de escapar, Ottilia obedeceu. Quando ela se sentou, o olhar de Lady Wem percorreu seu rosto.

— Então?

Ottilia não pôde conter um suspiro. — Acho que é um pedido para ouvir o progresso que fiz?

— Então?

A repetição a irritou, mas Ottilia deixou passar.

— Muito pouco, se deseja saber.

Lady Wem assentiu.

— Eles não vão cooperar? Como eu esperava. Tolos recalcitrantes.

— Pelo contrário. Achei Mary Ann e Lillian dispostas o suficiente. No entanto, nada do que me disseram me aproximou da verdade.

Lady Wem pareceu aceitar isso. Ela sacudiu a cabeça em direção à porta.

— Ele não vai lhe falar sobre isso. Determinado a me frustrar. Um tolo teimoso esse meu filho. Ele quer se livrar do problema. Todos nós também, mas eu disse a ele que há um traidor entre nós. Não terei traidores sobre mim.

— Ela perfurou Ottilia com um olhar. — Encontre o culpado.

Ottilia soltou um suspiro exagerado.

— Como, senhora, quando é difícil de obter cada palavra? Sei que Lorde Wem ordenou que pelo menos metade da família não falasse comigo.

— Vou cuidar de Leo.

Perdendo a paciência, Ottilia contou-lhe a verdade:

— Como todos os déspotas, Lady Wem, a senhora imagina que controla todas as línguas porque elas são silenciosas em sua presença, mas as pessoas não são tão prontamente controladas. — *Especialmente sua prole suja*, ela poderia ter acrescentado, mas conseguiu impedir que as palavras escapassem de seus lábios.

O escárnio reptiliano apareceu.

— Acha que não sei disso? Desobedientes, todos eles. — Ela bateu com o punho no braço da cadeira. — Mas não vou tolerar traição. Eles vão pagar.

Exasperada, Ottilia levantou-se.

— Chega, madame. Não é a senhora quem deve suportar o tratamento rude a que fui submetida. Não ficarei mais aqui. — Ela se virou e foi em direção à porta.

A voz zombeteira da mulher a seguiu:

— Sem coragem, hein? Sem apetite para um desafio?

Parando, Ottilia virou-se furiosa.

— Não pense que vai me intimidar, Lady Wem. Não escolhi me envolver ainda mais neste assunto. O que é isso para mim, afinal?

Havia satisfação nos olhos oblíquos da mulher e uma curva zombeteira em seus lábios. O triunfo por ter provocado Ottilia a perder a paciência?

— Volte amanhã. Vou me empenhar para isso, haverá respostas de qualquer um que escolher questionar.

Apesar de seu aborrecimento, Ottilia sentiu um lampejo de diversão. Admiração também. Se alguém pudesse admirar a astúcia, mas ela não deveria ser privada de escolha.

— Vou pensar um pouco, senhora. Isso é tudo o que posso lhe dizer.



Depois de passar uma ou duas horas desconsoladas na sombra e examinando as pequenas lojas ao longo da colunata, Lizzy agradeceu o alívio proporcionado pelo pedido de Ottilia. Ottilia a havia saudado da janela do aposento enquanto ela cruzava os Pantiles com a intenção de se juntar à avó nas Salas de Reunião.

— Espere aí, Lizzy! Estou descendo.

Lizzy acenou e seguiu para a pequena galeria dos músicos, vazia de músicos durante esse período de silêncio enquanto os visitantes, cumpridos os deveres da igreja, conversavam, a peça sendo adiada para o Dia do Senhor, abrigados nas Salas ou na cafeteria. A ansiedade aumentou. O que havia acontecido na residência dos Brockhurst? Ela sabia da desaprovação de Lorde Wem, pois seu tio havia falado muito sobre o assunto. Lorde Francis expressou sua indignação depois que Ottilia saiu.

— Não quero mais incomodar a Tillie. Ela já está chateada o suficiente, mas este miserável, em vez de viver o luto do filho de forma decente, deve ter falado pessoalmente com este advogado, pois ele reside na cidade...

— Acho que deve ser empregado da mãe.

— ... e ainda ordenou ao sujeito que me escrevesse esta porcaria! Durante

a noite. Que descaramento! Digo-lhe, Mama, que estou pensando em confrontar esse Lorde Wem.

Sybilla, previsivelmente, não perdeu tempo em atribuir a atitude de Lorde Wem à influência da venenosa Protasia, mas seu conselho era bom.

— Mande para Jardine, Francis. Deixe que ele cuide disso. Deus sabe que não suporto o homem, mas não há como negar que ele acabará com esse absurdo em algum momento. Ele terá esse advogado de Wem em suas botas.

Lizzy sabia que o homem de negócios da família era um formidável oponente legal e não foi nenhuma surpresa quando Francis aceitou a sugestão com entusiasmo e se dirigiu ao seu próprio aposento com a intenção de enviar um expresso imediato para a capital. Lizzy foi deixada em uma reflexão miserável, temperada pela frustração por ter sido excluída da caça ao assassino de Daniel.

Ela estava, portanto, madura para sua tarefa designada quando finalmente sua tia apareceu e elas se sentaram juntas em um dos bancos sombreados pelas árvores ao longo da borda do Pantiles.

— Lizzy, preciso da sua ajuda.

— Para quê, senhora? Se for esse caso Brockhurst...

— É, mas não estou lhe pedindo para abordar o Sr. Maplewood, não tema.

Um pequeno impulso de esperança, do qual Lizzy mal havia percebido, diminuiu.

— Como a senhora se saiu, tia? Eles foram horríveis?

Otilia soltou um suspiro cansado. — Em geral sim. No entanto, eles são todos bem diferentes quando os pega sozinhos. Mary Ann apareceu, entre acessos de choro. Lillian tinha muito a dizer, mas pouco para o propósito. Berta foi... — Ela hesitou e Lizzy viu um brilho de diversão aparecer em seus olhos.

— Berta foi o quê? — perguntou, intrigada.

Uma risada escapou de Otilia.

— Ela foi similar a uma pobre mulher demente. Não se pode deixar de sentir pena dela, apesar do tratamento rude que ela dispensou. Ainda assim, não foi pior do que o que suporrei do detestável Leo.

— Céus, tia, como suportou isso?

Otilia parecia travessa.

— Não suportei. Não dei trégua e disse a Lady Wem que não queria continuar com isso.

Lizzy estava consciente do desapontamento.

— A senhora abandonou então.

— Claro que não, embora tenha ficado muito tentada. — Ela suspirou. — Como eu poderia fazer isso? Há duas vítimas grosseiramente injustiçadas exigindo justiça. E mais, há uma inocente no caso que só Deus sabe que tipo de futuro terá.

Otilia parecia trêmula ao mesmo tempo que falava, intrigando Lizzy.

— Inocente?

— A pequena Pretty. — Houve uma quebra distinta na voz de sua tia. — A filha, Lizzy. Ela ficou órfã.

A memória saltou na cabeça de Lizzy.

— Daniel falou dela. Eu tinha esquecido. Quando ele estava de luto, perguntou como ela ficaria sem a mãe. E agora ele também está morto. Oh, tia, isso é tão triste! Coitadinha.

— Exatamente. É nesse sentido que desejo sua ajuda, Lizzy.

Comovida, Lizzy pegou uma de suas mãos.

— O que quer que eu faça?

Os dedos de Ottilia apertaram os dela por um momento e então ela soltou a mão, endireitou-se e olhou Lizzy diretamente no rosto.

— Confio em você, Lizzy, para manter a minha razão para lhe pedir isso.

— Não direi nada, tia Ottilia, mas o que diabos está acontecendo?

Ela observou consternada enquanto sua tia respirava visivelmente, seu olhar claro um pouco luminoso.

— Não posso confiar em mim mesma, Lizzy. Não desejo encontrar essa criança abandonada e a babá deve ser interrogada.

Lizzy olhou-a com espanto.

— Por que não quer? Achei que adorava crianças. Mamãe diz que a senhora foi praticamente uma segunda mãe para seus sobrinhos.

Ottilia dispensou isso.

— Tom e Ben são diferentes. Eles eram pequenos companheiros robustos desde o início. E eles não haviam perdido seus pais. Essa pequenina... — Ela balançou a cabeça como se quisesse livrá-la de pensamentos indesejados. — Pode interrogar a babá para mim, Lizzy. Será capaz de manter sua atenção totalmente nela, enquanto eu... Por favor, faça isso por mim, minha querida, para podermos finalmente fazer algum progresso.

Profundamente perturbada, Lizzy ainda relutava em perseguir as questões candentes em sua mente. Estava claro que Ottilia estava abatida com a situação de Pretty, mas não era típico dela fugir de uma tarefa por um motivo como esse.

— Se deseja, é claro que farei isso, tia, mas por que essa babá deve ser interrogada?

Ottilia tornou-se intensa:

— Coloquei Hemp para falar com os criados domésticos que ele pudesse encontrar. Hepsie, a babá, viu uma forma feminina esvoaçar pelo corredor durante a noite. As pessoas costumam ver muito mais do que imaginam em um acontecimento. Se pressioná-la, espero que haja mais do que isso.

O interesse crescente conduziu ao descontentamento interior de Lizzy.

— E a senhora, tia? Vai voltar lá?

— Amanhã, mas só depois de falar com uma criada conhecida como velha Janet. Hemp se comprometeu a combinar com uma criada de cozinha chamada Milly para levá-la para beber a água pela manhã.

Seu brilho natural estava começando a fluir nas veias de Lizzy e ela riu.

— Lady Fan no trabalho, e ela finalmente precisa de mim. Eu não poderia estar mais feliz.

Ottília levantou-se.

— Tenho que voltar. Francis está preocupado e não podemos permitir que ele se envolva com Lorde Wem.

Lizzy também levantou-se.

— Ele já está sabendo como eles a trataram lá?

Ottília suspirou.

— Não temos segredos. Pelo menos, nenhum de grande importância, mas não mencione tudo o que eu lhe disse sobre a Pretty, por favor, Lizzy. Fan vai pensar... Não importa. Faça apenas a sua parte. Assim que puder, por favor. Tenho que ir.

Ela se atropelou nas palavras, deixando Lizzy presa de conjecturas incômodas. A felicidade do casamento de sua tia era um provérbio na família. Havia tido um pomo de discórdia? Uma memória veio à tona. Antes da chegada do casal, sua avó não havia avisado?

“Faça o que fizer, Elizabeth, mas não pergunte a sua tia sobre bebês, entendeu?” Em resposta à sua pergunta sobre o porquê, ela deu apenas uma resposta vaga: *“É um ponto delicado para Ottília, e isso é tudo.”*

O mistério voltou a existir. Um ponto delicado, isso era fato, já que ela não conseguia interrogar essa Hepsie por medo de encontrá-la na companhia da criança órfã. Como ela a chamou? Uma criança abandonada? Tia Ottília estava quase chorando, e ela sempre foi tão segura e capaz.

Enquanto esses pensamentos giravam em sua mente, Lizzy caminhava na direção da Sala de Reunião. Era melhor deixar sua avó saber o que ela estava fazendo ou ela seria repreendida por desaparecer novamente.

A viúva Lady Polbrook estava discutindo profundamente com Lady Countersett, a Sra. Trefnant e vários dos habitantes mais idosos da cidade acerca das notícias alarmantes que chegavam da França sobre o rei e a rainha que, segundo diziam, tinham se refugiado na Assembleia Legislativa com medo da vingança dos rebeldes. Por seu lado, Lizzy estava mais preocupada com os assuntos mais próximos de casa, embora não pudesse deixar de ficar momentaneamente horrorizada ao ouvir um dos cavalheiros falar do ultraje como um sinal do derrube da monarquia francesa.

Sybilla não fez nenhuma objeção quando soube de onde vinha sua missão.

— Sua tia lhe pediu isso? Nesse caso, pode ir, mas leve a Nancy.

Decidindo que não seria uma coisa ruim ter sua própria criada se familiarizando com esta Hepsie, Lizzy não perdeu tempo em retornar aos aposentos para buscar Nancy antes de iniciar o Common em direção à residência dos Brockhurst na colina. Sua criada poderia estar em melhor posição para localizar a tal babá. Ela dificilmente poderia tocar o sino e perguntar pela garota. Não sem levantar perguntas.

Por sorte, quando Lizzy se aproximou da casa, ouviu uma voz aguda de criança. Olhando ao redor, viu uma menina correndo em um jardim ao lado.

Perto dela estava uma jovem mulher em trajes desleixados, mas usando um avental completo de babá. Devia ser a Hepsie...

Exultante, Lizzy procurou uma maneira de entrar no jardim. Era sombreado por árvores e cercado por grades de ferro.

— Está vendo algum portão, Nancy?

Sua criada apontou.

— Parece estar ao lado da casa, milady.

Obviamente, havia um caminho a partir da entrada e o portão era apenas visível de onde elas estavam. Não demorou mais do que um minuto para Lizzy chegar até o ponto de entrada. Ela destrancou o portão e pediu a Nancy que a seguisse e o fechasse atrás dela.

A babá as avistou, embora a menininha ainda estivesse perseguindo uma bola. Ela se colocou na frente da criança, em uma atitude protetora, erguendo o queixo para as recém-chegadas.

Lizzy abriu um sorriso.

— Creio que seja a Hepsie, certo? E essa deve ser a Pretty.

A babá franziu a testa.

— Sim, milady, mas eu não a conheço.

Não houve subserviência. Até mesmo um toque de beligerância. Lizzy estranhou, mas se apressou em se apresentar:

— Eu sou Lady Elizabeth Fiske e esta é minha criada Nancy. Sou sobrinha de Lady Francis Fanshawe. Acredito que conheça o mordomo dela, Hemp Roy?

Uma mudança ocorreu na garota e ela relaxou visivelmente.

— Ele é um sujeito gentil. É compreensivo.

Lizzy conhecia pouco Hemp, mas sabia que sua tia valorizava seus serviços. Ela aproveitou a aprovação da garota:

— Fico feliz que ele tenha ajudado. É um momento difícil para você.

Hepsie deu de ombros. — Não me importo com isso. É a bebê quem vai sofrer. Ela chama pela mãe e eu não sei o que dizer a ela. Só posso dizer a ela que Hepsie está aqui. Nem posso prometer que ficarei porque não sei o que eles pretendem.

— Sinto muito. Ninguém falou com você desde essas perdas terríveis?

O olhar da babá ficou sério. — Eu esperava que a mãe do mestre pudesse ter aparecido, embora ela seja a mais afetada. Ela é a única que conhece a bebê e o resto deles não se importa. Nem eles disseram nada, nem perguntaram como está minha pequenininha. Temo muito pelo futuro dela.

Chocada e consideravelmente consternada, Lizzy fez uma resolução mental para abordar o Sr. Maplewood sobre o assunto. Pelo menos ele, que era amigo do primo, poderia ter demonstrado consideração pelo bem-estar da filha de Daniel. Horrível e insensível da parte dele negligenciar a criança.

Mas isso não teve nenhuma influência em sua comissão. Ela devia estar feliz por Hepsie estar tão pronta para falar, então foi a fundo:

— Hemp disse que viu alguém naquela noite. Era uma mulher?

A babá franziu a testa. — Está perguntando pela senhora daquele sujeito negro?

— Sim, estou. Lady Francis, ou Lady Fan, como gosta de ser chamada, está tentando descobrir a verdade.

Um lamento da garotinha fez Hepsie correr para Pretty, que havia caído em sua perseguição. Enquanto a babá a levantava novamente e a acalmava, Lizzy aproveitou a oportunidade para observar a criança. O nome era adequado. Ela estava vestida com um vestido de linho branco amarrado com uma faixa azul; cachos dourados escapando por baixo de sua touca de babados, emolduravam um rostinho adorável com as bochechas rechonchudas da infância e sua boca era como um botão de rosa. A mente de Lizzy saltou para os medos que Otilia não expressava com tanta clareza e experimentou um vislumbre de compreensão. Antes que pudesse ser totalmente formada, Hepsie voltou depois de ter feito a bola rolar novamente para Pretty persegui-la.

— Ela faz jus ao nome — comentou Lizzy.

Hepsie ignorou isso. — Sim, milady, mas estava perguntando sobre aquela noite.

Um tom ansioso chamou a atenção de Lizzy e ela falou sem pensar:

— Acredita que alguém o matou? Seu mestre?

— Não consigo imaginar outra maneira para ele estar morto. O Sr. Daniel não teria feito isso sozinho como diz Sua Senhoria. Não quando havia a bebê para pensar. Oh, sim, estava abalado por perder a esposa, e quem não ficaria? Mas ele vinha ver a Pretty quase todas as noites, e continha as lágrimas, e lia para ela um conto de fadas como costumava fazer e lhe dava um beijo de boa noite, e agora a minha pequenininha nem isso tem mais.

Aqui a voz de Hepsie ficou totalmente suspensa. O impulso imediato de Lizzy de colocar um braço sobre ela foi evitado quando Nancy saiu de trás dela e fez exatamente isso, silenciando a garota e enfiando um lenço de bolso em seus dedos.

— Vamos, vamos, pare com esse choro — murmurou baixo. — Não quer que a pequena a ouça. — Hepsie assentiu e engoliu as lágrimas, aproveitando o quadrado de linho e amassando-o entre os dedos. — Assim está melhor. É o seguinte: vou brincar com sua bebê lá enquanto fala com a milady.

Hepsie agradeceu e observou Nancy ir até a criança, pegar a bola e jogá-la com cuidado. Pretty olhou para ela por um momento e então procurou o rosto familiar de sua babá.

— Pegue a bola, minha linda. Nancy vai jogá-la para você. Hepsie está aqui, não tenha medo.

A criança pareceu incerta por um momento, mas após Nancy repetir seu arremesso e encorajá-la novamente, a atração da bola venceu e ela consentiu em se distrair.

Lizzy assistiu a pequena peça secundária com uma elevação de admiração por sua criada. No momento, ela tinha toda a atenção da babá.

— Por favor, diga-me exatamente o que viu, Hepsie.

A babá brincou com o lenço que segurava.

— Foi o que eu disse ao homem Hemp. Tive que descer para pegar leite para a Pretty...

— Que horas eram?

— Não tenho certeza. Devia ser uma ou duas da manhã. Pode ter sido mais tarde, não posso dizer com certeza.

Mas era uma hora em que a família estava quieta e deitada. A empolgação cresceu e Lizzy pressionou por mais:

— O que aconteceu exatamente?

As sobranceiras de Hepsie tremeram enquanto ela se concentrava.

— Eu vinha da cozinha com o copo e tive que passar pela porta do mestre. Havia um pouco de luz, então pude ver que estava fechada.

— Ouviu alguma coisa?

Hepsie sacudiu o lenço entre as mãos.

— Eu tentei. Fiquei prestando atenção enquanto pensava em entrar e acordar o mestre para ir ver a Pretty, mas estava tudo quieto.

— No quarto, quer dizer?

De repente, o olhar da babá se iluminou com a compreensão.

— Estava muito quieto. Nenhum suspiro, nem mesmo um ronco. O mestre nunca dormiu tão quieto.

— Então ele já estava... — Lizzy engoliu a palavra final, mas Hepsie disse por ela:

— Morto. Devia estar.

— Mas não tinha como saber. O que fez então, Hepsie?

Ela soltou um suspiro.

— Fui em direção às escadas. Foi quando ouvi uma porta se abrindo. Ou então pensei ter ouvido. Pode ter sido dele, mas há várias naquele corredor. Pode ter sido um dos outros.

— Quem dorme nesses outros quartos?

— O Sr. Marcus está em um. A Srta. Clarissa e o Sr. Julius no outro.

De nada adiantava se a figura fosse feminina. Lizzy tinha motivos para acreditar que Clarissa não havia cometido o crime, mas pode ter sido ela quem saiu do quarto. Mas onde estava Vivian?

— O Sr. Maplewood não está em um desses quartos?

— Sim, mas é do outro lado da casa. Ele não ouviria nada.

— Entendi. E o que aconteceu quando ouviu a porta?

— Se é que foi uma porta que eu ouvi. Recuei e fiquei imóvel. Passou pela minha cabeça como o mestre poderia ter se levantado, mas é claro que ele não poderia ter feito isso, poderia? Ele já estava morto.

A convicção de Hepsie era total. Lizzy voltou à sua história: — Mas o que viu?

— Alguém andando pelo corredor silenciosamente. Quase um fantasma, pelo que vi.

— Em que direção? A pessoa que estava subindo as escadas era um criado?

— Não usou a escada dos fundos como eu. Ela desceu as escadas principais.

— Então é definitivamente uma mulher?

Hepsie hesitou.

— Achei que tinha certeza disso, mas agora não sei. A camisola ia até os tornozelos, o que não descreveria um homem, mas posso ter me enganado. A luz estava fraca. Era mais uma forma branca do que qualquer coisa.

Lizzy pegou outro ponto:

— Mas desceu as escadas?

— Sim, disso tenho certeza, milady.

— Os quartos principais ficam no andar de baixo do quarto de seu mestre? Ou são apenas os salões?

— Isso mesmo, milady. Pelo menos, não sei qual quarto é qual, mas milorde Wem e sua senhora estão no andar de baixo, além do irmão de Sua Senhoria e sua esposa; e há a Sra. Maplewood, assim como a dona da casa. Isso é ao lado dos salões. É uma casa grande e eu não a percorri por toda parte. Eu me mantive principalmente nos andares superiores e nas cozinhas. Nem trago Pretty pela frente para o jardim. Eu a mantenho fora do caminho deles. Longe da vista, longe da mente, espero, pois assim não pensarão em me mandar embora tão cedo.

Embora simpatizasse com essa visão, a mente de Lizzy girava em torno da história. Era escassa o suficiente, especialmente com a incerteza de gênero. Se ao menos ela tivesse o jeito da tia de fazer a pergunta certa.

— Há mais alguma coisa de que se lembre, Hepsie? Algum pequeno detalhe?

A babá balançou a cabeça de forma arrependida.

— Pensei muito nisso, milady, e quanto mais penso, menos certeza sinto.

Lizzy se apressou em tranquilizá-la: — O que me disse será muito útil para Lady Fan. Se lembrar ou pensar em mais alguma coisa, por favor, vá até nós. Nancy lhe dirá onde estamos hospedadas. — Ela pôs a mão no braço da babá. — Tente não se preocupar, Hepsie. Algo será feito por Pretty, tenho certeza.

Hepsie não pareceu convencida.

— Mas o quê, milady? Sei bem que a esposa não era bem-vinda aqui. Nenhum deles aceitou o papel dela. Eles não vão querer nada com a filha da Sra. Isabel.

A expressão direta tinha um tom amargo. Lizzy ficou envergonhada ao perceber que quase havia esquecido a trágica queda e sua convicção inicial de que não havia sido um acidente. Sua tia estava certa. Houve duas vítimas. Não, três. Ela havia se perdido em sua preocupação com o Sr. Maplewood, esquecendo-se do que contava nesse emaranhado.

Ela não se sentia confortável com a preocupação principal de Hepsie, mas pelo menos podia oferecer uma migalha.

— Minha tia resolverá esse mistério, eu prometo. Quem fez isso será descoberto.

A babá assentiu, mas sua boca estava apertada e seu tom cortante:

— Isso não vai ajudar Pretty, mas não vou negar que gostaria de ver o dedo apontado. Uma pessoa cruel e má. E eu sei quem fez isso acontecer, mesmo que ela mesma não o tenha feito.

Lizzy não fingiu ignorância:

— Exatamente, Hepsie, mas por favor, não conte isso a mais ninguém.

— Sei quando manter minha boca fechada, milady. Aprende-se rápido nesta casa.

Uma mulher astuta, esta babá. Lizzy chamou Nancy e se despediu dela com uma última advertência a Hepsie para trazer tudo o que ela lembrasse para o lugar certo:

— Conte-nos qualquer coisa que ouvir, pois isso poderá nos ajudar.

Hepsie concordou e foi aliviar Nancy de seu cargo. Lizzy se virou para o portão e parou. O Sr. Maplewood estava parado do outro lado.

Lizzy chamou sua criada: — Nancy, espere por mim aqui, por favor. — Ela se aproximou do portão, encontrando o olhar do Sr. Maplewood.

Ele abriu o portão para ela.

— Caminha comigo?

Lizzy não respondeu, mas o atravessou. O Sr. Maplewood indicou o amplo caminho que levava aos fundos da casa.

— Existe um pomar logo ali. A senhorita estará à vista de sua criada.

Lizzy olhou em volta. — Como sabia que eu estava aqui?

— Eu a vi da janela. O quarto que gosto tem vista para o jardim.

O Sr. Maplewood passou à frente dela, destrancou um segundo portão e a esperou passar por ele. Lizzy passou, olhando em volta para as fileiras ordenadas de árvores, agora carregadas de cerejas, ameixas e maçãs. Ela se virou e o encarou, incapaz de evitar um tom acusatório:

— Por que não foi ver aquela criança? Como o senhor, que professa amar o pai dela, pode negligenciá-la em circunstâncias tão terríveis? A pobre Hepsie está perdendo o juízo, preocupada com o que acontecerá com Pretty. O senhor pelo menos poderia tê-la tranquilizado.

O Sr. Maplewood encontrou o olhar dela.

— Julgando-me de novo, Eliza?

Lizzy ergueu o queixo.

— Sim, o estou julgando, sir. Sabia que ninguém na casa se aproximou da criança desde que o pai foi morto? Hepsie tem certeza de que será demitida e a pequena Pretty mandada embora, e então a criança não terá ninguém para amá-la. Isso é lamentável, Vivian.

Ele pegou uma das mãos com que ela havia gesticulado.

— A senhorita não é tão indiferente a mim quanto gostaria que eu supusesse, não é?

O espanto afastou a ira de Lizzy. Ela não fez nenhuma tentativa de retirar a mão de seu aperto duro.

— O senhor é a criatura mais estranha que eu já conheci, Sr. Maplewood.

- Não me chame assim. Use meu nome, mulher, como acabou de fazer.
- Eu não queria.
- Mas o fez.

Lizzy arrancou seus dedos dos dele. — Isso é singularmente estúpido. Estou tentando fazer com que perceba sua insensibilidade e tudo o que pode fazer é...

— Pode retomar sua reprimenda daqui a pouco — ele a interrompeu. — Vamos resolver isso de uma vez por todas. Nós não somos estranhos. Há algo entre nós e não vou deixá-la me dispensar de imediato, entendeu?

Sua confusão se intensificou.

— Tem uma maneira estranha de dizer a uma pessoa que gosta dela, sir, se é isso que está insinuando.

— Como? Não sei se gosto da senhorita. Enfurece-me e diverte-me ao mesmo tempo. Ou pelos menos era assim. Não sei dizer o que é, mas sei que não quero sua inimizade. Isso é suficiente?

— Não, isso não é o suficiente, seu estúpido! Por que apareceu aqui? O que quer de mim? — perguntou, em um tom exasperado.

— Acabei de lhe dizer, Eliza, eu quero que volte a ser como antes. Ou melhor. Não sei.

Seu olhar vacilou e a ferocidade em seu peito se dissipou. Ela olhou para o jardim novamente, e o movimento chamou a atenção dele também para a pequena figura segurando uma flor para a inspeção da babá.

— Oh, céus, está certa em me reprovar, Eliza. Eu não tinha pensado em Pretty. Os abutres não vão poupá-la. — Seu olhar voltou para trás. — Vou falar com a minha mãe. Ela saberá o que está sendo discutido.

— Obrigada! Acha que a Sra. Maplewood pode ter uma solução? Sei que minha tia está preocupada com o que vai acontecer com Pretty. Ela não suportou ficar cara a cara com ela e me mandou interrogar Hepsie em seu lugar, como deve ter percebido.

— Hepsie? Sobre o quê?

— É a coisa mais reveladora que temos, Vivian. Ela viu alguém durante a noite que pode ter saído do quarto de Daniel. Ela acha que viu uma mulher.

O Sr. Maplewood franziu o cenho.

— Então é verdade. Um deles o sufocou.

— Sim, mas o que resta é uma pergunta.

— Sua tia ainda não sabe?

— Não, porque ela foi muito maltratada. Apenas algumas de suas tias estavam dispostas a conversar. Lorde Wem foi rude e Berta também. Tia Ottilia acha Berta um pouco tocada.

O Sr. Maplewood soltou um suspiro desdenhoso.

— Isso não me surpreenderia. Ela é tão má quanto o crocodilo, mas espero que essa sua Lady Fan não pretenda desistir.

— Ela nunca desiste. Eu gostaria de ter o intelecto dela. É extraordinariamente inteligente. Acredita na justiça, embora neste caso eu

ache que é a compaixão que a move.

— Percebo que a senhorita a admira muito.

— Oh, sim.

— E pretende imitá-la?

Lizzy riu de uma forma autoconsciente.

— Infelizmente, é uma aspiração vazia. Sou muito impulsiva. Nem tenho a capacidade de Lady Fan de fazer conexões que a levem à verdade. Eu a amo. Ela é uma pessoa maravilhosa e sua família horrível não a merece.

— Não precisa me dizer isso. Não sou defensor dos Brockhursts. Quem então? Poderia ter sido Mary Ann?

— Eu não tinha pensado nisso. Ela pode ter ido verificar Daniel, não pode? Ela deu a ele um remédio.

O Sr. Maplewood acenou com a mão.

— Isso é o que eu estava pensando. Não acredito que ela tenha assassinado Dan. Agora, Lillian... Embora o que ela ganharia com isso? Dan não era o herdeiro.

— O que nos resta Berta ou Clarissa.

— Está esquecendo o crocodilo.

— A viúva Lady Wem? Ela iria tão longe assim?

— Ela é eminentemente capaz disso.

Lizzy não estava convencida.

— Então por que insistir para que Lady Fan encontre o culpado?

— Para despistar. Causar estragos entre os seus descendentes. Esse é o seu forte.

— Sim, mas não faz sentido, Vivian.

O Sr. Maplewood franziu a testa.

— Por que não?

— Não pode ver isso por preconceito. Ela só tinha que aceitar a convicção de suicídio de Lorde Wem. Por que mexer no vespeiro?

— É persuasiva, Eliza, tenho que admitir isso. — Ele fez uma pausa enquanto Lizzy o olhava. — Que foi?

Ela desviou o olhar, mas logo voltou a encará-lo. — Como está?

Ele não fingiu ter entendido mal. — Não posso dizer que o pior já passou. Acho que fiquei bastante entorpecido, e então essa sensação foi substituída por essa noção de assassinato. Não consigo sentir, Eliza. Pelo menos, há momentos em que... — Ele se calou.

Lizzy não o incitou, em vez disso manteve o olhar fixo em seu rosto. Ele não encontrou seus olhos. Ele não conseguiria suportar a simpatia? Ele falou novamente:

— Há momentos em que dói muito. É uma dor física real. Eu não tinha noção de que a dor poderia fazer isso. Hoje acho que tenho mais compreensão sobre o estado de Dan. — Ele voltou a olhar para ela. — Leu-o melhor do que eu, Eliza.

— Fico feliz em saber que pude ajudá-lo, mesmo que um pouco. — E

então ela tornou-se intensa novamente: — Agora, o melhor que podemos fazer por ele é descobrir quem foi seu assassino. — Ela examinou seu rosto. — Pelo bem de Pretty também.

O Sr. Maplewood estremeceu.

— Farei minha parte, Eliza. Permite-me encontrá-la para ouvir como sua tia progride?

— Eu certamente preferiria que viesse até mim, assim não seria obrigada a vir procurá-lo nesta casa horrível.



Capítulo 12

A **velha Janet** era uma mulher enrugada e encolhida pela idade. Embora devesse ter sido forte na juventude, pensou Otilia, pois ainda andava sem a ajuda de uma bengala, usando em vez disso o braço da criada Milly, que havia agradecido a Hemp com a apresentação. O rosto de Janet estava cheio de rugas, mas o par de orbes brilhantes olhando para Otilia continha uma boa dose de astúcia.

— Ouvi falar da milady.

— É mesmo? Onde?

— Não se passa muita coisa por aqui que eu não ouça. Vai querer perguntar sobre as crianças, imagino.

Otilia imaginou que ela se referia àquelas crianças Brockhurst agora adultas.

— Se estiver disposta.

— Não antes desta. — A velha dama puxou o braço de Milly. — Leve-me na Betty e deixe a mim e a menina conversando.

Milly a cutucou de volta. — Não pode levar a senhora lá. Não é adequado para gente como ela.

— Deixe-me julgar isso, garotinha. — Um olhar avaliador percorreu Otilia. — Eu diria que ela não é do tipo que hesita em fazer companhia a pessoas inferiores.

Otilia concordou imediatamente. — Estou em suas mãos, Sra. Janet.

— Não precisa me chamar de senhora. Pode me chamar só de Janet.

— Então me chame de Lady Fan.

A civilidade pareceu agradar à velha babá e ela incitou a criada de cozinha a prosseguir. Demorou um pouco para tecer uma passagem por causa dos inúmeros frequentadores assíduos matinais depois da calma dominical, aproveitando o clima ameno e conversando sem parar. Por fim, as três saíram de Pantiles, passaram pela igreja na esquina e entraram em um pequeno beco na Chapel Street, chegando a uma hospedaria que trazia a simples legenda *Betty's* em letras fluidas acima da entrada, e cuja clientela provou ser de comerciantes e domésticos. Uma mesa comprida ocupava a parte principal do pequeno estabelecimento, enfumaçada com rastros de vários canos compridos. Nas laterais foram colocadas algumas mesas menores para os clientes que

preferiam um ambiente aconchegante.

Vários pares de olhos marcaram o progresso de Ottilia enquanto ela seguia a velha Janet e Milly passando pela mesa central lotada até um canto isolado. Segura na presença discreta de Hemp, Ottilia sentou-se com uma palavra para seu mordomo:

— Poderia fazer companhia a Milly e fornecer-lhe algo para beber, por favor?

Ele fez uma pequena reverência e se dirigiu à criada.

— Estou à sua disposição, Milly.

A garota corou, riu e se deixou levar para uma parte diferente da cafeteria. A velha Janet observou-a partir.

— Esse homem moreno é gentil.

— É sim. — Ao ver uma mulher agitada se aproximando da mesa, Ottilia acrescentou: — Permita-me providenciar uma bebida à senhora também, Janet. O que gostaria?

A babá optou pelo chocolate.

— Preciso dele depois dessa água nojenta. É uma perda de tempo bebê-la.

— Então por que as bebe?

Um brilho surgiu nos olhos da velha.

— Por um pouco de diversão e show. Isso me tira daquela casa. Gostaria de ver o que o mundo está fazendo, não é?

Ottilia riu.

— Não posso dizer que a culpo.

Janet se inclinou com um ar confidencial:

— Eles são sem dúvida muito problemáticos. Sempre foram, sempre serão.

— Os Brockhursts? Cuidou de todos eles?

— Todos, de cima a baixo, exceto o jovem Marcus. O Todo-Poderoso não me queria, apesar do que a patroa dizia. Tinha pão de gengibre suficiente para lhe torcer o nariz, sem se importar que o Mestre Godfrey não quisesse ter nenhuma discussão com a sua mãe. Era um homem de paz, um pequeno patife chorão.

Achando graça, porém intrigada, Ottilia sondou esse aspecto do caráter de Godfrey:

— Por que chorão?

A velha Janet bufou.

— Ele era do tipo que reclamava de ter sido derrotado, contando histórias de seu irmão e irmãs. Veja bem, ele ficou melhor depois que foi para a escola. Aprendeu a evitar problemas e certificou-se de que Mestre Leo não lhe dava atenção. Não me surpreendeu quando ele fez aquela partida. Aquele lá não era adequado para o exército. Mestre Godfrey não era um soldado. Também não é um enigma quem governa o poleiro nessa família.

— Lillian?

— Claro. O pai dela amarrou aquela fortuna para que Mestre Godfrey não pudesse receber mais do que o dote combinado. Veja bem, ela daria sua última

moeda por aquele menino bobo dela, e ele é um verdadeiro perdulário.

Grata por ter suas impressões solidificadas, Ottilia insistiu no assunto:

— Acredita que a parcialidade de Lillian se estende ao ciúme em nome de seu filho?

A velha estreitou o olhar, mas como sua bebida escolhida apareceu neste momento junto com o onipresente café de Ottilia, ela não respondeu de imediato. Uma vez que a mulher que esperava partiu, ela levantou a tampa, colocou o nariz sobre a xícara fumegante e cheirou o aroma pungente.

— Oh, isso é muito bom. — Ela colocou açúcar em sua xícara e mexeu. Depois pousou a colher no pires e olhou para Ottilia. — Acha que mestre Daniel estava no caminho e mestre Julius não vai durar para ocupar o lugar de seu pai, é isso?

O reconhecimento contundente do que se passava na mente de Ottilia a surpreendeu, mas ela não hesitou:

— É uma possibilidade, não acha?

Janet não respondeu, em vez disso ergueu a xícara e chupou ruidosamente e com gosto o chocolate quente que havia dentro. Paciente, e não desesperançada, Ottilia se serviu de café do bule de estanho e o misturou com creme e açúcar. A bebida era de qualidade inferior, mas valia a pena beber para mergulhar nas profundezas do conhecimento íntimo da velha Janet sobre os habitantes da casa dos Brockhursts.

— Bom é isso. — Janet olhou para Ottilia por cima da xícara. — Então gosta que a chamem de Lady Fan?

— É um apelido derivado do nome do meu marido. Acho que evita problemas e não gosto de formalidades.

Outro bufo e Janet pousou sua xícara.

— A patroa não teria outro. Como se ela fosse uma criança.

— Está falando da viúva? Cuidou dela também?

— Cuidei dela, pajeei-a, a vi passar por birras e mais birras. Ninguém a compreende como eu. Ela é frustrada, ou pensa que é. Sempre um ou três eram um animal de estimação se as coisas não saíssem do jeito dela. E na maioria das vezes isso não acontecia, pois ninguém gosta de ser importunado, incomodado e de ser informado de que estavam todos errados, não importava o que fizessem.

— Sim, deduzi que ela se sente traída e amarga por isso.

A velha Janet tornou-se inesperadamente feroz:

— Mas não fique pensando em como ela acabou com aquele garoto, porque eu arriscaria a minha vida que ela nunca faria isso.

— Como pode ter tanta certeza?

Um estranho sorriso vincou a boca da velha dama e a astúcia surgiu em suas feições.

— Ela ficaria com medo.

— Com medo de quê?

— Da força. Ela não arriscaria trazer esse destino para si mesma, não, ela

não se arriscaria. Tem medo de morrer. Tem medo de várias coisas, mas seu maior medo é o da morte. Quando era pequenininha, bem menininha, ela me perguntava quando ia morrer. Se seria hoje, amanhã ou semana que vem. Orava todas as noites, pedindo ao Todo-Poderoso que a poupasse mais uma noite. Toda vez que ela estava mal, tinha certeza de que iria morrer. Não, minha Protasia não arriscaria a força, sei disso.

Ottília digeriu isso em silêncio por um momento, sorvendo sua bebida insatisfatória. A afirmação da babá marchava com a convicção que Lady Wem havia expressado de que sua família ficaria feliz em vê-la em seu túmulo. No entanto, ela mesma não precisaria necessariamente temer a força. Ottília não apostaria contra a mulher jogando alguém de sua família aos leões. Ela testou isso:

— E se ela não precisar temer a força, Janet? E se ela atribuir a tarefa à outra pessoa?

A babá estava tomando goles de seu chocolate, mas abaixou a xícara ao ouvir isso, olhando atentamente para Ottília. Então ela levou a xícara aos lábios e bebeu o resto do líquido escuro. A xícara, com pingos escorrendo pelas laterais, foi recolocada no pires.

— A senhora não perguntou sobre Mestre Leo. Nem ainda Srta. Annis e Srta. Berta.

A mulher era adepta de ignorar qualquer pergunta que escolhesse não responder. Resignando-se, Ottília aceitou a mudança de assunto.

— Perdoe-me. Sobre qual deles gostaria de falar?

— Sobre qual deles gostaria de saber?

Ottília reprimiu um suspiro.

— Vamos começar com Leo.

A velha Janet balançou a cabeça.

— Um pouco bruto e de temperamento desagradável, sempre foi. Ele se enganou casando com aquela senhorita pão com manteiga. Muito fácil intimidar do jeito que ele intimidava a irmã. Ela faria qualquer coisa pelo Mestre Leo, mas não pense que seria por amor, pois acredito que ela o odeia. Na verdade, ela odeia todo mundo.

— Está falando da Berta.

Uma gargalhada escapou da velha senhora.

— Não estou falando da Srta. Annis. Não aceitaria nada do bombástico mestre Leo, não mesmo. Sempre seguiu seu próprio caminho. Ela tinha a tendência de Godfrey nisso. Manteve-se fora do caminho das brigas, a menos que não pudesse evitá-las, e então deu o melhor que pôde.

— Por que Berta odeia todo mundo?

Janet pareceu surpresa.

— Como a mãe não a deixava sair em liberdade, não se importava que os outros fugissem. Ela costumava correr pela casa à noite.

Atenta a uma possível implicação, Ottília sondou para saber mais: — Por quê?

— Porque era o único momento em que ela podia correr livremente. Muitas foram as noites em que tive de ir atrás dela e arrastá-la de volta para a cama.

— Ela ainda faz isso? Vagueia por aí à noite?

A velha Janet deu de ombros.

— Se sim, não teria como eu saber. Estes ossos velhos não foram feitos para andar, subir e a descer as escadas.

Otilia tentou uma abordagem diferente da pergunta anterior:

— Disse que Berta faria qualquer coisa por Leo, apesar de odiá-lo. Ela faria o mesmo por sua mãe?

Um brilho surgiu nos olhos da velha.

— Estou entendendo o que quer. O que acha? Protasia não a poupou por ser desobediente, mas a garota tentou. Pelo menos quando era criança. Também nunca foi elogiada por isso. Odiar é odiar, não é?

Enigmática, para dizer o mínimo. Otilia poderia fazer muito disso se quisesse, mas deixou passar. Tanto para a geração mais velha. Ela ficou feliz em pensar que havia avaliado os personagens de Leo, Annis e Berta com bastante precisão. Ela mudou o foco:

— O que pode me dizer sobre Mestre Julius? Só ouvi dizer que ele já foi doente, mas não sei nada sobre o tipo de homem que ele é.

Não parecia que Janet aprovasse a troca. Ela claramente preferia liderar o rumo da conversa, mas respondeu, ainda que com um pouco de má vontade:

— Não há muito o que dizer. Mestre Julius nunca deu orgulho ao pai. Ele puxou completamente a mãe. Doente no corpo, fraco na mente.

— Quer dizer que ele ficou para trás?

Janet balançou a cabeça veementemente.

— Nada disso. Ele é um junco, balança com o vento, para um lado e para o outro. Dependendo da situação, diz sim para não e vice-versa.

— Em relação a quê?

— Sobre quem está dizendo, quem está perguntando. Sim para sua mãe, pois ela o avisa para se cuidar. Não para o pai, se este perguntar se ele está doente de novo, mesmo que esteja.

Otilia tentou uma resposta mais convincente:

— Qual era o relacionamento dele com Daniel?

A velha Janet deu de ombros. — Eles eram irmãos. Danny era o duro, cuidava do irmão mesmo quando ele era mais jovem.

— Julius estava com ciúmes porque Daniel era o favorito da avó?

— Quem lhe disse isso? — O olhar direto foi acompanhado por um olhar acusatório.

Otilia tirou a carta da manga:

— A própria Lady Wem. Ela acredita que todos estavam com ciúme de sua parcialidade por Daniel.

Isso provocou um som explosivo:

— Não, ela não disse isso. Ela está mentindo. É ela quem está com ciúme. Da bonita que ele pegou. Nem adianta dizer que é por causa de sua classe

social.

— Isabel? Eu entendi que Lady Wem não aprovaria a filha de um comerciante.

— Ela não levou isso em consideração — zombou Janet. — Não importa se ela disse que era por isso.

Um vislumbre de luz começou a surgir na mente de Ottilia.

— Então o que era?

Janet se inclinou para mais perto e baixou a voz:

— Só há uma coisa que ela não consegue tolerar: que um homem dela goste mais de outra mulher. — Voltou a se sentar e bateu seu dedo ossudo na mesa. — Ela é a melhor. Deve ser a primeira a remar com todos. Nem sequer se agarra aos seus, pois já a vi engasgar-se de raiva quando um rapaz de quem gostava tinha olhos para outra moça.

Uma noção rebelde cintilou na mente de Ottilia, mas ela falhou em capturá-la, concentrada na implicação ali.

— Ela tinha ciúme de Isabel porque Daniel a amava?

— Ódio e ciúme. Ela é boa em odiar. Eu lhe disse, são acessos de raiva quando ela não consegue o que quer. Mantém todos com medo, pois ela entra em um de seus ataques gritando, berrando e atacando a todos com tapas e xingamentos. Eu vejo tudo, desde quando ela era uma menininha, e ela não vai parar até ficar velha como eu ou morrer. Oh, sim, ela odiava aquela Isabel. Agora, se me perguntar se ela se livrou daquela, é uma história completamente diferente.



Ainda preocupado com o relato de sua mulher sobre o tratamento que lhe fora dado por Lorde Wem, Francis caminhava onde pessoas em trajes casuais, envolvidas em uma conversa amigável, se dirigiam aos seus respectivos alojamentos. Para onde é que Tillie tinha desaparecido? A sua preocupação só foi parcialmente atenuada pela afirmação dela de que pretendia apenas abordar a babá idosa. Qualquer um daqueles malditos Brockhursts poderia enganá-la e submetê-la a mais insultos.

Se pudesse, faria tudo em seu lugar, mas não adiantaria de nada. Ele não tinha a visão da esposa e estragaria tudo. Não que ele se importasse com qual deles havia cometido o ato vil, mas Tillie sim. Ele estava decidido a proibi-la de continuar, apesar de sua fúria pela ousadia das ordens de Wem, mas ele sabia muito bem que qualquer tentativa desse tipo invocaria uma discussão cansativa, que ele sem dúvida perderia. Tillie tinha seus esforços nisso, sua consciência sofrida em jogo novamente.

— Como eu poderia, com toda a honra, abandonar esse caso agora, Fan? Eu gostaria de poder, mas onde está a justiça para aquele pobre menino? Isabel também. Acidente! Como podemos agora considerar isso diferente de um conto de fadas?

Mesmo enquanto falava, ela parecia preocupada. Estaria escondendo algo?

— Há mais nisso do que está me dizendo?

— Claro que não, querido.

Mas ela não olhou nos olhos dele, ocupando-se com o bule. Ele deixou passar, retomando seu café da manhã, mas não conseguiu resistir a uma pergunta incisiva:

— Está disposta a suportar mais insultos daquele valentão grosseiro, então? Ela deu de ombros.

— É tudo conversa fiada e fanfarronice, Fan. Não pode me machucar.

Ele tinha forçosamente aceitado isso, ciente de ter sido fundamental para pressioná-la a continuar apenas para lançar sua manopla diante de Wem. Os motivos de Tillie eram mais dignos e Francis ficou dividido por esse conhecimento. Ridículo e contrário a proibi-la agora.

Um recado de Jardine, que chegou logo após Tillie sair, trouxe um pouco de conforto. Como esperado, seu homem de negócios anulou a ameaça de Wem com bastante rapidez:

Não deixe que isso o preocupe, milorde. Vou entrar em contato com o advogado do caso imediatamente. Cartas de um lado para o outro podem prolongar a discussão até que Sua Senhoria conclua o caso. Não haverá ação judicial.

Isso era um bálsamo, mas com a esposa fora de vista, Francis tornou-se vítima da ansiedade. Não menos por causa de uma suspeita incômoda de que ela estava escondendo uma ideia ou outra. Isso em si não era incomum quando ela estava envolvida na solução de um desses quebra-cabeças, mas o instinto dizia a Francis que isso era angustiante para sua querida esposa. Pelo menos ele poderia vigiá-la, pois embora ela tivesse Hemp com ela, o mordomo não poderia intervir se um Brockhurst a abordasse. Mas no momento em que ele alcançou a bomba onde a água era dispensada, ele não viu Tillie entre as inúmeras pessoas que circulavam enquanto bebiam de copos grossos, conversando de maneira desconexa antes de adormecer para se vestir adequadamente para o dia.

Francis acenou com a cabeça para alguns conhecidos e voltou para a passarela da rua principal, olhando pelas janelas sob a colunata sem ver nada e saindo novamente para andar de maneira inquieta e esperar o reaparecimento da esposa.

— Lorde Francis Fanshawe, não é?

Francis se virou e se deparou com um jovem magro, vagamente familiar, com uma tez pálida e olheiras. Seu cabelo escuro estava sob um chapéu de castor, amarrado para trás de uma forma que tornava seu rosto já magro ainda mais encovado. Ele estava vestido com roupas sóbrias e usava uma gravata preta. Uma noção vaga de sua identidade foi confirmada mesmo enquanto ainda se formava.

— Sou Julius Brockhurst, sir. Perdoe-me se o assustei, mas desejo muito falar com o senhor.

Francis olhou-o com um aumento de interesse, que substituiu os arrepios que surgiram com o nome. Se este era o filho mais velho de Lorde Wem, ele

era o mais diferente possível do pai.

— Em que posso ajudá-lo, sir?

Um sorriso fraco se formou.

— Eu não deveria pensar que poderia, milorde, nem esperaria por isso.

— No entanto, queria falar comigo?

O jovem pigarreou. — Sua esposa, sir.

Francis se irritou. — O que tem a minha esposa?

Ele ergueu uma mão pálida. — Por favor, não me entenda mal. Não tenho nenhuma intenção... não desejo... em suma, senhor, peço-lhe que pergunte se é verdade que Lady Francis encontrou sinais indicativos de... — Silenciou-se e Francis viu que seu olhar ficou sério, a mágoa visível em suas feições. Uma simpatia despertada.

— Está perguntando sobre a condição de seu irmão, não é? — O sujeito assentiu e ficou evidente que ele não conseguia falar sem se emocionar. — Vou ser franco, Sr. Brockhurst. Os sinais eram fracos, mas de acordo com minha esposa, conclusivos.

O peito de Julius cedeu como se tivesse sido atingido por um golpe, deixando escapar um suspiro. Sua voz estava rouca:

— Era o que eu temia. Meu pai não aceita isso, mas Vivian, meu primo como o senhor sabe, disse que a mãe dele observava seus movimentos. Minha tia disse a ele que ela era minuciosa, mais do que o médico.

— Não houve notícias da autópsia?

— Nenhuma. Vivian acredita que o médico tem medo de se apresentar porque meu pai não deseja o pior resultado.

Francis anulou isso de uma vez:

— Meu caro senhor, nenhum médico que se preze se recusará a fornecer a verdade. É mais provável que haja incerteza. Minha esposa disse desde o início que o legista provavelmente consideraria a morte acidental.

O jovem parecia perplexo.

— Então por que Lady Francis persiste?

— Porque sua avó pediu a intervenção dela. E porque — Francis acrescentou com deliberação — ela acredita que seu irmão merece justiça. — Ele se absteve de mencionar a garota morta também, pois suas palavras pareciam ter um efeito profundo sobre Julius.

Ele empalideceu mesmo sob a tez já pálida.

— Justiça. Sim, se conseguir provar. Dan não merecia tal destino. Meu irmão era um homem bom, sir, embora mal orientado.

O que parecia indicar que Julius não era o perpetrador. No entanto, Francis pressionou-o por mais:

— E o casamento?

Julius soltou um suspiro pesado.

— Foi uma tolice. Não adianta frustrar meu pai.

— Foi o que comentei — disse Francis, incapaz de evitar um tom ácido.

— Sim, sim, estou ciente da brecha com o senhor, mas infelizmente não

entende.

Devido ao que ele suportou de Lorde Wem, isso o irritou:

— O que devo entender?

— Não tenho filho, Lorde Francis. — O olhar de Julius registrou tristeza.

— Talvez tenha ouvido falar da minha infeliz condição?

— Foi mencionado.

— Então entende?

O olhar do sujeito estava sério, quase implorando por aprovação. Seria para exonerar Wem?

— Não estou entendendo muito bem, sir. Gostaria que eu entendesse que Lorde Wem esperava que Daniel o sucedesse?

— Oh, não, não. — Inquieto, Julius passou a mão pelo queixo liso e a deixou cair novamente. — Estou falando do casamento, sir. Se o pior acontecesse, não que esse evento horrível possa ser classificado como algo inferior a isso, os filhos de Daniel, se ele tivesse escolhido corretamente, assumiriam a linha.

— Eles deveriam tê-lo legalizado, sir, independentemente do status da esposa.

Julius começou a parecer decididamente envergonhado.

— Em poucas palavras, essa é a questão. Sem meios para evitar isso, meu pai só podia confiar que o casamento poderia naufragar.

Uma onda de suspeita atingiu o peito de Francis.

— Deixe-me entendê-lo, sir, este casamento era tão intragável que Wem faria qualquer coisa para acabar com ele?

O horror saltou nos olhos do outro homem.

— Não tanto quanto suponho que insinue. E para que isso serviria? Agora não há alternativa à reivindicação de meu primo, a menos que minha esposa e eu tenhamos mais sorte do que tivemos.

Francis assobiou.

— Acredito que agora tenha. A principal preocupação de Wem é impedir que seu primo Marcus herde?

Julius suspirou novamente.

— Meu pai não o considera digno. Ele deve esperar a vez do meu tio, é claro, mas não há como dizer que chegaria a isso.

— Pode não chegar a isso, sir. Ainda pode sobreviver.

— Vai contra as probabilidades, sir. Não espero chegar à meia-idade.

Tal atitude derrotista foi tão contra a corrente, que Francis foi tentado a sacudir o homem dela. Ele se comprometeu.

— Percebo que tem uma visão pessimista em um espírito filosófico.

O sorriso triste do jovem apareceu.

— Prefiro chamar de realista. Se soubesse quantas vezes escapei por pouco eu suportei! E então Dan, tão robusto e eu tão fraco, se foi para sempre. Choro por minha mãe, sir. Ela está inconsolável.

Mas não por seu pai, observou Francis. O que Julius revelou tirou Wem da

lista de suspeitos. Não que ele tivesse sido a primeira escolha de Ottilia. Ela estava propensa a tomar a questão de uma figura feminina semelhante a um fantasma esvoaçante como o principal suspeito de sua lista.

Nesse momento, uma voz arrastada e diferente cortou o silêncio pensativo que havia caído:

— Meu caro Julius, o que diabos está fazendo? Deseja enviar meu tio em uma apoplexia? Já não estamos sobrecarregados com funerais o suficiente?

O tom zombeteiro deixou Francis tenso, mas o semblante pálido de Julius exibiu um toque de cor antinatural e ele fechou os lábios com firmeza. Marcus Brockhurst, com sua gravata visivelmente branca, embora seu casaco fosse marrom-escuro, assumiu uma pose negligente, cruzando uma perna sobre a outra e apoiando-se em uma bengala enquanto olhava os dois de cima a baixo.

— Isso é sábio? Isso é político, querido primo? Sabe que estamos proibidos de falar com o inimigo.

O desgosto tomou conta de Francis. — Sua leviandade, sir, é inoportuna e mal colocada.

— Marcus, acredito que se enganou — interrompeu Julius. — A proibição era para Lady Francis.

— E por extensão, Sua Senhoria aqui. Infelizmente essa desculpa não vai mudar a opinião de meu tio.

Francis o olhou com hostilidade. — Então não conte a ele. Seu primo tinha motivos suficientes para falar comigo. Não lhe cabe julgar.

Marcus deu uma risada divertida e gentil, na qual Francis não acreditou.

— Oh, não sou fofoqueiro. Não gostaria de lançar a cólera de meu tio sobre a cabeça do pobre Julius. Saiba que minha preocupação de primo é puramente altruísta.

Francis não respondeu, sentindo a mão coçar para formar um punho punitivo. Dificilmente alguém poderia culpar Wem por não desejar que o homem tomasse seu lugar, por mais distante que fosse a eventualidade. Em vez disso, ele aproveitou a chance para abalar Marcus:

— Pode usar seu tempo de forma mais lucrativa em minha companhia para se exonerar de qualquer envolvimento na morte de seu primo Daniel.

Para seu desgosto, Marcus não moveu um fio de cabelo.

— Eu? Meu caro Lorde Francis, que possível razão eu poderia ter para um empreendimento tão mórbido?

Antes que Francis pudesse responder qualquer coisa, Julius interveio:

— Por favor, não seja obtuso, Marcus. Tem a ganhar, assim como meu tio Godfrey.

Seu primo balançou a mão de forma desdenhosa.

— Em uma contingência tão remota? Caro primo, infelizmente avalia suas chances de forma muito negativa. Ora, com Clarissa e sua mãe o protegendo de todo vento que sopra, estou confiante de que viverá mais que todos nós. Além disso, não duvido que Clarissa lhe dê o menino que todos desejamos em pouco tempo.

Falso demais. Como ele poderia tratar tão levemente a seriedade das perspectivas de seu primo? Francis ansiava por esbofetear o sujeito, mas antes que pudesse formular uma maneira de expressar seu descontentamento, Marcus voltou-se para ele com um olhar espúrio de interesse.

— Já que estamos conversando, embora sem se importar com as consequências, como vai a caçada? A inestimável Lady Francis descobriu o vilão da peça? Deixando de lado a mim mesmo, é claro.

O desprezo velado em sua alusão a Ottilia colocou Francis em chamas, mas ele reprimiu o desejo de retaliar da única maneira que Marcus merecia.

— Sua complacência é prematura, sir. Duvido que esteja fora da lista. Quanto a qualquer outro, minha esposa prefere manter suas descobertas em sigilo até ter certeza.

— Oh, mas com certeza o senhor deve ser o confidente dela, não é mesmo?

— Se eu fosse, dificilmente estaria de acordo com o papel de divulgar qualquer assunto do qual por acaso tive conhecimento.

Marcus deu um suspiro elaborado, virando-se para seu primo.

— Ele não vai falar nada, querido primo. Infelizmente, teremos que permanecer na ignorância até que o dedo seja apontado.

— Algo que será feito, não se engane — retrucou Francis, antes que pudesse se conter. — Minha esposa não falha.

Marcus torceu os lábios como se fosse um sorriso de escárnio.

— O senhor quer dizer que ela ainda não o fez. Porém, pelo que entendi, nós Brockhursts nos mostramos singularmente não cooperativos. Deixando de lado meu tio, cuja relutância é óbvia, deduzo que minha tia Berta ficou perfeitamente selvagem. Só posso supor que o bom senso calmo de minha querida mãe deve ter sido um alívio bem-vindo para Lady Francis. Eu mesmo não me importaria em percorrer toda a gama da histeria de Mary Ann, salvando sua presença, primo, muito menos a louca tia Berta.

Enfurecido, Francis estava prestes a revidar duramente com um discurso retórico sobre o tratamento dispensado a Tillie, quando ocorreu uma nova interrupção. Godfrey apareceu ao lado de seu filho, todo desculpas e palavras reconfortantes.

— Vamos, vamos, rapazes, isso não é certo. Lorde Francis, imploro a sua indulgência. Esta reunião é inadequada. Vou removê-los imediatamente. — Ele começou a conduzir os dois jovens em direção à Sala de Reunião.

Francis aproveitou sua chegada e o chamou:

— Um momento, por favor, sir.

Godfrey olhou para trás, hesitou e então murmurou para os outros dois. Marcus se afastou, mas Julius parou e ficou olhando para Francis. Godfrey falou novamente, dando-lhe um leve empurrão que o mandou embora. Então ele refez seus passos quando Francis veio ao seu encontro.

— Milorde?

— Só uma pergunta, sir, por favor.

A expressão branda de Godfrey não vacilou.

— Qual seria?

— Qual é a sua opinião sobre o estado de saúde de seu sobrinho Julius? Ele parece acreditar que está condenado.

Godfrey franziu o cenho.

— Oh, esse é um possível motivo para mim, é isso? Ou o senhor favorece meu filho?

Nenhum dos dois, pois Tillie procurava por uma mulher. Francis tentou ler a expressão do homem, mas Godfrey não revelou nada.

— Vai admitir que é uma consideração dadas as circunstâncias.

Ele deu de ombros.

— Certamente. Isso ficou óbvio desde o início. Ouso dizer que meu irmão teve o mesmo pensamento, o que provavelmente é o que mais o colocou contra a ideia de assassinato. Leo não gostaria de pensar que seus entes queridos poderiam contemplar tal ato.

— Mas alguém pensou nisso, sir. E o levou adiante.

Godfrey fez uma careta.

— É o que parece. Se valoriza minha opinião, como já tive oportunidade de lhe dizer antes, aconselhará sua esposa a olhar para minha mãe. Ela é bastante implacável, como o senhor já bem sabe, quando deseja atingir seus próprios objetivos.

Depois de proferir tais palavras, ele se afastou, deixando Francis completamente surpreso ao pensar que um homem casualmente chamaria sua própria mãe de assassina.



Capítulo 13

Otilia abordou o confronto que se aproximava com certa apreensão. Ela havia enviado um recado a Lady Wem para marcar uma reunião com todas as mulheres da família, enfatizando o “todas”. Como ela disse ao esposo enquanto participavam de um almoço leve, chegara a hora de uma jogada ousada.

— Está convencida de que o perpetrador é uma mulher, então?

— Não inteiramente, Fan, mas parece que sim.

Ele deu um gole em sua xícara e colocou-a sobre a mesa, empurrando para o lado o prato agora vazio do presunto e da torta fria que havia comido.

— Eu apostaria meu dinheiro em Marcus. Um sujeito escorregadio, extremamente liso.

Otilia revirou o copo entre os dedos, ainda meio cheio de limonada. Ela tinha comido com moderação, um pouco em meio às inquietações, mas sabendo que deveria se fortalecer para a prova que se aproximava. Ela olhou para Francis.

— Essa é a dificuldade, Fan. Tem tudo a ver com o caráter dos envolvidos. Temos pouco a dizer sobre quem pode ter feito o quê.

— Exceto esse negócio da mulher perambulando à noite.

— Exatamente. É superficial, para dizer o mínimo. Não há prova de nada.

Francis franziu as sobrancelhas. — Está perplexa, Tillie?

A travessura penetrou em seu peito. — Perdendo a fé em mim, Fan?

Suas feições relaxaram e a diversão apareceu em seu olhar. — Vá em frente então, minha mulher maravilha, me confunda. O que pretende fazer?

— Aborrecê-los.

Ele riu, e então franziu o cenho pesadamente.

— Cuidado, minha querida. Não confio naqueles Brockhursts. Nem um pouco. Muito menos nas mulheres. Na minha opinião, eles são, sem exceção, tão tortuosos quanto o diabo.

— Então cabe a mim descobrir a verdade. E não vou conseguir questionando-os.

— Quem fez isso não vai lhe contar diretamente, isso é fato. Qual é essa estratégia que cogitou? — Ele assobiou quando ela lhe contou. — É melhor eu acompanhá-la então.

Otilia recusou sua escolta.

— Sua presença me atrapalharia, meu querido. Além disso, não vai ajudar se Lorde Wem encontrá-lo na casa e gerar uma confusão.

— Deixe-o tentar, só isso.

— Fan, de que adianta brigar com o homem? Ou pior, chamá-lo para uma briga.

Francis bufou. — Não vai chegar a isso.

Levou tempo e paciência para convencê-lo a permitir que ela fosse sozinha, com Hemp a reboque para cuidar de sua segurança. Ela finalmente conseguiu e o deixou resmungando, mas sua coragem começou a faltar enquanto subia a colina, feliz com uma leve brisa afastando o calor. Ela o reforçou com o lembrete de que Lady Wem poderia ser confiável para manter uma mão forte nas rédeas. Ninguém ousaria molestá-la na presença da viúva.

As mulheres encontravam-se na grande sala de estar do andar de cima, Lady Wem sênior entronizada na sua cadeira de espaldar alto, rodeada pelas restantes. Annis e Lillian estavam sentadas juntas no sofá estofado vermelho-escuro, Berta em uma cadeira com assento almofadado a condizer, um pouco atrás da mãe, enquanto Mary Ann estava acomodada em outra, em frente ao sofá, para a qual a nora, Clarissa, tinha puxado uma cadeira simples para perto, com o objetivo, ao que parecia, de segurar a mão da senhora aflita.

Otilia foi recebida com uma distinta falta de saudação, ninguém se atrevendo a falar, a menos que fosse instado pela viúva Lady Wem.

— Chegou em boa hora. Estão todas aqui. Já conhece todo mundo.

Otilia levou um momento para deixar seu olhar percorrer a sala e parou em Clarissa.

— Não tive o prazer de conhecer a honorável Sra. Julius Brockhurst.

Lady Wem estalou os dedos em direção à garota. — Faça sua reverência, Clarissa.

Assim intimada, Clarissa se apressou em se levantar para obedecê-la. — Como vai, milady?

Otilia inclinou a cabeça. Ela lançou um olhar de desculpas ao redor. — Alguém aqui se opõe se eu usar seus nomes? Não gostaria de confundir as coisas com essa plethora de Brockhursts, sejam senhoras ou ladies.

— Chame-as como quiser. Eu respondo por elas, não farão nenhuma objeção. — Lady Wem lançou um olhar ameaçador sobre a assembleia enquanto falava. Então agitou a mão na direção de Otilia. — Sente-se, sente-se. É o bastante.

Ela apontou para uma cadeira um pouco afastada de onde Mary Ann estava sentada. Otilia atravessou para pegá-la e ficou satisfeita ao descobrir que tinha uma boa visão de cada uma das mulheres. Foi deliberado por parte da matriarca? Ela também podia ver a porta sem se virar para ela, o que era uma vantagem caso algum dos cavalheiros decidisse entrar. Embora ela não pudesse deixar de suspeitar que eles haviam sido proibidos de fazê-lo.

— Então? Faça suas perguntas. Elas responderão, cuidarei disso.

Otilia respirou fundo, preparando suas armas.

— Não tenho perguntas individuais, senhora.

As feições da mulher ficaram mais reptilianas enquanto ela estreitava o olhar como um lagarto.

— Isso é uma piada? Eu as ordenei aqui para sua conveniência.

— Sim, e estou feliz com isso, senhora, mas é improvável que as únicas perguntas em minha mente sejam respondidas nesta assembleia. Ou qualquer outra, mas vamos lá.

Otilia olhou ao redor enquanto falava, notando perplexidade e apreensão aparecendo em vários rostos. Apenas Lillian parecia impassível e Berta parecia apenas desdenhosa.

Annis quebrou o silêncio:

— Terá a bondade de explicar, Lady Francis?

Otilia olhou para o outro lado. — Eu pretendo.

— Então? — perguntou Lady Wem, seu tom um estalo.

— Paciência, por favor. — Otilia aproveitou para dar mais uma olhada nos rostos e então disparou seu primeiro ataque: — Todo esse caso depende de duas coisas. Primeiro, quem daqui foi vista vagando pelo corredor ao lado do quarto de Daniel na noite em que ele morreu?

Ela não foi mais longe. A pose de desinteresse de Lillian se quebrou.

— Vista? O que quer dizer com vista?

Otilia olhou para ela, assim como todas as outras, inclusive Berta, cujas bochechas já encovadas se tornaram mais contraídas.

— Isso mesmo o que ouviu: uma figura feminina foi vista no corredor durante as primeiras horas da manhã.

Um lampejo de movimento de Annis Maplewood chamou a atenção de Otilia. Seus lábios estavam franzidos, mas não havia surpresa nisso. Ela já estaria ciente? Não demorou muito para acompanhar a mudança de Lizzy para Vivian Maplewood e daí para sua mãe. Não que isso importasse, já que ela não estava sob suspeita, apesar da insistência de sua mãe para que ela fosse incluída.

— Quem viu? — a pergunta veio de Lillian novamente.

Otilia abriu um sorriso espúrio.

— Não posso dizer.

— Por que não? — Berta estava agora com um olhar penetrante. — Detesto segredos.

— Porque — disse Otilia com deliberação —, eu não gostaria de colocar a vida dessa pessoa em perigo.

Dois suspiros vieram das mulheres mais próximas de Otilia, enquanto as outras permaneciam sentadas e atordoadas, a julgar por seus rostos. A viúva Lady Wem tomou a palavra:

— A milady disse que havia duas coisas.

Houve uma mudança planejada e Otilia sentiu todos os olhares sobre ela enquanto se voltava para a viúva.

— A segunda coisa que gostaria de saber é quem sugeriu a excursão às High Rocks.

O tiro encontrou seu alvo em cada rosto. Ninguém esperava que ela se lembrasse da morte de Isabel. O silêncio na sala foi total por questão de segundos. Então várias vozes falaram umas sobre as outras:

— O que isso tem a ver?

— Foi um acidente!

— Não estou entendendo.

— Mas fui eu! Eu mencionei isso à Isabel.

Esta última afirmação, de Clarissa, trouxe o olhar de Lady Wem para a mais jovem das mulheres. Ela não se juntara ao coro, mas agora falava de forma malévola:

— Ateveu-se a confraternizar com a mulher? Depois da minha proibição?

Otilia interveio rapidamente:

— Devo implorar sua indulgência, senhora. Este não é o momento para recriminações. — Sem esperar por uma resposta, ela se dirigiu à garota agora trêmula: — Clarissa, disse que mencionou isso a Isabel, mas a ideia foi sua?

Parecendo assustada, Clarissa balançou a cabeça. — Só sugeri que Daniel a levasse para um passeio. Todos decidiram ir até High Rocks.

— E foi escalada para dizer à Isabel?

— Eu perguntei se ela gostaria de ir. — Sua voz começou a tremer e Mary Ann pegou sua mão, as lágrimas onipresentes começando a cair. — Eu disse que íamos até lá e que talvez fosse a-gradável sair um pouco de casa, m-mas eu nunca pensei... Se eu soubesse...

Ela se calou e Otilia retomou o assunto pertinente:

— Se não foi sua ideia, então quem a sugeriu? — Ela olhou para todas elas, esperando por alguma pequena revelação.

— Não me lembro. — Houve protesto em Clarissa agora. — É tudo tão confuso, e depois... Foi tão horrível, eu só conseguia pensar em como estava arrependida por ter persuadido a pobre Isabel a ir.

Otilia suavizou o tom: — A culpa não foi sua, minha querida.

— Não, querida Clarissa, não poderia saber — disse Mary Ann, com uma voz rouca. — Não deve se culpar.

— Mas Lady Francis culpa alguém, não é?

Otilia não respondeu, olhando de uma para a outra das que permaneciam caladas.

— Alguém aqui não consegue se lembrar de quem veio a ideia do passeio? Clarissa fala de uma conversa em família. Os homens faziam parte dela?

Annis ergueu as mãos. — Não olhe para mim. Eu não estava lá. Foi Vivian quem me contou.

— Quem estava lá? Lillian? Berta? Mary Ann? — Otilia permitiu que seu olhar caísse sobre a viúva Lady Wem. — A senhora?

Um sorriso de escárnio cruzou o rosto da mulher. — Eu? O que eu tenho a ver com esses passatempos tolos? Wem falou sobre isso comigo no café da

manhã.

— Então Lorde Wem estava no grupo quando a ideia foi discutida? — Mais uma vez, Ottilia observou as três mulheres mais velhas, uma após a outra. Ela viu Clarissa inquieta e deu-lhe um olhar penetrante. — Tem algo mais a dizer?

Ela parecia prestes a chorar, mas Ottilia não ia deixá-la escapar. De repente, garota explodiu:

— Meu sogro não participou. E nem seu irmão Godfrey. Marcus estava lá. E Julius entrou enquanto conversávamos sobre isso. — Clarissa lançou um olhar temeroso às outras. — O resto de nós estava presente.

— Obrigada. A senhora então, Lillian? A senhorita também, Berta? E Mary Ann?

Esta última acenou com as mãos agitadas.

— Sim, sim, mas não aprovei. Eu disse a Clarissa que era muito esforço para Julius, mas não prestou atenção.

— Julius não sofreu — declarou Clarissa. — Isabel sim. E pobre Daniel. — Ela se desfez em soluços, que foram imediatamente ecoados por Mary Ann ao seu lado.

Ottilia ouviu um som exasperado das mulheres no sofá e rapidamente voltou o olhar para lá. Lillian parecia entediada. Altamente inapropriado. Seria fingimento? Então Annis deve ter expressado aborrecimento. O olhar penetrante da viúva parecia absorver tudo e Berta estava sentada como se estivesse esculpida em pedra.

Ottilia atacou: — Talvez suas memórias possam fornecer um detalhe mais pertinente.

Mais uma vez, todos os olhos se voltaram para ela, todos apreensivos, exceto a viúva, alguns totalmente amedrontados. A aparência de cobra da matriarca tornou-se acentuada quando ela lançou a cabeça para frente.

— Eu lhe disse para descobrir quem se livrou do meu neto. Não tenho interesse no outro incidente.

— Mas eu tenho, senhora. Afinal, foi o estímulo para o que se seguiu. — Ottilia esperou, mas a mulher apenas a encarou. Ela mudou o foco, seu olhar passando rapidamente pelo resto.

Annis quebrou o silêncio: — Isso já não é angustiante o suficiente? Se houver algo mais, diga, pelo amor de Deus!

— É uma coisa pequena, mas crucial. Quem aqui estava no cume da rocha naquele dia?

A onda de choque pôde ser sentida. Agora ela estava chegando a algum lugar. A mais jovem delas novamente foi vítima de protesto:

— Mas por que nós? Todos os homens também subiram. Eu não, pois detesto alturas. Nem minha sogra, não é, Mary Ann?

— Não, não, não. Eu teria avisado Isabel para ficar longe da beirada. Eu disse a Danny. — Era quase uma histeria que soou na voz de Mary Ann. — Não deveria tê-la deixado perto da beirada, eu disse, mas ele não quis ouvir.

Ele disse que ela estava segura o suficiente até... até... — Suas lágrimas estavam caindo novamente. — O que eu poderia fazer? Ele estava obcecado. Digo que estava obcecado!

Otilia olhou rapidamente para as duas mulheres que não haviam falado nada. Não, Annis estava lá embaixo. Então Berta e Lillian, ambas com expressões indiferentes demais para ser verdade deviam ser as duas únicas mulheres na rocha. O cerco estava se fechando.

Antes que ela pudesse formular qualquer outra investida para atingir o verdadeiro culpado, a porta se abriu e o mordomo entrou. Ignorando a atmosfera predominante de peso e suposição, ele se dirigiu à sua senhora:

— Pediu algo para beber depois de meia hora, milady.

A viúva Lady Wem olhou para ele sem dizer nada, e Otilia não sabia dizer se ela tinha ou não dado tal ordem. Alguém tinha feito isso em seu nome? Ou era para interromper o interrogatório de Otilia? Nesse caso, o estratagema deu certo. A procissão de criados e lacaios vindo atrás do mordomo imediatamente reduziu a cena a uma cena de domesticidade prosaica. A oportunidade de forçar a questão foi perdida.

Otilia fervilhava em silêncio. Agora teria que fazer tudo de novo e elas teriam tempo para se preparar. Defesa ou contra-ataque? De qualquer maneira, ela havia perdido sua vantagem.

Distraída, ela observou enquanto os apetrechos para o chá eram colocados sobre uma grande mesa lateral em uma parede. Tanto Annis quanto Lillian se levantaram e se dirigiram à mesa enquanto os criados cediam o lugar. Enquanto Lillian se ocupava com a chaleira e o pote, Annis começou a virar as xícaras sobre os pires. Otilia surpreendeu a viúva virando-se para dirigir algum comentário a Berta, que se levantou com uma expressão mal-humorada no momento em que passou por sua mãe a caminho da mesa, presumivelmente para ajudá-la. Nem Clarissa nem Mary Ann, que estavam com as cabeças juntas, sussurrando, fizeram qualquer movimento.

Otilia observou os criados saindo, tentando pensar em como recuperar sua vantagem. Ao desviar o olhar da porta que se fechava, um movimento atrás de uma cadeira vaga perto do sofá chamou sua atenção. Seus olhos focaram em um pequeno par de sapatos.

O coração palpitava no peito de Otilia. Enquanto ela observava, os sapatos desapareceram, mas em um momento, cabelos encaracolados apareceram em seu lugar. Sob mechas douradas, um rostinho encantador espiava a sala. Otilia ficou fascinada. Todo o propósito de sua visita fugiu de sua mente. Ela não tinha atenção de sobra para nenhuma das mulheres, ou o que elas poderiam estar fazendo. *Pretty! Deve ser ela.*

Quando o pensamento passou rapidamente, a criança a pegou olhando e se abaixou, não totalmente fora de vista. Ela sorriu quando Pretty apareceu novamente, seus olhos brilhantes fixos em Otilia. O sorriso ganhou uma resposta que pairou, desapareceu e voltou. Pretty engatinhou em volta da cadeira e sentou-se de costas para ela, os pezinhos em seus sapatinhos

projetando-se sob o vestido de bebê, os olhos mantendo Ottilia cativa. Um dedo minúsculo surgiu, enganchando em sua boca.

O calor inundou o peito de Ottilia e ela teria acenado para a menina, mas aquele grito de raiva fez a criança pular. A fúria irrompeu da viúva Lady Wem:

— O que aquela pirralha está fazendo aqui? Onde está a babá? Como ela ousa permitir que ela escape? Alguém toque o sino! Tirem isso daqui! Fora! Fora! Tire isso daqui!

A garotinha se encolheu, parecendo apavorada, enquanto o discurso continuava. Ottilia estava de pé e foi até a cadeira com a intenção de pegar Pretty no colo, mas uma das mulheres passou, pegou a criança do chão e se dirigiu à porta assim que ela se abriu e uma garota, parecendo bastante horrorizada, entrou correndo. Ela usava um vestido bronze simples com um avental por cima, e uma touca que escondia imperfeitamente as mechas de seu cabelo escuro. Ela pegou a bebê e saiu correndo pela porta. Ela bateu atrás dela no momento em que um gemido patético irrompeu no corredor.

Abalada, Ottilia se afundou em seu assento, seus ouvidos assaltados pelos gritos que ecoavam enquanto Pretty era levada embora. A crueldade disso a atingiu e ela mal conseguia suportar estar na mesma sala que aquelas pessoas terríveis.

Uma mão surgiu com uma xícara e um pires diante dela. Ottilia pegou-os automaticamente, sem erguer os olhos, a mente entorpecida demais para pronunciar qualquer palavra de agradecimento. Vagamente ao fundo ela estava ciente das conversas, vozes urgentes, implorando, tentando acalmar as queixas ainda vibrantes daquela voz hedionda.

— Quantas vezes terei que repetir? Ninguém se importa com meus desejos nesta casa? Se a pirralha não pode ser mantida fora de vista, quero que ela saia daqui. Saia da minha casa! Saia!

Ottilia tentou recuperar o controle sobre o tumulto em seu peito, ciente de que ainda tinha uma tarefa a cumprir, mas sem nenhuma lembrança atual de qual era. Lembrando-se de que lhe haviam fornecido uma bebida, ela pegou a xícara e bebeu. Chá. Não era tão eficaz quanto o café nessas circunstâncias, mas serviria. Ela havia engolido a maior parte do líquido antes de atingir um mínimo de calma, a imagem do rostinho petrificado gravado em sua mente.

Malvadas. Indelicadas e cruéis. Nenhuma tomou o partido da criança, tão abatidas por aquela mulher terrível que não ousaram dar um passo contra ela. Ottilia lembrou-se do que a velha Janet lhe dissera pela manhã: dos acessos de raiva, do ciúme, de uma determinação implacável de conseguir o que quer.

Por fim, Ottilia ergueu os olhos, olhando para o amontoado de mulheres em volta da cadeira da viúva. Ela se sentiu curiosamente tonta. Consequências do choque?

Um desejo abrupto de sair daquela casa terrível a dominou. Ela não se sentia em condições de lidar com o desumano clã Brockhurst. Ninguém estava olhando para ela. Elas foram agrupadas de forma variada em torno da

matriarca. Como se ela merecesse tamanha atenção!

Otilia largou a xícara e o pires, levantou-se da cadeira e saiu silenciosamente da sala.



Francis olhou para sua esposa com consternação e preocupação enquanto ela se sentava, um pouco curvada, uma mão massageando a testa. Tillie saiu corajosa e voltou derrotada. Ele esperava que fosse uma condição temporária. Ela havia falado pouco, mas o que disse foi extraordinariamente severo:

— Elas são horríveis, Fan. Horríveis. Tenho pena de quem é obrigado a viver sob a égide daquela mulher. Ou sua terrível descendência. E seus cônjuges. Eles são todos indelicados e ela é extremamente cruel.

Não era comum sua querida esposa ser tão veemente em uma condenação. Ela estava mais descomposta do que a ocasião justificava? Ele pairou sobre ela, examinando seu rosto.

— Está pálida, minha querida. Vou pedir um café. Acho que precisa disso.

Ela acenou para ele. — Agora não, Fan. Tomei chá lá. Para dizer a verdade, sinto-me um pouco enjoada.

— Não estou surpreso. Estar na companhia daquela gente é o suficiente para doer o estômago de qualquer um. — Ele recuou, apoiando um cotovelo na lareira. — Acho que eles reagiram mal à sua bomba?

Ela olhou-o com as sobrancelhas levemente franzidas.

— Bomba?

— Disse que pretendia desmascarar o assassino. Acha que conseguiu?

— Oh, sim. Talvez. Ou não. Não sei.

Seus modos eram distraídos e a preocupação dele se aprofundou.

— Qual é o problema, Tillie? Isso lhe causa dor? Sua cabeça, quero dizer.

— Não. — Sua mão caiu e ela a colocou contra o estômago, fazendo uma careta. — Eu realmente me sinto muito mal, Fan.

Ele se endireitou. — Que tipo de mal? Está desmaiando? Ou apenas enjoos? Precisa de um médico? Quer que tragam um remédio?

Não houve tempo para mais perguntas. Sua esposa levou a mão à boca e ele ouviu um grito abafado: — Vou vomitar!

Alarmado, Francis olhou em volta, viu a escarradeira de latão sobre a lareira, pegou-a e colocou-a no colo da esposa.

— Aqui, use isso!

Ela agarrou as laterais, se curvou sobre ela e vomitou. Francis saltou para o sino e tocou-o com vigor, ao mesmo tempo que gritava pelos criados: — Joanie! Tyler! Venham até aqui, agora!

Então ele voltou para Tillie no momento em que o conteúdo de seu estômago saía, aterrissando parcialmente no receptáculo e derramando-se sobre seu vestido. Francis sentou-se no braço de seu assento e segurou-a enquanto ela vomitava repetidamente, até que não restasse nada além de um filete de escarro.

A essa altura, os criados já estavam na sala, exclamando e resmungando.

Francis não tinha atenção para nada além de sua esposa enquanto ela se afundava em seu braço, exausta. Ele empurrou a escarradeira para a criada que pairava.

— Pegue isso. — Ele tirou o lenço do bolso e enxugou o rosto de Tillie o melhor que pôde. — Traga um pano molhado, menina. E prepare a cama para Sua Senhoria. Tyler, um médico. O mais rápido que puder. — Ele avistou o mordomo na porta. — Hemp, vá buscar minha mãe.

Com os criados despachados, ele mudou de posição, permitindo que sua esposa se recostasse na cadeira para que ele pudesse examiná-la mais prontamente e avaliar sua condição. Ela parecia pálida e desgastada. E isso não era inédito. Ele expressou seu pensamento em voz alta:

— Está grávida, Tillie?

Ela abriu os olhos. — Estou?

— Bem, ocorreu-me que estive doente assim da última vez. Mas pela manhã.

Sua voz era um murmúrio — Mas eu ficava mal-humorada. Não tenho estado. Tenho?

— Agora mesmo estava muito mais do que o normal.

Ela fez um gesto fraco de dispensa. — Aqueles Brockhursts me chatearam.

Ele não insistiu no assunto quando Joanie entrou com um pano úmido. Ele o pegou e se encarregou de refrescar o rosto de Tillie. Ela suspirou quando ele o fez.

— Obrigada, Fan. Isso é muito bom.

Mas seus olhos estavam fechados e ela ainda estava em um semi estupor. Uma pontada de apreensão passou por Francis. Ela não tinha sido tão afetada durante sua última gravidez. Se essa fosse realmente a causa. A criada cortou seus pensamentos preocupantes:

— Arrumei as cobertas, milorde.

— Obrigado. — Ele se inclinou novamente. — Venha, Tillie, vamos para a cama.

Pareceu a Francis que ela abriu os olhos com esforço.

— Acho que ainda não consigo andar.

— Não precisa. Eu a carregarei. Coloque o braço em volta do meu pescoço, minha querida. — Ela tentou, mas o braço escorregou novamente. Francis pegou o braço e o colocou para ela. — Agente firme.

Ele colocou os braços sob ela e levantou, com dificuldade. Em seu atual estado debilitado, ela era quase um peso morto, incapaz de ajudar. Francis mudou o peso dela enquanto se levantava e começou a carregá-la para o quarto. Assim que ele chegou à porta, ela abriu os olhos de repente e agarrou a lapela do casaco dele.

— Fan! O chá!

Por um momento, Francis não entendeu aquilo, decidido a chegar à cama onde Joanie, correndo à frente, já empurrava as cobertas para longe do lençol.

— O que tem o chá?

— Eu bebi chá lá. — Sua voz estava ficando mais forte, urgente. — Alguém me deu a xícara, não sei quem foi. Eu bebi. Não pensei, Fan. E Mary Ann é herbalista.



Capítulo 14

A implicação o atingiu. Francis sentiu suas entranhas esfriarem. No automático, com sua mente e coração voando em fúria, ele colocou sua esposa na cama. Inclinando-se, ele falou no tom mais suave que conseguiu:

— Vou cuidar disso, Tillie. Não se preocupe. Mama logo estará aqui para lhe cuidar.

Ela agarrou a mão dele. — As xícaras de chá. Não deixe que lavem as xícaras de chá.

— Entendi, minha querida. — Francis beijou sua testa, segurando com dificuldade a raiva crescente. — Não tem nada para fazer a não ser descansar — disse, e se levantou, ciente de que os olhos de Tillie o seguiam. Ele se dirigiu à criada. — Joanie, ajude Sua Senhoria a se despir. Não dê nada a ela, exceto água até que o médico chegue.

Para seu profundo alívio, a voz de sua mãe soou lá fora.

— Onde ela está?

Ele levantou a voz:

— Aqui, Mama. No quarto de dormir.

Lançou um olhar à sua mulher, que esperava ser suficientemente tranquilizador, e dirigiu-se à porta, quase colidindo com Sybilla que entrava.

— Em boa hora, senhora. Por favor, cuide de Tillie até eu voltar.

A mãe dele já estava a caminho da cama, mas parou e se virou.

— Diga-me onde vai, por favor?

— Tenho que tratar de um assunto urgente com os Brockhursts.

Com isso, ele saiu, pronto para deixar a raiva borbulhante vir à tona e foi instantaneamente obrigado a reprimi-la ao avistar sua sobrinha.

— O que houve? O que aconteceu, sir?

Ele não fez rodeios:

— Sua tia está doente. Provavelmente lhe deram um chá envenenado.

Os olhos de Lizzy registraram horror.

— Pelos Brockhursts?

— Quem mais? Vou chamá-los para prestar contas. Entre, Lizzy. Ouso dizer que poderão precisar de sua ajuda para despir sua tia.

Lizzy disparou em direção ao quarto e Francis, sem se preocupar em parar para pegar o chapéu, foi para o corredor, chamando o mordomo. Hemp

apareceu tão rápido que Francis pensou que devia estar esperando fora de vista.

— Milorde?

— Preciso de sua ajuda, Hemp. Conhece os criados da casa dos Brockhursts, certo?

— Sim, milorde.

— Então venha comigo.



A agitação ao lado da cama manteve as mãos de Lizzy ocupadas enquanto ela fazia o que sua avó mandava, mas sua mente estava confusa. Veneno? Como eles puderam fazer aquilo? Por quê? E quem? Não havia como perguntar a sua tia naquele momento.

— Ela desmaiou, Elizabeth. Rápido, desamarre os cadarços dela. Vai ajudá-la a respirar.

As três conseguiram tirar a sobressaia suja de Ottilia e também o corpete, já desabotoado no peito por Joanie, enquanto ela ainda conseguia mexer os braços. Mas quando a metade superior do vestido de chita de algodão saiu, ela desabou sobre os travesseiros. Enquanto Sybilla e Joanie a seguravam de lado, Lizzy subiu na cama e, com os dedos desajeitados pelo pânico, lutou com um nó teimoso.

— Depressa, Elizabeth!

— Estou tentando, vovó. — Até que finalmente cedeu. — Pronto, já está livre.

Os espartilhos se afrouxaram imediatamente e ela conseguiu tirar os cadarços dos buracos. Com os espartilhos desobstruídos, Ottilia foi deitada novamente e Joanie foi rápida em arrancá-los de suas costas, quando Sybilla começou a desamarrar a anágua da cintura de Ottilia.

Entre elas, ela e a criada conseguiram deslizar a farta roupa para baixo, deixando apenas a camisola enquanto Lizzy começava a desamarrar os cordões que prendiam os bolsos de sua tia. Ela estava prestes a colocar os objetos de lado quando sua avó a verificou.

— Elizabete, espere! Veja se ela tem sal. Sei que Ottilia anda com ele.

Lizzy enfiou a mão em um dos bolsos e tirou uma caixinha prateada.

— Aqui está. Eu devo...?

— Sim, sim. Agite-o debaixo do nariz dela.

Lizzy abriu a caixa, tomando cuidado para não sentir o cheiro do conteúdo aromático. Levou-o às narinas da tia e sacudiu-o um pouco para agitar o sal volátil que havia dentro, enquanto a criada se apressava em arrastar as cobertas sobre a figura imóvel na cama.

Ela se mexeu por um momento, afastando a cabeça do aroma pungente. Suas pálpebras se abriram e ela falou com a voz um pouco rouca: — Isso é sal aromático? Eu desmaiei?

— Sim, realmente desmaiou, minha querida. Leve-os embora, Elizabeth.

— Sybilla se sentou na beirada da cama, pegou a mão frouxa de Ottilia e a

esfregou. — Como está se sentindo, Ottilia?

A paciente umedeceu os lábios.

— Com muita sede.

— Água, menina — disse isso à criada, pairando pelo quarto, que pegou um copo cheio da mesa lateral. Sybilla pegou-o. — Segure a cabeça dela, Elizabeth.

Lizzy apressou-se em obedecê-la, mordendo a língua com as perguntas que saltavam em sua mente, por cima de um terror reprimido. E se Ottilia tivesse morrido?

Ela estava bebendo o líquido do copo que levava aos lábios. Em um momento ou dois, ela pareceu ficar mais forte, lutando um pouco.

— Fique quieta, minha querida.

— Preciso me sentar.

— Elizabeth, almofadas atrás dela.

Ela pousou o copo e virou-se para a criada.

— Isso vai servir por enquanto, garota. Vá esperar o médico e traga-o aqui assim que ele chegar. Mas abra mais as janelas primeiro. E encontre um leque.

Consciente de que Joanie obedeceu e depois fez uma mesura antes de sair do quarto, Lizzy observou Ottilia se afundar com um suspiro e uma palavra de agradecimento murmurada contra a pilha de travesseiros que havia feito. Lizzy dobrou as pernas para um lado para ficar um pouco mais confortável e olhou para sua tia aflita.

— A senhora não está mais tão pálida, tia. Está se sentindo um pouco melhor?

Uma leve ruga apareceu entre as sobrancelhas de Ottilia. — Estou tentando lembrar.

Sybilla, enquanto se ocupava em abanar a sofredora com o leque para refrescar o rosto dela, resmungou:

— Não há necessidade. Espere até que o médico a veja.

Ottilia não prestou atenção, seu olhar alternando entre Lizzy e sua avó.

— Uma delas me entregou uma xícara e um pires. Eu estava distraída com alguma coisa. — Seu olhar ficou sério. — Pretty! Ela entrou quando levaram o chá. Oh, ela é adorável! Você a viu, Lizzy. Ela não é a coisinha mais linda?

A consternação tomou conta de Lizzy. — Ela entrou na sala? Mas como? Hepsie a perdeu?

— Ela deve ter escapado dela.

— Lady Wem a viu?

Uma sombra cruzou o rosto de Ottilia, mas Sybilla a interrompeu antes que ela pudesse responder:

— Do que estão falando? Quem é essa Pretty?

— É a filha de Daniel, vovó.

— Oh, céus!

— Ela se parece com Isabel e todos eles a negligenciaram, pobre criança! — Lizzy voltou-se para Ottilia: — Não consigo imaginar que a entrada dela

tenha sido bem-vinda.

— Longe disso, Lizzy. Foi horrível. — Seu olhar encontrou o de Sybilla. — A senhora estava certa, Sybilla. Ela é venenosa. Nunca na minha vida testemunhei nada tão cruel. A maneira como ela vociferava com aquela criança, gritando como uma louca!

— Oh! Eu a avisei, não é mesmo? A mulher é louca.

— Na verdade, acho que ela é mesmo. Pelo menos, se comporta de maneira insana quando perde a paciência. — Ela levou a mão à cabeça. — Eu queria ir até Pretty, para protegê-la, mas...

— Dificilmente poderia interferir, Ottilia. Não é da sua conta.

Ottilia parecia não ter ouvido. — Uma delas foi antes de mim. Então a babá entrou e levou Pretty embora. Foi um caos perfeito. Eu estava muito chocada, muito chateada para agir com sensatez, pois não estava prestando atenção quando deveria. Não vi quem me deu o chá. — Ela mexeu a cabeça de um lado para o outro de uma forma agitada que torceu o coração de Lizzy. — Fui tão boba. Tão tola. Se eu estivesse no meu juízo, nunca teria bebido aquilo.

Sybilla fechou o leque com um estalo, tornando-se enérgica e autocrática.

— Pare com essa bobagem, Ottilia! Todos nós cometemos erros. Não permitirei que se repreenda. Não está em condições de se preocupar com o que não pode ser consertado.

— Mas eu deveria estar...

— Basta! Francis descobrirá quem lhe fez isso, não tema.

Ottilia não foi apaziguada. — Ele irá atrás de Mary Ann, mas pode muito bem ter sido outra. Hemp soube pela criada da cozinha que ela tem saquinhos de ervas em abundância. Qualquer uma das mulheres poderia ter se apropriado de uma pitada de um ou outro, ou Mary Ann poderia ter dado a elas.

— O que, a mulher proporciona a cura a todos eles? Achei que era esse menino doente dela que ela queria curar.

— Não pode ser, vovó, porque ela deu uma bebida para Daniel para fazê-lo dormir na noite em que ele morreu.

Ottilia estava resmungando consigo mesma, mas acrescentou mais uma vez: — Ela me contou que ministra até mesmo para amigos. É muito mais provável que Berta ou Lillian tenham colocado algo no meu chá. Ambas estavam na mesa. Annis também, mas duvido que ela quisesse me assustar.

Lizzy ficou encarando-a, enquanto Sybilla exclamava: — Assustá-la?! É nisso que acredita?!

— Não posso pensar que alguém ousaria tentar me matar. Pense nas consequências. Suspeito que tenha sido um emético para que eu vomitasse e nada mais.

— Isso já é ruim o suficiente.

Um pensamento ocorreu a Lizzy e ela o expressou: — Poderia ter sido a própria Lady Wem?

— Não, porque ela estava no meio de um ataque histérico no momento.

Além disso, ela não faz seu próprio trabalho sujo.

Nesse momento, a discussão foi interrompida pelo som de uma voz masculina perguntando por Lorde Francis. Joanie foi ouvida respondendo:

— É a senhora que precisa de seus serviços, senhor. Por favor, venha por aqui.

Sybilla tornou-se enérgica, levantando-se para saudar o médico.

— Saia da cama, Elizabeth. E saia de casa. Não há necessidade de todos nós permanecermos aqui. Nancy a ajudará.

Relutante, Lizzy saiu da cama. — Não posso esperar na sala?

— Não, não. Atrevo-me a dizer que o médico lhe dará algo para fazê-la dormir. Vou acompanhá-la imediatamente.

— Obrigada, Lizzy — disse Ottilia, com um sorriso. — Conversaremos mais tarde.

Não havia nada a fazer a não ser descansar. De qualquer forma, um homem de meia-idade que Lizzy se lembrava de ter visto na cidade já estava sendo introduzido no quarto. Ela saiu e parou no corredor. Não estava disposta a voltar para os aposentos. O que ela poderia fazer ali, com tanta confusão em sua mente? Quase sem saber que havia se decidido, ela subiu as escadas e atravessou a alameda até o Common. Havia uma pessoa em quem ela poderia confiar. Isso tornaria Vivian ainda mais fervoroso contra seus parentes, mas pelo menos ela poderia filtrar as perguntas. Talvez até descobrisse em nome de Ottilia o perpetrador desse ato horrível.



A mistura agitada de ansiedade e cólera impulsionou Francis a subir a trilha da colina através do Common em grande velocidade, sem se importar com o calor crescente do dia. Ninguém mirava em sua preciosa Tillie e escapava impune. Alguém iria pagar.

— Milorde?

— O que é? — respondeu automaticamente, com a intenção de alcançar Lorde Wem. Se havia um culpado, esse alguém era ele. Ele o repudiava.

— O que deseja que eu faça com os domésticos, milorde?

Com dificuldade, Francis trouxe sua atenção de volta:

— Xícaras de chá. Sua Senhoria estava bebendo com as mulheres. Impeça-os de lavá-las.

— Acha que pode haver vestígios de alguma coisa?

— Ervas de algum tipo. Uma delas... Mary Ann, ela disse...

— Ela usa ervas em saquinhos, milorde — interrompeu Hemp. — Foi isso que os criados me contaram.

— Então sabe o que fazer.

— Sei, milorde.

Hemp manteve o ritmo logo atrás dele, apenas desviando para as instalações dos fundos quando eles entraram no curto caminho antes da entrada.

Francis deu um passo à frente e tocou o sino com vigor, sua mente voando

para o próximo encontro com Wem. As palavras rolavam em sua mente. Palavras violentas. Ele lutou para contê-las. Seus dedos se fecharam em punhos e ele imaginou o prazer de enfiar um deles no rosto de Lorde Wem. Um prazer que ele deveria renunciar se quisesse descobrir quem naquela casa vil havia envenenado sua esposa.

Um mordomo idoso abriu a porta, sua expressão austera demonstrando desaprovação. Ele não se importava com a maneira como a campainha tocava, era isso? Ele poderia se considerar afortunado por não receber uma rajada de injúrias.

— Sou Lorde Francis Fanshawe e estou aqui para falar com Lorde Wem sobre um assunto urgente. Leve-me até ele imediatamente.

As sobranceiras do sujeito se ergueram ao ouvir o nome, mas ele continuou segurando a porta entreaberta.

— Sua Senhoria está ocupada, milorde.

— Não me importo se ele está no meio de suas abluções. Leve-me até ele imediatamente! E abra a porta se não quiser ser empurrado de volta para dentro de casa.

— Milorde!

A beligerância pelo menos fez o homem recuar e Francis conseguiu entrar no hall.

— Onde ele está? Em um dos salões?

Francis dirigiu-se em direção à escada, mas o mordomo, com surpreendente agilidade para sua idade, conseguiu chegar antes dele, barrando o caminho.

— Milorde, acabei de conduzir o médico a Sua Senhoria.

Francis não pôde deixar de fazer uma pausa nisso.

— O que, ele está doente também?

O pensamento fugaz de um erro que poderia ter afetado mais pessoas da casa passou por sua mente.

— Acredito que o Dr. Heather veio com os resultados da autópsia, milorde.

Em qualquer outro momento, essa notícia teria despertado o interesse imediato de Francis, mas sua querida esposa estava debilitada na cama. O medo profundo de que ela poderia ter morrido superou qualquer outra consideração.

— Muito bem, se não vai me levar até ele, eu mesmo o encontrarei. — Ele desviou do mordomo e começou a subir as escadas.

O homem o seguiu imediatamente, embora o ritmo que impôs deixasse o sujeito sem fôlego.

— Muito bem, milorde, já que insiste.

Assim que chegou ao topo, Francis parou e acenou com a mão impaciente.

— Depois de você.

Lorde Wem foi encontrado em uma pequena sala na frente da casa. Estava escuro, exceto pela luz que entrava por uma ampla janela, que caía sobre duas cadeiras de chintz e lançava um feixe através do meio da sala, onde o

visconde estava de pé, confrontando um jovem com o semblante inevitável de um médico. Ele usava a peruca, um casaco de cor opaca sobre uma calça campestre e seu aspecto exalava à pomposidade obsequiosa que Francis associava a todos os médicos, exceto a seu cunhado.

Quando Francis entrou, Lorde Wem voltou-se para ele com um semblante desprovido da agressividade que recordava do encontro anterior. Ele parecia triste, quase derrotado. Mesmo assim, seus olhos brilharam quando ele reconheceu seu visitante.

— Que diabos quer, Fanshawe?

Francis não perdeu tempo:

— Quero saber quem deu chá envenenado à minha esposa. Por Deus, Wem, o senhor e sua prole desprezível vão pagar por isso!

O homem o encarou sem entender.

— Chá envenenado? Do que, em nome de Deus, está falando? Quem deu chá envenenado a ela?

— O senhor é surdo? É por isso que estou aqui, para descobrir. Uma de suas mulheres, sua esposa, com toda a probabilidade, não é ela quem se interessa pela arte do boticário? Ela entregou à minha esposa uma xícara de chá que ela bebeu e logo passou mal. Deixei-a aos cuidados da minha mãe. Entende agora?

Lorde Wem parecia atordoado.

— Minha esposa? Mas isso é ridículo. Absurdo! Por que Mary Ann faria uma coisa dessas? Não acredito nisso.

Francis se aproximou dele, ignorando o médico que havia recuado um ou dois passos, parecendo perplexo.

— Acredite no que quiser, Wem, mas isso já foi longe demais. Muito longe.

De repente, Lorde Wem cedeu, meio cambaleando até uma cadeira e caindo nela, levando a mão ao peito.

Relutante, Francis o observou. O que no mundo... ? Era fingimento? Ele olhou para o outro sujeito.

— O senhor é médico. O que o aflige?

O médico já estava se movendo em direção ao sofredor, mas fez uma pausa.

— Acho que infelizmente a notícia que dei a Sua Senhoria seja a responsável, em vez de... er... — Ele se calou, uma mão vaga dizendo o resto.

Francis não teve dificuldade em interpretar isso. Seu advento, vindo logo após o que quer que o médico tivesse lhe dito, custou a Lorde Wem seu equilíbrio. Ele perdeu de vista sua missão por um momento.

— O que disse a ele?

O médico não prestou atenção, dirigindo-se a Wem, cuja respiração se arrastava.

— Milorde, sugiro que se deite. Aqui, vou colocar uma almofada atrás de sua cabeça. Aqui. Permita-me sentir seu pulso.

Ele pegou o pulso do homem e Francis esperou, impaciente, com a mente fervilhando de conjecturas. A notícia deve ter sido pior. Wem foi privado de seu desejo de um veredicto de suicídio? Parecia provável. Nesse caso, uma nova acusação de envenenamento pode ter tido um efeito deletério.

Lorde Wem estava recuperando um pouco de sua cor, embora seus olhos estivessem fechados. O médico abaixou o pulso e começou a desabotoar o colete e desenrolar a gravata do pescoço.

— Pronto, milorde. Pode respirar mais facilmente agora. Com sua permissão, tocarei o sino e pedirei ao seu criado que traga minha maleta da sala de visitas. — Com um aceno de cabeça do paciente, ele moveu-se para o sino.

Francis o seguiu, baixando a voz:

— Veio com os resultados da autópsia? E quais são eles? Por favor, não olhe para mim dessa maneira, senhor. Minha esposa passou os últimos dias investigando esse assunto às custas dela. É imperativo que eu saiba o que foi encontrado. Também pode me dizer seu nome enquanto está nisso.

O homem parecia aflito.

— É Heather, sir. Acredito que conheço sua esposa, se é ela quem estava presente em High Rocks, e novamente enquanto eu examinava o corpo aqui.

— Correto. Os resultados, por favor. — A polidez das palavras foi negada, ele soube pelo seu tom, mas ele não se importava nem um pouco. Como se não fosse típico de um Brockhurst frustrá-lo com um colapso dramático!

O Dr. Heather olhou para Lorde Wem, que ainda estava deitado com os olhos fechados, o peito subindo e descendo de uma forma anormalmente exagerada. Finalmente satisfeito, ele igualou o tom de voz baixo que Francis havia adotado:

— Havia várias substâncias no estômago, a maioria das quais identificamos como inofensivas. Mas meu colega e eu fomos forçados a concluir que houve interferência no curso natural da morte.

— Vá direto ao ponto, senhor. Chega dessa ladainha. Está dizendo que ele foi assassinado? — Ele apenas conseguiu se impedir de mencionar a conclusão de sua esposa. — De que maneira?

Um suspiro desanimado escapou do Dr. Heather.

— Temo que pareça asfixia.

Ha! Bravo, Tilly!

O Dr. Heather ergueu a mão.

— Não é conclusivo e devo implorar que não o espalhe até que o inquérito seja realizado. O legista pode muito bem protestar que não há provas suficientes para chegar a um veredicto de assassinato. Eu estava dizendo isso a Sua Senhoria quando o senhor... er... chegou.

Mas a suspeita, juntamente com esse fato do chá, foi suficiente para Lorde Wem. Um leve fio de satisfação percorreu Francis. Isso foi melhor do que ele poderia ter esperado. Sua presa não podia negar a culpa de uma das mulheres de sua família aflitiva. Antes que ele pudesse agir em relação a tal

pensamento, a porta se abriu para um laçao entrar. O Dr. Heather pediu sua maleta. Francis esperou apenas que a porta se fechasse antes de se voltar para Lorde Wem:

— Acredito que esteja satisfeito, sir, quanto à veracidade das descobertas de meu cão de caça, como rudemente escolheu chamar minha esposa.

O médico apareceu ao seu lado.

— Milorde, devo protestar. Sua Senhoria não está bem.

— Nem minha esposa, graças às maquinações de alguém nesta casa. — Francis voltou-se para Lorde Wem, que piscava atordoado. — Para começar, exijo um pedido de desculpas, senhor.

— Que se dane as desculpas! — A voz de Lorde Wem estava áspera, porém emotiva. — Não pense que estou convencido dessa bobagem.

Francis bufou.

— Nem mesmo com dois médicos concordando em suas descobertas? Sem mencionar o que minha esposa viu no início. O senhor é obstinado além das palavras, Wem.

Lorde Wem permaneceu meio caído contra o espaldar da cadeira, mas ergueu a mão trêmula e fez um gesto selvagem.

— Mas isso é um absurdo. Heather disse que meu filho já estava morto há horas quando o encontraram.

— Pelo menos seis horas, milorde — concordou o médico.

— Seis horas, e minha esposa ficou com ele até depois da meia-noite. A coisa toda é impossível.

Parado, Francis o encarou, fazendo um rápido cálculo matemático.

— Então o momento deve estar errado. Acontece que soube pelo meu cunhado, que também é médico, que é difícil estimar a hora exata da morte.

O Dr. Heather imediatamente se intrometeu:

— É verdade, milorde, mas os sinais indicavam tal intervalo.

— Indicativo. E suspeito que isso não seja conclusivo.

— Não, milorde. — O sujeito parecia arrependido. — Mas mesmo admitindo uma margem de erro, o falecido não poderia estar vivo muito além de uma ou duas da manhã, ou até mais.

Tempo suficiente para um determinado indivíduo fazer a ação enquanto todos na casa dormiam. E uma mulher foi vista nas primeiras horas.

— O falecido. — Lorde Wem quase cuspiu a palavra. — Está falando do meu filho!

Francis não deu atenção a isso, pois sua mente fixa no testemunho da babá. Ele atacou Lorde Wem novamente:

— Como sabe que sua esposa estava com Daniel até depois da meia-noite? E por quanto tempo depois da meia-noite?

Lorde Wem deu um suspiro pesado.

— Eu estava acordado. Havia cochilado um pouco. Lembro-me de me sentir frustrado quando ouvi o relógio carrilhão.

— Qual relógio?

— O relógio comprido lá embaixo. Tem um tom profundo. Normalmente eu durmo, mas naquela noite... — Ele se interrompeu.

— Naquela noite?

— Por que diabos eu deveria lhe contar isso?

Ele estava revivendo junto com sua irascibilidade, mas Francis não deu trêgua:

— Porque uma de suas mulheres deixou minha esposa incapacitada. Cabe a mim agir em seu nome. Por que estava acordado, sir?

Lorde Wem sentou-se em um estrondo.

— Já que quer saber, é porque briguei com Mary Ann. Satisfeito?

— Não, longe disso. Em que ocasião?

— Não que isso seja da sua conta, Fanshawe, mas estávamos em desacordo sobre o curso de ação adequado a tomar com meu filho. Algo tinha que ser feito.

Algo drástico foi realmente feito, mas Francis absteve-se de afirmar esta verdade.

— E quando ouviu o carrilhão do relógio?

— Mary Ann ainda não havia retornado. Ela me deixou com a intenção de dar ao menino um de seus remédios infernais.

— Então ela estava de fato ausente até uma hora da manhã.

— Eu disse isso? Ela voltou alguns minutos depois que ouvi o relógio soar a meia-noite. Não pode ter sido muito tempo. Eu tinha acabado de adormecer.

Francis manteve a pressão:

— Conversaram? O que ela lhe disse sobre Daniel?

— Ela esperou para garantir que ele estivesse dormindo profundamente. Queria ter certeza de que ele teria uma boa noite de sono. Estava convencida de que era tudo o que o afligia.

O que o afligia na época era uma dor inconsolável. Qualquer um poderia ver isso. Lorde Wem não teve nem simpatia nem paciência com a terrível perda do pobre sujeito. Mas tudo não passou de um momento.

— Está suficientemente recuperado para me acompanhar, sir?

— Para onde?

— Quero que questione suas mulheres. Quem entregou à minha esposa aquela xícara de chá?

Lorde Wem soltou um som exasperado e caiu para trás.

— Está nisso de novo? Deve estar fora de si. Por que alguma delas tentaria envenenar sua esposa? Não que eu acredite por um momento que qualquer uma dessas ervas ridículas que minha esposa imagina serem eficazes tenha o poder de envenenar alguém.

Para a surpresa de Francis, o Dr. Heather fez uma ressalva:

— Oh, de fato, milorde. Existem inúmeras substâncias à base de plantas que podem ser letais, mesmo em pequenas quantidades.

Lorde Wem deu-lhe um olhar sinistro.

— Sua opinião não foi solicitada, Heather.

— Mas milorde...

— Basta! — Francis acenou para que o sujeito se calasse. — Não tenho nenhum desejo de entrar em uma discussão sobre esse assunto. Os fatos já falam por si. Minha esposa bebeu chá nesta casa e vomitou poucos minutos depois de retornar ao nosso alojamento. Pelo que sei, dois e dois são quatro, Wem.

O médico interferiu novamente:

— Com sua permissão, milorde, se sua esposa sobreviveu, pode-se supor que a substância não era venenosa.

Lorde Wem bufou por sua vez.

— Bela teoria, Fanshawe.

Francis o ignorou.

— Então por que ela ficou doente?

— Eu estaria mais inclinado a atribuir isso a uma substância projetada para induzir o vômito. No entanto, não consigo imaginar por que isso pode ter sido servido em uma xícara de chá.

— Não pode? Eu posso, e com facilidade. — Zombador, Francis voltou seu olhar para Lorde Wem novamente. — Minha esposa estava se aproximando da verdade. A pessoa culpada obviamente esperava colocá-la fora de ação. Ou para dissuadi-la de prosseguir com o caso.

— Teria sido melhor se ela tivesse abandonado o caso ao meu pedido — disse Lorde Wem, em um tom amargo.

Francis se permitiu um sorriso torto.

— Está claro que não conhece o caráter de minha Lady Fan.



Lizzy seguiu Vivian Maplewood quando ele entrou no grande salão e parou. Entre a multidão que gritava estava a Sra. Maplewood. Ela estava parada perto da cadeira do crocodilo enquanto as outras mulheres se espremiavam em volta, cacarejando como galinhas e falando umas com as outras, de modo que era difícil entender o que estava sendo dito.

— Por que deve persistir com...?

— Não adianta dizer que devo levá-la...

— Nem eu, por Julius...

— Não pode ver como mamãe está chateada?

— Leo nunca permitirá isso.

— Não ligo — disse Sra. Maplewood, em um tom irritado, porém determinado. — Precisamos resolver isso.

O Sr. Maplewood ergueu a voz para ser ouvido acima da cacofonia:

— Senhoras! Todas poderiam ficar em silêncio?

Ou ele não foi ouvido ou elas escolheram ignorá-lo. Lizzy passou por ele, correu para um aparador entre as janelas, pegou um pesado ornamento de mármore e o jogou na superfície de madeira com um estrondo retumbante. Uma vez, duas vezes. O barulho cessou como mágica.

Todos os olhos se voltaram para a fonte e Lizzy se moveu para confrontá-

las.

— Alguém aqui tentou machucar minha tia. — Sua voz estava trêmula. — Eu não saio desta sala até saber quem foi.

Ninguém falou nada, mas a Sra. Maplewood lançou um olhar interrogativo a Vivian. Ele entrou.

— Obrigado, Eliza. Drástico, porém eficaz.

A viúva Lady Wem estava em sua cadeira, um sapo malévolo, seus olhos estreitos disparando do Sr. Maplewood para sua mãe e varrendo suas parentes do sexo feminino.

— O que Lady Elizabeth está querendo dizer, Vivian? — A Sra. Maplewood estava se aproximando.

— Pois bem, ela veio até mim em grande aflição. Lady Francis, que esteve recentemente com todas nesta sala, foi acometida por uma doença violenta. Ela atribui isso ao chá que bebeu aqui.

O choque da Sra. Maplewood era palpável, mas a tia de Vivian, Lillian, objetou em termos inequívocos:

— Isso é um absurdo! Todas nós bebemos e estamos perfeitamente bem.

Lizzy entrou na conversa: — Isso não prova nada. Qualquer uma aqui pode facilmente ter colocado algo em sua xícara. Ela podia ter morrido! Estava tentando ajudá-las e é assim que a agradecem?

— Oh, isso tudo é tão horrível — Clarissa pronunciou tais palavras, e então se desfez em lágrimas, chamando a atenção da matriarca.

— Recomponha-se, garota. Ou saia.

Clarissa deu um pulo, mas Vivian ergueu a mão.

— Ninguém sai daqui. Lorde Francis está agora mesmo na casa, em busca de vingança.

— Onde ele está então? — Veio da Berta. — Não que eu me importe. Tenho assuntos mais importantes para resolver.

Lizzy entrou na conversa novamente:

— Meu tio pretendia encontrar Lorde Wem. Não duvido que ele esteja aqui a qualquer momento.

— A senhorita nos vê tremendo em nossos sapatos? — zombou Lillian. — Se ele está pensando em lançar acusações selvagens, vou encaminhá-lo a Godfrey. Ele saberá responder a tal impertinência. — Ela saltitou para o sofá e se sentou, irradiando desafio.

A Sra. Maplewood aceitou o argumento.

— Mesmo supondo que fosse possível uma de nós contaminar o chá sem alterar o sabor, o que usaríamos?

Lizzy tinha conversado sobre isso com o Sr. Maplewood antes de eles aparecerem no cômodo.

— Uma erva de algum tipo. Seria fácil adicioná-lo ao chá.

Com isso, Mary Ann, que estava parada como uma pedra, voltou abruptamente à vida.

— Erva? Oh, céus, então eu serei a culpada! — Ela ficou previsivelmente

chorosa. — Não é justo. Eu tento apenas fazer o bem. Eu as uso para ajudar as pessoas. Por que todo mundo me chama de bruxa e diz que sou má?

A Sra. Maplewood procurou acalmá-la:

— Ninguém está dizendo nada disso, Mary Ann.

— No entanto, é fácil cometer um erro — disse Lillian, em um tom comedido.

— Erro? Eu nunca cometo erros. Conheço minhas ervas, estou lhe dizendo!

— Não estou falando a seu respeito, Mary Ann. Esses seus malditos saquinhos estão por toda a casa. Está sempre preparando seus remédios na cozinha. Um dos criados pode ter colocado as ervas no recipiente de chá ou...

— Quanta bobagem! — O desprezo escorria da voz de Berta. — Eu guardo a chave do recipiente.

— Mas estava aberto hoje — a Sra. Maplewood interveio rapidamente. — Fez o chá, Lillian. Não precisava destrancá-lo.

— É verdade, mas...

— Se houvesse ervas no cesto, estaríamos todas doentes — gritou Clarissa.

— Não pode ter sido nada no chá.

Impasse. Um silêncio caiu, as mulheres olhando uma para a outra.

Lizzy estava perplexa. Certamente começou a parecer improvável que uma substância tivesse sido administrada a Ottilia, mas uma sensação de incerteza se recusava a desaparecer.

A Sra. Maplewood rompeu o impasse:

— Uma coisa é certa, mamãe não poderia ter feito isso.

— Eu? — perguntou a viúva Lady Wem. — Eu quem indiquei esta Lady Fan. Por que eu tentaria acabar com ela?

— Alguém fez isso? — Clarissa voltou os olhos assustados para Lizzy. — É isso que ela pensa?

As negações vieram grossas e rápidas:

— Isso é ridículo. Para que fim, como diz a querida mamãe com tanta razão?

— Mas eu respondi às perguntas dela. Não tenho nenhum problema com ela.

— Eu não disse nada. Por que eu deveria me importar o suficiente para machucar a mulher?

A Sra. Maplewood cortou todas elas:

— Eu não insinuei tal coisa. Mamãe, a senhora se enganou. Eu estava apenas estabelecendo que não poderia ter tocado no chá. Lillian e eu estávamos servindo. Berta ajudou.

Lizzy se apressou em perguntar:

— Servir como? Quem distribuiu o chá?

— Todas nós. Pelo menos, é o que eu acho. Eu trouxe a minha própria xícara.

— Tia Berta me deu a minha — disse Clarissa. — E ela entregou uma para a senhora — disse à viúva Lady Wem, que não respondeu, seu olhar fixo em

sua outra filha Annis, mas se a Sra. Maplewood estava prestes a falar, foi impedida por Mary Ann, quase histérica:

— Como pode esperar que alguém lembre? Estou tão preocupada que nem consigo pensar. Lillian, deu-me o chá?

— Eu estava colocando-o nas xícaras.

— Mas trouxe a sua própria xícara, não trouxe? Poderia ter me dado uma ao mesmo tempo.

— A questão, Mary Ann — interrompeu a Sra. Maplewood —, não é quem lhe deu uma xícara, mas quem entregou uma à Lady Francis.

— Não sei, não sei — protestou Mary Ann. — Houve tanto rebuliço e incômodo, não se lembra? Pretty entrou e...

— Atrave-se a mencionar esse nome novamente? — A viúva Lady Wem levantou-se. — Basta! Annis, já causou problemas suficientes por um dia. Fique em silêncio!

A Sra. Maplewood não cedeu:

— Eu não vou ficar em silêncio, senhora.

— Deseja que eu lhe bata?

— Se fizer isso, aviso-lhe que vou contra-atacar.

A questão pairou ali por um momento. Então a viúva Lady Wem soltou uma risada áspera.

— Juro que é mais minha filha do que essa outra tola.

Berta lançou um olhar venenoso à irmã, mas cerrou os lábios com força.

— Seja como for, senhora, admito que o destino de Pretty mudou um pouco neste momento, mas tenha certeza de que voltarei a ele. Mary Ann é a pessoa mais adequada para cuidar da filha de seu filho, e eu mesmo abordarei Leo sobre o assunto. Mas o mais importante...

Ela não foi mais longe porque a porta se abriu para, como Lizzy esperava, um Francis irado, porém conduzido, surpreendentemente, por Lorde Wem. O visconde estava desgrenhado, a gravata solta no pescoço, o colete desabotoado e o semblante pálido. Ele entrou na sala sem seu passo confiante de sempre, quase cambaleando, seus membros trêmulos.

— Leo! — exclamou Mary Ann, seus problemas esquecidos. — Está horrível, meu querido. O que houve?

Ele acenou com a mão vagamente e quase cambaleou. Um terceiro homem saltou para a frente, colocando a mão em seu cotovelo.

— Fique firme, milorde!

Lorde Wem foi levado a uma cadeira, Mary Ann pairando por ela, perguntando repetidamente sobre o motivo de sua condição debilitada. Uma vez acomodado, ele estendeu a mão para silenciá-la e olhou para as mulheres que o observavam.

— Heather me deu os resultados *post mortem*. Daniel foi sufocado. Ele não se suicidou. Ele foi morto por alguém nesta casa.

Houve palavrões murmurados e suspiros chocados.

Então Mary Ann soltou um grito estrangulado e desmaiou.



Capítulo 15

Otilia suportou as perguntas do médico gentil o melhor que pôde, sua mente oscilando entre o que Francis poderia estar fazendo na casa da colina e a situação da pobre garotinha.

— A senhora diz que tomou chá? Já reagiu dessa maneira antes?

— Não, pelo menos só quando eu estava grávida.

O médico levou isso em consideração pelo fato de ela ter desmaiado e Otilia, apenas para se livrar dele, concordou que era possível que estivesse realmente grávida. Ela não permitiu nenhum exame, entretanto, e recusou o láudano, pelo que Sybilla a repreendeu assim que o médico partiu.

— Preciso estar consciente, Sybilla. Além disso, deve saber que desaprovo o uso de láudano. Já vimos seus efeitos, lembra?

Sybilla bufou.

— Não fique falando sobre aquela garota Tamasine, pelo amor de Deus! Eu gostaria de poder apagar esse episódio da minha mente.

— Por que aconteceu na sua porta? Mas agora tem vizinhos melhores, Sybilla.

— Sim, e graças a Deus! Não, mas eles são estúpidos o suficiente para que eu chegue ao ponto de gritar.

Otilia teve que sorrir, refletindo que não tinha o luxo de esquecer completamente os eventos em Willow Court, a presença de Hemp inevitavelmente os mantendo vivos. Mas ela não tinha tempo agora para essas memórias.

— Isso não importa agora. É mais importante desvendar este quebra-cabeça atual.

Sua sogra, que estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, inclinou-se e colocou a mão sobre a dela.

— Esqueça isso agora, Otilia. O médico lhe disse descansar.

— Como conseguirei descansar? Já estou me sentindo bem melhor e minha mente está agitada. — Ela virou a mão e agarrou os dedos finos. — Aquela criança, Sybilla.

Os olhos negros de Sybilla se estreitaram. — O que tem ela?

Otilia respirou fundo. — Acredito que ela possa estar em perigo.

— Bobagem! — Soltando a mão, Sybilla fez um gesto selvagem. — Então

acha que esse suposto assassino iria tão longe assim?

Otilia a olhou fixamente. — E por que não? Ela se livrou de Isabel sem escrúpulos e pôs um travesseiro na cabeça de Daniel. Ela é venenosa. A senhora mesma disse isso inúmeras vezes.

Sybilla sustentou seu olhar por um momento em silêncio.

— Realmente acha que Protasia é responsável por essas duas mortes?

— Sim. Oh, mas não diretamente. Não creio que ela tenha matado Daniel pessoalmente, e ela não estava em High Rocks. Mas ela, no entanto, tem responsabilidade.

— Acha que ela ordenou isso? Até a morte do neto?

Otilia permaneceu firme:

— Ela pode não ter pedido nenhuma das duas, mas seu governo intimidador semeou o terreno, de fato precipitou esses eventos. Quem empurrou Isabel daquela rocha o fez por instigação de Lady Wem ou, o que eu acho mais provável, na crença de que isso resolveria uma situação impossível que estava deixando todos infelizes.

Sybilla parecia ao mesmo tempo irritada e intrigada. — E Daniel? Atribui os mesmos motivos à pessoa culpada no caso dele?

Otilia afundou-se nos travesseiros. — De jeito nenhum. Essa foi uma proposta totalmente diferente. E nem tenho certeza se o crime foi perpetrado pelo mesmo indivíduo.

Sybilla emitiu um som de frustração. — Agora me deixou completamente confusa. Onde no mundo encontra essas noções, Otilia? E o pior é que acabo acreditando no que diz quando sei que parece ser um absurdo.

Uma onda de diversão iluminou por um momento o lugar escuro no peito de Otilia.

— Admito que parece improvável. Pensaria diferente se tivesse ouvido a velha Janet falando sobre os irmãos. Ela foi excepcionalmente esclarecedora em relação a essa sua Protasia também.

— Ela não é *minha* Protasia, obrigada. Não suporto essa mulher.

Otilia olhou-a nos olhos.

— Por que, Sybilla? Seria ciúme da parte dela? Janet disse que ela não suporta ser eclipsada.

Sua sogra franziu o cenho.

— Isso é entre Protasia e eu.

Otilia olhou-a por um momento, imaginando o que teria acontecido, mas o assunto mais próximo de seu coração surgiu novamente e ela deu voz a ele:

— Eu poderia acreditar em qualquer coisa dela depois da maneira como se dirigiu àquela criança. Ou melhor, ela não se dirigiu a ela. Ela praticamente negou o direito de Pretty existir. Isso me assombra, Sybilla. Acho que ela não daria a mínima se a criança fosse eliminada.

— Tudo bem, Otilia, mas, pelo que disse, ela não estava diretamente envolvida em nenhum desses assassinatos.

De forma urgente, Otilia sentou-se novamente.

— Mas não vê? Se a pessoa, a mulher, acho que agora não há dúvida, se a mulher que decidiu livrar Protasia de Isabel pensou em agradá-la com isso, por que ela hesitaria em livrá-la da criança também?

Sybilla acenou com a mão.

— A criança não é problema de Protasia. A responsabilidade recai sobre o filho, o avô da menina.

— É verdade, mas ouvi da própria boca de Mary Ann que Leo decidiu trancar a criança em algum lugar. Pretty não passará de um esqueleto no armário da família. Deus sabe a que tipo de existência ela será condenada. Agora a senhora compreende a situação?

Sybilla bufou.

— Vejo que tem uma coisa a incomodando, como sempre. Não há nada que possa fazer sobre isso, Ottilia. Nem é da sua conta.

— Sugere que eu ignore isso? E como propõe que eu salve minha consciência?

— Não seja arrogante comigo, minha garota. Conheço-a e suas cruzadas. Pelo amor de Deus, pense!

— Não consigo parar de pensar nela e essa é a dificuldade. Se eu pudesse afastá-la, eu o faria.

Sem falar mais nada, Ottilia ficou olhando para o rosto da sogra. O rostinho encantador com sua moldura de cachos vermelho-dourados sobrepôs-se em sua mente ao rosto muito mais velho. Por que não? Serviria a vários propósitos de admiração. Para o momento. Mas e o futuro? O futuro de Pretty? Uma garotinha inocente, órfã de mãe e pai, com apenas a babá para cumprir os dois papéis – se é que essa mulher Hepsie teria permissão para permanecer com ela – condenada a uma existência solitária e isolada. Privada de afeto familiar. Não que tal afeição pudesse ser confiada, mesmo que ela fosse criada entre os Brockhursts. Pior talvez, submetida ao tipo de tratamento dispensado regularmente pela matriarca do clã. Exceto que a matriarca nem mesmo toleraria sua presença. O que trouxe seu círculo completo para a questão da segurança. Manter a criança viva era a primeira consideração.

— No que está pensando, Ottilia?

A exigência severa a tirou de seu devaneio e ela pronunciou palavras imprudentes:

— Estou pensando que gostaria de adotar Pretty.

Sybilla ficou surpresa. — Perdeu o juízo?

— Droga, Sybilla. Eu não queria deixar isso escapar.

— Agora é tarde. Ottilia, no que está pensando? Francis nunca consentiria.

Fan! Seu coração despencou. Sybilla estava certa, claro. Seu querido marido detestava os Brockhursts. Daria trabalho para convencê-lo. Se ela pudesse. Se ela deveria. A culpa a inundou. Ela sofria só de pensar em impingir a criança para ele. A menos que...

Ela foi arrancada de uma miríade de pensamentos contraditórios pela voz de sua sogra:

— Ottilia, eu sinceramente lhe imploro que pense melhor antes de ceder a tal capricho. A situação da criança pode ser tão lamentável quanto pode enxergar, mas ela vem da pior linhagem possível.

O coração de Ottilia se rebelou. — Mas o que isso significa? Uma criança não precisa ser maculada para sempre pela herança. O meio ambiente e a educação desempenham um papel importante em...

— Não seja tola, minha filha! A menina é criada no ninho daquela mulher. Alguém de sua ninhada acabou bem?

— Sim, há Annis.

— E também tem a Berta.

— Presa em uma terrível proximidade com sua mãe. Claro que ela é maltratada

— Ela é cruel, assim como a mãe. Leo é mal-humorado. Não posso falar pela geração mais jovem, mas garanto que haverá tons de Protasia em todos.

— É muito preconceituosa para julgar. Perdoe-me, Sybilla, mas seu ódio a deixa cega.

Sybilla arregalou seus olhos escuros. — Cega, eu? Deixe-me dizer-lhe uma coisa, aquela mulher fez questão de seduzir meu noivo. Veja bem, não pelo prazer disso, mas com a intenção de garantir Polbrook para si mesma.

Divertida e secretamente chocada, Ottilia a olhou com crescente admiração.

— E ainda assim a senhora se casou com ele.

Sybilla acenou com a mão com desdém.

— Quanto a isso, ela não teve sucesso. Eu os encontrei antes que as coisas chegassem ao pior extremo.

— Deus do céu! Quer dizer que realmente os pegou em flagrante delito?

— Muito próximo. Ambos estavam desgrenhados e a postura em que estavam juntos contava sua própria história. — Sybilla a olhou ferozmente. — Eu nunca tinha contado isso a nenhuma alma até agora. Vai levar isso para o túmulo, Ottilia. Eu nunca deveria ter dito uma palavra, mas deixou-me furiosa com suas bobagens sobre essa Pretty.

Ottilia segurou sua mão. — Não direi uma palavra, prometo. Mas como poderia saber que Protasia pretendia se casar?

— Ela me disse abertamente. — Sybilla abaixou um pouco o tom de voz, como se a memória a esmagasse. — Polbrook retirou-se de cena às pressas. O que acha? Ele estava envergonhado. Eu disse a Protasia o que pensava. Ela retorquiu que não tinha terminado, que o teria apesar de mim, que eu não seria a marquesa acima dela e todo tipo de coisas além disso. Não me lembro da metade dos insultos que ela jogou na minha cara. Basta-me dizer que a deixei reclamar por um tempo. Então dei um tapa em seu rosto e saí.

— Ela tentou de novo?

— Se ela o fez, não teve sucesso. Polbrook foi abjeto em desculpas. Disse que se deixou levar. Eu disse a ele que se sucumbisse novamente, ele poderia esperar ser levado em um caixão e ponto final.

Ottilia não conseguiu conter uma gargalhada. — Isso não tem preço,

Sybilla. Típico de sua parte também.

Um sorriso relutante foi arrancado de sua sogra. — Ele era um homem de bom coração. Sabia que sua conduta foi vergonhosa. Um cavalheiro pode manter uma amante por todos os meios, mas apenas um canalha obtém prazer de uma garota inocente.

— Inocente?

— Ela era gentil, de excelente berço e deveria, digo, deveria, ser imaculada. Além disso, eu valia muito dinheiro para Polbrook. Foi bom para ele não selar seu futuro com Protasia. Teria levado uma vida de cachorro. Senti pena de Wem quando ela conseguiu envolvê-lo.

— Mas ela nunca a perdoou, imagino?

— É mútuo. — Sybilla se endireitou. — Entende agora, minha querida menina, como foi tolice de sua parte sonhar em colocar aquela criança sob sua proteção?

Para Ottilia, isso não era um motivo. Deixar a garotinha ao alcance de tal mulher era um anátema, mas ela não disse nada a Sybilla, que pegou sua mão e a apertou.

— Terá seu próprio bebê e o levará a termo com sucesso.

Uma pontada percorreu Ottilia e ela tentou sorrir. — Talvez.

— Não há talvez quanto a isso. É jovem o suficiente para ter vários filhos.

O tom encorajador falhou em sua intenção, mas Ottilia afastou as dúvidas e as lembranças que se tornavam vivas e que a atormentavam de vez em quando.

— Vamos deixar isso para o futuro. Devo pelo menos garantir que esta criança tenha um.

Havia também a questão inacabada de duas vidas cujo futuro havia sido cruelmente cortado. Mas para este presente, ela precisava dos serviços de seu mordomo. Podia-se confiar em Hemp para garantir a segurança da pequena Pretty.



Ottilia levantou-se da cama, declarando-se bastante recuperada, e sentou-se à mesa com o resto da família para jantar, embora comesse com parcimônia as iguarias oferecidas.

Hemp, convocado a pedido de Ottilia, contou-lhe que havia questionado tanto o laçao quanto a criada em uma tentativa de descobrir se algo poderia ter sido inserido no chá na fonte, mas não deu certo. Nenhum dos dois criados poderia explicar como o chá havia chegado às mãos de Ottilia, tendo deixado a sala depois de depositar os apetrechos sobre a mesa. Mas ele havia coletado um fato de possível interesse.

— A criada Ellen afirma que a Srta. Berta tomou posse de uma das bolsas de linho de Lady Wem.

— Ela estava com um dos sacos de ervas de Mary Ann?

— É o que diz Ellen, milady.

— Mary Ann deu a ela?

— Ellen não sabia dizer. A Srta. Brockhurst saiu do quarto de Lady Wem com ele na mão.

Com isso, Francis explodiu. — Aí está a sua resposta. A mulher é desagradável o suficiente para lhe fazer uma travessura.

— Sim, mas foi feito com intenção, Fan.

— Para avisá-la, sim, mas mesmo assim é cruel.

— O que quero dizer é que, se Berta colocou algo no meu chá, e o fato de ela ter um dos saquinhos de ervas de Mary Ann, não é uma prova, é uma indicação de culpa.

Sybilla pousou o garfo. — Está dizendo que Berta matou Daniel?

— Estou dizendo que quem tentou me avisar hoje matou Daniel.

— E nós falhamos terrivelmente em descobrir qual deles foi — disse Lizzy.

Francis a acalmou: — Pelo menos reduziu os suspeitos, Lizzy. — Ele olhou para Ottilia. — Tudo aponta para Berta ou Lillian, não concorda?

Ottilia não respondeu por um momento, então ela disse:

— As duas estavam na rocha.

Francis a questionou com um toque de aborrecimento:

— E isso significa alguma coisa?

O olhar de Ottilia voltou-se para ele. — Perguntei a elas sobre a morte de Isabel. Se não foi fingimento, ninguém conseguia lembrar quem propôs a expedição. Clarissa confirmou que não foram os homens.

Sybilla fez um gesto de exasperação. — Mas pelo que já disse, o assassino é uma mulher.

— Verdade. Uma mulher que certamente empurrou Isabel. Mas ela também sufocou Daniel?

— Dois assassinos? — A voz de Lizzy saiu com um guincho. — Acha que outra pessoa se aproveitou da primeira morte?

— Começo a pensar que há pouca conexão entre elas, além do fato de que a morte de Isabel deixou Daniel em estado de frenesi.

— Não estou entendendo, tia. Lady Fan foi muito além desta vez.

Francis riu.

— Considere-se com sorte que foi apenas uma vez.

Sybilla ficou irritada.

— Basta! Explique, Ottilia.

Ottilia abriu um sorriso de desculpas.

— Gostaria de poder fazer isso, Sybilla. Estou apenas peneirando pensamentos. — Então ela despertou repentinamente. — Hemp, preciso da sua ajuda.

Ele havia se retirado para o fundo, mas imediatamente deu um passo à frente.

— Milady?

— Temo pela segurança da órfã. Gostaria que protegesse tanto Pretty quanto a babá.

— Ottilia! Nós já falamos sobre isso.

— Confie em mim, Sybilla. Não pretendo que Hemp as traga para cá.
— Trazê-las para cá? — Francis estava alerta e questionador. — Está falando sério?

— Só um momento, Fan, por favor. Hemp, diga a Hepsie para trancar a porta. Então fique de olho, por favor.

— A noite toda, milady?

— Meu Deus, por que, Tillie?

— Porque as pessoas são muito propensas a vagar durante a noite naquela casa.

— Mas honestamente supõe que uma dessas mulheres tentaria machucar a criança? — perguntou Sybilla.

— Eu acredito nisso, vovó. Nenhum deles se importa com a pobre Pretty, exceto a Sra. Maplewood. Acredito que ela estava tentando fazer com que Lorde Wem e sua esposa a levassem. Houve uma discussão em andamento quando cheguei com Vivian... quero dizer, com o Sr. Maplewood. — Lizzy lançou um olhar temeroso a avó, mas esta estava concentrada demais para perceber alguma coisa.

— Ottilia, isso é muito bizarro.

— Eu lhe disse que pretendia manter a criança segura, Sybilla.

Francis olhou de uma para a outra. — Espere, conversaram sobre isso? Não me disse nada a respeito, Tillie.

— Não houve tempo, Fan. — Ottilia voltou-se rapidamente para Sybilla: — Se tivesse testemunhado a confusão quando aquela criança foi descoberta na sala de estar, Sybilla, não questionaria.

— Como assim, tia Ottilia?

O tom de Ottilia tornou-se deliberado. — Lizzy, a mulher que foi induzida a remover Isabel pode facilmente tomar exatamente a mesma decisão em relação à filha. E se o fizer, Hemp descobrirá quem foi.



Hemp não disse a Hepsie que pretendia guardar sua porta, pois não queria assustá-la indevidamente. Ela se assustou bastante com a instrução, entregue no jardimzinho que a babá havia feito um refúgio. Ela o olhou perplexa.

— Por que eu deveria trancar minha porta?

Hemp voltou seu olhar para a criança. Pretty estava sentada na grama sob uma árvore frondosa, empilhando pedrinhas em um lugar e depois reorganizando-as cuidadosamente, uma a uma, em outro. Os cachos dourados escapando por baixo de sua touca branca desenterraram imagens de sua mente. De outra criança no calor de Barbados, concentrada puxando fios de cana-de-açúcar. A dor, nunca longe, voltou a atormentá-lo. Milady imaginou que ele moveria céus e terras para evitar uma tragédia semelhante? Não que essa criança fosse amaldiçoada como Tamasine fora, mas sua dupla perda foi um fardo igualmente hediondo.

Ele se voltou para a babá: — Pelo bem de Pretty, Hepsie.

— Eu não entendo.

Hemp ficou impaciente.

— Não? Então pense, garota. A patroa aqui a recebe bem? Pretty é mais aceitável do que a mãe dela?

O olhar de Hepsie ficou sério, sua voz abafada em resposta:

— Eles não fariam isso! Não à uma criança.

— Milady não está tão otimista.

— Lady Fan acha que eles podem fazer uma maldade dessas? Mas por quê?

— Nem todos, Hepsie. Não são eles, mas ela. Quem ela é, continua sendo uma incógnita, embora eu suspeite que milady já saiba.

A reação dela o levou a confiar em John. O laçao estava cético, mas fez o que ele pediu para que Hemp pudesse entrar na cozinha depois que o resto dos criados estivesse na cama. John deu a ele uma vela acesa.

— Vou lhe mostrar a câmara.

Andar por corredores desconhecidos durante a noite provou ser assustador e um pouco perturbador. Hemp ficou feliz com a vela, embora devesse apagá-la assim que encontrasse um esconderijo adequado. A criança estava alojada em um quarto no andar do berçário, logo abaixo do sótão onde ficava a maioria dos criados.

— Pouco usado hoje em dia — John disse a ele em seu estilo lacônico. — Os jovens estão todos apavorados com a Imperatriz, então os nobres não os trazem a menos que ela ordene. O que ela geralmente não faz. Aqui é a sala de aula. A garotinha está lá dentro.

Ele apontou para a porta ao lado da que estava entreaberta. Hemp passou por ela na sala de aula e ergueu sua vela, olhando em volta.

Duas carteiras ficavam de um lado diante de um quadro-negro. Havia duas ou três cadeiras retas, uma estante e um grande tapete que dava indícios de uso pela atual ocupante. Duas bonecas estavam jogadas sobre ele e blocos de madeira estavam espalhados, junto com um livro com imagens aberto.

Isso serviria a sua vez. Ele não esperava obter conforto em sua vigília, mas pegou uma das cadeiras e a colocou ao lado da porta.

— Vai esperar aqui então?

— Será melhor, eu acho. Vou abrir a porta ligeiramente.

O rosto de John cintilou à luz de sua vela enquanto ele sorria.

— Melhor você do que eu. Não vou desejar-lhe uma boa noite. Acho que vai morrer de tédio.

— Já fiz coisa pior.

Ele agradeceu ao laçao e o observou ir até a escada no final do corredor com galerias. John subiu e Hemp olhou para o andar de baixo. Ele veria qualquer abordagem prontamente deste ponto de vista.

O derramamento da luz do laçao desapareceu e Hemp apagou a vela e esperou que seus olhos se ajustassem à repentina escuridão. Estranho como os ruídos de uma casa ficavam mais altos no meio da noite. Passos acima dele. Com certeza eram de John. Um ronco abafado, uma tosse, o rangido de

madeira se acomodando e então um carrilhão distante. Apenas um, o que deu a Hemp uma indicação bem-vinda da hora.

As sombras começaram a se separar em formas que ele podia reconhecer. Uma luz fraca filtrada de algum lugar. Uma claraboia acima? O suficiente para ele ser capaz de distinguir a balaustrada, a escada e a curva antes que o corredor abaixo fosse obscurecido pela parede. Ele veria qualquer um chegando antes que pudessem vê-lo ali espionando. Sua coloração escura natural era uma vantagem distinta nesta situação.

Hemp recuou para a sala de aula. Ele tirou os sapatos e os colocou de lado, ajustou a cadeira para que pudesse colocar o pé logo na entrada e fechou a porta o máximo que isso permitiu. Ele se acomodou para esperar.

As horas passavam. Nenhuma perturbação ocorreu, no entanto, em sua mente nublada, vagavam rostos há muito esquecidos sob um céu sem nuvens no calor sufocante que pressagiava uma chuva pesada. Ele estava andando por entre as canas altas, com a mão dela na sua enquanto traçava um caminho e rapidamente perdeu o rumo. A chuva veio sussurrando e ele acordou, momentaneamente confuso sobre onde estava.

Hemp se sacudiu para acordar, absorvendo os sons dos primeiros movimentos do início da manhã. Camas rangendo. O farfalhar de uma cortina. Um pigarro. Um suave tamborilar de pés descendo as escadas.

Ele ficou alerta imediatamente. Todos esses sons estão muito perto. Reorientando-se em sua mente, os sons vinham de baixo, não de cima de onde os criados dormiam. Uma luz cinzenta penetrava pela porta da qual ele tirou apressadamente o pé, em vez de olhar para a abertura estreita e esticar o pescoço para ver ao longo do corredor cheio de galerias. Uma sombra cruzou sua visão.

Ele recuou, fixando o olhar na porta da qual Hepsie e a bebê dormiam. A sombra reapareceu, formando uma figura, furtiva e silenciosa. Parou diante da porta.

O coração de Hemp acelerou e ele ficou tenso, segurando o corpo e a respiração. Envolta em um roupão, a figura era indubitavelmente feminina, com um rabo de cavalo escuro formando uma linha grossa que se projetava sob uma touca. Enquanto Hemp observava, uma mão agarrou a maçaneta. Virou-a. Inclinou-se e empurrou a porta, que resistiu. A mão foi removida. Um momento se passou e ela tentou novamente. Confusa com a necessidade de discrição? A porta resistiu.

Um murmúrio baixo veio: — Trancada. Moça maldita.

Ela ficou parada por um momento que vibrou nos nervos de Hemp enquanto se alongava. Então ela se virou e deslizou para longe.

Hemp esperou pelo som revelador que dizia que ela estava na escada e então se levantou, finalmente respirando fundo. Ele abriu a porta com cuidado e olhou para fora. A figura chegou ao final da escada e deslizou para o corredor, desaparecendo de vista.

Hemp a seguiu tão rapidamente quanto ousou, sem fazer barulho com os

pés calçados com meias. Ele subiu o nível mais baixo a tempo de avistar a mulher quando ela chegou ao final do corredor. Ela estava indo para a escada principal para o próximo andar? Hemp aumentou a velocidade.

Chegando à galeria principal, ele chegou a tempo de vê-la subir as escadas. Em vez de segui-la, moveu-se rapidamente ao longo da balaustrada lateral, procurando vislumbrar o rosto da mulher. Ele deve ter feito algum barulho porque ela parou na escada. Hemp recuou para as sombras, confiando que sua tez o manteria escondido.

A mulher ergueu a cabeça, olhando para um lado e para o outro, seu semblante pálido e oval no cinza da madrugada. Um oval que Hemp foi capaz de identificar.

Ela não segurava nenhuma arma que ele pudesse ver, mas seu roupão tinha um cinto, uma ligadura útil para um estrangulamento. Ou ela planejava usar um travesseiro? Uma mão segurava a longa camisola para não ficar entre seus chinelos. A outra estava cerrada. Ou ela estava segurando alguma coisa?

Um toque repentino do relógio do andar de baixo quebrou sua imobilidade. Sua mão se moveu, a coisa dentro dela brilhando na luz. Então ela começou a se mover, descendo apressadamente os degraus restantes até o andar de baixo e deslizando para a escuridão do corredor que conduzia aos aposentos principais.

Hemp viu novamente em sua mente o vislumbre de qualquer objeto que ela segurava na mão. De vidro? Um peso de papel? Milady tinha julgado corretamente novamente. Berta Brockhurst tinha, de fato, intenções maléficas.



Capítulo 16

— **Berta? Tem** certeza, Hemp?

— Eu vi o rosto dela claramente, milady.

Ottília sentiu um peso se afastar. Ela tinha avaliado corretamente então. Restava apenas uma coisa para ser estabelecida e então ela poderia se livrar desse caso problemático. Uma pontada de lembrança levou a uma pergunta:

— Como está a bebê? Conversou com Hepsie?

— Milady?

Hemp estava parado perto da lareira onde ela o encontrou depois que Joanie chegou para acordá-la. Ele devia estar cansado, pois sua atenção estava divagando. Ottília repetiu sua pergunta:

O olhar do mordomo voltou à vida. — Achei melhor não ficar na casa para não ser visto pelos criados. Nem queria perturbar o descanso da criança.

Ottília reprimiu um pouco de sua decepção. — Fez certo.

— Gostaria que eu contasse a verdade a Hepsie?

— De jeito nenhum. Trancar a porta já é o suficiente. Não queremos assustar a pobre garota e deixá-la fora de si.

Hemp se endireitou com um esforço óbvio. — Aquela moça é forte. Acho que ela não se assusta facilmente.

— Vá para a cama, Hemp. Está exausto.

Um leve sorriso apareceu em seu rosto. — Cochilei um pouco.

Ottília tocou seu braço. — Obrigada. É inestimável. Mas agora vá. Não vou mais segurá-lo.

Ela o observou partir e se virou para o quarto. Na porta ela mudou de ideia e foi até a janela aberta e sentou-se ali. Tyler ou Joanie devem ter levantado as persianas e aberto as venezianas para deixar entrar o sol da manhã. Estava intermitente hoje, o céu cheio de nuvens flutuantes. Ela olhou para o relógio sobre a lareira. Ainda não eram nem seis? Não adiantava voltar para a cama. Ela não conseguiria dormir novamente. Seu olhar vagava pelos The Walks desertos abaixo, mas sua mente permanecia em dilemas parecidos: como apresentar suas descobertas e se deveria seguir os ditames de seu coração.

Isso em si representava outro dilema. Ela não era, nunca poderia ser, a única dona dessa decisão. Sem o consentimento, na verdade, o apoio de Francis, não havia esperança de prosseguir. A certeza, carregada de culpa

de que ela não deveria nem mesmo pedir isso a ele havia entrado em seus sonhos. Melhor se concentrar em outras questões e conter o desejo da melhor maneira possível.

A descoberta de Hemp confirmou o que ela suspeitava. No entanto, restava o problema de Lillian. Mas por uma circunstância, ela se encaixava perfeitamente na imagem. O problema era que não era perfeita. Era distorcida, cruel até. E nenhum deles acreditaria. Muito menos Annis Maplewood, que manteve uma certa ingenuidade em face de possuir um conjunto particularmente desagradável de parentes.

— Tillie?

O fio de culpa semi reconhecida a fez estremecer. Ela se virou rapidamente. Seu marido estava parado perto da porta, o roupão, vestido descuidadamente, deixado aberto sobre a roupa de dormir.

— Eu o acordei?

— Não sei. Fiquei preocupado quando vi que tinha se levantado. — Ele veio em sua direção. — O que está fazendo?

Ottília desviou o olhar para a janela, tomada por uma crescente ansiedade. Ela era uma miserável por guardar segredos. Tentou responder em um tom neutro:

— Hemp voltou. Ele viu Berta tentando abrir a porta.

Francis a alcançou, passou um braço sobre seus ombros, em meio à angústia.

— Acha que ela estava atrás da criança?

— Ela estava armada com um peso de papel de vidro. Se ela tivesse entrado, acho que teria desabilitado a babá primeiro.

Seu rosto mudou. — Está tremendo, Tillie. Está levando isso a sério?

Sua garganta doía. Ela encontrou seu olhar perturbado.

— Ela é apenas um bebê, Fan. A coisinha mais doce deste mundo. — Suas lágrimas transbordaram e as palavras saíram: — Eu a quero, Fan! Eu a quero tanto!

Ele não falou nada, mas seus braços a envolveram e ela chorou em seu peito. O bálsamo disso guerreava contra sua consciência furiosa. Logo os soluços diminuíram e ela foi capaz de se afastar. Francis enfiou a mão no bolso do roupão e tirou um quadrado de linho. Ottília pegou-o dele e aproveitou, desejando que ele dissesse alguma coisa. Ela o sentiu se segurando e seu silêncio a obrigou a se virar para explicar:

— Não ousei falar sobre isso contigo.

Ele se encostou no parapeito da janela, as sobranceiras franzidas. — E por que não? Acha que não sei que ainda anseia por um filho? Ainda sente a perda?

Ela encontrou a mão dele e segurou-a com força. — Mas eu não esmoreci, meu querido.

— Ainda não. — A contração veio em sua sobranceira. — Apesar dos meus melhores esforços.

Uma risada aquosa escapou dela, mas a diversão durou pouco.

— Fan, talvez eu nunca mais engravide. Patrick me avisou que isso poderia acontecer.

— Ele me disse que não havia motivo que não engravidasse novamente. O único aviso era para lhe dar tempo para se curar.

Otilia soltou a mão dele. — Ele não queria preocupá-lo.

O tom de sua esposa tornou-se brusco:

— No entanto, diz que ele escolheu preocupá-la.

— Ele é meu irmão, Fan. Patrick nunca mentiria para mim.

— Eu disse que ele mentiu?

— Deu a entender. Ou acha que estou inventando?

Ele soltou um suspiro.

— Não sei o que pensar. É um estratagema para reforçar esse seu capricho?

O coração de Otilia estremeceu. — Por favor, não fique com raiva de mim, Fan. Eu não queria contar-lhe.

— É justificável.

Ele se virou e foi pegar o sino, tocando-o com um toque de violência. Otilia engoliu em seco as palavras que imploravam para serem ditas. Ela não deveria dizer mais nada. Não nesse momento. Estava claro que seu marido estava se esforçando para manter seu temperamento volátil sob controle. Ela não tinha ideia de como seria?

Joanie entrou apressada e ficou aliviada ao ouvir Francis pedir café.

— E feche a porta quando sair, por favor.

Privacidade? O coração de Otilia se afundou. Ele pretendia desabafar com ela. Ela permaneceu onde estava, contemplando as Pantiles, onde um dos primeiros caminhantes estava agora passeando e duas criadas se apressavam, carregando cestas pesadas.

— Estava falando sério?

Ela foi tentada a negar, apenas para evitar a tempestade que se aproximava, mas a lembrança do rostinho aterrorizado a fortaleceu para a verdade.

— Sim, Fan.

Ela encarou por um momento, os olhos escuros sérios.

— Tem noção do que está me pedindo? Não é como contratar Hemp Roy. Não pode socorrer todas as crianças desamparadas que encontrar, Otilia.

Otilia? Oh, Fan. Ela se sentia deslocada. E era exatamente isso que ele devia estar sentindo. Ela suavizou no instante e se levantou, indo até ele. Ela encontrou a hostilidade latente em seus olhos e colocou a mão em seu peito.

— Não estou pedindo, Fan. Sei que não tenho o direito de fazer isso.

Seu olhar permaneceu duro. — Então por que mencioná-lo?

— Porque está apodrecendo dentro de mim, meu querido, e não suporto guardar-lhe segredos.

Sua boca se contorceu. — Não poupe a adaga, sim?

Sua mão caiu. — Estou tentando ser honesta contigo, Fan.

Seu tom foi cortado: — Eu sei. Isso não ajuda.

Ela recuou, dando-lhe espaço instintivamente. — É porque ela é uma Brockhurst? É isso?

— Também, mas não é só isso. — Sua língua a açoitou. — Sempre faz isso, Tillie. Trabalha com o amor que lhe tenho e me distorce para seus desejos. Mas isso não. Não assumirei o fardo do filho de outro homem. Nem mesmo por sua causa.

A dor era profunda, mas Ottilia a acolheu, acalmando sua consciência. Ela sabia que não devia responder a ele.

O alívio veio na abertura da porta, trazendo Tyler carregando uma bandeja com o bule e os apetrechos necessários. Ottilia sentou-se em sua cadeira habitual, sentindo-se cortada. Assim que o laçao pousou a bandeja, Francis se lançou sobre ela, dispensando Tyler com uma palavra. Ottilia observou-o servir, seus movimentos espasmódicos impregnados de frustração.

Suas afeições vieram à tona. Com a confissão, o anseio desesperado diminuiu um pouco. Ela recebeu a xícara e o pires do marido e esboçou um sorriso hesitante.

— É melhor não falarmos mais sobre esse assunto, não acha?

Ele soltou um bufo. — Considera-me um idiota?

— Sabe que não.

— Então não fale como a tola que sei que não é. Sabe muito bem que há muito mais a ser dito. — Ele mudou as palavras e pegou sua própria xícara, sentando-se na cadeira oposta e bebendo vários goles.

Ottilia deu um gole, com os nervos à flor da pele, apesar de todos os desejos de manter a calma. Enquanto ela esperava o que ele poderia lhe dizer a seguir, ocorreu-lhe que ele havia captado seu desejo muito rapidamente. O que ela disse? Ela tentou se lembrar. Falou apenas em querer a Pretty? Ela não disse nada sobre levá-la. A implicação a atingiu. — Sybilla me traiu!

Francis pousou a xícara e olhou para o outro lado. — Mama estava perturbada.

— Perturbada? Por minha ou por sua causa?

Seus ombros se moveram. Desconforto? Provavelmente sim.

— Tem todo o direito de estar furiosa. Eu disse a ela que ficaria.

— Suponho que sim. Devo supor que tem refletido sobre isso desde então. Já se decidiu contra mim.

Ele pousou a xícara. — O que esperava, Tillie? Fala sobre pegar uma criança aleatória...

— Dificilmente aleatória. Ela perdeu os pais e seus parentes a detestam.

— Não sabe disso.

Ottilia sentou-se, deixando de lado o café, agora urgente. — Nenhum deles a quer, Fan. Lorde Wem falou em trancá-la em algum lugar, longe da vista da família. Por que não conosco? Pelo menos ela seria amada!

— Por você?

Ottilia foi interrompida. Ela hesitou. Não, diga, Ottilia. Não há mais segredos.

— Meu amor por você nunca diminuirá, Fan, mesmo que amasse uma criança.

Ele se endireitou em um estrondo. — O quê? Acha que eu estou com ciúme? Não seja ridícula.

— Então o que é? Disse-me que não ficaria sobrecarregado com o filho de outro homem, mas, e se nunca tivermos um filho nosso?

— Ainda é cedo, Tillie. Temos tempo suficiente.

Ela caiu um pouco. — Está falando como a Sybilla.

Ele ignorou a acusação.

— Mesmo que eu estivesse disposto, não consigo ver Wem concordando com isso. A criança é sua responsabilidade e ele não tolera nenhum de nós. Além disso, Lizzy disse que a Sra. Maplewood está determinada a persuadir aquela tal de Mary Ann a levar a criança.

O coração de Ottilia gelou. As palavras vieram espontaneamente a seus lábios:

— Isso infelizmente não será possível.

— Por que diabos isso não seria possível? Ela é a avó da menina.

Ottilia perguntou com certa deliberação: — Gostaria de viver com a mulher que matou seu pai?

Ele franziu as sobrancelhas. — O quê? Não pode ser, Tillie.

— Mas é isso, Mary Ann foi quem sufocou Daniel.

Uma batida à porta da frente desviou a atenção de Ottilia da resposta explosiva de seu marido. Ela olhou para o relógio.

— Não pode ser Lizzy ou Sybilla. O que houve agora?

Francis se levantou e se dirigiu à porta.

— Sem mais alarmes, pelo amor de Deus!

Abriu a porta e Ottilia escutou os passos e os murmúrios baixos que vinham de baixo, um murmúrio subindo no peito e um medo que se apoderava. Com Hemp fora do caminho, será que Berta conseguiu o que queria, afinal?

— Maldição — disse Francis, quando ele voltou para a sala. — Essa sua babá trouxe a criança aqui.

Mas a missão de Hepsie provou não ter influência na discussão acrimoniosa. Ela entrou na sala e fez uma reverência com a bebê firme em seus braços.

— Desculpe-me, milady, mas eu tinha que vir.

Ottilia havia se levantado à sua entrada, seus olhos indo imediatamente para a cabeça da menina sonolenta apoiada no ombro da babá.

— O que aconteceu, Hepsie?

— É a mãe do mestre, milady.

— Mary Ann? — Uma terrível premonição percorreu Ottilia.

— Sim, milady. Sua Senhoria não conseguiu acordá-la. Ela está morta.



O silêncio era palpável. Não era o silêncio de uma casa adormecida.

Tampouco havia os sons usuais de atividades domésticas precoces. A criada que abriu a porta parecia apavorada.

Ottília buscou uma calma que não sentia, encontrando em algum lugar um sorriso.

— A Sra. Maplewood, por favor.

A garota mexeu na maçaneta da porta, olhando para dentro da casa.

— Não sei se ela pode ver alguém.

— Ela vai me ver. — Ottília pôs a mão na da criada. — Venha, minha querida, eu sei o que aconteceu aqui e vim para ajudar.

Com isso, a garota soltou um soluço estrangulado.

— É terrível, senhora. Não posso mais ficar aqui. Disse isso ao Sr. Lamport.

Aproveitando-se, Ottília empurrou-a delicadamente para dentro da casa, envolvendo-a com o braço e apertando-a.

— Deve estar sendo horrível para todos, mas tenho certeza de que o Sr. Lamport precisa de seu apoio neste momento difícil. Venha, minha querida, enxugue os olhos. Onde está a Sra. Maplewood, por acaso sabe?

A criada fungou, passando a manga sobre o nariz. — Eles estão todos na sala de café da manhã. Tomamos chá e café, e Cook está preparando pãezinhos quentes. Disse a ele que ninguém vai comê-los. Sei que eu não conseguiria engolir um pedaço.

Enquanto ela falava, Ottília a empurrava para a escada, fazendo ruídos tranquilizadores. Ela não podia deixar de querer poder acalmar seu próprio coração machucado, mas isso deveria esperar. Francis, ainda mais brusco pela presença da pequena Pretty, havia optado por avisar a mãe antes de seguir Ottília.

— Não há necessidade, Fan. Não estou em perigo agora.

— Mas eu vou. Estarei alguns passos atrás — disse ele, determinado, o tom suavizando a dor em seu peito.

— Como quiser. Não vai se opor se eu deixar Hepsie e a criança sob os cuidados de Joanie?

Ele não tinha olhado para ela, concentrado em sua gravata.

— Não sou um monstro Brockhurst, Tillie. Faça como achar melhor.

Ela sentiu que isso saiu relutante, mas pelo menos seria feito com o consentimento dele. A babá estava obviamente aliviada por ter sido poupada de retornar imediatamente à casa atingida.

— Obrigada, milady. Posso dar um pouco de leite à bebê?

— Claro que sim, minha querida. Joanie fornecerá tudo o que precisar. Por favor, fique aqui até eu voltar.

Ottília desejara muito aliviá-la de Pretty por um tempo, para segurar a menina apenas uma vez, mas não havia tempo. Ela deveria se vestir rapidamente. E Pretty, sem dúvida, hesitaria em se separar de sua babá, a quem ela se agarrava, olhos grandes observando o ambiente estranho, os rostos estranhos, um olhar neles de perplexidade e medo. Não era de admirar,

pobre coitada.

Por insistência de Francis, Ottilia foi acompanhada por Tyler, instruído a permanecer até que seu marido se juntasse a ela na casa dos Brockhursts. Ela o deixou no corredor, subindo com a criada até o primeiro andar e entrando em aposentos que ela não tinha visto antes.

Estava lotado, mas um olhar serviu para informar a Ottilia que nem todos os membros da família estavam presentes e, todos os que estavam lá, um por um, estavam em trajes desleixados. As mulheres estavam presentes, mas não havia sinal de Lorde Wem ou de seu irmão Godfrey. Ottilia avistou Julius, agora duplamente enlutado, sentado em uma cadeira perto das janelas, sua esposa Clarissa ao lado dele. Marcus estava na grande mesa redonda, bebendo de uma xícara e conversando em voz baixa com sua mãe Lillian. Berta e Annis se esforçavam para lidar com a viúva Lady Wem, que estava em uma cadeira perto da mesa e se entregava a um monólogo murmurante que soava, aos ouvidos de Ottilia, perigosamente próximo da histeria.

Ninguém notou sua entrada, e a criada estava muito distraída para pensar em anunciá-la. Ela levou um momento antes de chamar a atenção para si mesma, observando mais de perto o trio que incluía a viúva Lady Wem. *A única Lady Wem agora*, refletiu Ottilia.

Ela não parecia ser afetada pelo que as filhas diziam, parecendo estar fechada em seu próprio mundinho. Ottilia se esforçou para ouvir e conseguiu captar alguns trechos.

— Eu serei a próxima, eu sei... ninguém aqui ficará satisfeito... não comerão nada, não beberão nada...

A essência era muito parecida com o que se poderia esperar. Essa terceira morte a deixou aterrorizada. A Velha Janet não mencionou que esse era seu maior medo? Na verdade, ela não corria perigo. Ottilia estava prestes a se aproximar para lhe dizer isso quando alguém falou ao seu lado. — É inevitável, devo supor, que se materialize, Lady Fan. A senhora é onisciente?

— Sr. Maplewood! — não tinha reparado que ele não estava entre os demais. Ela se concentrou novamente. — Não, de fato, sir. Hepsie me contou.

Seu olhar leve encontrou o dela. — Espero que Lady Elizabeth não a tenha seguido.

— Pelo que sei, não. Mas meu marido chegará em breve.

— Aqui não é lugar para Eliza. Gostaria que ela ficasse longe do clã Brockhurst.

Ottilia ficou irritada. — Então sugiro que lhe diga isso, Sr. Maplewood.

Ela o deixou assim que disse tais palavras para abordar sua mãe, mas Annis já a tinha visto. Ela acenou, avançando um pouco para encontrar Ottilia. Estava agitada e com os olhos vermelhos. — Não sei como descobriu, mas não poderia estar mais aliviada em vê-la, Lady Francis. O que, eu lhe pergunto, deve ser feito disso? Primeiro Daniel. Agora Mary Ann. Não posso suportar isso!

Ottilia pegou as mãos que lhe foram estendidas e apertou-as sem

desperdiçar palavras:— Diga-me, alguma carta foi encontrado?

— De Mary Ann? — O olhar da Sra. Maplewood se aguçou. — Acha que foi suicídio?

Otilia a soltou. — Sem dúvida.

O filho a interrompeu de maneira brusca e rude: — Por causa de Daniel? Ela não poderia viver com a dor? Mas isso é o que eles disseram do próprio Daniel, o que se provou ser uma crença fútil.

Otilia olhou atentamente para os dois rostos. Seria um bom momento? Fazia sentido esperar? Então ela se decidiu:

— Ela não conseguiria viver com a culpa.

O choque se espalhou pelos rostos da mãe e do filho. Obstinadamente, ela continuou:

— Além disso, assim que o resultado da autópsia chegou, Mary Ann soube que seria descoberta.

Otilia percebeu que as várias discussões silenciosas em andamento haviam se extinguido. Todos eles a ouviram?

Um olhar encontrou Marcus olhando boquiaberto. Lillian tinha ficado branca. Berta, previsivelmente, a olhava com raiva. Até mesmo o murmúrio da viúva Lady Wem havia cessado, uma carranca se formando em suas orbes que a olhavam. Apenas Julius, curvado pela dor, havia desmoronado, embora Clarissa, empenhada em confortar seu esposo, agora estivesse olhando fixamente para Otilia.

Ela se voltou para os Maplewoods: — É por isso que perguntei se havia alguma carta.

Annis estava com a mão pressionada contra o peito.

— Uma confissão?

— Nada foi encontrado. Ou, se foi, tio Leo não disse nada sobre isso.

— Mas por que diz que Mary Ann...? — Annis se calou e tentou novamente: — Não consigo pronunciar isso. É horrível demais. Seu próprio filho?

De repente, outras vozes se intrometeram: — Não acredito nisso.

— Mais de suas suposições sem sentido.

— Está delirando, Lady Francis.

Havia mais na mesma linha, cada vez mais alto. E então a viúva os cortou, de maneira queixosa: — Calem-se! Todos! — Ela apontou o dedo para Otilia. — A senhora! Sente-se. Sente-se ali. — O dedo indicava uma cadeira em frente.

Otilia paralisou. — Acho que, com sua permissão, Lady Wem, prefiro primeiro examinar o corpo de Mary Ann.

Berta se inclinou para a frente, cuspiendo raiva: — Não fará nada disso! Isso é tudo culpa sua. Desde que minha irmã idiota a trouxe, esta família está desmoronando. A senhora com essas suas perguntas e acusações. Quem, em nome dos céus, pensa que é, marchando aqui sem permissão e proferindo tais palavras?

— Berta, fique quieta!

Mas a mulher estava fora de si.— Não vou ficar quieta. Certamente não por sua ordem, irmã! Já não suportamos o suficiente? Essa mulher colocou todo mundo em conflito.

— Já estávamos brigados muito antes de ela chegar, Berta — protestou Annis. — Vai pelo menos deixá-la falar?

— Falar? Falar? A maldita mulher não parou de falar desde o momento em que entrou nesta casa. — Berta voltou-se repentinamente para a viúva Lady Wem. — Deu permissão a ela. Deixou-a sondar e mexer em nossos assuntos particulares. É a culpada. Mary Ann estaria viva agora se não fosse pela senhora!

A verdade disso não pôde deixar de atingir Ottilia, mas a mulher se levantou de sua cadeira, os olhos brilhando, e uma mão vingativa voou para dar um golpe violento na bochecha de Berta. O grito que a filha emitiu foi ecoado pelas repreensões da mãe:

— Ousa me amaldiçoar, não é? Tome isso! Aposto que queria que fosse eu deitada ali, fria, em vez de Mary Ann. Oh, me quer morta, sei muito bem disso.

Berta caiu em soluços violentos, gritando entre eles: — Sim, eu queria isso! Eu a odeio! Arruinou minha vida.

— Arruinei sua vida? Quanta bobagem! Foi aquela que arruinou a minha. Não sei por que ainda a tolero.

— Porque eu faço o que a senhora quer. E lhe digo uma coisa: foi a senhora quem começou tudo! Foi a senhora quem começou tudo!

Ottilia ouviu isso com um salto de satisfação. Seu coração, já acelerado pelo violento ataque que ela havia sofrido, perdeu o ritmo. Não havia tempo para satisfazer seus sentidos, pois as combatentes, gritando imprecações, se aproximavam, arranhando, batendo e até mordendo.

Foram necessários os esforços combinados dos dois jovens e de suas mães para arrastar as mulheres gritando para longe uma da outra. Ottilia se viu empurrada para fora do caminho. Uma olhada pelo local a deixou chocada, pois Julius e Clarissa haviam pulado para se juntar à briga.

Inútil tentar expor seu entendimento naquele redemoinho. Ela abriu a porta e descobriu um bando de criados no corredor, ouvindo o barulho lá dentro.

Eles começaram a se dispersar quando ela saiu, mas Ottilia gritou: — Fiquem!

Duas criadas, um lacaios e um homem vestido de criado hesitaram, olhando para trás.

— Alguém aqui poderia fazer a gentileza de me conduzir aos aposentos de Lorde e Lady Wem, por favor?



O lacaios hesitou à porta. — É melhor eu ir na frente, milady, pois não sei dizer como Sua Senhoria poderá reagir.

— Pelo contrário. — Ottilia esboçou um pequeno sorriso. — Acho que

posso prever com confiança que ele não ficará satisfeito em me ver. No entanto, é necessário que eu entre.

A expressão do homem tornou-se resignada e ele bateu à porta. Nenhuma resposta veio de dentro.

— Parece que ele não está, milady.

— Pode verificar, por favor?

Abriu a porta com cuidado e espiou.

— Não está.

Quando ia fechar a porta de novo, Ottilia estendeu a mão para mantê-la aberta.

— Por favor, permita-me entrar. Presumo que corpo ainda está aí.

O sujeito olhou de volta para a sala e estremeceu.

— Está bem ali. — Ele empurrou a porta, que ficou totalmente aberta e deu um passo para o lado.

Ottilia entrou e seu olhar foi imediatamente para a figura imóvel deitada na cama de dossel. Ela se voltou para o lacaio:

— Dê-me dez minutos e depois encontre Lorde Wem e peça-lhe o favor de algumas palavras. Depois venha até mim, sim?

O lacaio assentiu e partiu em sua missão. Ottilia fechou a porta atrás dele. Se alguém perturbasse seu exame, ela os ouviria entrar.

Aproximou-se da cama com um sentimento de pena no peito. A mulher cometeu o mais grosseiro dos crimes, mas sofreu por isso, queimando de remorso e arrependimento. E seus motivos, se Ottilia os interpretou bem, nasceram do afeto.

Ela não parecia dormir pacificamente, como seu filho, embora seus olhos estivessem fechados. Suas feições de cera exibiam uma expressão de extrema aflição, embora não houvesse nenhuma distorção que sugerisse convulsões. Uma pequena trilha avermelhada era visível, saindo de cada olho e descendo pelas bochechas, seguindo ao longo do sulco ao lado do nariz até o lábio onde a espuma havia secado. Sangue e lágrimas?

Mary Ann sabia exatamente o que tomar. Beladona? Ela quase certamente havia usado um dos narcóticos soporíferos. Acrescentando com toda a probabilidade a mandrágora que ela dera ao filho para induzir o sono antes de receber todos os efeitos do veneno. Tempo suficiente para chorar antes de entrar em coma.

Ottilia endireitou-se. Não havia mais o que ser observado no corpo. A inevitável autópsia revelaria qual erva havia sido ingerida e quaisquer estragos causados nela.

Agora para a carta. Se houvesse uma. O fato de não ter sido mencionada sugeria que Lorde Wem não estava em condições de procurar por uma. Mary Ann não facilitou deixando a coisa em um lugar óbvio. Debaixo do travesseiro, talvez? Ela agiu o melhor que pôde sob a pressão feita pela cabeça pesada. Nada. Em algum bolso? Mary Ann estava de camisola, então onde estava o vestido que ela usara no dia anterior?

Procurando, Ottilia encontrou a roupa de dormir de um homem descartada sobre um baú aos pés da cama. Então Lorde Wem pelo menos teve tempo para se vestir. Ela viu uma pilha de roupas em uma cadeira no canto. Ottilia pegou as peças de um vestido de cor escura, uma anágua, espartilho e uma camisola. Sem bolsos? Ela ainda estava usando-os?

Voltando ao corpo, ela apalpou as laterais da cintura sem resultado. Em um impulso, ela deu um tapinha no peito. Uma ruga sob os dedos fez Ottilia sentir uma onda de empolgação. Deslizou a mão pela gola da camisola, encolhendo-se um pouco ao toque da carne fria e da pele flácida do seio da morta. Seus dedos pegaram uma ponta de papel e ela o puxou.

Uma missiva dobrada, lacrada e endereçada com mão trêmula a “Meu Querido Leo”.

Ottilia olhou para a carta com uma espécie de admiração fascinada. Mary Ann havia se preparado bem. Um fim perfeitamente executado para uma mulher cuja mente estava um tanto desequilibrada quando cometeu o ato.

Embora os dedos de Ottilia coçassem para quebrar o selo, não havia justificativa para isso. Em vez disso, ajeitou as roupas de Mary Ann, puxou as cobertas e cobriu a cabeça da mulher com o lençol, escondendo o estado lamentável de suas feições.

Ao sair do quarto, quase esbarrou no marido que estava do lado de fora, acompanhado pela mesma criada que a havia deixado entrar na casa.

— Francis! Assustou-me.

— Vim assim que contei a notícia à Mama. — Ele olhou do rosto dela para o papel em sua mão. — O que é isso?

— É para Lorde Wem. Como sabia onde me encontrar?

Ele acenou com a cabeça para a criada, cujos olhos estavam cravados no papel na mão de Ottilia.

— Esta garota me disse que pediu para ser conduzida até aqui.

Ottilia olhou para ele, incerta de seu humor. — Então não estive na sala de café da manhã?

Ele franziu a testa. — Eu deveria?

Uma onda fugaz de malícia iluminou o peito de Ottilia por um momento.

— Não, a menos que queira entrar no domínio do diabo.

Um leve sorriso iluminou a solenidade de suas feições. — É tão ruim assim?

— Pior, mas onde está aquele lacaio? Pedi a ele que encontrasse Lorde Wem e... Oh, aí está!

O sujeito apareceu na passagem atrás da criada. — Sua Senhoria disse que vai vê-la, milady.

Lançando um olhar de surpresa ao marido, Ottilia agradeceu. Pelo menos agora ela tinha um motivo suficiente para enfrentar o enlutado Lorde Wem.

— Isso é que estou achando que é? — perguntou Francis, em voz baixa, enquanto seguiam pelo corredor atrás do lacaio.

— Espero que sim — Ottilia respondeu, também em voz baixa. — Isso me

poupará muitos argumentos se Mary Ann tiver contado ela mesma.



Lorde Wem foi encontrado na pequena sala onde Ottilia falara sozinha com sua mãe dias antes. Parecia uma era agora. Ele estava sentado em uma cadeira perto da janela, seu irmão Godfrey sentado perto, uma mão massageando o braço do homem mais velho. Ambos os homens estavam completamente vestidos, embora seus trajes carecessem de limpeza, como se tivessem se mexido em suas roupas.

O rosto de Leo estava triste, suas bochechas encovadas. Ele não ergueu os olhos quando Ottilia e seu marido foram anunciados. Godfrey se levantou e foi ao encontro deles, sua voz abafada naquela maneira que geralmente se adota na presença dos enlutados:

— Meu irmão está sofrendo, como era de se esperar. Espero que não o detenha por muito tempo.

Ottilia falou em um tom normal:

— Não estou aqui para afligir Lorde Wem.

— Ela está aqui para ajudar, sir — disse Francis, como de costume, se irritando ao ouvir seu nome, apesar da dissensão subjacente entre eles.

Seu coração se aqueceu um pouco, mas ela tinha algo para fazer ali. Ela passou por Godfrey e ocupou seu lugar vago, começando sem preâmbulos.

— Milorde Wem!

Se ela pretendia chamar a atenção dele, conseguiu. Leo começou, levantando a cabeça rapidamente e olhando-a com olhos vazios.

Ottilia mostrou a missiva lacrada.— Encontrei isto escondido sob a camisola de sua esposa, sir. Estava no peito dela. — Seu aspecto não mudou, mas sua mão se ergueu e ele a pegou dela, segurando-a entre os dedos. — Está endereçada ao senhor. Veja.

Ela apontou para a inscrição. Seu olhar mudou e uma voz áspera saiu:

— Mary Ann?

— Sim, sir. Ela queria que a lesse. — Estava claro que ele estava muito entorpecido para pensar por si mesmo. Godfrey havia dado permissão para sua entrada? — Quebre o selo, milorde. O que ela tem a dizer pode confortá-lo.

Ele franziu as sobrancelhas e ele olhou para a carta, que começou a tremer junto com seus dedos.

Godfrey se aproximou, inclinando-se para ele. — Devo fazer isso em seu lugar, Leo?

Com isso, Lorde Wem puxou a carta para o peito, segurando a mão contra ele de forma protetora. Seu olhar, subitamente vivo, queimou seu irmão.

— Ninguém vai lê-la além de mim!

Ottilia interveio: — Abra-a, sir.

Seu olhar voltou para a missiva e seus dedos trêmulos quebraram o selo. Abriu-a e começou a ler. Ottilia se segurava para lê-la. Ela podia ver que as palavras eram abundantes, o papel manchado em alguns cantos. As lágrimas

de Mary Ann provavelmente caíram na tinta enquanto escrevia.

Olhando para o esposo, Ottilia o encontrou carrancudo, seus olhos fixos na carta. Ele havia percebido as implicações dessa nova morte? Ela duvidava que sequer ocorresse a ele se perguntar quem da família poderia intervir com a morte da avó de Pretty. Mas ela não deveria insistir nisso agora. A tarefa que ela tinha que realizar na casa ainda não estava concluída.

Godfrey estava tentando ler a carta de sua posição acima da cadeira do irmão. Pela primeira vez, ele parecia ansioso. Tinha adivinhado que sua esposa foi exonerada da suspeita do assassinato de Daniel pelo destino de Mary Ann?

Lorde Wem chegou ao fim de sua leitura e ergueu os olhos, seu olhar mais penetrante do que quando encontrou o de Ottilia.

— A senhora sabia disso?

Não adiantaria prevaricar: — Só há pouco tempo, sir. Depois que soube que Mary Ann não havia voltado para sua cama naquela noite até bem depois de o relógio bater meia-noite, ocorreu-me que a morte de seu filho pode muito bem ter ocorrido antes do que todos supúnhamos. Sei que sua irmã Berta estava no exterior de madrugada. — Ela olhou para Godfrey. — E imaginei que sua esposa Lillian, sir, pela reação dela ao ouvir que uma mulher foi vista, também sabia.

Godfrey estava carrancudo agora, mas Francis exigiu esclarecimentos:

— Quer dizer que Lillian pensou que foi Berta quem cometeu tal ato?

— Acredito que sim. Ela pode tê-la visto também. Mais cedo, Lillian encontrou Berta na porta de Daniel e a levou embora. Naquela ocasião, Mary Ann ainda estava com Daniel.

Leo falou novamente, sua voz mais forte agora:

— Mas isso é um absurdo! Por que ela deveria fazer tal coisa? Nosso próprio filho!

Ottilia olhou para a carta aberta que segurava frouxamente entre os dedos.

— Ela não diz isso?

Sem uma palavra, ele passou a carta. Ottilia correu os olhos pelo papel. As linhas eram tortas, as palavras apressadas e incoerentes na maior parte. Muito disso foi escrito como uma tentativa de se exonerar ou de outra forma implorar por perdão.

Não pense muito mal de mim, Leo, porque eu ardo de remorso e vergonha... não poderia suportar... Meu Danny não queria viver e esta era a única coisa que eu poderia fazer por ele... Eu devia estar louca... eles vão me punir cruelmente e eu quis ser gentil... acredite, ele não sentiu nada porque eu o fiz dormir... ele finalmente parecia tão tranquilo, meu amado Danny... ninguém poderá machucá-lo agora e esse é o meu único bálsamo...

Em nenhum lugar ela afirmou especificamente que havia tirado a vida do filho, mas as palavras continham a implicação. Ninguém poderia confundir o teor. Não é surpresa que seu marido enlutado não pudesse entender por que ela havia agido assim. Ottilia tentou suavizar o golpe:

— Acho que infelizmente ela tenha entendido mal suas intenções, Lorde Wem. Ela me disse que o senhor estava determinado a mandar Daniel embora. Acredito que a interpretação que sua esposa deu às suas palavras foi que o senhor pretendia encarcerar Daniel como se fosse um louco.

Lorde Wem cobriu o rosto com as mãos, emitindo um gemido agonizante.

— Mas isso não pode ter sido o motivo principal dela — disse Godfrey.

Ottília olhou para seu rosto carrancudo.

— Não, não foi. Ela também estava angustiada com o acidente da nora, com o comportamento da viúva Lady Wem, mas acima de tudo, com a tristeza avassaladora do filho. Acredito que ela não suportaria vê-lo na condição peculiar de pesar que ele exibia. — Ela voltou-se novamente para Lorde Wem. — Talvez facilite para o senhor perceber que a mente de Mary Ann estava desequilibrada na época por essas circunstâncias.

Suas mãos baixaram. — Quer dizer que ela estava tão louca quanto Daniel.

— Nenhum deles era louco no sentido que quis dizer. A dor pode fazer coisas estranhas. Deve saber que a dor de Mary Ann pela morte de Daniel era genuína. Agora é óbvio para mim que, quando falei com ela, ela já havia começado a se convencer de que não o havia feito, ou pelo menos tentou.

— Mas foi ela quem tentou avisá-la, não foi? — interrompeu Francis.

— Sim, porque a essa altura ela começou a perceber que eu estava me aproximando da verdade.

— E a Berta com um desses saquinhos de ervas?

— Ela pode ter pensado em usá-los em Hepsie ou Pretty, mas certamente foi Mary Ann quem adulterou meu chá.

— Isso também? — O rosto de Lorde Wem refletia sua angústia.

Apesar de tudo, Ottília sentia pena dele.

— Foi ditado por impulso, sir. Assim como o ato contra seu filho. Não foi premeditado. — Ela estendeu a carta para Lorde Wem. — Pegue-a, sir. Não acredito que Mary Ann planejou o que fez. Suspeito que ela pretendia apenas sedar Daniel naquela noite.

— Então por quê? — Foi um apelo. — Por que ir longe e sufocar o menino?

Ottília respirou fundo.

— Gostaria de poupá-lo, sir, mas parece que não posso. O senhor brigou com Daniel antes, não brigou? Falou sobre isso quando voltou para seu quarto?

— Falei? — Leo passou a mão pela testa. — Não me lembro agora. Posso ter falado. Tínhamos conversado bastante sobre o assunto. Minha mãe era...

— Ele se interrompeu, respirou fundo e continuou: — A situação estava intolerável. Algo tinha que ser feito. Posso ter falado sobre isso. Sei que falei em mandar Daniel para algum lugar até que ele aprendesse a se controlar, mas se falei isso, então...

Ele se calou e Ottília terminou por ele:

— O que quer que tenha falado, infelizmente acho que ficou gravado na

mente de Mary Ann. Ela foi até ele com a intenção de lhe dar uma bebida sedativa. Atrevo-me a dizer que ele delirou muito antes de beber. Mary Ann estava em um estado de grande perturbação e os vários componentes a levaram longe demais. Ela silenciou Daniel talvez em uma tentativa de silenciar o turbilhão desta casa. Não posso responder por seu estado de espírito, mas não estava racional.

A pouca compostura que Lorde Wem mantinha o abandonou. Um soluço brotou e suas lágrimas caíram.

Ottília se levantou e se dirigiu a Godfrey.

— Vou deixá-lo, sir. Tenho certeza de que suas ministrações serão mais bem-sucedidas.

Godfrey a seguiu até a porta e baixou a voz, embora fosse improvável que fosse ouvido pelo agora soluçante Lorde Wem:

— Pelo que entendi, terminou aqui, então?

Ottília fez uma pausa, assim como Francis, que estava segurando a porta para ela.

— Infelizmente, não, sir. Ainda há mais uma morte a ser contabilizada.

Godfrey piscou bastante.

— Não entendi.

— A Isabel, Sr. Brockhurst. A queda da rocha não foi acidental.



Capítulo 17

Francis acompanhou o ritmo de sua esposa enquanto ela corria pelo corredor, sua mente voando para o confronto que se aproximava. Ele estava feliz por ter escolhido segui-la. Não havia como dizer como essas mulheres reagiriam. Embora o comportamento de Lorde Wem tenha sido manso o suficiente, graças a Deus.

— Acho que sabe quem empurrou Isabel.

Tillie parou abruptamente, voltando um olhar ansioso para ele.

— Ainda não adivinhou?

De repente, as palavras que ela lhe dissera antes que o assunto da criança surgisse saltaram em sua mente.

— Oh! Sim, agora eu sei.

Um sorriso cintilou em seus lábios e desapareceu novamente. Francis sentiu-se desolado quando ela se virou e seguiu seu curso. Sentiu agonia por ter brigado com ela. Ele foi desnecessariamente duro. Como consertar isso quando ele não conseguia satisfazer seu desejo? Ele só podia esperar que esse capricho dela pudesse ser efêmero assim que ela estivesse longe de Tunbridge Wells e do contato com essa família aflitiva. Nada poderia ser feito sobre isso agora. No momento, sua querida esposa era uma mulher em uma missão.

A sala de café da manhã mostrou-se pouco habitada. Aqueles que criaram o inferno de que Tillie lhe contou haviam se retirado? Lá permaneceu a viúva Lady Wem sentada à mesa, vestida em sua púrpura real, mas com uma roupa que parecia ser um roupão. Suas duas filhas também estavam sentadas lá, igualmente vestidas com roupas de dormir. Mas era compreensível a totalidade da companhia. Otilia mostrou-se mais feliz do que desapontada.

— Oh, estão sozinhas. Isso pode muito bem ser uma coisa boa.

A Sra. Maplewood levantou-se.

— Os outros foram se vestir, mas eu não queria deixar mamãe. — Ela reconheceu brevemente a presença de Francis com um aceno de cabeça, mas voltou imediatamente para Otilia. — Encontrou algo?

Otilia aproximou-se dela, olhando para Berta, de lábios cerrados e mal-humorada, e para a viúva, cujo aspecto era medroso, os olhos disparando de Otilia para si mesma e vice-versa enquanto ela falava:

— Havia uma carta. Eu a entreguei a Lorde Wem.

O olhar da Sra. Maplewood ficou alarmado.

— O que estava escrito nela? A senhora a leu?

— Sim, é bastante incoerente, mas não acho que alguém a interpretaria como outra coisa senão uma confissão.

— Então foi ela quem... — A Sra. Maplewood se calou, afundando-se lentamente em sua cadeira e levando a mão à testa. — Não dá para pensar nisso. Sua própria mãe. Oh, pobre mulher.

A viúva Lady Wem endireitou-se.

— Pobre mulher? Pobre Leo, pobre Julius, pobre de mim! A mulher não era digna do título de mãe.

Francis quase pulou quando sua esposa explodiu em uma fúria sem precedentes:

— Então o que diremos de uma avó, senhora? Ela é digna do título? Ela quem exortou a própria filha a se livrar de quem o neto mais gostava?

— O que está dizendo? — questionou a Sra. Maplewood, mas ela foi afogada por Berta, que se levantou de um salto.

— Ah, eu sabia! Eu sabia que iria me culpar!

Alarmado, Francis moveu-se para flanquear Ottilia.

— Ataque minha esposa, mas é por sua conta e risco, senhora!

Um sorriso de escárnio cruzou o rosto da mulher.

— Trouxe seu guardião, não é mesmo? Não tenho medo do senhor, Lorde Francis.

— Pois deveria ter. Não terei escrúpulos em lidar com a senhora como merece se tentar encostar um dedo em minha esposa, por isso o aviso.

— Silêncio, Fan, por favor. — Ottilia pôs a mão em seu braço, mas manteve os olhos em Berta. Seu tom estava mais normal, a explosão no fim. Ou ela se acalmara por causa do temperamento dele, como costumava fazer? — Berta, não adianta discutir. Sei que foi ao quarto de Pretty ontem à noite. Estava armada com um peso de papel de vidro. E por que, se não tinha a intenção de usá-lo? Ouso dizer que o usaria na babá. E quanto a Pretty? Quis imitar Mary Ann e sufocar a criança? — Ela se virou de repente para a viúva. — A senhora é a culpada por isso. Se mandou ou não, eu não sei, mas sua atitude e seu ataque com gritos no outro dia foram suficientes para dar a ideia a Berta.

— Não! Não pode ser! — Havia horror na voz da Sra. Maplewood.

A viúva Lady Wem não disse uma palavra, apenas manteve um olhar malévolo fixo em Ottilia. Não haveria confissão ali. Ottilia pareceu perceber isso.

— Não espero que admita nada, senhora. Deve estar sempre certa, não é? No entanto, a própria Berta a culpou há menos de meia hora, nesta sala. A senhora quem começou, ela disse.

— Sim, ela começou, ela começou! — O tom de Berta estava alto e queixoso.

— Fique quieta, sua tola!

Mas Berta estava de pé.

— Eu não vou ficar quieta! A senhora disse não sei quantas vezes que desejava se livrar da pirralha. Assim como desejou se livrar da maldita mãe dela.

— Agora chegamos ao ponto — disse Ottilia, triunfante. — Por favor, não tente negar sua parte nisso, Lady Wem. Não tinha ideia quando perguntei quem sugeriu a visita às High Rocks. Ninguém conseguia lembrar. A senhora negou todo o conhecimento, mas a senhora mora aqui há muito tempo. Quem senão a senhora pensaria em tal passeio? Berta não. Ela está muito ocupada administrando a casa e atendendo às suas demandas destemperadas. Além do mais, ela odeia e se ressentido de seus familiares, que não fizeram nada para aliviar os horrores de sua vida com a senhora. Não, Berta não pensaria em inventar um passeio em High Rocks. — Seu olhar voltou-se para Berta. — Ou melhor, não até sua mãe colocar a ideia na sua cabeça, não é mesmo?

Berta ficou olhando para Ottilia por vários segundos. Francis quase prendeu a respiração, preparando-se para intervir se ela fizesse um movimento. E então a mulher desabou na cadeira, chorando de forma histérica.

O olhar horrorizado da Sra. Maplewood pousou no rosto de Ottilia.

— Então foi ela? Foi ela quem empurrou Isabel da rocha?

— Era Berta ou Lillian, e Lillian não tinha motivos para fazer isso.

— Oh, meu Deus! — Os olhos da Sra. Maplewood se voltaram para a viúva, que estava sentada como se fosse feita de mármore, sem revelar nada. — Mamãe! Isso é verdade?

Lady Wem, agora com feições duras e frias, voltou-se contra a outra filha:

— Acredite no que quiser. Não tenho nada a dizer. — Então ela se levantou da cadeira e foi em direção à porta. Ninguém fez qualquer movimento para detê-la, mas a Sra. Maplewood levantou-se, olhou para ela e depois lançou um olhar perturbado para a acusadora de sua mãe.

— Como pode deixá-la ir? Ela deveria pagar por isso!

Ottilia passou um braço sobre os ombros da mulher e a afastou da mesa, baixando a voz:

— Não haverá retribuição. É impossível provar, mas acho que vimos o suficiente para ter certeza de que é a verdade.

Berta ainda estava chorando ruidosamente e a Sra. Maplewood a olhou com incerteza.

— Estou me perguntando que ela vai fazer.

Ottilia deu de ombros.

— Nada. Imagino que depois de um intervalo, elas continuarão exatamente como sempre.

A Sra. Maplewood endireitou os ombros.

— Mas o resto de nós não. Quero que todos eles saibam. Vai contar a eles?

Ottilia a soltou e Francis não ficou nem um pouco surpreso quando ela respondeu negativamente:

— Sem ver o que testemunhamos aqui, duvido que alguém acredite nisso.

Francis a interrompeu:

— Aí está a palavra-chave, meu amor. Dúvida. Deixe a Sra. Maplewood contar. Depois do que aconteceu nesta casa, não posso supor que algum dos membros remanescentes da família ficará muito surpreso com qualquer outra coisa.

A Sra. Maplewood olhou-o com aprovação.

— Tem razão, Lorde Francis. Vou contar a eles o que aconteceu aqui esta manhã.



Quando saíram em segurança da casa condenada, Otilia tornou-se um pouco mais aberta:

— Estou feliz que encorajou Annis a contar aos outros.

Francis ofereceu-lhe o braço. — Deixe-a suportar as repercussões. Já fez o suficiente, mas por que isso a agrada?

Ela enfiou a mão na curva do braço dele. — Porque espero que seja o suficiente para quebrar o domínio de Lady Wem sobre a família. Os servos também espalharão o ocorrido.

Francis olhou-a com certa diversão. — O que significa que planeja instar Hemp a deixar escapar isso para os criados domésticos.

Ele ficou satisfeito ao ouvir uma risada em sua voz.

— Conhece-me muito bem. Acho que os dois merecem, não é?

— O quê, ser banido pela nobreza por aqui?

— Oh, não ostracismo. Os fofoqueiros estarão muito ansiosos para espalhá-los e ver como eles reagem. Mas será realmente difícil para Lady Wem dominar a vizinhança como ela faz. Também não acho que ela será capaz de manter a maior parte de seus servos. A criada estava dizendo que não suporta mais ficar lá.

— Oh! E deixando Lady Wem e Berta cozinhando. Quer apostar quanto que uma delas mataria a outra antes do fim do ano?



Lizzy, impedida por Sybilla de perseguir os Fanshawes até a casa na colina, fez perguntas ansiosas enquanto seus tios se acomodavam para tomar um café da manhã tardio:

— Mas ainda não entendi muito bem, tia. Como pode ter certeza de que Mary Ann cometeu o assassinato?

Otilia sorriu. — Era a única resposta adequada. Infiltrou-se em minha mente assim que soube que Lorde Wem tinha ouvido o relógio bater meia-noite antes de sua esposa voltar para a cama. Ouvimos dos criados quais membros da família haviam entrado no quarto e Mary Ann foi a última. Berta foi vista no corredor de madrugada, tarde demais para ser a autora do crime. Daniel já estava morto há várias horas.

Lizzy se recusou a acreditar. — Mas e Marcus? Ele dormia no mesmo corredor. Ele poderia facilmente ter ido atrás de Mary Ann.

— Poderia, se fosse astuto o suficiente ou corajoso o suficiente. Pelo que me disse, além de Francis, parece ser do tipo que usa a língua como arma. Pode ficar muito feliz se alguém fizer isso por ele, mas duvido muito que ele se atreva a fazer algo do tipo.

— O sujeito me irrita completamente — interrompeu Francis. — Mas acho que ele estava sendo sincero quando disse que sua sucessão ao título deve ser uma contingência remota. Concordo, Tillie. Ele não tem estrutura para isso.

Antes que Lizzy pudesse dizer mais alguma coisa, Sybilla interveio:

— Mas suspeitou da mãe, Ottilia?

— Por um tempo. Olhando para trás, acredito que o choque de Lillian foi genuíno quando contei a ela como o rapaz morreu. Além disso, acredito que o amor dela pelo filho é temperado pelo julgamento perspicaz de seu caráter. Ela me disse que é ela quem segura as rédeas. Ela não era cegamente dedicada à maneira de Mary Ann.

— E a própria Protasia? Se ela insistisse com aquela filha mesquinha dela para se livrar da esposa do sujeito...

— Ela não cometeu esse erro, Sybilla. Ela é muito esperta. Ela deu início a isso com seus delírios e forneceu os meios. Conhecia muito bem o caráter de Berta. Ela a tem manipulado para fazer sua vontade há anos. A velha Janet me disse que odiar é odiar. Protasia ensinou sua filha a odiar. Em vez de agradar a mãe, desconfio que ela tentou colocar a família em conflito para agradar a si mesma. Ela não se importou com as consequências e culpou a mãe por tudo.

Ottilia afastou o prato, a porção de ovos mexidos comido apenas pela metade. Ela lançou um olhar depreciativo ao marido.

— Não me repreenda, Fan. Estou com pouco apetite.

— Come como um passarinho, Tillie — retrucou, se desfazendo de uma travessa cheia de presunto e bacon.

— Bobagem, deixe a garota em paz, rapaz! — exclamou Sybilla, impaciente, enquanto Ottilia pegava sua xícara de café.

Lizzy prestava pouca atenção, sua mente ainda estava girando na terrível Berta. Esquecida de seu pecado que a assediava, ela foi direta com seus pensamentos:

— Bem, acho que é uma pena que aquela horrível Berta não seja punida. Afinal, ela não parou em Isabel, não é? Se não estivesse tão alerta, tia, ela poderia ter se livrado da pobre Pretty também.

Um silêncio constrangedor saudou essa explosão. Lizzy notou uma rápida troca de olhares entre Sybilla e Francis, e Ottilia ficou olhando fixamente para o café na xícara em suas mãos. Lizzy sofreu um pontapé na consciência e não conseguia pensar em como desfazer sua gafe.

Em poucos segundos, Francis, levantando-se de sua cadeira, falou palavras obviamente destinadas a acabar com a reunião:

— Precisa descansar, Tillie. Se não está angustiada, eu estou. E acordou cedo também.

Sybilla se levantou, sua atitude era uma clara tentativa de ajudá-lo a

disfarçar o momento.

— Sim, e merece um período de silêncio depois de suportar os horrores de Protasia e sua família abominável. Graças a Deus que acabou.

Otilia não se mexera. Ela olhou para Sybilla. — Acabou?

Ela estava com um olhar preocupado? Sybilla adotou seu tom estimulante: — Claro que está. Acabou com os Brockhursts, minha querida. O que é excelente também. — Seu olhar foi para o filho. — Cuide bem dela, Francis. Este caso foi problemático em vários aspectos.

Ele não respondeu e Otilia ficou igualmente silenciosa, seu olhar fixo em sua bebida mais uma vez. Lizzy olhou de um para o outro, a ansiedade crescendo. Nem tudo estava bem.

— Venha, Elizabeth. Sou a favor de irmos à Sala de Reuniões.

Com isso, a cabeça de Otilia se ergueu. — Para espalhar a história?

Sybilla franziu o cenho. — Quer que eu faça isso?

Francis estava olhando para a esposa. — Disse-me que esperava que vazasse. Não queria que esses monstros fossem desacreditados?

— Sim, mas não pensei que pudesse sair de Sybilla.

— Não, pensou em vazar através dos criados, mas esta não é uma maneira melhor?

— Pelo menos seria verdade e não mero boato — interveio Sybilla. — O que deseja, Otilia? Ficarei calada se essa for a sua preferência, embora vá muito contra a corrente. Nada me agradaria mais do que envenenar o nome dessa mulher venenosa.

Parecia a Lizzy que sua tia estava lutando consigo mesma. Ela parecia desgastada e preocupada. Teria a ver com a pequena Pretty? Finalmente ela falou, em um tom de cansaço:

— Não acho certo mancharmos a reputação deles aqui. Se quer espalhar alguma coisa, basta dizer que Mary Ann morreu.

Sybilla deu uma de suas bufadas.

— Bem, isso vai causar especulação suficiente para a Sra. Trefnant construir. Vou soltar isso casualmente. — Ela se moveu para dar um tapinha no ombro de Otilia. — Deixe comigo, minha filha. Sei exatamente como levantar poeira sem que ela volte para sujar nossa casa.

Francis deu uma gargalhada.

— Eu pago a sua fiança, Mama!

Mas o sorriso de Otilia era superficial e a ansiedade de Lizzy só aumentava. Em um impulso, Lizzy se lançou sobre ela e a abraçou, sussurrando em seu ouvido:

— Querida Lady Fan, eu a amo tanto!

Um sussurro rouco soou em resposta:

— Eu também a amo, Lizzy. — Liberada, ela se levantou rapidamente. — Perdoe-me, mas acho que estou muito cansada. Podemos jantar juntas mais tarde? — Com isso, ela saiu correndo do cômodo.

Convencida de que estava à beira das lágrimas, Lizzy desejou ir atrás dela,

mas a avó a estava chamando, Francis se despedindo, e ela não devia ficar bisbilhotando os assuntos da tia. O episódio trouxe à tona sua própria condição dolorosa e foi realmente difícil suportar com paciência as conversas e exclamações das amigas de sua avó quando tudo o que ela desejava fazer era voar para o lado de Vivian. O que estava fora de questão.



Por fim, Lizzy escapou sob o pretexto de descobrir no Sr. Sprange qual era a próxima peça esperada da companhia da Sra. Baker e aproveitou o tempo para passear pelas Pantiles sob as nuvens apressadas. Teriam acabado os dias de trégua da chuva, junto com o calor dos acontecimentos na casa da colina?

— Eu esperava encontrá-la aqui.

Lizzy saltou, seu olhar disparando na direção da voz conhecida. O Sr. Maplewood estava indo em sua direção por baixo da colunata. Uma agitação atacou seus batimentos cardíacos e o calor subiu para se alojar em suas bochechas.

— Vivian! Eu não sonhava... não esperava vê-lo justo hoje. Como... como estão todos?

Sua careta disse muito quando ele se aproximou. — Nada bem.

— Pelo que minha tia me disse, é extremamente horrível.

Sem pensar, ela estendeu a mão, sem luvas contra o dia ainda quente. Ele a pegou, levou-a aos lábios e deu um leve beijo na ponta dos dedos dela. O coração de Lizzy deu um pequeno salto e ela soltou uma risada ofegante.

— Normalmente não é tão galante, sir.

Um sorriso surgiu. — Senti sua falta, Eliza.

Ela prendeu a respiração. — Sério? Com tudo isso acontecendo?

— Mais ainda. — Para sua decepção, ele soltou seus dedos. — A senhorita é o fermento que torna tudo menos horrível, para usar sua expressão.

Ela deu uma risada que soou oca aos seus próprios ouvidos.

— Estou feliz que pelo menos tenha uma utilidade para mim.

Seus olhos brilhantes seguraram os dela.

— Posso ter mais, mas este não é o momento.

— Não, eu entendo.

Ele pareceu hesitar, olhando para longe e para trás novamente.

— Eu queria encontrá-la porque tenho uma mensagem de minha mãe para essa sua Lady Fan.

A esperança desmoronou.

— De novo? Espero que não tenha acontecido mais nada horrível. Achei que estava tudo acabado.

Seus olhos brilharam.

— Não entre nós, Eliza, então não pense nisso.

Isso foi demais.

— Gostaria que não fosse tão provocador, Vivian. Vai falar em enigmas? Então não vou ouvi-lo.

Ela se moveu para ir embora depois dessas palavras, mas ele a segurou pelo

braço.

— Não faça isso!

Lizzy virou-se para ele.

— Posso não me afastar do senhor, mas está livre para me provocar e confundir o quanto quiser? Não aceito isso, Sr. Maplewood.

Seu lábio tremeu e Lizzy ficou ainda mais furiosa ao ver a diversão dele crescer.

— Agora essa é a Eliza que eu quero lembrar.

— Lembrar? — Perfurada, Lizzy só podia encará-lo.

Seu tom se suavizou:

— Até nos encontrarmos novamente.

— Quando? — Ela sabia que estava sendo ousada e tola, mas disse isso mesmo assim. — Quando, Vivian?

Seu olhar se manteve no dela, mas ele puxou o ar audivelmente e o soltou.

— Boa pergunta. Infelizmente, mais tempo do que eu gostaria. — Um tom mais natural entrou em sua voz: — Eliza, estamos entrando em luto. Comprometi-me a escotar mamãe para casa e de lá viajaremos em família para Wem Hall para ficarmos juntos para os funerais. Meu tio está providenciando para que os caixões sejam levados de carroça.

Lizzy foi imediatamente atacada por uma onda de culpa.

— Claro. Eu deveria ter pensado nisso. Perdoe-me. Foi egoísta da minha parte ser...

— Não, não foi. Se eu seguisse minha inclinação, abandonaria tal compromisso. Estou fazendo isso por Dan.

— Claro que deve ir. — Ela pegou a mão dele, totalmente esquecida das conveniências e de todas as críticas de sua tia ao se expressar livremente. — Sentirei muito a sua falta, Vivian.

Seus dedos se fecharam sobre os dela.

— Bem melhor. Para onde vai depois de Tunbridge Wells?

— Para a casa em Dalesford. A propriedade de papai.

Ele soltou a mão dela e se endireitou, indiferente.

— Pergunto-me se pode receber visitas lá, Lady Elizabeth.

Um brilho iluminou seu peito.

— Apenas as respeitáveis, Sr. Maplewood. Artistas que desrespeitam as convenções devem se considerar persona non grata.

— Sério? Então usarei um disfarce adequado.

Lizzy riu. — Não se preocupe. Papai verá quem é em um instante.

— Assim a senhorita me alarma. Acha que ele poderia ser enganado se eu deixasse crescer um belo par de bigodes?

— Eu deveria pensar que ele iria lhe mostrar a porta. Assim como eu. Mesmo com bigodes!

Seus olhos brilharam com diversão. — Então está resolvido. Vou enfrentar a cova dos leões do jeito que estou.

Lizzy hesitou, examinando-o com desconfiança. — Está falando sério ou

está me provocando?

O velho olhar enigmático apareceu. — Essa, querida Lady Eliza, é uma questão que vou deixar para você julgar.

Ela deu um tapa em seu braço. — Criatura provocadora! Não tenho mais nada para falar com o senhor.

Seu sorriso a envolveu. — Não, não terminou, mesmo que realmente acredite nisso, o que sabe muito bem que não.

Lizzy ergueu as sobrancelhas. — Não tem uma mensagem para minha tia, sir?

Vivian bateu na própria testa. — Fez-me esquecer, mulher miserável. Qual é a hospedagem? Poderia me levar até lá?



Otilia não podia deixar de se alegrar com qualquer distração. Ela havia cochilado apenas intermitentemente enquanto Francis estava inconsciente ao lado dela. Eles não haviam falado sobre o pomo da discórdia entre eles, que ficou mais pesado com o fim das emoções do dia. Na pressão dos acontecimentos, ela havia esquecido a deserção da sogra até o momento constrangedor precipitado por Lizzy. Em outras circunstâncias, ela poderia ter repreendido Sybilla, mas sua consciência era muito forte para contestar.

Em seus momentos de vigília, a mente de Otilia girava para todos os lados, na tentativa de apresentar um argumento convincente ao marido para pelo menos manter a menina segura no alojamento deles por alguns dias. Consciente de que seu desejo estava mais enraizado do que o medo, em grande parte infundado, de que Berta ainda pudesse agir, ela não teve coragem de tocar no assunto.

Foi um alívio quando a fome a incitou a abandonar todas as pretensões a esse descanso espúrio e vestir o corpete e a sobressaia que havia tirado. Seu esposo acordou enquanto ela arrumava o cabelo.

— Que horas são?

Ela manteve o olhar no espelho.

— Não sei, mas estou com muita fome para ficar deitada por mais tempo.

Ele se levantou e se sentou na beirada da cama.

— Isso é o que vem de seu apetite ridiculamente pobre.

Otilia não respondeu quando ele se levantou e foi puxar o sino. Incapaz de suportar o constrangimento, ela se levantou.

— Pedirei a eles que nos forneçam algum tipo de almoço.

Ela olhou para Francis, que pegou seu colete descartado. Ele pegou seu relógio de bolso.

— É melhor que seja apenas um lanche. A hora do jantar não está longe.

— Atrevo-me a dizer que a senhoria tem pão e queijo à mão.

— Carne, Tillie. Um sanduíche vai bem.

— Como quiser.

Ela recebeu um olhar penetrante sob suas sobrancelhas, mas ele não fez nenhum comentário. Otilia saiu apressada do quarto, atormentada pelas

incômodas sensações conflitantes de culpa e desejo. Faltou a habitual deflação do final de uma dessas aventuras, que foi substituída pela perspectiva de perda iminente.

Ela encontrou Tyler vindo em resposta ao sino e fez seu pedido de sustento.

— E café, Tyler.

O lacaio sorriu.

— Nem precisa pedir, milady.

Quando Francis se juntou a ela, a refeição improvisada estava na mesa e Ottilia havia comido meio pãozinho, acompanhado de uma porção de queijo ralado. A visão de seu marido teve o efeito de destruir novamente qualquer desejo de comer, mas ela se forçou a terminar o pãozinho antes de pegar sua tão necessária xícara de café. Francis ergueu os olhos do pão que passava manteiga enquanto ela fazia isso.

— Tem certeza de que já comeu o suficiente?

Ottilia detectou um toque de ansiedade em seu tom, misturado com impaciência. Nem que tentasse, ela não poderia infundir calor em sua voz.

— Como bem disse, o jantar não demorará muito.

Seus dedos pararam de passar manteiga no pão e seu olhar castanho tornou-se abruptamente intenso.

— Tillie, isso não pode continuar.

A dor aumentou.

— O que quer de mim, Fan? Eu disse alguma coisa?

— Não precisa. — Ele fez uma pausa, olhando para ela. — Mas quer, não quer?

De que adiantaria fingir? Ela pousou a xícara e limpou uma obstrução na garganta.

— Não quero que Hepsie leve Pretty de volta para aquela casa.

Ele franziu as sobrancelhas, mas baixou o olhar, retomando seus preparativos com a comida.

— Ela pode ter voltado enquanto dormíamos.

A suspeita rápida acendeu. — Quer dizer que ordenou isso?

Seus olhos queimavam quando ele pegou seu olhar. — Estive ao seu lado o tempo todo. Quando teria tempo? Além disso, me ressinto da ideia de fazer isso sem falar-lhe antes.

O sentimento familiar de culpa forçou Ottilia a desviar o olhar. — Perdoe-me. Eu não deveria ter presumido...

Ele não disse nada por um momento e ela observou discretamente enquanto ele colocava fatias de carne no pão, o fechava e cortava o sanduíche em dois. Ottilia refugiou-se em seu café enquanto ele mastigava em silêncio por alguns minutos. Metade do sanduíche havia desaparecido antes que ele falasse novamente:

— Realmente acha que Berta ainda pode tentar atacar a criança?

Ottilia lutou consigo mesma. Ela não podia mentir para Francis. — Não vou fingir que é só isso, Fan. Ela está extremamente desequilibrada, talvez,

mas provavelmente com muito medo de tentar agora que foi descoberta.

— No entanto, quer a criança sob seus olhos — ele disse, em um tom seco.

— Totalmente sob minha proteção. — Ela ergueu a mão. — Não hesite novamente, por favor. Já sei que não será possível.

Outro silêncio doloroso caiu. Francis terminou seu sanduíche e levou aos lábios a xícara fornecida pelo onisciente Tyler. Ottilia reprimiu um suspiro interior. Um impasse. Como no mundo eles iriam superar isso?

Alguém bateu à porta do cômodo e Hemp entrou. — Milady.

— O que houve, Hemp?

— A babá Hepsie pergunta se ela pode ter uma palavra, milady.

Ottilia tentou não olhar para o esposo. — Claro, Hemp. Diga a ela para entrar.

Ela notou como Francis mudou de posição na cadeira para ter uma visão melhor da porta e seu coração se afundou, mas Hepsie entrou sem a criança. Uma circunstância que imediatamente soltou a língua de Ottilia:

— Onde está Pretty? Não a deixou sozinha, deixou?

A babá fez uma reverência. — Sua criada Joanie está com ela, milady. Vim apenas para agradecer por me permitir deixar a bebê descansar aqui.

Para surpresa de Ottilia, seu marido interrompeu antes que ela pudesse responder:

— Está com medo de voltar para a casa dos Brockhursts, Hepsie?

Ottilia percebeu que a babá parecia cansada e preocupada, mas ela respondeu com bastante frieza:

— Tenho a intenção de trancar a porta novamente, milorde. E enquanto os criados estiverem fora, não temo pela bebê. Vou mantê-la na cozinha ou pedir a uma das criadas que nos acompanhe se eu a levar para fora. O Sr. Roy disse que nos acompanhará de volta, milorde, se estiver de acordo.

Francis assentiu, mas Ottilia recebeu um olhar carrancudo ao fazer a pergunta que queimava em seus lábios.

— Como Pretty está agora? Um pouco mais calma?

Hepsie arriscou um ou dois passos na direção dela. — Ela está quieta, milady, mas não vou esconder que ela não está sendo ela mesma.

— O quê, ela está doente?

— Não, milady. Ela é inquieta e principalmente chorona. Neste momento está feliz porque Joanie inventou um jogo com ela, mas... — Ela fez um gesto impotente e Ottilia sentiu um aperto no coração. Que esperança de paz haveria para a criança no futuro desconhecido planejado para ela? Ainda mais sem uma mãe. Ela estava prestes a se despedir de Hepsie quando seu marido falou novamente:

— Talvez seja melhor se a mantiver aqui por um ou dois dias. Vá com Hemp e traga o que precisar. Ouso dizer que Joanie cuidará da criança por um tempo.

A gratificação atônita manteve Ottilia calada enquanto Hepsie, parecendo muito mais alegre, agradeceu profusamente e saiu correndo com Hemp, que

havia esperado silenciosamente ao fundo. No momento em que a porta se fechou, ela atacou Francis: — Por que, Fan? Estou contente com isso, sim, mas não estou entendendo.

Um leve sorriso surgiu e desapareceu novamente. — Não? Não é seu costume ser obtusa, minha querida.

Ela respirou fundo. — Fez isso para me aplacar?

— Para deixar sua mente tranquila. Além disso, tenho pena da garota. A babá, quero dizer. Voltar para aquele buraco do inferno e ser obrigada a se esconder por medo daquelas mulheres horríveis? Não me importaria de condenar meu pior inimigo a tal destino.

Os sentimentos de Ottilia ameaçaram dominá-la, mas ela os conteve, ciente de que sua voz estava rouca.

— Obrigada, Fan.

Seu olhar estava irônico, mas o que quer que ele pudesse ter dito foi contido quando a voz inconfundível de Lady Elizabeth Fiske soou do lado de fora do cômodo:

— Minha tia está aí, Hemp?

Sua voz profunda respondeu afirmativamente, a porta se abriu e Lizzy irrompeu para dentro.

— Oh, os dois estão aqui. Excelente. Tia Ottilia, o Sr. Maplewood está aqui com uma mensagem da mãe para a senhora.

Um tanto confusa, Ottilia observou o jovem entrar, trocando cumprimentos com Francis, que se levantou para recebê-lo. Uma oferta para beber algo foi recusada, mas por insistência de Lizzy, ela e o Sr. Maplewood sentaram-se à mesa. Lizzy não lhe deu chance de cumprimentar Ottilia, pois começou imediatamente um discurso explicativo:

— Tia, Vivian me disse que os Brockhursts estão todos indo para a propriedade Wem em Salop dentro de um dia ou dois para os funerais, e Lorde Wem está providenciando para que todos os caixões vão para lá, até mesmo o de Isabel.

Ottilia notou o uso do nome de batismo do Sr. Maplewood, mas não teve oportunidade de responder quando seu esposo a interrompeu:

— Pelo amor de Deus, Lizzy, permite que o sujeito fale por si mesmo?

— Exatamente, sir — disse, seu companheiro. — Pare, desista, sua Tagarela!

Pela maneira como a sobrinha caiu na gargalhada, embora o chamando de tonto, Ottilia deduziu que houvera um acerto de contas entre eles. Ou pelo menos uma trégua?

— Que mensagem tem para mim da Sra. Maplewood, sir?

Ele estava olhando para Lizzy com um olhar divertido, mas se virou para Ottilia imediatamente, com ar de desculpas.

— Perdoe-me, senhora. Como pode ver, sou prejudicado a cada passo.

Ele lançou um sorriso para Lizzy enquanto ela choramingava em protesto e Ottilia se tornou o objeto das sobranceiras erguidas de seu marido. Ela deu a

ele um leve sorriso conspiratório e deu início à reunião:

— Sr. Maplewood?

— Ao seu serviço, milady.

— Sua mãe?

A diversão desapareceu.

— Sim, lamento em dizer que não seja uma notícia muito agradável.

A apreensão saltou na mente de Ottilia.

— Então? Por favor, não faça suspense, sir.

Ele acenou com a mão.

— Oh, nada muito terrível, milady. Apenas que minha reverenciada mamãe se preocupa com a pequena Pretty.

O coração de Ottilia disparou e ela lançou um olhar ao marido no momento em que ele franziu as sobrancelhas. Ela conseguiu dizer apenas uma palavra:

— Sim?

O Sr. Maplewood deu de ombros.

— Ela esperava, como acho que a senhora já sabe, persuadir meu tio Leo e Mary Ann a levar a criança. Com... er... os eventos recentes, ela sentiu que era imperativo abordá-lo diretamente.

— Ele acreditou que sua irmã tentou se livrar de Pretty?

— Não sei dizer, milady. Houve muita discussão e protesto. Sem mencionar lágrimas e histeria em vários quadrantes. No final, meu tio disse que tinha muito em mãos para se preocupar com o assunto agora.

Lizzy tirou as palavras da boca de Ottilia:

— Ele acha que a criança é um incômodo? O que ele espera que a pobre Hepsie faça? Ele não poderia dedicar um momento de atenção ao destino da própria neta?

— Oh, ele deu uma atenção momentânea quando minha mãe apontou que a criança dificilmente poderia ser deixada in situ. Ele disse que a criança e sua babá podem viajar com os criados. Elas devem permanecer em Wem até que meu tio tenha tempo livre para lidar com o assunto.

— E por que, diga-me, por favor — disse Francis, entrando na conversa pela primeira vez —, a Sra. Maplewood acha necessário informar minha esposa sobre tais assuntos?

Uma onda de consternação atingiu o peito de Ottilia e o Sr. Maplewood pareceu totalmente surpreso. O olhar preocupado de Lizzy foi de Francis para si mesma e vice-versa. Pouca esperança de deixar de notar a dissensão.

— Porque sua esposa disse que foi Hepsie quem trouxe a notícia da morte de Mary Ann. Eu sabia que ela nunca deixaria Pretty. A questão, sir, é que minha mãe pensou que Lady Francis gostaria de saber que a criança não deveria permanecer sob o teto do crocodilo. Ela espera encontrar uma oportunidade, enquanto estivermos todos em Salop, para persuadir meu tio Leo a deixar a criança sob seus cuidados.

Ottilia não pôde evitar que a expressão saísse de seus lábios:

— Mas ele não vai, Sr. Maplewood. A própria Mary Ann me disse que ele

insistia que a criança não poderia ser criada dentro da família.

— Ah, mas minha mãe acredita que isso foi por causa da influência do crocodilo. Ela está esperançosa de que sua exposição dos crimes de minha querida avó induzirá meu tio a mostrar um pouco de firmeza em seus assuntos com ela.

Otilia encontrou o olhar do marido sobre ela.

— Disse que achava que a influência dela diminuiria, meu amor.

Ela voltou a pergunta para o Sr. Maplewood:

— Deixe-me conhecê-lo melhor, sir. Ele desprezaria a viúva Lady Wem a ponto de oferecer um lar a uma filha desprezada da filha de um comerciante, mesmo que ela nunca fosse sua própria neta?

O Sr. Maplewood não respondeu de imediato, evidentemente pensando um pouco. Lizzy ficou impaciente e ecoou o ceticismo no peito de Otilia:

— Então, Vivian? Pode honestamente supor que Lorde Wem tem gentileza suficiente?

Um som de escárnio saiu dos lábios do jovem.

— Gentileza? Ainda não o vi oferecer bondade a ninguém. Se devo julgar por sua atitude para com Dan quando ele estava sofrendo, devo retornar uma resposta negativa.

— E a justiça então? — Otilia sentiu que estava se agarrando a palhas, pois sabia em seu coração que não haveria clemência para Pretty na comitiva de Lorde Wem.

O Sr. Maplewood fez uma careta.

— Ele não aceitava Isabel. Se ele acredita que a ideia de que Berta a empurrou daquela rocha, ousou dizer que ele pode ter uma obrigação para com a filha dela, mas não posso dizer com toda a honestidade que estou otimista.

Otilia teve que morder a língua para conter as palavras que pairavam ali. Ela desejou que Lizzy e Maplewood fossem embora para que ela pudesse fazer um apelo apaixonado a seu marido para que reconsiderasse. De que adiantaria pensar nisso? Se ela conseguisse persuadi-lo, saberia que ele foi contra seu próprio julgamento e vontade. Que esperança de socorrer Pretty em tais circunstâncias, quando esse conhecimento deveria abrir uma barreira entre ela e Francis? Ela não podia arriscar. Se ela tivesse que escolher, seu marido sempre viria em primeiro lugar.

Uma combinação de dor e alívio a percorreu quando o próprio Francis interrompeu a cena, levantando-se com um ar de determinação.

— Pode dizer a sua mãe, sir, que Pretty vai ficar aqui por um ou dois dias enquanto se preparam para a viagem. Isso é apenas para garantir sua segurança enquanto ela estiver ao alcance de Berta.

O Sr. Maplewood levantou-se, reconhecendo a deixa.

— Ora, obrigado, Lorde Francis. Tenho certeza de que ela vai gostar da notícia. Ela vai, estou convencido, encontrar um momento para se despedir pessoalmente. — Ele se voltou para Otilia. — Obrigado, milady. Aqueles de nós com inteligência para reconhecer o valor de seus serviços serão

eternamente gratos. — Ele sorriu enquanto se virava para Lizzy, ainda sentada. — Lady Eliza, com sua licença. Espero lhe falar novamente antes de deixarmos este lugar infernal.

Francis foi até a porta.

— Vou acompanhá-lo, Sr. Maplewood. Devo, de qualquer modo, escoltar minha mãe de volta da Sala de Reuniões.

Ottília observou-os partir, notando como o olhar de Lizzy permanecia em seu cavaleiro, com um sorriso singularmente tolo em seus lábios. Ela estava realmente apaixonada. Quando a porta se fechou, ela deixou de lado seu sofrimento profundo e sondou um pouco:

— Devo acreditar que o Sr. Maplewood se declarou, Lizzy?

Sua sobrinha corou, parecendo perfeitamente perturbada.

— Ele não foi gracioso! Pelo menos, nada foi dito. Ou declarado.

— Mas algo foi resolvido, não foi?

O brilho nos olhos de Lizzy era resposta suficiente.

— Oh, tia, ele gosta de mim! Ele não disse isso com tantas palavras, mas ele perguntou se poderia visitar Dalesford. E disse que não está de forma alguma terminado entre nós, ou algo assim. Oh, não me lembro exatamente, mas não estou enganada. Estou tão feliz, Lady Fan!

Ottília pegou as mãos que ela estendeu e segurou-as com força, sorrindo apesar da dor interior. — Estou encantada por sua causa, Lizzy. Acho que vai se adequar admiravelmente.

Lizzy riu e se soltou. — Eu também. Neste momento, pelo menos. Mas estou feliz que não esteja totalmente resolvido.

— Por que tem a chance de ter certeza de que ele é o homem que deseja?

— Céus, como adivinhou? Acho que vou sentir muita falta dele, mas levo a sério os avisos de mamãe, embora ela pense um pouco. Ela diz que é sábio ter certeza antes de entregar a vida aos cuidados de um homem. E acredito que ela esteja certa.

Consciente de como ela mergulhou no casamento com Francis antes que eles tivessem a chance de se conhecer, Ottília ainda sentiu que tal atitude merecia aplausos.

— Está perfeitamente certa. Não tome meu exemplo como modelo, lhe cobrarei isso.. Acredito que seu tio Francis e eu tivemos uma sorte excepcional, pois escolhemos bem, apesar da pressa em nos comprometermos.

Ela se viu no foco de um olhar questionador de sua sobrinha. — No entanto, desculpe-me, tia Ottília, mas nem tudo está bem, não é?

Ottília abafou um soluço crescente. — Notou? Claro que sim. — Ela ensaiou um sorriso. — Lembro-me de Francis me dizendo, na primeira ocasião em que tivemos um sério desentendimento, que não podíamos esperar ser felizes o tempo todo. E ele estava certo. O voto de casamento diz isso. *Para o bem ou para o mal*. Se importa-se o suficiente, pode enfrentar o pior.

Lizzy estava olhando para ela. Se perguntando se deveria perguntar. Ottília queria que ela calasse a boca, mas foi em vão.

— É sobre a Pretty, não é?

A dor aumentou e ela fez uma cara de reprovação.

— Vai passar. Perdi nosso filho, sabe. Não sei se... Bem, chega. — Ela colocou a mão sobre a de Lizzy, que estava sobre a mesa. — Seja feliz, minha querida. Eu estou, juro.

— Mas não neste momento — disse Lizzy, irreprimível como sempre.

— Não, mas estarei de novo.

A porta se abriu e a voz de Sybilla atingiu seus ouvidos: — Elizabeth, aí está! Por que diabos não foi me buscar?

Lizzy levantou-se. — Tio Francis disse que faria isso, vovó.

— Oh? Acho que não o vi. Ottilia, como vai, menina? Pedi o jantar no meus aposentos. Penso que não gostaria de ser incomodada com as conversas de hoje.



Ottilia tinha quase terminado sua toailete quando Francis apareceu no quarto. Ela havia se preocupado com a ausência dele, meio que temendo que suas enxaquecas o tivessem afastado. O alívio aumentou quando ele entrou e ela imediatamente dispensou sua criada.

— Obrigada, Joanie, é só isso.

Ela teria ido até o esposo na saída da moça, mas chegou o criado dele, trazendo uma jarra de água quente. Ela procurou palavras inócuas, tentando um tom natural:

— Vamos jantar com Sybilla, mas ainda não me troquei. Ela sugeriu que poderíamos dispensar a formalidade pela primeira vez.

— Ótimo. Então vou só me lavar. — Acenou com a cabeça para o criado, que tinha posto o jarro na bacia do lavatório e agora pegava no casaco que Francis tinha despido. — Um pano limpo para o pescoço, Diplock, e eu mesmo farei o resto.

Ottilia fingiu ajeitar os cabelos, olhando no espelho enquanto ele desabotoava o colete. Depois que o criado colocou um lenço de bolso limpo e uma gravata de musselina branca imaculada na cama, Francis fez sinal para que ele fosse embora.

Ottilia esperou apenas que Diplock fechasse a porta antes de se dirigir ao marido:

— Ficou longe por muito tempo, Fan. Precisava de uma pausa de mim?

Ocupado desamarrando sua gravata, ele fez uma pausa, franzindo a testa para ela.

— Do que está falando?

Ela deu um pequeno suspiro, colocando a mão no peito dele.

— Sabe muito bem, meu querido. É um anátema estar em desacordo contigo e não posso mais suportar isso.

Ele pegou a mão dela e a segurou ali. — Nem eu, minha querida. Estava preocupada?

— Claro que estava. Tenho me sentido miserável desde que esse assunto

surgiu entre nós.

Ele ergueu uma sobrancelha. — E cedeu porque concordei em deixar a criança ficar por um ou dois dias?

Otilia teve que sorrir. — Não inteiramente. Eu estava conversando com Lizzy e me lembrei de como me disse uma vez, há muito tempo, mas que parece que foi ontem, que nem sempre tudo seria um mar de rosas. Eu não tinha noção de como isso era verdade até agora.

Ele beijou a mão dela e a soltou, retomando o trabalho com a gravata.

— Minha amada, já tivemos divergências suficientes antes disso.

— Mas isso remonta ao pior e eu nunca mais quero me afastado dessa forma novamente.

— Depois que perdeu nosso filho? Deus me livre! — Jogou de lado a gravata e foi até o lavatório, ergueu a jarra e despejou a água na bacia. — Acompanhei Maplewood até a casa. Gosto daquele jovem, Tillie. Ele se dará muito bem com Lizzy.

Otilia olhou-o com grande consternação. — Foi até a casa dos Brockhursts?

— Eu tinha assuntos a serem tratados lá. — Ele mergulhou a cabeça na bacia e começou a se lavar.

Mas a atenção de Otilia se concentrou em suas palavras.

— Assuntos?

— Digo em um momento.

Ela se deixou cair sentada na cama e esperou em agonia e apreensão enquanto ele enxugava o rosto e emergia da toalha. Jogando-a de lado, ele arrancou a fita que prendia seus cabelos e a paciência de Otilia se esgotou enquanto ele passava um pente em seus fios exuberantes e os amarrava atrás.

— Então?

— Deixe-me terminar de me vestir ou vai me atrasar e acabaremos irritando a Mama.

— Ela não se irritará, não hoje. Ela está eufórica por ter posto os boatos em alvoroço. Sybilla disse que foi obrigada a dizer que foi suicídio porque as ideias da Sra. Trefnant se tornaram demasiado berrantes para serem suportadas.

Enquanto ela transmitia as palavras de sua sogra, sua mente pulava com conjecturas. Por fim, com o lenço amarrado à sua satisfação, o marido vestiu o colete e o casaco novamente e declarou-se pronto.

— Sim, mas não vamos a lugar nenhum até que me diga o que fez, Fan.

Sua expressão mudou quando ele olhou para ela.

— Eu vi Wem.

— Falou com Lorde Wem? — As batidas de seu coração tornaram-se irregulares. — Sobre a Pretty?

Ele levantou a mão em um gesto de advertência.

— É apenas temporário, Tillie.

— Sim, até eles irem para a propriedade de Wem. Foi o que disse.

— Sugerir um pouco mais.

— Mais? — Ottilia prendeu a respiração. — Como assim, Fan?

— Que ficaremos com ela até que ele tenha oportunidade de resolver seus assuntos. Até que, em outras palavras, ele tenha tempo livre para atender às necessidades do filho.

Mal acreditando no que ouvia, Ottilia levantou-se para falar, sentiu as pernas extremamente bambas e voltou a se sentar. Sua voz provou ser tão pouco confiável quanto seus membros.

— Por que, Fan? O que o fez mudar de ideia?

— Você, minha obtusa.

— Mas disse-me que não queria isso. Foi inflexível. Nunca desejei que fosse contra sua inclinação apenas para me agradar. Vou sentir isso o tempo todo, meu querido.

Sua boca se contorceu. — Sim, eu conheço sua consciência, mas pode ficar tranquila. Não foi o seu sofrimento, nem o seu afastamento de mim.

— Eu não desisti! Mas tentei, Fan. Tentei engolir minha decepção. Nunca quis forçá-lo a capitular com transtornos e lágrimas. Desprezo esse tipo de manipulação.

Ele se sentou ao lado dela e suas mãos quentes agarraram as mãos inquietas dela, mantendo-as firmes.

— Pensou que isso estava encerrado quando supostamente estávamos descansando hoje? Tive tempo para pensar tão bem quanto você, Tillie.

— Então o que mudou? Não estou entendendo nada.

Seu aperto relaxou e ele começou a brincar com os dedos dela, olhando para eles em vez do rosto dela.

— Ocorreu-me que me perguntei, se o nosso filho tivesse sobrevivido, que se, por algum truque cruel do destino, nós dois fôssemos tirados dele, o que eu desejaria para seu futuro.

Ela estava acostumada com a dor que qualquer menção a essa perda trazia.

— Os casos não são iguais. Nossa família...

— Há Harriet, eu sei.

— E Patrick também.

— No entanto, se não fosse assim, Tillie. Se fosse Randal ou Mama? Eu não poderia desejar que meu filho crescesse sob a égide de meu irmão. E por mais que eu ame minha mãe, ela está ficando muito impaciente para tal cobrança.

— Mesmo assim, não daria para comparar com a situação em que Pretty está — objetou Ottilia.

— Este é o meu ponto. A Sra. Maplewood não fez nenhum movimento para socorrer a criança. Há mais alguém? Você mesma me disse, Tillie, que ela não tem ninguém. — Ele passou um braço sobre ela e encostou a cabeça na dela. — Se meu filho não tivesse ninguém e uma pessoa bem-disposta, uma mulher calorosa e de grande coração como lhe oferecesse um refúgio, eu o consideraria o menino mais sortudo do mundo.

Otilia não conseguiu mais conter as lágrimas. Francis a abraçou enquanto ela chorava, mas as palavras saíram dela em meio aos soluços:

— Por que não me disse o que pretendia f-fazer?

— Porque eu não suportaria desapontá-la, meu querido coração, caso Wem se recusasse.

— Oh, Fan, eu te amo tanto!

— Eu sei e é uma luta constante atender às suas expectativas.

Havia uma risada em sua voz e Otilia deu uma risada em meio às lágrimas.

— Não precisa tentar, meu querido.

Ele deu a ela o lenço que Diplock havia lhe dado e Otilia aproveitou para expressar a dúvida que surgia:

— O que Lorde Wem disse?

Francis riu.

— Ele está em tal estado de pânico e desespero que imagino que teria concordado com qualquer coisa que tirasse um problema de suas mãos. — Ele se levantou, ajeitando a roupa. — Compreende que isso não é uma adoção, Tillie?

Ela deu um suspiro resignado e se levantou.

— Sei disso.

— E que pode acontecer de ter que desistir da criança se Wem decidir buscá-la no devido tempo?

Otilia abriu um sorriso trêmulo.

— Se ele quiser isso. Sempre posso ter esperança, não posso?



A Dança Dos punhais



Capítulo 1

Março de 1793

Vozes e risadas infantis flutuavam dos jardins em terraços além da entrada. Um fraco sol de inverno espalhava cor pelos primeiros arbustos floridos, derretendo a geada restante.

Da janela da grande sala de estar da frente, Otilia Fanshawe observava, com olhar invejoso, seus dois sobrinhos brincando com a pequena Pretty, correndo pelo gramado e pulando com a garotinha entre eles. Pretty estava bem agasalhada contra o frio de março. Sua babá, Hepsie, era confiável para cuidar disso, embora as travessuras dos meninos provavelmente esquentassem a criança indevidamente.

Hepsie estava de prontidão em caso de algum acidente, caso os rapazes turbulentos se mostrassem descuidados. Não que fosse necessária a intervenção de Otilia para manter a pequena órfã em segurança. Todas as suas sugestões foram recebidas com fria segurança. Hepsie antecipava cada contingência e dava tão pouco valor às noções de Otilia quanto Pretty dava a ela a afeição oferecida.

Nos meses desde que Pretty e Hepsie ficaram em Flitteris, as tentativas de abertura de Otilia com Pretty foram rejeitadas. Pretty não fazia objeção a um sorriso ou palavras gentis, mas ela respondia ao sorriso apenas com um olhar

fixo de seus grandes olhos azuis e nunca dizia uma palavra em resposta. Quando Ottilia se aventurava a pegá-la, ela se contorcia para ser solta, embora não chorasse. Ao contrário de sua salvadora. Desprezando-se pelas lágrimas inúteis, Ottilia tentou ficar feliz que a criança tivesse gostado de Ben e Tom no primeiro instante.

— Deprimida de novo, Tillie?

Ottilia deu um pulo e se virou, percebendo o marido entrando no quarto e fechando a porta atrás de si. Ele havia tirado suas vestes exteriores e a visão de suas feições bem-amadas, magras e fortes, com seu exuberante cabelo castanho preso para trás e seus profundos olhos castanhos, varreu o calor em seu peito. Ela reprimiu sua angústia e estendeu a mão para ele.

— Como foi, Fan? Os chalés são tão ruins quanto o Sr. Pether disse?

— Piores. — Lorde Francis foi até o assento da janela ao redor da sacada, pegou a mão da esposa e a beijou, segurando-a enquanto se sentava ao lado dela. — Sancionei as despesas com reparos. Pether vai colocar o trabalho em mãos imediatamente.

— E os ocupantes? Para onde eles irão enquanto isso?

— Eu disse a Pether para movê-los para aqueles chalés vazios em West Wood. Fica um pouco longe da aldeia, mas pelo menos ficarão bem.

Ottilia convocou uma demonstração de apoio:

— Podemos pagar os reparos, Fan?

— Seremos obrigados a recuar um pouco, mas nada muito oneroso.

— Já pensou onde podemos economizar?

O sorriso de Francis era irônico. — Um já está em vias de ser feito, se Hemp encontrar um local adequado aos seus propósitos.

O desconforto de Ottilia reviveu. A intenção de seu mordomo barbadiano de deixar a casa agora que seu patrimônio havia chegado era outro espinho na carne de Ottilia.

— Hemp procura apenas reconhecer as possibilidades. Pode levar meses até que ele encontre o que deseja. Além disso, é apenas uma ideia no momento. — Ela esperava fervorosamente que ele pensasse melhor.

— De minha parte, acho excelente. Vou permitir que ele seja o homem certo para administrar uma pensão.

Os olhos de Francis seguiram onde o olhar de Ottilia estivera e ela não pôde deixar de olhar novamente. Ben agora estava carregando Pretty nas costas enquanto perseguia seu irmão mais novo. Os gritos abafados de alegria da menina rasgaram o peito de Ottilia.

— Eu gostaria que parasse de se preocupar, Tillie.

— Eu também gostaria, Fan, mas não consigo. — Ela soltou os dedos de seu aperto. — Não me repreenda. Sei que é tolice da minha parte, mas a rejeição dela me machuca, meu querido. Por que ela não gosta de mim? O que foi que eu fiz?

Ele não falou nada por um momento, mas seu olhar carrancudo esquadrinhou o rosto dela.

— Que foi, Fan?

Uma sobranceira tremulou. — Eu poderia arriscar um palpite, mas não gostará dele.

Ignorando um pouco da inquietação, Otilia encontrou seus olhos castanhos. — Prossiga.

Francis pegou a mão dela novamente e a segurou com força. — Está se esforçando demais, minha amada.

— É, mas...

— Não, me escute. — Seu tom se suavizou. — Perdoe-me, querida, mas acredito que não queria Pretty para si mesma. Queria uma substituta para a criança que perdeu. Pretty nunca será isso.

As palavras a atingiram com força. Otilia engoliu as lágrimas ameaçadoras, mas sua voz era um murmúrio: — Brutal, Fan, mas é verdade, talvez.

— Não existe talvez, Tillie. — Ele pegou a outra mão dela e segurou ambas, como se desse modo pudesse forçar sua mensagem. — Vamos, use a inteligência que sei que possui. Vai sufocar a criança. Deixe-a em paz. Deixe-a aprender a confiar em você.

Baixando o olhar, Otilia lutou para se controlar. Isso era tão doloroso que ela mal conseguia ouvi-lo. No entanto, ela deveria. Por fim, ela ergueu os olhos novamente.

— Ela deve ter percebido meu desespero, não acha?

Seu aperto relaxou e ela permitiu que suas mãos repousassem frouxamente nas dele.

— Acho que quer muito da garota. Ela perdeu tudo, Tillie.

— Exceto Hepsie. Ela é mais uma mãe para Pretty do que eu jamais poderia ser.

— Ela não é sua filha. Também não podemos ter certeza de que ela ficará sob seus cuidados.

A apreensão sempre presente cresceu no peito de Otilia, juntamente com os trágicos acontecimentos do verão passado em Tunbridge Wells, que privaram Pretty Brockhurst de sua vida anterior, assim como de seus pais. Seu avô, o Visconde Wem, duplamente enlutado, não se interessou pelo destino da menina e, portanto, Otilia trabalhou com o marido até que ele concordou que a levassem para casa com eles.

— Mas Lorde Wem nem se deu ao trabalho de perguntar por ela, Fan. E sabemos como ele pretendia cuidar dela, uma neta indesejada, pois ele foi bem claro a esse respeito.

Francis soltou as mãos dela e se levantou, agora impaciente.

— Seja como for, deve evitar se apegar demais, em vez de ansiar pelo impossível.

— Não é impossível. Acabou de dizer, e concordo contigo, que devo dar-lhe tempo. Que eu não deveria tentar tanto. Eu lhe concedo tudo isso, mas...

— Tillie, já falamos sobre isso inúmeras vezes. A criança está segura em

um ambiente familiar aqui, e isso é tudo que importa. Quanto ao futuro... Está me ouvindo?

Um movimento na periferia de sua visão, juntamente com o som de cavalos trotando, distraiu a atenção de Ottilia para a janela novamente. Ela olhou ao longo do caminho.

— É uma carruagem. Estamos esperando alguém?

Francis mudou de posição, espiando pelo vidro.

— Não que eu saiba. Salpicada de lama também. Eles vieram de alguma distância.

Visitantes de longe raramente iam a Flitteris. De fato, a recente visita do irmão de Ottilia, trazendo seus sobrinhos para uma curta estadia, foi a única em uma era.

A carruagem estava desaparecendo de vista ao fazer a curva que levava à entrada da Mansão Flitteris. Francis entrou na sala, e Ottilia foi se juntar a ele no triângulo de sofá e poltronas para receber o calor do fogo, ainda fumegante, embora consideravelmente diminuído desde a manhã. Francis assumiu sua posição habitual em uma extremidade da lareira de mármore, apoiando um cotovelo sobre ela e olhando para a porta, com uma expressão de expectativa no rosto.

—Talvez seja Lizzy, afinal de contas — sugeriu Ottilia, enquanto se sentava ao lado da lareira em sua habitual poltrona estofada. A sobrinha deles, Lady Elizabeth Fiske, havia ameaçado evitar a temporada de Londres e se dedicar aos Fanshawes.

Há pouca esperança de que o Sr. Maplewood apareça, escreveu Lizzy. Não que eu o deseje, já que ele é evidentemente incapaz de se decidir, mas minha querida tia, não antecipo nada tão triste quanto uma sucessão de festas sem seus comentários mordazes e sua terrível tendência a me provocar. Vou ficar entediada até as lágrimas.

Uma ameaça vã, como Francis havia dito, já que a mãe de Lizzy, Harriet, infalivelmente colocaria um obstáculo na roda da garota. O pretendente de Lizzie, o Sr. Maplewood, encontrado durante sua malfadada visita a Tunbridge Wells, foi considerado determinado a se declarar com a promessa de visitar Lady Elizabeth Fiske em sua casa. Mas a chegada do Sr. Maplewood não foi bem recebida pelos pais de Lizzie e nenhuma oferta foi feita. O Sr. Maplewood era um aspirante a artista aliado a uma família distintamente desagradável, e Harriet, como Ottilia supôs, não tinha intenção de que sua filha escapasse da metrópole, onde um partido mais aceitável do que um mero senhor poderia ser encontrado. Não que Ottilia aprovasse tal preconceito, mas como o Sr. Maplewood não conseguiu fazer nada, não havia nada a ser feito — pelo menos por um tempo.

Uma batida à porta produzida pelo mordomo, Rodmell, interrompeu o devaneio de Ottilia. Fechou-a atrás de si e, emitindo a tosse espúria própria dos mordomos, aproximou-se do dono e da dona da casa.

— Milorde, uma pessoa deseja falar-lhes.

Francis ergueu as sobranceiras. — Uma pessoa?

— Eu hesitaria em estigmatizá-lo como um cavalheiro, milorde. Acredito que possa ser uma pessoa da classe mercantil.

Perplexa, Ottilia trocou um olhar com o marido, que também parecia perdido. Ela interveio rapidamente:

— Que tipo de mercador, Rodmell? Ele tem nome?

— Sr. Madeley, milady. Ele perguntou em particular por Vossa Senhoria.

— Movendo-se para ela, Rodmell apresentou a pequena bandeja de prata que carregava.

Ottilia pegou o cartão.

— Então?

Ela o virou.

— Nada, Fan. Há apenas o nome.

— Intrigante. Vamos descobrir, então. Mande o entrar, Rodmell.

O mordomo fez uma reverência e recuou, desaparecendo pela porta. Um momento depois ele reapareceu, abriu a porta e anunciou o visitante.

— Sr. Madeley, milady.

Um homem de meia-idade entrou e parou, olhando primeiro para Francis e depois para Ottilia. Ele era de estatura mediana e magro, vestido com simplicidade em cores escuras, com uma sobrecasaca e calça campestre cortada para um maior conforto e não para a moda. Ele usava, estranhamente, uma gravata preta e uma peruca marrom, desenrolada e amarrada em um pequeno rabo de cavalo que adornava sua cabeça, emoldurando traços vagamente familiares.

Ele fez uma pequena reverência e falou, um timbre em suas palavras que atingiu o desconforto anterior de Ottilia.

— É Lady Francis Fanshawe? Também conhecida como Lady Fan?

Ottilia baixou a cabeça.

— Sim, sou eu, sir. Como posso servi-lo?

Ele hesitou, o que deu a Francis a oportunidade de intervir:

— Primeiro de tudo, quem é o senhor? Podemos saber mais sobre o senhor do que seu nome.

O sujeito desviou o olhar e Ottilia notou um aperto em sua mandíbula.

— Estou prestes a informá-lo disso, milorde, embora não esteja aqui em conexão com meus negócios. Sou o proprietário da Madeley & Son, mercadores do condado de Shropshire.

A informação fez com que uma rápida sequência de pensamentos passasse pela cabeça de Ottilia, terminando com o significado da gravata preta. A verdade a atingiu como um golpe.

— O senhor é o pai de Isabel Brockhurst!

Um olhar penetrante voltou para ela.

— Supõe corretamente, milady. Foi preciso algum esforço de minha parte para localizar o paradeiro da filha de Isabel.

Ottilia não conseguia falar. Ela só podia estar feliz por seu esposo ter citado

tal ponto.

— Sem dúvida, ficará feliz em saber que Pretty está em boas mãos.

— Fico feliz, de fato, milorde, mas devo implorar para ser compreendido imediatamente. — Ele se virou novamente e Ottilia se preparou. — Eu vim, milady, com um único propósito. Para recuperar minha neta.

De todas as possibilidades, Ottilia nunca havia contado em ter que lidar com o outro ramo dos antecedentes de Pretty. Desde a morte prematura de Isabel Brockhurst e o subsequente desastre que deixou Pretty órfã e colocou toda a família de seu pai em tumulto, Ottilia temia o advento do Visconde Wem, a única pessoa, como ela pensava, com uma reivindicação legítima sobre Pretty. Em vez disso, veio o outro avô da garotinha, provando ser o inimigo que ela temia. O pensamento de como ela tinha sido tola passou por sua mente e deu lugar a uma necessidade urgente. Seu olhar varreu o comerciante e fixou-se em seu marido. Ele evidentemente leu sua consternação e assumiu o comando imediatamente:

— Isso, Sr. Madeley, parece-me incerto. — O visitante abriu a boca para falar e Francis ergueu a mão. — Talvez o senhor não saiba que o Visconde Wem colocou a criança sob nossos cuidados?

O olhar do Sr. Madeley permaneceu firme, seu ar determinado em nada foi diminuído.

— Estou perfeitamente ciente da antipatia de Sua Senhoria pela conexão de seu filho com minha filha.

— Isso não é para o propósito.

— Perdoe-me, milorde, mas é realmente para o propósito. O meu conhecimento de Sua Senhoria é de longa data, embora a título de negócios. Conheço seu temperamento e sei onde está sua lealdade. Não acredito nem por um momento que Lorde Wem possa aceitar tal adição à sua casa.

Ottilia achou-se tão de acordo com esse sentimento que suavizou sua angústia e soltou sua língua na barganha:

— Está perfeitamente certo, sir, e é por essa razão que decidimos oferecer uma solução alternativa.

O Sr. Madeley virou-se em sua direção, franzindo a testa.

— Então não pode se opor a que eu a leve para um ambiente seguro.

Levantando-se em rápida refutação, Ottilia o confrontou:

— Mas eu me oponho, Sr. Madeley. Eu me oponho veementemente.

— Ottilia, cuidado! — alertou Francis.

Ela deu uma breve olhada em reconhecimento ao aviso, mas continuou:

— Não deve ter considerado, sir, que perturbaria a criança novamente agora que ela está se acomodando?

A carranca do Sr. Madeley se intensificou.

— O lugar de Pertesia é com sua família.

— Ela não tem família, Sr. Madeley. Sem família imediata. O que acha que foi necessário para acalmá-la depois de tal perda? Depois do tratamento que recebeu das mãos dos Brockhurst?

— Mais uma razão, milady, para trazê-la para viver com aqueles que podem substituir o que ela perdeu.

— Isso é impossível.

— Para Sua Senhoria também, se posso ser tão ousado.

As palavras, ditas sem cordialidade, atingiram o âmago do descontentamento de Ottilia e ela foi silenciada. Para sua gratidão inestimável, Francis interveio:

— Não quer se sentar, Sr. Madeley? Isso dificilmente é uma questão a ser decidida em um instante. — Ele se afastou da lareira enquanto falava, apontando para o sofá. Enquanto o Sr. Madeley se dirigia para lá, Francis sinalizou para Ottilia retomar sua poltrona. Ela o fez, a consternação voltando. Não seria fácil persuadir esse homem a deixar Pretty in situ. Ela procurou em sua mente argumentos para convencê-lo enquanto seu esposo foi até o sino e puxou-o. — Quer tomar alguma coisa, Sr. Madeley? Posso oferecer-lhe Madeira ou clarete, se preferir.

O comerciante pareceu um pouco surpreso, mas agradeceu e optou pelo Madeira. Não esperou pela entrada do mordomo e retomou imediatamente a discussão, dirigindo-se a Ottilia.

— Milady...

A impaciência a fez interrompê-lo:

— Oh, pode me chamar de Lady Francis se quiser. Ou Lady Fan. Eu abomino formalidade excessiva.

Ele inclinou a cabeça.

— Como quiser, madame.

Um pensamento ocorreu a Ottilia e ela o expressou:

— Disse que foi difícil me localizar. O senhor foi até Tunbridge Wells?

— Entre outros lugares. Tentei encontrá-los na capital, mas não consegui obter nenhuma informação sobre seu paradeiro na casa de Lorde Polbrook.

Isso foi dito com um olhar em Francis, cujas sobrancelhas se ergueram quando ele se sentou na poltrona em frente a Ottilia.

— Eu certamente duvidaria que suas perguntas fossem bem-vindas na casa de meu irmão. Explicou sua necessidade?

Uma leve careta cruzou o rosto do Sr. Madeley.

— Não tive a oportunidade.

— Então como ficou sabendo onde me encontrar?

Ele se voltou para Ottilia.

— Dos criados da residência de Lady Wem em Tunbridge Wells, madame. Onde também soube do papel que assumiu em nome de minha neta e do Sr. Daniel Brockhurst, pelo qual devo lhe agradecer.

O tom era rancoroso e Ottilia começou a pensar que tinha uma batalha nas mãos. O homem não cederia prontamente. Sua determinação o levava até ali. Ela tentou dissuadi-lo:

— Sua persistência é louvável, Sr. Madeley, mas temo que tenha feito uma viagem à toa.

A abertura da porta impediu que o mercador respondesse. Rodmell apareceu com uma bandeja sobre a qual estavam duas garrafas e várias taças. Atrás dele vinha Tyler, com outra bandeja. Ottilia viu o bule e seu ânimo melhorou um pouco. Os servos a conheciam muito bem. Sua bebida favorita era exatamente o que ela precisava neste momento.

— Ah, nos antecipou, Rodmell, obrigado. Acredito que trouxe o Madeira também?

— Certamente, milorde.

Francis fez o pedido de Madeley e o mordomo serviu duas taças do líquido âmbar, enquanto o lacaio serviu o café de Ottilia, misturado com a quantidade exata de creme e açúcar de que ela gostava. Ela sorriu e agradeceu quando ele entregou a ela e se fortaleceu com vários goles enquanto os criados se retiravam.

— Então, Sr. Madeley — começou Francis começou —, vamos discutir este assunto da forma mais clara possível. — Com isso, ele lançou um olhar de advertência a Ottilia. — Imagino que todos queremos o melhor para a criança.

Ottilia reuniu seus argumentos. Não havia dúvida em sua mente sobre o que serviria melhor aos interesses de Pretty, mas como convencer o avô materno da criança?

Nota ao Leitor

Caro leitor,

Escrever O Casamento Fatal em Tunbridge Wells foi como voltar para visitar um velho amigo. Morei na cidade por quatro anos, há muitos anos, e tive ampla oportunidade de visitar tanto Pantiles quanto High Rocks. Embora a cidade seja muito mais extensa do que era no final dos anos 1700, o layout essencial permanece praticamente o mesmo, com as estradas correndo ao longo da parte superior e inferior do common. Nesta última extremidade, ainda estão de pé os prédios que davam para a área de The Walks, do outro lado.

Externamente, The Walks, ou para usar o nome mais comum da área, os Pantiles, permanecem muito como eram no século XVIII. É uma área “listada”, o que no Reino Unido significa que foi designada como patrimônio. Assim, os proprietários dos vários edifícios são obrigados a manter as fachadas em bom estado, mas mantendo as suas características originais. Pode-se ver as colunatas e as lojinhas abaixo como eram e há uma galeria de músicos no meio da área pavimentada.

As antigas Salas de Reunião abrigam agora um café, galeria de arte, mais lojinhas nas laterais e um pequeno museu onde se pode encontrar liteiras originais e outros artefatos do período da cidade como um spa popular. As lojas são bastante apertadas para os olhos modernos, mas deliciosas se você quiser se imaginar no século XVIII, navegando nas lojas de brinquedos para Tunbridge Ware.

Enquanto eu estava lá, uma companhia de atuação costumava visitar todo verão para uma semana de entretenimento. Os atores se fantasiaram e passearam pelas Pantiles, conversando com os visitantes na linguagem do século XVIII, fazendo reverências e cumprimentando as damas. Eles armaram várias ceninhas entre si, que aconteceram ao longo do dia – anunciadas para que se pudesse ir ao lugar certo para assistir. Pelo que me lembro, havia fofocas, falando sobre os últimos escândalos da época; houve uma discussão entre dois senhores que terminou em um duelo; e um interlúdio de flerte entre uma dama e cavalheiros. Foi muito divertido e, se você pudesse responder da mesma forma quando eles se dirigissem a você, os atores ficavam encantados.

Quanto às High Rocks, é uma aventura e tanto subir o caminho até a rocha mais alta. As rochas, impressionantemente enormes, cobrem uma vasta área e datam da última era glacial. Agora, é claro, existem muitas medidas de segurança para evitar acidentes, mas antigamente ninguém sonharia em estragar a beleza natural de um local histórico. Os turistas do século XVIII esperavam poder ver esses lugares exatamente como eram. Embora pareça não ter havido objeção às mensagens esculpidas por visitantes anteriores desfigurando a rocha natural. Estas são numerosas e ainda podem ser vistas e lidas.

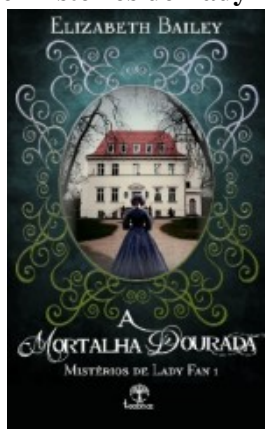
Esta é, na verdade, a terceira história que apresento em Tunbridge Wells, dois de meus romances históricos também ocorrendo nas Pantiles e nos arredores. Mas devo dizer que foi especialmente agradável levar Ottilia e Francis a este local favorito onde, naturalmente, alguém é assassinado em pouco tempo!

Espero que goste desta excursão ao que foi por muitos anos o local favorito para beber a água da nobreza, perdendo apenas para Bath.

Elizabeth Bailey

Mais de Lady Fan

Série Mistérios de Lady Fan 1



A Mortalha Dourada

9786588382417

A mistura perfeita de assassinato e mistério históricos com uma pitada de romantismo! Para os fãs de Georgette Heyer, Mary Balogh, Barbara Erskine e Jane Austen.

Assim que um assassinato é cometido, a acompanhante de uma dama revela-se como uma detetive amadora...

1789, Londres

Quando Emily Fanshawe, Marquesa de Polbrook, é encontrada estrangulada em seu quarto, a suspeita recai imediatamente sobre aqueles que residem na grande casa na Praça de Hanover.

O marido de Emily — Randal Fanshawe, Lorde Polbrook — fugiu durante a noite e é o principal suspeito — para consternação de sua família.

Ottília Draycott é enviada como nova acompanhante de Sybilla, Marquesa Viúva, e logo se vê ajudando o filho mais novo, Lorde Francis Fanshawe, em suas investigações.

Ottília pode ajudar a limpar o nome da família? O assassino ainda reside na casa?

Ou poderia haver mais no mistério do que se vê?

A MORTALHA DOURADA é o primeiro livro da série Mistérios de Lady Fan: romance histórico de mistérios de assassinato com uma mulher corajosa embarcando em uma tradicional investigação privada britânica no século XVIII em Londres.

Série Mistérios de Lady Fan 2



O Presságio da Morte

9786580754557

Lady Fan regressa num emocionante mistério histórico!

Uma jovem, ao prever um assassinato, se vê no centro de uma caça às bruxas.

1790, Inglaterra

Quando a carruagem de Lorde Francis e Lady Ottilia Fanshawe se avaria, eles acabam por ficar encalhados na aldeia de Witherley.

Mas Ottilia, a intrépida ‘Lady Fan’, tem a sua curiosidade despertada quando ouve falar de um assassinato local.

Uma jovem previu a morte horrível do ferreiro da aldeia. E ele foi morto exatamente como descrito.

Será que a jovem pode prever o futuro? Será que os aldeões têm razão ao chamá-la de bruxa?

Ou há uma explicação ainda mais sinistra...?

O PRESSÁGIO DA MORTE é o segundo livro da série ” *Mistérios de Lady Fan*“: romance histórico de homicídios misteriosos com uma mulher corajosa que embarca numa investigação privada na tradicional Londres do século XVIII.

Série Mistérios de Lady Fan 3



O Expurgo do Ópio

9786554440523

1790, Inglaterra

Lorde Francis e Lady Ottilia Fanshawe estão se preparando para o nascimento de seu primeiro filho.

Mas Lady Fan não vai deixar que *um pequeno detalhe*, como a gravidez, atrapalhe a solução de um mistério local.

O vizinho deles - Sir Joslin Cadel - que recentemente retornou de uma plantação de açúcar em Barbados, caiu e morreu à sua porta.

Sua jovem pupila, Tamasine Roy, afirma tê-lo assassinado.

Com Tamasine claramente sofrendo de algum tipo de transtorno mental e o resto da casa de Cadel agindo de forma suspeita, está claro que nem tudo é o que parece.

Por que Sir Joslin voltou repentinamente para a Inglaterra? O que aconteceu com os pais de Tamasine?

Poderia esta jovem, aparentemente angelical, realmente ser uma assassina...?

Série Mistérios de Lady Fan 4



O Caixão à Luz de Velas

1791, Inglaterra

Lorde Francis e Lady Ottilia Fanshawe sofreram um golpe devastador.

Com Ottilia mergulhada em uma depressão, Francis está desesperado para recuperar sua amada esposa.

Então, quando ouve falar de um assassinato na cidade marítima de Weymouth, uma ideia começa a se formar...

O corpo de uma jovem foi descoberto, colocado em um caixão aberto, rodeado de velas.

A cena encenada, e o fato de a vítima ser membro de uma trupe teatral, sugere que um de seus colegas é o assassino.

Conhecendo a intuição aguçada de Ottilia e sua propensão para resolver mistérios, Francis a leva para o local do assassinato.

O caso pode despertar o interesse de Ottilia? Será que a intrépida 'Lady Fan' fará mais uma vez sua aparição?

Ela poderá resolver o mistério do caixão à luz de velas...?

Série Mistérios de Lady Fan 5**O Golpe Mortal**

9786554441728

Lady Fan está recuperada, mas será que conseguirá resolver o caso mais complicado de todos...?

Lorde Francis e Lady Ottilia Fanshawe estão a caminho de casa quando sua carruagem faz uma parada repentina.

Uma mulher está parada no meio da estrada, coberta de sangue.

A mulher se recusa a falar, mas ao investigarem mais a fundo, encontram o corpo de um homem escondido na floresta.

Ottilia insiste em levar a mulher para casa para descobrir o que aconteceu.

Mas quanto mais descobre, mais complicado se torna o caso...

Quem era o homem na floresta? A mulher coberta de sangue o assassinou?

Ou outra pessoa desferiu o Golpe Mortal...?

O GOLPE MORTAL é o quinto livro da série Mistérios de Lady Fan:

mistérios de assassinato em romance histórico com uma corajosa mulher detetive embarcando em uma investigação particular na tradicional Londres do século XVIII.

Sobre a Autora



Elizabeth Bailey sente-se feliz por ter encontrado vários caminhos que lhe deram imensa satisfação — atuar, dirigir, ensinar e, não menos importante, escrever. Ao longo dos anos, cada caminho tem cruzado o outro, aperfeiçoando e aprofundando suas habilidades em cada esfera.

Teve o privilégio de trabalhar com alguns artistas maravilhosos, e teve a sorte de encontrar editores que acreditaram nela e a colocaram no caminho.

Inventar um mundo, persuadir outros a acreditar e viver nele por um tempo, é o único objetivo da romancista.

O grande amor de Elizabeth pela leitura nunca diminuiu, e se ela puder dar um dízimo desse prazer aos outros, como ela mesma recebeu, valerá a pena qualquer esforço.

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o **print da compra** para o E-mail Leabhar Books@